



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Ana Luiza Ferancini Nogueira

Uma investigação diacrônica da construção modal *tener que* no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização

São José do Rio Preto
2019

Ana Luiza Ferancini Nogueira

Uma investigação diacrônica da construção modal *tener que* no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2016/00237-9

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos
Coorientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto
2019

N778i

Nogueira, Ana Luiza Ferancini

Uma investigação diacrônica da construção modal "tener que" no espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização / Ana Luiza Ferancini

Nogueira. -- São José do Rio Preto, 2019

194 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Sandra Denise Gasparini Bastos

Coorientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Gramaticalização. 4. Modalidade (Linguística). 5. Língua espanhola. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Ana Luiza Ferancini Nogueira

**Uma investigação diacrônica da construção modal *tener que* no
espanhol peninsular sob perspectiva da gramaticalização**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2016/00237-9

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dr^ª. Talita Storti Garcia
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
22 de fevereiro de 2019

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me mostrar que tudo é possível, desde que se tenha humildade.

À minha amiga e orientadora, Sandra Denise Gasparini Bastos, por ter depositado sua confiança em mim desde o Estágio Básico até o mestrado, e por me proporcionar a oportunidade de crescer pessoal e profissionalmente. Agradeço por me ensinar não só a trilhar o caminho do fazer científico comprometido, como também a acreditar que, com paciência, segurança e muito trabalho posso alcançar todos os meus maiores sonhos. Espero que um dia eu possa retribuir toda a confiança e o amor recebidos.

Ao meu coorientador, Sebastião Carlos Gonçalves Leite, por ser meu companheiro durante todo o processo de planejamento, construção e reconstrução do presente trabalho. Agradeço pelos ricos ensinamentos e pela paciência nos momentos de insegurança e medo. Obrigada por me acolher como coorientanda. Sem sua participação, este trabalho não seria realizado

Aos professores Edson Rosa Francisco de Souza e Talita Storti Garcia, membros da banca do Exame de Qualificação, pela leitura atenta deste texto e pelas contribuições que permitiram o aperfeiçoamento do trabalho.

Ao Guilherme Louzada e ao Pedro Cantanhede, amigos especiais que sempre me incentivaram com palavras doces.

Ao meu namorado, Alex, por me acompanhar na jornada da vida. Espero que trilhemos a aventura juntos.

A todos os meus amigos da graduação e da pós-graduação, em especial à Aline Gomes Garcia, à Bárbara Ribeiro Fante e à Fátima Beatriz Manieiro do Amaral, irmãs de alma que me ensinaram o que é o companheirismo.

À minha mãe e ao meu irmão, por serem meus alicerces.

À FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo auxílio financeiro concedido a esta pesquisa (Processo 2016/00237-9).

“Plus ça change, plus c’est la même chose.”

(Quanto mais as coisas mudam, mais são as mesmas)

Jean-Baptiste Alphonse Karr

RESUMO

Concebendo-se a gramaticalização como resultado da atuação de mecanismos de natureza cognitiva responsáveis pela conceptualização de domínios mais abstratos em termos de domínios mais concretos, o presente trabalho investiga, com base em autores que postulam a tendência de desenvolvimento dos significados epistêmicos a partir dos não-epistêmicos (SWEETSER, 1990; BYBEE et al., 1994), se uma trajetória de enfraquecimento semântico se aplica à construção modal espanhola *tener que*. Para tanto, analisam-se dados sincrônicos e diacrônicos do espanhol peninsular, levando-se em consideração fatores contextuais impulsionadores desse processo de mudança (as características sintáticas e semânticas do sujeito da ocorrência com *tener que*) e o tipo de Estado de Coisas no qual a construção se insere. A classificação modal adotada fundamenta-se nas propostas de Hengeveld (1988, 2004), Olbertz (1998) e Narrog (2005, 2009, 2012) e leva em consideração quatro subtipos: modalidade inerente, modalidade deôntica, modalidade epistêmica e modalidade volitiva. Com base em resultados de pesquisa em sincronias atuais, os quais revelaram que a perífrase *tener que* expressa, predominantemente, as modalidades inerente e deôntica, hipotetizamos que os *tokens* epistêmicos da construção sofreriam um aumento gradativo ao longo da história do espanhol, aparecendo em frequência mais significativa somente em sincronias mais recentes da língua. Os resultados da análise descrevem a abstratização do significado da perífrase, que passa a se associar a sujeitos inanimados e não-agentivos e a se inserir em Estados de Coisas que não envolvem [+controle], os quais possibilitam a preferência pela leitura epistêmica, valor modal mais abstrato quando comparado aos valores não-epistêmicos. Para a pesquisa nas sincronias atuais e na diacronia são utilizados, respectivamente, dados do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*) e do CORDE (*Corpus Diacrónico del Español*). A presente investigação encontra sua justificativa nas contribuições que pode oferecer aos estudos funcionalistas, de maneira geral, e aos estudos sobre gramaticalização e modalidade, em particular.

Palavras-chave: Perífrase *tener que*. Modalidade. Gramaticalização. Espanhol peninsular.

ABSTRACT

Considering grammaticalization as a result of the operation of mechanisms of cognitive nature which are responsible for the conceptualization of more abstract domains in terms of more concrete domains, this work investigates, based on authors who postulate the tendency of the development of epistemic meanings from non-epistemic (SWEETSER, 1990; BYBEE et al., 1994), if a trajectory of semantic weakening applies to the Spanish modal *tener que*. In order to do so, we analyze synchronic and diachronic data from peninsular Spanish, taking into account contextual factors that drive this process of change (the syntactic and semantic characteristics of the subject of occurrence with *tener que*) and the type of State of Affairs in which the construction is inserted. The modal classification adopted is based on the proposals of Hengeveld (1988, 2004), Olbertz (1998) and Narrog (2005, 2009, 2012) and takes into account four subtypes: inherent modality, deontic modality, epistemic modality, and volitive modality. Based on results of research in current synchrony, which revealed that periphrasis *tener que* expresses predominantly inherent and deontic modalities, we hypothesize that the epistemic *tokens* of the construction would suffer a gradual increase throughout the history of the Spanish language, appearing at more significant frequency only in more recent synchronies of the language. The results of the analysis describe the abstraction of the periphrasis meaning, which is associated with inanimate and non-agentive subjects, and is inserted into State of Affairs that do not involve [+control], which allow the preference for epistemic reading, a modal value more abstract when compared to non-epistemic values. For the research on the current synchrony and diachrony, data from the PRESEEA Project (Project for the sociolinguistic study of Spanish from Spain and America) and from CORDE (Diachronic Corpus of Spanish) are used, respectively. This research finds its justification in the contributions that it can offer to the functionalist studies, in general, and the studies on grammaticalization and modality, in particular.

Keywords: Periphrasis *tener que*. Modality. Grammaticalization. Peninsular Spanish.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1.	Tela inicial do CORDE (<i>Córpus Diacrónico del Español</i>)	64
-----------	--	----

QUADROS

Quadro 1.	Variantes do verbo <i>tener</i> no espanhol antigo	66
-----------	--	----

LISTA DE TABELAS

TABELAS

Tabela 1.	Valores modais expressos pela construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	78
Tabela 2.	Relação entre domínio semântico e alvo da avaliação da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	79
Tabela 3.	Relação entre domínio semântico da avaliação modal e pessoa gramatical do sujeito da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	83
Tabela 4.	Relação entre domínio semântico da avaliação modal e traços semânticos do sujeito da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	85
Tabela 5.	Relação entre domínio semântico da avaliação modal e agentividade do sujeito da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	87
Tabela 6.	Relação entre domínio semântico da avaliação modal e modo verbal da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	89
Tabela 7.	Relação entre domínio semântico da avaliação modal e referência temporal da construção <i>tener que</i> no espanhol moderno	92
Tabela 8.	Frequência de uso da construção [<i>tener que</i> + infinitivo] no século XV e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal	112
Tabela 9.	Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XV	119
Tabela 10.	Parâmetros semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XV	124
Tabela 11.	Frequência de uso da construção [<i>tener que</i> + infinitivo] no século XVI e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal	128
Tabela 12.	Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVI	133
Tabela 13.	Parâmetros semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVI	139
Tabela 14.	Frequência de uso da construção [<i>tener que</i> + infinitivo] no século XVII e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal	145
Tabela 15.	Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVII	155

Tabela 16.	Parâmetros semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVII	161
Tabela 17.	Frequência de uso da construção [<i>tener que</i> + infinitivo] no século XVIII e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal	165
Tabela 18.	Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVIII	169
Tabela 19.	Parâmetros semânticos e valores modais de <i>tener que</i> no século XVIII	171
Tabela 20.	Frequência de uso da construção [<i>tener que</i> + infinitivo] no século XIX e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal	173
Tabela 21.	Relação entre domínio semântico e parâmetros sintático-semânticos de <i>tener que</i> no século XIX	174
Tabela 22.	Distribuição de frequência das ocorrências de <i>tener que</i> dos séculos XIV ao espanhol moderno (séculos XX/XXI)	176

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
BASES TEÓRICAS: O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO E A MODALIDADE	17
Resumo	17
1.1 Mudança por gramaticalização	17
1.2 Conceituação de modalidade	22
1.2.1 Formas de expressão das modalidades	23
1.2.2 A classificação das modalidades conforme Hengeveld (2004)	24
CAPÍTULO II	
CARACTERIZAÇÃO DE <i>TENER QUE</i> E VARIAÇÃO COM OUTRAS PERÍFRASES MODAIS ESPANHOLAS	29
Resumo	29
2.1 O processo de constituição de <i>tener que</i> como perífrase modal e sua variação com outras perífrases modais	29
2.2 Frequência	32
2.3 As trajetórias de gramaticalização de <i>tener que</i> e de suas variantes	37
CAPÍTULO III	
MATERIAIS E MÉTODOS	60
Resumo	60
3.1 A natureza do universo de pesquisa	60
3.2 Procedimentos metodológicos de análise	63
3.3 Parâmetros de análise dos dados na diacronia	69
CAPÍTULO IV	
VALORES MODAIS DE [<i>TENER QUE</i> + INFINITIVO] NO ESPANHOL MODERNO	76
Resumo	76
4.1 Os tipos modais codificados por <i>tener que</i> em dados do espanhol falado peninsular	77
CAPÍTULO V	
A PERÍFRASE [<i>TENER QUE</i> + INFINITIVO] EM DIFERENTES SINCRONIAS DO ESPANHOL PENINSULAR	96
Resumo	96
5.1 A perífrase [<i>tener que</i> + infinitivo] em diferentes sincronias do espanhol peninsular	98
5.1.1 Século XIII	101

5.1.2 Século XIV	105
5.1.3 Século XV	111
5.1.4 Século XVI	128
5.1.5 Século XVII	144
5.1.6 Século XVIII	163
5.1.7 Século XIX	172
5.2 Contextos críticos da mudança	177
CONCLUSÕES	182
REFERÊNCIAS	188

INTRODUÇÃO

Com base no reconhecimento de que a perífrase *tener que* do espanhol atingiu, desde o século XIV, *status* modal, realizamos, entre os anos de 2013 e 2015, em perspectiva sincrônica atual, uma análise funcional dos significados modais expressos por *tener que* em amostras do espanhol falado peninsular do final do século XX e início do século XXI.¹ O levantamento de dados permitiu a identificação de 233 ocorrências de *tener que*, as quais foram analisadas, em nível de Iniciação Científica, a partir dos seguintes parâmetros de análise: domínio semântico da avaliação modal, alvo da avaliação modal, características sintáticas e semânticas do sujeito gramatical (pessoa gramatical, animacidade e agentividade), modo verbal e referência temporal. A análise dos dados nos mostrou, na ocasião, em especial com relação ao domínio semântico, que a perífrase expressava, na maioria dos casos, a modalidade inerente, seguida da modalidade deôntica e, por último, em número bem menor de ocorrências, da modalidade epistêmica.

Os resultados das análises de *tener que* em dados dos séculos XX e XXI nos levaram ao questionamento de como se deu seu processo de gramaticalização na evolução do espanhol. Especificamente, os resultados derivados da análise do critério domínio semântico da avaliação modal impulsionaram a pesquisa, pois revelaram uma frequência muito maior dos valores não-epistêmicos² em comparação aos valores epistêmicos. Tais dados nos levaram à consideração de que essa construção³ continuou a se gramaticalizar em direção à codificação de valores modais epistêmicos, os quais, segundo tendências atestadas na literatura sobre gramaticalização, desenvolvem-se a partir da abstratização semântica dos valores modais de necessidade e de obrigação, significados estes mais concretos e, portanto, menos subjetivos (BYBEE *et al.* 1994). Assim, a pesquisa em perspectiva diacrônica foi motivada pela busca de comprovação do *cline* de gramaticalidade dos valores semânticos da perífrase (*inerente/deôntico* > *epistêmico*), observado em perspectiva sincrônica atual.

Em suma, considerando-se a gramaticalização como um processo gradual de mudança linguística que tem a unidirecionalidade da trajetória [*léxico*] > [*gramática*] como princípio diretor e que envolve a transferência conceptual de uma expressão de significado mais

¹ Tais resultados advêm de pesquisas funcionalistas em nível de Iniciação Científica (ISB – UNESP e FAPESP/ Processo 2014/08093-0), desenvolvidas de 2013 a 2015 sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos (IBILCE/UNESP).

² Empregamos a denominação *não-epistêmico* para fazer referência especificamente aos usos inerentes e deônticos de *tener que*.

³ Neste trabalho, usamos, intercambiavelmente, além do termo *perífrase*, os termos *construção* e *construção perifrástica* para nos referirmos a [*tener que* + infinitivo], livres de qualquer compromisso teórico com a noção advinda da Gramática de Construções, tal como aparece definida em Bybee (2010).

concreto (formas-fonte) para a expressão de significado mais abstrato (formas-alvo) (HEINE *et al.*, 1991), este trabalho tem como objetivo central verificar o processo de abstratização (ou enfraquecimento semântico) da construção perifrástica espanhola *tener que* que, segundo hipóteses iniciais, expressa inicialmente valores não-epistêmicos e, posteriormente, passa a expressar valores epistêmicos, seguindo a trajetória *inerente/deôntico > epistêmico*.

A fim de comprovar o *cline* de desenvolvimento dos significados modais expressos pela construção e verificar, assim, se a hipótese de abstratização se aplica à perífrase modal *tener que*, procedemos ao mapeamento diacrônico da perífrase, de modo a corroborar ou refutar o caráter tardio dos sentidos epistêmicos em relação aos sentidos não-epistêmicos. Considerando que a gramaticalização prevê um processo de abstratização e que os sentidos não-epistêmicos são mais concretos do que os epistêmicos (BYBEE *et al.*, 1994), esperávamos encontrar, quanto mais pretéritas fossem as sincronias, sentidos mais próximos daqueles que qualificamos como não-epistêmicos.

Tendo em vista a existência de várias propostas de classificação de modalidade, optamos por analisar os significados modais expressos por *tener que* segundo a proposta de Hengeveld (2004), de base funcionalista, que distingue as modalidades segundo o *alvo da avaliação modal* (a parte do enunciado que é modalizada) e o *domínio semântico da avaliação modal* (sob qual perspectiva a avaliação é feita).⁴ Reconhecendo a influência do contexto para a interpretação modal de uma expressão linguística (SILVA CORVALÁN, 1995), investigamos a perífrase segundo os critérios propostos por Hengeveld (2004) e analisamos, também, em que medida os elementos linguísticos do contexto (que constituem os parâmetros de análise deste trabalho) são indicadores/ favorecedores do processo de abstratização da perífrase.

Especificamente no que diz respeito à análise de *tener que* em associação com as características contextuais com as quais ocorre, o objetivo é verificar, em perspectiva diacrônica, quais fatores linguísticos contextuais se associam a *tener que* ao longo dos séculos e em que grau eles favorecem uma leitura modal ou outra. Em outras palavras, o interesse é observar se existe, nas sincronias pretéritas do espanhol, uma tendência de associação de *tener que* aos fatores analisados tal como existe em perspectiva sincrônica (conforme aponta análise apresentada no capítulo IV).

⁴ Os critérios para a classificação das modalidades propostos por Hengeveld (2004) foram empregados tanto para a análise da perífrase *tener que* em dados do espanhol falado moderno quanto para a investigação de sua evolução dentro do quadro da gramaticalização, isto é, em perspectiva diacrônica.

Considerando a hipótese de que a construção perifrástica sofre um processo de abstratização do não-epistêmico para o epistêmico, dada a baixa frequência de casos epistêmicos expressos por *tener que* em dados do espanhol moderno, o esperado é que a perífrase se associe, gradativamente, a um número crescente de parâmetros sintáticos e semânticos favorecedores de uma leitura modal epistêmica. Assim, defendemos, em resumo, a ideia de que os casos epistêmicos não-ambíguos, isto é, que só possibilitam essa leitura, tornam-se mais frequentes nas sincronias mais recentes e que essa mudança é acompanhada de uma tendência de associação a sujeitos de terceira pessoa e de referência inanimada e a verbos principais (estativos/ de experiência) que não pressupõem a presença de um sujeito agente.

Embora o objetivo principal do trabalho seja o de verificar, em perspectiva diacrônica, a mudança semântica de [*tener que* + infinitivo] como forma de codificação da modalidade não-epistêmica para [*tener que* + infinitivo] como forma de codificação da modalidade epistêmica (*não-epistêmica* > *epistêmica*), importa apresentar, à luz dos princípios e mecanismos de mudança linguística postulados pela literatura sobre gramaticalização, as mudanças pelas quais a construção passou até chegar ao seu estado atual.

Interessa à presente pesquisa, também, verificar, com base em autores que tratam da variação de perífrases modais concorrentes no espanhol, qual o alcance da distribuição no sistema modal da perífrase [*tener que* + infinitivo] desde sua introdução no domínio funcional de expressão da necessidade e da obrigação até os dias atuais.

Para a análise da sincronia atual (séculos XX e XXI) e da diacronia (século XIII ao XIX) são utilizados, respectivamente, dados do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*) e do CORDE (*Corpus Diacrónico del Español*).⁵

A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho está organizado em cinco capítulos. O capítulo I é destinado à explicitação das bases teóricas que fundamentam a presente investigação, gramaticalização e modalidade. O capítulo II volta-se (i) à descrição da variação, ao longo dos séculos, entre [*tener que* + infinitivo] e outras construções perifrásticas modais no domínio funcional da modalidade; (ii) à caracterização da perífrase *tener que*, o que inclui a explanação de sua origem e de seu processo de constituição como construção que, no espanhol moderno, expressa diferentes significados modais. O capítulo III é reservado à explicitação dos procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa; nele são

⁵ O capítulo III é destinado ao detalhamento da natureza dos *corpora* utilizados para a análise da construção [*tener que* + infinitivo].

apresentadas as características dos *corpora* utilizados para a análise de *tener que*, os critérios para a seleção das ocorrências e os parâmetros de análise. O capítulo IV é destinado à apresentação da análise sincrônica das modalidades expressas por *tener que* em dados do espanhol moderno, cujos resultados constituem o fator motivador da investigação diacrônica da perífrase em dados históricos. O capítulo V apresenta (i) a descrição e a análise dos significados modais codificados pela construção *tener que* em dados do espanhol peninsular escrito do século XIII ao XIX, com verificação dos contextos sintático-semânticos que contribuem para a abstratização semântica da perífrase; (ii) uma discussão acerca dos contextos críticos⁶ de mudança, isto é, dos contextos que possibilitam interpretações modais ambíguas. Por fim, nas *Conclusões*, são apresentados os resultados obtidos com a elaboração deste trabalho, seguidos das referências bibliográficas utilizadas.

⁶ Neste trabalho, empregamos a expressão *contexto crítico* não nos termos de Diewald (2002), mas, antes, para fazer referência às propriedades sintático-semânticas do entorno discursivo de [*tener que* + infinitivo].

CAPÍTULO I

BASES TEÓRICAS: O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO E A MODALIDADE

Resumo

Segundo afirma Cervoni (1989), a principal dificuldade de delimitação da categoria semântica da modalidade tem como causa o fato de um mesmo elemento modal poder expressar diferentes tipos de modalidades e de um mesmo tipo de modalidade poder ser expresso por diferentes elementos modais. Aliado à dificuldade de uma definição precisa dessa categoria linguística está o questionamento acerca da existência ou não de enunciados não modalizados. Segundo Coracini (1991), sempre haverá marcas modais, ainda que não explícitas, que apontam a atitude do sujeito-enunciador diante do conteúdo que enuncia.

Cientes da dificuldade de delimitação da categoria, este trabalho investiga os significados modais expressos pela perífrase *tener que* do espanhol peninsular a partir da classificação das modalidades segundo os critérios alvo e domínio semântico da avaliação, propostos por Hengeveld (2004). Dentro do quadro da gramaticalização, buscamos verificar em que medida os mecanismos cognitivos metafóricos e metonímicos – estes responsáveis por operar uma reinterpretação induzida pelo contexto linguístico – alteram o conteúdo semântico da perífrase *tener que* em direção à expressão de valores mais abstratos.

Muito embora se reconheça que a construção modal *tener que* é uma forma resultante de processos de mudança categorial (de *tener* pleno a *tener* auxiliar) e semântica (de *tener* com sentido de posse a *tener* indicador de funções gramaticais), a presente pesquisa fundamenta-se em princípios, conceituações e classificações postulados pela teoria da gramaticalização e pelos estudos sobre modalidade para analisar a influência de fatores contextuais na interpretação modal da perífrase já consolidada como item gramatical. Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos norteadores da análise de *tener que*.

1.1 Mudança por gramaticalização

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), dentre os vários processos de mudança linguística, a gramaticalização é considerada um dos mais comuns observado nas línguas em geral. Hopper (1987) entende que a gramática das línguas é constituída de partes cujo estatuto é constantemente negociado na fala, não podendo ser separado das estratégias de construção do discurso. Esse entendimento assume como base a concepção de língua como um sistema

adaptativo complexo (BYBEE, 2010), que está sempre emergindo e, portanto, em contínua evolução e renovação.

Conforme apontam Hopper e Traugott (2003), a gramaticalização pode ser observada segundo duas perspectivas: a sincrônica e a diacrônica. Sob a perspectiva diacrônica, o estudo se volta para a verificação do modo como unidades gramaticais surgem e se desenvolvem na língua a partir de uma unidade fonte de natureza lexical, o que leva ao reconhecimento de um estatuto lexical e um gramatical possível de ser atribuído às unidades envolvidas no processo. Sob a perspectiva sincrônica, a gramaticalização é um processo que permite reconhecer graus de gramaticalidade diferentes de uma mesma unidade e arranjá-los em um *cline* de alteração categorial que, possivelmente, indica um processo de mudança a ser comprovado diacronicamente.

Em outras palavras, a gramaticalização se caracteriza como um processo de alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas que favorecem a alteração categorial de uma unidade lexical (cujas propriedades se referem a elementos do universo bio-psíquico-social que designam ações e entidades, por exemplo) a uma unidade gramatical (cujas propriedades expressam noções de tempo, modo, aspecto, etc.). Nesse sentido, trata-se de um processo de mudança linguística que tem como premissa a unidirecionalidade da trajetória, que se dá de forma gradual, do léxico para a gramática (nunca o contrário), e que envolve a transferência conceitual de uma expressão de significado mais concreto (formas-fonte) para a expressão de significado mais abstrato (formas-alvo) (HEINE *et al.*, 1991).

De maneira geral, os estudos sobre gramaticalização concordam em dois pontos: (i) distinguem unidades lexicais (lexemas concretos) de unidades gramaticais (lexemas abstratos); (ii) afirmam que unidades gramaticais (signos linguísticos “vazios”) tendem a se originar de unidades lexicais (signos linguísticos plenos), conforme esquema mostrado em (1):

(1) [categoria maior (nome, verbo)] (>categoria medial) > [categoria menor (preposição, conjunção, verbo auxiliar, pronome)] (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 107)

Conforme ilustrado em (1), incluem-se na categoria maior itens pertencentes às classes de nome e verbo pleno (categorias que são relativamente “abertas” lexicalmente); na categoria menor, itens pertencentes às classes de preposição, conjunção, verbo auxiliar, pronome, clíticos e afixos (categorias relativamente “fechadas”), e na categoria medial, itens

pertencentes a classes de adjetivo e de advérbio, embora nem sempre seja tarefa fácil delimitar com precisão as fronteiras entre as classes que compõem cada categoria.

O processo de gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical segue, segundo Hopper e Traugott (2003, p. 103), um *cline* de mudança conforme esquema em (2):

(2) [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

Esse esquema descreve o processo de alteração categorial que, segundo Heine *et al.* (1991), baseia-se na mudança de propriedades de uma palavra de conteúdo semântico, mais autônoma, para uma palavra de conteúdo semântico esvaziado, menos autônoma e que atua como organizadora, no discurso, dos elementos de conteúdo, uma vez que liga palavras, orações e partes do texto (GONÇALVES *et al.*, 2007).

O processo de gramaticalização é regulado por mecanismos que, segundo Heine (2003) e Heine e Kuteva (2007), atingem, essencialmente, o nível pragmático e o nível semântico, conforme explicitado na sequência.

- (i) O nível pragmático, pela *extensão* ou generalização de contextos: o aumento na frequência de uso impulsiona os novos usos da nova construção, que passa a ser usada em contextos em que não podia ser usada anteriormente (BYBEE *et al.*, 1994). Segundo Bybee e Hopper (2001), a repetição no discurso é a responsável pela automatização da forma linguística, ou seja, o falante passa a executar um comportamento linguístico sem pensar nas partes componentes da construção em processo de gramaticalização.
- (ii) O nível semântico, por meio da *dessemantização/ bleaching* (ou desbotamento semântico): mecanismo que constitui a reinterpretação de significados concretos (“literais”) para significados abstratos (“figurados”).

Sobre a relação entre perda de conteúdo semântico e ganho de conteúdo pragmático, diversos autores destacam o equilíbrio existente entre enfraquecimento semântico e enriquecimento pragmático, fenômenos aos quais estão sujeitas as formas em processo de gramaticalização (TRAUGOTT, 1982; SWEETSER, 1988; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Afirma-se, a esse respeito, que o desbotamento de significado compõe somente uma parte do

processo de mudança por gramaticalização, uma vez que à perda de conteúdo semântico concreto opõe-se o ganho de conteúdo pragmático abstrato.

Autores como Taylor (1989) e Heine *et al.* (1991) defendem que, na mudança semântica envolvida em processos de gramaticalização, atuam os mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia. Enquanto a metáfora, operando no eixo paradigmático por analogia, atua na fronteira de domínios conceituais resolvendo um problema de representação, a metonímia opera no eixo sintagmático, por reanálise, resolvendo um problema de (re)interpretação induzida por um contexto morfossintático.

Conforme apontam Heine *et al.* (1991), o deslizamento semântico é normalmente intermediado por uma ambiguidade semântica, o que confirma o caráter gradual do processo de gramaticalização. O exemplo de ocorrência de *tener que* a seguir, extraído do *Córpus Diacrónico del Español*, ilustra essa ambiguidade:

- (3) - No te puedo yo negar, Erastro -respondió Elicio-, que todo cualquier dolor y pesadumbre no nazca de la privación y falta de aquello que deseamos; mas juntamente con esto te quiero decir que ha perdido conmigo mucho la calidad del amor con que yo pensé que a Galatea querías; porque si solamente la quieres por ser hermosa, **muy poco tiene que agradecerte**, pues no habrá ningún hombre, por rústico que sea, que la mire que no la desea, porque la belleza, dondequiera que está, trae consigo el hacer desear (CERVANTES, M. de. *La Galatea*, 1585)⁷

Em (3), a construção *tener que* pode ser ambígua entre uma leitura léxica e outra gramatical, uma vez que, no contexto de ocorrência, *tener* pode ser interpretado como verbo de posse e *que agradecerte* como oração relativa com antecedente em posição marcada (*poco*), ou pode ser lido como uma forma perifrástica com valor modal de necessidade: “ela tem que agradecer muito pouco”. O esquema em (4) mostra a atuação do processo metonímico na reinterpretação semântica do sentido A para B.

- | | | | |
|-----|--------------------------------------|--|------------------------------------|
| (4) | A | A/B | B |
| | Tiene muy poco que agradecerte (A) > | muy poco tiene que agradecerte (A/B) > | tiene que agradecerte muy poco (B) |

O estágio de interpretação intermediário A/B é polissêmico porque permite tanto a interpretação A quanto B. O contexto A/B induz a uma reinterpretação de A como B: apesar de a intenção do falante poder ter sido A, o contexto também permite sua interpretação como

⁷ Ocorrência extraída do CORDE (*Córpus Diacrónico del Español*), disponível em: <http://www.rae.es>.

B, e o ouvinte reinterpreta A como B e passa a empregar a construção com o sentido B e não mais com o sentido A. É nesse contexto que a mudança semântica se instaura.

Reafirmando o que destacam Taylor (1989) e Heine et al (1991), Gonçalves *et al.* (2007) ressaltam o papel das inferenciações metonímicas e metafóricas na gramaticalização de um item linguístico. Segundo os autores, a primeira resulta da contiguidade de significações, favorecida pela proximidade das formas linguísticas, ocorrendo, assim, uma associação entre o processo cognitivo da metonímia e o mecanismo de reanálise. A inferenciação metafórica, por outro lado, permite a transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre dois domínios conceituais. Nesse caso, há a associação do processo cognitivo metafórico com o mecanismo da analogia. Como veremos ao longo do trabalho, a gramaticalização de *tener* pleno a *tener que* auxiliar é resultado da atuação de ambos os processos destacados por Gonçalves *et al.* (2007).⁸

Considerando que, ao produzir um enunciado, o falante pode modalizar seu discurso a partir de diferentes meios linguísticos (NEVES, 1996), optamos, dentre as várias formas de expressão das modalidades, por analisar o processo envolvendo mudança semântica de [+concreto] para [+abstrato] da construção *tener que* **já constituída como perífrase** e capaz de expressar valores modais. Assim, embora reconheçamos que *tener que*, para sua constituição, passa por um processo de mudança categorial centrado na passagem de *tener* como verbo pleno a *tener* como verbo auxiliar, o foco deste trabalho não está na análise da origem do processo de alteração categorial, mas na investigação da passagem de um sentido mais concreto da construção para um sentido mais abstrato da perífrase já constituída.

Diversas pesquisas, inclusive de natureza tipológica, postulam a tendência de desenvolvimento de significados epistêmicos a partir de significados não-epistêmicos (BYBEE, 1985; SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; DALL'AGLIO-HATTNER *et al.*, 2001; CORNILLIE, 2007; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013). Conforme afirmam Dall'Aglio-Hattner *et al.* (2001), com base em Sweetser (1990), os significados modais apresentam uma extensão de sentido deôntico para o epistêmico. Forças e barreiras, segundo afirmam os autores, são definidas como estruturas cognitivas pertencentes ao modo como experienciamos os eventos do mundo. Pelo fato de a modalidade deôntica ser compreendida em termos de dinâmica de forças, somos levados a atribuir a esse domínio semântico um caráter mais concreto.

⁸ Para um tratamento mais detalhado da atuação da reanálise e da analogia nas mudanças categorial e semântica de *tener* pleno a *tener que* codificador de valores modais, ver seção 5.1.2 (página 107, especificamente).

Entender que a modalidade epistêmica é originada da deôntica implica reconhecer a atuação, no domínio epistêmico, do processo de argumentação do falante e não mais de forças sociais que impõem ao sujeito a realização de uma ação. Na passagem de deôntico para epistêmico, forças sociais, segundo apontam Dall’Aglío-Hattner *et al.* (2001), geralmente afetam um participante, mas no mundo da argumentação as conclusões são controladas não por forças sociais e sim por construtos mentais. Assim, forças sociais que impelem o sujeito a realizar uma ação são análogas à força lógica aplicada a um conjunto de premissas, e o deslizamento metafórico de significado deôntico a epistêmico pode ser pensado dessa maneira. Mudanças metafóricas, assim como afirmam Dall’Aglío-Hattner *et al.* (2001), envolvem a transição do domínio da obrigação social e da necessidade física para o domínio epistêmico, que se refere à condição necessária sobre a qual uma proposição pode ser verdadeira.

1.2 Conceituação de modalidade

Do ponto de vista funcionalista da linguagem, toda explicação linguística deve levar em consideração a relação entre linguagem e uso, o que torna obrigatória a investigação do fenômeno linguístico com base nas relações contraídas no discurso, ou seja, levando-se em conta a interação entre falante e ouvinte, a informação pragmática pressuposta de ambos e o contexto sócio-interacional. Segundo Koch (1993), a modalidade, quando tratada sob o ponto de vista da pragmática, deixa de ser examinada com base em hipóteses puramente sintáticas e/ou semânticas para ser considerada como parte da atitude ilocucionária, uma vez que revela o posicionamento do falante perante o enunciado que produz.

Coerentes com tais premissas e considerando que o enfoque funcionalista prevê, na descrição gramatical, a atuação conjunta de fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos na produção de todo e qualquer enunciado linguístico, utilizamos o modelo teórico funcionalista para fundamentar a análise dos valores modais expressos pela perífrase [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol peninsular retirados de contextos reais de uso da língua e realizamos, para além da descrição dos significados modais expressos por *tener que*, a investigação dos fatores contextuais condicionadores da ocorrência de um ou outro tipo modal, isto é, dos elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos que aparecem associados a cada um dos valores modais codificados pela perífrase. Reconhecendo que as perífrases modais apresentam usos polissêmicos e que fatores contextuais tendem a se associar a uma ou outra interpretação modal, consideramos essencial a interação de [*tener que* + infinitivo] com

elementos sintáticos e semânticos para a determinação do significado expresso pela construção.

Uma vez que a presente investigação se volta para os valores modais de *tener que*, convém apresentar uma breve caracterização desta categoria.

Quirk *et al.* (1985, p. 219) afirmam que a modalidade se refere ao “modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ele expressa.” Para Coracini (1991, p. 113), a modalidade é a “expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o conteúdo enunciado, ora comprometendo-se, ora afastando-se.” Assim como afirma Koch (1993), as modalidades são consideradas como constitutivas da atividade ilocucionária, uma vez que expressam a atitude do falante perante seu enunciado. Para Saint-Pierre (1992), por sua vez, a modalidade é definida como uma operação de assunção, pelo enunciador, do conteúdo proposicional de seu enunciado em relação a um evento ou a uma certa relação intersubjetiva. Distingue-se, assim, o *dictum* (conteúdo de pensamento) do *modus* (atitude que o sujeito toma em relação a esse conteúdo).

1.2.1 Formas de expressão das modalidades

O falante pode expressar sua atitude perante o enunciado por meio de atos ilocucionários de modalização, atualizados a partir de uma variedade de operadores modais. Neves (1996, p. 165-171) apresenta algumas formas de expressão das modalidades, exemplificadas com dados do português falado culto no Brasil (Projeto NURC). Tais formas podem ser representadas por:

a) Verbos auxiliares modais (cf. *dever* no exemplo (5)) ou verbos de significação plena que exprimem opinião, conhecimento ou crença (cf. *achar* no exemplo (6)):

(5) **deve ser** como na televisão eles preparam o o o:: a peça... e **devem dividir** o os... as partes para os artistas (DID-SP-234:165-167, extraído de Neves, 1996, p. 166)⁹

(6) eu **acho** que o teatro não é TÃO assim divulgado (DID-SP-234:244, extraído de Neves, 1996, p. 166)

⁹ As referências dos exemplos correspondem às amostras do Projeto NURC, de onde foram retirados.

b) Advérbios modalizadores, como *obrigatoriamente* (cf. exemplo (7)):

(7) toda e qualquer cirurgia... no campo médico... propriamente dito... implica... **obrigatoriamente**... em despesas... as mais elevadas (DID-RE-131:28-30, extraído de Neves, 1996, p. 166)

c) Adjetivos em posição predicativa, como *impossível* (cf. exemplo (8)) e *preciso* (cf. exemplo (9)):

(8) **é impossível** que ela empreste em outras condições... (DID-SP-250:199, extraído de Neves, 1996, p. 167)

(9) **é preciso** que o indivíduo compreenda o todo (EF-POA-278:138-139, extraído de Neves, 1996, p. 167)

d) Substantivos, como *opinião* no exemplo (10), e também os que ocorrem na posição de objeto de verbo-suporte, como *possibilidade* no exemplo (11):

(10) uma das coisas fundamentais de qualque(r) prato, eu pelo menos penso assim, que(r) dize(r), é a minha **opinião** (D2-POA-291:4, extraído de Neves, 1996, p. 167)

(11) o curso de Pedagogia daria **possibilidade** como o caso de Orientação Educacional (DID-RJ328:385-387, extraído de Neves, 1996, p. 167)

Dentre as várias formas de expressão das modalidades nas línguas naturais, optamos por analisar a construção *tener que* no espanhol peninsular, que atua como auxiliar modal, formada a partir da evolução do verbo *tener* na condição de verbo pleno. Tal construção é bastante produtiva em língua espanhola e tem sido objeto de estudos funcionalistas que avaliam tanto aspectos sincrônicos (OLBERTZ, 1998; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013) quanto diacrônicos (OLBERTZ, 2018).

1.2.2 A classificação das modalidades conforme Hengeveld (2004)

A análise dos valores modais codificados por [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol peninsular que aqui se apresenta está fundamentada na classificação das modalidades segundo Hengeveld (2004), a qual serviu como base para a classificação da modalidade dentro do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

A proposta de Hengeveld (2004) consiste em distinguir as modalidades segundo dois critérios: o *alvo da avaliação modal* (ou a parte do enunciado que é modalizada) e o *domínio*

semântico da avaliação modal (sob qual perspectiva a avaliação é feita). No que se refere ao alvo da avaliação, as modalidades podem ser orientadas para o participante, para o evento ou para a proposição. Com relação ao domínio semântico, o autor propõe uma subdivisão em modalidade facultativa, modalidade deôntica, modalidade epistêmica, modalidade volitiva e modalidade evidencial.¹⁰

A modalidade facultativa diz respeito às capacidades intrínsecas ou adquiridas. Conforme afirma Hengeveld (2004), esse tipo modal pode ser orientado para o participante ou para o evento. Quando orientado para o participante, expressa a “habilidade de um participante engajado no evento designado pelo predicado” (HENGEVELD, 2004, p. 1194). Em algumas línguas se faz a distinção entre capacidade intrínseca (“ser capaz de”) e capacidade adquirida (“saber como”), como mostram os exemplos em (12) e (13).

(12) João **é capaz de** nadar. (capacidade intrínseca) (extraído de Hengeveld, 2004, p. 1193, tradução minha)¹¹

(13) Eu **sei** como colocar isso. (capacidade adquirida) (extraído de Hengeveld, 2004, p. 1193, tradução minha)¹²

Em (12), a expressão modalizadora *ser capaz de* manifesta linguisticamente uma habilidade intrínseca ao participante, indivíduo que, por suas características morfológicas e fisiológicas, é naturalmente capaz de nadar. Já o modalizador *saber*, em (13), atua como forma de expressão da habilidade adquirida pelo participante, o qual não nasceu com a capacidade intrínseca de realizar a ação descrita pelo predicado, mas aprendeu a realizá-la ao longo de sua vida.

A modalidade facultativa orientada para o evento, por sua vez, “caracteriza os eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam a sua ocorrência” (HENGEVELD, 2004, p. 1195). Nesse tipo modal, a possibilidade ou a impossibilidade de realização do evento, que independem das capacidades do participante, relacionam-se às circunstâncias em que o evento ocorre. Em (14), a paralisação dos funcionários é a circunstância responsável por impossibilitar a ocorrência do evento (*usar a biblioteca da escola*).

¹⁰ Embora, originalmente, Hengeveld (2004) proponha uma subdivisão das modalidades em facultativa, deôntica, epistêmica, volitiva e evidencial, a modalidade evidencial não foi considerada como um tipo modal pelo fato de estudos atuais assumirem a categoria da evidencialidade como separada da categoria da modalidade (ver, por exemplo, Hengeveld e Dall’Aglio-Hattner (2015)).

¹¹ No original: *John is able to swim*.

¹² No original: *I know how to put it*.

- (14) Com a paralisação dos funcionários, os alunos não **podem** mais usar a biblioteca da escola. (extraído de Brunelli e Gasparini-Bastos, 2011, p. 63)

Com relação à modalidade facultativa, uma ressalva deve ser feita. O conceito de modalidade facultativa assumido por Hengeveld (2004) não permite que a noção de necessidade expressa por [*tener que* + infinitivo] seja incluída nesse tipo modal, porque o autor emprega o termo *modalidade facultativa* para se referir somente aos casos em que são expressas, nas sentenças, as noções de capacidade e de habilidade. Como a construção [*tener que* + infinitivo] não pode ser usada para expressão dessas noções, é inadequado empregar a denominação *modalidade facultativa* para se referir aos casos em que *tener que* expressa a noção de necessidade (inerente ou circunstancial).

Em texto anterior, Hengeveld (1988) utiliza a denominação *modalidade inerente* para se referir tanto aos casos de possibilidade inerente quanto aos casos de necessidade inerente. A partir das considerações de Hengeveld (1988), Olbertz (1998), e Narrog (2005, 2009, 2012), Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) preferem empregar o termo *modalidade inerente* porque afirmam que a denominação *facultativa*, por ser baseada em noções de habilidade, é adequada para denominar a possibilidade inerente, porém inadequada para classificar a necessidade inerente. Considerando, então, que a modalidade inerente abarca os casos de modalidade facultativa, empregamos, para a descrição de [*tener que* + infinitivo], a denominação *modalidade inerente* em lugar de *modalidade facultativa*, reconhecendo, no entanto, que os dois termos representam domínios semânticos um pouco distintos.

No que diz respeito à modalidade deôntica, esse tipo modal relaciona-se às noções de obrigação, de permissão e de proibição e, conforme afirma Hengeveld (2004), pode ser orientado para o participante ou para o evento. Quando orientada para o participante, a modalidade deôntica indica um sujeito específico que tem permissão ou é obrigado a se inserir no evento designado pelo predicado, como mostram os exemplos em (15) e (16).

- (15) Você **tem que** me jurar que nunca, nunca, nunca, tentará isso! (extraído de Almeida, 1988, p. 16)

- (16) Você não **pode** fazer isso. (extraído de Brunelli e Gasparini-Bastos, 2011, p. 63)

Em (15), a fonte da avaliação modal é um agente externo que obriga o alvo da avaliação, *você*, a se inserir no evento [*me jurar não tentar isso*]. Em (16), ao sujeito *você* é negada a permissão de que ele se insira no evento [*fazer isso*].

A modalidade deôntica orientada para o evento diz respeito, por sua vez, à existência de obrigações, permissões ou proibições gerais, sem que o sujeito-enunciador assuma a responsabilidade pelo que enuncia e sem que a imposição da ordem recaia sobre um participante específico. O exemplo em (17) representa esse tipo modal, frequentemente expresso por construções impessoais como *é proibido*.

(17) **É proibido** pedir esmolas. (extraído de Brunelli e Gasparini-Bastos, 2011, p. 64)

A modalidade epistêmica diz respeito aos conhecimentos e às crenças. Segundo afirma Hengeveld (2004), esse tipo modal pode ser orientado para o evento ou para a proposição. Quando orientado para o evento, expressa a possibilidade ou a impossibilidade de ocorrência de um evento com base no que o enunciador sabe sobre o mundo. No exemplo em (18), o verbo modalizador *poder* expressa a possibilidade de o sujeito *João* estar nadando.

(18) João **pode** estar nadando. (HENGEVELD, 2004, p. 1193, tradução minha)¹³

A modalidade epistêmica orientada para a proposição, por sua vez, expressa “o grau de comprometimento do sujeito-enunciador com relação à proposição que ele apresenta” (HENGEVELD, 2004, p. 1192). No exemplo em (19), o advérbio modalizador *provavelmente* atua como mecanismo de descomprometimento por parte do sujeito-enunciador, uma vez que revela suas dúvidas quanto à verdade do conteúdo da proposição que apresenta.

(19) **Provavelmente** João está nadando. (extraído de Dall’Aglío-Hattner, 2009, p. 157)

A modalidade volitiva relaciona-se ao que é desejável e pode ser orientada para o participante, para o evento e para a proposição.¹⁴ Quando orientada para o participante, indica o desejo do falante de se inserir no evento designado pelo predicado, como mostra (20).

(20) Nós **queremos** sair. (HENGEVELD, 2004, p. 1194, tradução minha)¹⁵

¹³ No original: *John may be swimming*.

¹⁴ Embora Hengeveld (2004) proponha a existência da modalidade volitiva orientada para a proposição, em trabalho mais recente, Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) questionam sua manifestação nas línguas naturais, o que justifica a falta de exemplos para esse tipo modal.

¹⁵ No original: *We want to leave*.

Quando orientada para o evento, caracteriza um evento como desejável ou não, sem que o sujeito-enunciador expresse seu comprometimento com o conteúdo enunciado. Em (21), esse tipo modal é expresso por meio do adjetivo *desejável* em posição predicativa.

(21) **É desejável** que todos compareçam à reunião. (extraído de Brunelli e Gasparini-Bastos, 2011, p. 64)

Os dois parâmetros de classificação das modalidades – alvo e domínio semântico da avaliação – propostos por Hengeveld (2004) serão considerados nas análises sincrônica e diacrônica da construção [*tener que* + infinitivo], apresentadas, respectivamente, nos capítulos IV e V.

No capítulo seguinte, voltamos nossa atenção para a caracterização da perífrase *tener que*, desde sua origem até sua constituição como construção perifrástica. Também procuramos estabelecer relações entre a construção [*tener que* + infinitivo] e outras construções perifrásticas modais do espanhol.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DE *TENER QUE* E VARIAÇÃO COM OUTRAS PERÍFRASES MODAIS ESPANHOLAS

Resumo

Dentre os princípios sugeridos por Hopper (1991) para a verificação do grau de gramaticalização de um item linguístico, o da *estratificação* é o que mais bem evidencia a variação entre a perífrase [*tener que* + infinitivo] e as construções [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo], [*tener de* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo], todas atuantes dentro do domínio da modalidade.

Tendo em vista que as formas têm seu desenvolvimento influenciado pelas variantes com as quais se alternam (BAUMAN, 2013), analisar a alternância entre perífrases modais atuantes dentro de um mesmo domínio funcional é também um modo de verificação do estágio de gramaticalização de [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol atual.¹⁶ Posto isso, o presente capítulo objetiva destacar em que medida a trajetória de mudança linguística percorrida por perífrases concorrentes reflete na constituição de [*tener que* + infinitivo] como construção codificadora de significados modais.

2.1 O processo de constituição de *tener que* como perífrase modal e sua variação com outras perífrases modais

Hopper (1991), concebendo a gramática de uma língua como emergente, afirma que continuamente surgem novas funções, valores e usos para formas já existentes e que, nesse processo de emergência, é possível aferir os graus de gramaticalização que uma forma assume nas novas funções que passa a executar. O autor, focalizando a gramaticalização em seus estágios incipientes, isto é, quando mudanças envolvendo fusão, por exemplo, ainda não ocorreram, sugere cinco princípios que auxiliam no reconhecimento do grau de gramaticalização de uma forma linguística: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorialização*. É apresentada, a seguir, uma breve explicação acerca de cada um dos princípios.

¹⁶ Esta pesquisa não tem como objetivo investigar a alternância entre [*tener que* + infinitivo] e perífrases modais concorrentes. Na realidade, a descrição da variação de [*tener que* + infinitivo] com outras construções é realizada a partir de trabalhos de autores preocupados com uma análise linguística em perspectiva variacionista.

Segundo o princípio da **Estratificação**, quando novas camadas surgem dentro de um domínio funcional, camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas, ao invés disso, podem coexistir e interagir com as novas camadas. A coexistência da perífrase [*tener que* + infinitivo] com outras formas de expressão de modalidade deôntica, tais como [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo], [*tener de* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo], é um exemplo da atuação desse princípio.

O princípio da **Divergência** dita que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas propriedades originais, preservando-se como item autônomo e, assim, estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes a sua classe, inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização (GONÇALVES *et al.*, 2007). O verbo *tener* como pleno, por exemplo, guarda suas propriedades originais de verbo autônomo e coexiste, no mesmo sistema, com *tener* gramaticalizado, que atua na codificação da modalidade. Segundo Hopper (1991), enquanto a estratificação remete às diferentes formas para uma mesma função, a divergência remete à multifuncionalidade ou aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item/construção num mesmo recorte temporal.

O princípio da **Especialização** se refere ao estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio funcional, isto é, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço no sistema por estar mais gramaticalizada. Segundo afirmam Gonçalves *et al.* (2007), um indício de especialização é o aumento da frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. A forma [*ir* + infinitivo], por exemplo, se especializa, no português brasileiro, na codificação de futuro, enquanto o futuro sintético se restringe a contextos específicos.

Segundo o princípio da **Persistência**, quando um significado gramaticalizado B se desenvolve, isso não significa necessariamente que os traços semânticos da forma original A se perdem completamente; em vez disso, B pode preservar algum traço de A, o que, segundo Gonçalves *et al.* (2007), pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada. No processo de gramaticalização de *tener* pleno a *tener que* auxiliar, por exemplo, o significado modal da construção [*tener + que* + infinitivo] se torna evidente somente quando a construção passa a ocorrer com verbos principais que, por não exigirem a presença de um objeto direto, impossibilitam a leitura de *tener* como expressando o significado de posse.

Por fim, o princípio de **Decategorialização** (ou **decategorização**) diz respeito ao rebaixamento categorial da unidade em processo de gramaticalização. Isso implica a perda,

por parte da forma em gramaticalização, de marcas morfológicas e sintáticas que poderiam identificá-la como pertencente a alguma categoria lexical. No caso da mudança categorial de *tener* pleno a *tener que* auxiliar, o verbo auxiliar não deixa de receber as flexões verbais que o verbo pleno recebe, mas deixa de selecionar argumentos e de fazer referência a experiências cognitivamente mais concretas (como o estabelecimento de relações de posse entre indivíduos e objetos).

Esses princípios, segundo afirmam Gonçalves *et al.* (2007), acentuam o caráter gradual da gramaticalização porque não buscam verificar se um item linguístico pertence ou não à gramática, mas, antes, conferem aos elementos analisados o grau de mais ou menos gramaticalizados. Dentre esses princípios, o da *estratificação* (ou *layering*, no inglês) é o que mais bem evidencia a variação entre a construção perifrástica [*tener que* + infinitivo] e as demais construções empregadas para a codificação de modalidade. Segundo afirmam Gonçalves *et al.* (2007), a substituição das formas antigas pelas formas mais novas não é imediata e pode até mesmo nunca vir a acontecer. Isso quer dizer que as formas emergentes não surgem com o objetivo de preenchimento de uma lacuna existente em um determinado domínio funcional: na verdade, a forma emergente se “amontoa” a outras formas com significados sutilmente diferentes e passa a exercer uma nova função – uma função mais gramatical – já exercida por uma forma mais antiga. O resultado é a coexistência e a interação, dentro de um mesmo domínio funcional, de formas antigas e formas novas que são funcionalmente equivalentes.

Conforme destacam Gonçalves *et al.* (2007), as diferenças semânticas e funcionais entre os itens “amontoados” em um mesmo domínio são tão tênues que em muitos casos eles podem ser considerados variantes estilísticas. É o que ocorre, no espanhol, com as formas perifrásticas [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo], [*tener de* + infinitivo], [*haber que* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo], as quais, dadas as equivalências semântica e funcional, podem ser consideradas variantes atuantes no mesmo domínio modal.

Considerando que as formas se gramaticalizam dentro de um contexto variável e têm, portanto, seu desenvolvimento influenciado pelas variantes com as quais se alternam (BAUMAN, 2013), analisar a alternância entre construções modais concorrentes que atuam dentro de um mesmo domínio funcional é também um modo de verificação do estágio de gramaticalização alcançado pela perífrase [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol moderno. Conforme destaca Olbertz (2018), o desenvolvimento histórico da perífrase modal [*tener que* + infinitivo] não pode ser devidamente compreendido sem se levar em consideração as concorrentes mais antigas *haber de* e *haber que* (no espanhol antigo grafados

como *aver*), *tener de* e *deber (de)*. Compartilhando desse mesmo ponto de vista, Bauman (2013) confirma que, em razão de caminhos similares de desenvolvimento em direção à gramática, a consideração da coexistência de [*tener que* + infinitivo] com outras construções alternativas é relevante para a investigação e descrição de sua constituição como perífrase.

Assumindo, dessa forma, que uma investigação do contexto mais amplo de variação entre formas alternativas funcionalmente equivalentes pode trazer contribuições à análise da gramaticalização de [*tener que* + infinitivo], interessa ao presente estudo apresentar resultados de pesquisa de autores que, preocupados com a investigação diacrônica dessa construção, associam a alta frequência de [*tener que* + infinitivo] no espanhol moderno com sua completa consolidação no domínio da expressão modal de necessidade e obrigação.

2.2 Frequência

Os teóricos da gramaticalização reconhecem que a frequência é um componente essencial no processo de gramaticalização de uma forma linguística. Para Heine *et al.* (1991), Bybee *et al.* (1994) e Hopper e Traugott (2003), a frequência textual é considerada uma evidência do grau de gramaticalização de um item linguístico: dado que a frequência demonstra uma generalização nos padrões de uso, quanto mais frequentemente uma forma ocorre textualmente, mais ela se torna candidata potencial a se gramaticalizar (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Bybee (2010) busca definir, em trabalho mais recente e de maneira mais específica, o papel desempenhado pela frequência de uso no processo de gramaticalização. Apontando a circularidade de causa e efeito envolvida na atuação desse componente para a gramaticalização de um item linguístico, a autora afirma que:

[...] considerando-se que todos os processos [da gramaticalização] dependem de uma maneira ou de outra da repetição, os aumentos na frequência provocam sua operação ao mesmo tempo em que o resultado dos processos (significados semanticamente mais generalizados ou uma aplicabilidade mais ampla em função das inferências) conduz a aumentos adicionais da frequência [...] (2010, p. 112-113, tradução minha)¹⁷

Assim, a frequência de ocorrência de um item linguístico é concebida, por Bybee (2010), tanto como causa quanto como efeito do processo de gramaticalização, porque o aumento da frequência provoca a operação dos processos atuantes na gramaticalização e, ao

¹⁷ No original: [...] because all the processes [da gramaticalização] depend in one way or another upon repetition, increases in frequency trigger their operation, while at the same time the output of these processes (semantically more generalized meanings or a wider applicability due to inferences) leads to further frequency increases [...].

mesmo tempo, é consequência dos resultados de tais processos. Considere-se o caso de uma unidade que, em função do aumento de sua frequência de ocorrência em um contexto específico, sofre *bleaching* semântico e tem, dessa forma, seu significado-fonte enfraquecido. A abstratização do significado original dessa unidade faz com que a construção na qual ela ocorre se generalize e passe a ocorrer em contextos nos quais não poderia ocorrer caso estivesse ligada a restrições originais de significado. Como a construção se livra de restrições originais de significado, ela passa a se aplicar a um número cada vez maior de contextos e, conseqüentemente, sua frequência de ocorrência aumenta consideravelmente. É isso o que significa afirmar que a alta frequência, ao mesmo tempo em que é um dos componentes que impulsiona a gramaticalização, sendo, portanto, uma das causas do processo, é também uma de suas conseqüências (uma vez que, à medida que uma forma tem seu significado original enfraquecido, ela sofre generalização e passa a ocorrer em um número cada vez maior de contextos).

Compreendendo a frequência como uma evidência de gramaticalização, o aumento atestado da frequência da construção perifrástica [*tener que* + infinitivo] ao longo dos séculos, em comparação com a frequência das formas modais competidoras, é uma evidência de que a construção se desenvolveu completamente como uma forma gramatical codificadora de modalidade. Assim, interessa-nos tecer considerações acerca da variação entre a construção gramaticalizada [*tener que* + infinitivo] e outras construções modais alternativas, com enfoque no aumento da frequência da construção-alvo ao longo dos séculos.

Considerando-se a afirmação de Hopper e Traugott (2003) de que o princípio da *estratificação* é o resultado sincrônico da gramaticalização sucessiva de formas atuantes num mesmo domínio funcional, a construção [*tener que* + infinitivo], a partir do momento em que se gramaticaliza e passa a codificar a modalidade, alterna com [*haber de* + infinitivo], [*haber que* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo] e [*tener de* + infinitivo], outras construções perifrásticas codificadoras de modalidade, com distintos *clines* de gramaticalização. Embora essas sejam variantes coexistentes e consideradas concorrentes dentro de um mesmo domínio funcional, sabe-se que, dentro do espaço de funcionamento de tais construções, os significados modais são matizados e fluidos (BYBEE *et al.*, 1994), e uma mesma modalidade pode ser expressa por diferentes elementos linguísticos, como é o caso das variantes consideradas neste estudo.

Coates (1983), ao tratar da fluidez no domínio da modalidade, afirma que um dado significado (o da obrigação, por exemplo) pode ser considerado o núcleo de uma dada categoria, a qual inclui significados menos centrais e significados periféricos. Assim, embora

elementos linguísticos distintos possam expressar o mesmo significado modal, pressupõe-se que haja diferentes matizes específicos de significado associados a uma ou outra forma. São essas pequenas divergências semânticas que justificam elementos linguísticos distintos – mas quase sinônimos – coexistirem em um dado momento da língua. Subjaz a esse entendimento a concepção de que não existe sinonímia perfeita, o que implica que se existem duas formas que exercem funções equivalentes, elas apresentam pontos, ainda que sutis, de divergência semântica e/ ou pragmática.¹⁸

Bauman (2013) fundamenta-se em uma análise variacionista para caracterizar a variação entre as construções [*tener que* + infinitivo], [*haber que* + infinitivo], [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo]. Embora se reconheça que haja pontos de divergência semântica entre essas variantes, as formas variantes para codificação da modalidade no espanhol ocupam um mesmo domínio funcional. Isso quer dizer que, no domínio de expressão da modalidade deôntica, foco de estudo de Bauman (2013), as quatro variantes analisadas parecem alternar-se livremente sem grandes diferenciações semânticas. Para suportar a concepção de que essas construções ocupam o mesmo domínio funcional e são, portanto, funcionalmente equivalentes, o autor apresenta casos do espanhol escrito nos quais tais construções aparecem contextualmente muito aproximadas. O exemplo em (22), extraído de Bauman (2013), mostra um desses casos de coocorrência, no qual [*tener que* + infinitivo] e [*deber* + infinitivo] expressam o mesmo significado (o de necessidade):

- (22) No, yo **tengo que** seguir las huellas de María: **debo** hacer lo posible por encontrar la casa adonde nos han conducido¹⁹
 [“Não, eu não tenho que seguir as pegadas de Maria: devo fazer o possível para encontrar a casa para a qual nos levaram”] (tradução minha).

Um caso como esse ilustra o princípio de *layering* ou estratificação, descrito por Hopper (1991). Embora as perífrases [*tener que* + infinitivo] e [*deber* + infinitivo] codifiquem matizes específicos de significado modal, sua coocorrência sugere que elas devem ser concebidas como sinônimas, nesse contexto.²⁰

¹⁸ Tratamos, neste ponto, do princípio do *isomorfismo*, segundo o qual duas formas nunca expressam exatamente o mesmo significado.

¹⁹ Exemplo pertencente ao século XIX retirado da base de dados *online Corpus del Español*, de Davies (2002).

²⁰ A diferença semântica existente entre as formas codificadoras de modalidade no espanhol não é visível como no inglês, por exemplo, porque, em espanhol, diferentemente do que ocorre em inglês, língua na qual os modais codificam significados mais especializados, um mesmo significado modal é expresso por diferentes elementos linguísticos e um mesmo elemento linguístico expressa diferentes matizes de significado. Reconhecemos que isso não significa dizer que os modais em espanhol não se distingam semanticamente, ainda que as diferenças sejam bem sutis.

Embora Bauman (2013) assuma uma posição mais geral, Olbertz (2018), por sua vez, ao tratar de *tener que* e dos antecessores *haber de*, *haber que*, *tener de* e *deber* (e sua variante *deber de*), faz questão de ressaltar as diferenças semânticas existentes entre eles. Considerando que a modalidade linguística é compreendida frequentemente em termos de necessidade e de possibilidade e que os significados modais podem ser classificados com base em dois parâmetros, um concernente ao alvo da avaliação modal (a parte do enunciado que é modalizada) e o outro concernente ao domínio da avaliação modal (a perspectiva segundo a qual a avaliação é executada), Olbertz (2018) destaca que, enquanto as variantes *haber de*, *deber (de)* e *tener que* expressam igualmente a modalidade deôntica orientada para o participante, *haber que*, por ser uma construção impessoal, só pode expressar a modalidade deôntica orientada para o evento. É o que mostra o exemplo em (23), citado em Olbertz (2018):

(23)

- a. sé lo que **tengo que** hacer y no hacer
[“Sei o que eu tenho que fazer e não fazer”] (tradução minha).
- b. sé lo que **he de** hacer y no hacer
[“Sei o que hei de fazer e não fazer”] (tradução minha).
- c. sé lo que **debo** hacer y no hacer
[“Sei o que devo fazer e não fazer”] (tradução minha).
- d. ≠ sé lo que **hay que** hacer y no hacer²¹
[“Sei o que se deve fazer e o que não se deve fazer”] (tradução minha).

Os casos em (a), (b) e (c) são representativos da modalidade deôntica orientada para o participante e indicam que um sujeito de primeira pessoa do singular (*yo*) é obrigado a se engajar no evento descrito pelo predicado (*hacer algo*). A construção *haber que* em (d), por sua vez, é impessoal e, portanto, só pode expressar a modalidade deôntica orientada para o evento, tipo modal que indica a existência de obrigações gerais que não recaem sobre um sujeito específico.

Além da impossibilidade de orientação para o participante, a construção *haber que* se distingue das demais variantes no que diz respeito à expressão da modalidade epistêmica, tipo modal que caracteriza os eventos em termos de possibilidade ou impossibilidade de sua ocorrência em vista do que é conhecido sobre o mundo (HENGEVELD, 2004). Os exemplos em (24), também citados em Olbertz (2018), apresentam outra importante restrição de *haber que*:

²¹ O símbolo “≠” inserido no início da oração em “d” é empregado para diferenciar *haber que* das demais variantes apresentadas em (a), (b) e (c).

(24)

- a. – ¿tú crees ahora que:- que hay mucho problema de: delincuencia y cosas de estas aquí en- en Alcalá? [...]
 – yo creo que- yo creo que **tiene que** haber como en todas las ciudades
 [“Você acha que existe muito problema de delinquência e coisas assim aqui em Alcalá? Eu acredito que deve existir como em todas as cidades”] (tradução minha).
- b. yo creo que **ha de** haber [delincuencia] como en todas las ciudades
- c. yo creo que **debe** haber [delincuencia] como en todas las ciudades
- d. ≠ yo creo que **hay que** haber [delincuencia] como en todas las ciudades

Segundo Olbertz (2018), diferentemente de *tener que*, *haber de* e *deber (de)*, que servem à expressão da crença do enunciador sobre a (im)possibilidade de realização de um Estado de Coisas, o emprego de *haber que* neste contexto é evidentemente inapropriado porque essa construção não pode expressar significados epistêmicos. Considerando as idiosincrasias da construção modal *haber que* e o fato de que *deber (de)* não pode expressar a modalidade que Narrog (2012) denomina “circunstancial”,²² tipo modal em que a fonte da avaliação não é o desejo de um enunciador ou uma regra geral, mas uma circunstância externa que impulsiona a realização do Estado de Coisas, reconhece-se, portanto, que existem evidentes diferenças semânticas entre as perífrases que atuam no domínio da modalidade.

Ainda que as diferenças semânticas das formas codificadoras de modalidade da língua espanhola sejam reconhecidas, não existe razão para se pensar que elas são sempre importantes, em todos os contextos. O que parece prevalecer, quando se observam essas variantes, é que elas têm muito mais em comum em termos semânticos e funcionais do que têm de distinto. Com base nessa concepção, considera-se que a construção [*tener que* + infinitivo] se alterna, dentro de um contexto variável, com construções variantes funcionalmente equivalentes que competem com ela dentro do domínio da modalidade.

Como já se notou, a necessidade de se verificar a variação entre a construção perifrástica [*tener que* + infinitivo] e outras construções modais concorrentes justifica-se pelo fato de que a distribuição de [*tener que* + infinitivo] ao longo dos séculos, nos dados de língua espanhola, é uma evidência do grau de gramaticalização da construção.

Ainda que um estudo dessa natureza seja importante para a avaliação do estágio de desenvolvimento gramatical de um elemento linguístico, o desenvolvimento histórico das

²² A modalidade que Narrog (2012) classifica como *circunstancial* é equivalente à modalidade que descrevemos, neste trabalho, como *modalidade inerente orientada para o evento*, tipo modal previsto por Hengeveld (1988) e por Olbertz (1998).

formas codificadoras de modalidade no espanhol não tem sido investigado de maneira extensiva e detalhada. Um dos poucos trabalhos sobre o desenvolvimento das construções perifrásticas no espanhol medieval é o de Yllera (1980), no qual a autora reconhece a existência de outros estudos sobre as perífrases, mas afirma que nenhum deles reúne, em um trabalho conjunto, as construções formadas com infinitivo, com gerúndio e com participípio.

Ao classificar as perífrases em três grandes grupos com base na forma não pessoal que as constituem, Gili Gaya (1970) afirma que as perífrases formadas por um verbo auxiliar seguido de um verbo no infinitivo dão à ação que descrevem um caráter progressivo e orientado para o futuro. De forma análoga, Pottier (1968) afirma que o infinitivo evoca a possibilidade do desenvolvimento de uma ação. Yllera (1980), por sua vez, afirma que além de oferecerem uma perspectiva de ação projetada para o futuro, as perífrases com infinitivo podem apresentar uma visão subjetiva da ação por parte do enunciador, isto é, podem codificar significados modais (de necessidade, obrigação, conjectura, suposição, probabilidade, etc.). Existe, portanto, uma estreita relação entre o caráter temporal e o caráter modal codificados pelas perífrases, as quais frequentemente apresentam, conjuntamente, os dois valores. Em casos de imposição de uma ordem, por exemplo, supõe-se que a realização da ação indicada pelo infinitivo seja posterior ao tempo expresso pelo auxiliar, o que confirma que os dois valores estão, muitas vezes, intimamente relacionados.

Apesar da relação estreita entre valores temporais e valores modais, é possível classificar as perífrases como expressando, predominantemente, um ou outro valor. Dessa forma, Yllera (1980) apresenta um histórico detalhado das perífrases que atuam essencialmente como forma de expressão da obrigação ou da necessidade no espanhol medieval e que, com a emergência posterior de [*tener que* + infinitivo] neste domínio, viriam a concorrer com essa construção inovadora.

Considerando-se que o objetivo do presente estudo não é o de apresentar, de maneira exaustiva, um mapeamento histórico da emergência e do desenvolvimento das perífrases que antecederam a construção [*tener que* + infinitivo], as considerações que se seguem visam destacar, de maneira geral e com base em estudos descritivos do espanhol, as similaridades existentes no processo de desenvolvimento dessas perífrases.

2.3 As trajetórias de gramaticalização de *tener que* e de suas variantes

As formas perifrásticas [*haber de* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo] são as únicas construções constituídas pelo verbo *haber* (no espanhol antigo, *aver*) que ainda coexistem, no espanhol moderno, com a construção inovadora para expressão de modalidade [*tener que* +

infinitivo]. A forma mais antiga [*haber de* + infinitivo] tem origem no uso de *haber* codificando posse associado a uma oração com sentido de finalidade, como no exemplo (25), do século XIII:

- (25) **he** yo agora una cosa **de faser** (extraído de Yllera, 1980, p. 97)
 [“tenho agora uma coisa para fazer”] (tradução minha).

O que explica o surgimento da perífrase modal [*haber de* + infinitivo] é a inferência de necessidade ou obrigação possibilitada pelo contexto em que *haber* ocorre. Nesse caso, o primeiro impulso para a mudança semântica de *haber* (que deixa de codificar posse e passa a codificar necessidade ou obrigação) é a proximidade semântica existente entre um enunciado com duas orações, uma delas indicando finalidade (como em “eu tenho uma coisa para fazer”), e um enunciado que expressa o sentido de responsabilidade sobre a realização da ação indicada pelo infinitivo (como em “eu tenho de fazer uma coisa”). Como destaca Yllera (1980), o desenvolvimento da construção modal [*haber de* + infinitivo], assim como seu triunfo, a partir do século XIV, sobre as concorrentes [*haber* + infinitivo] e [*haber a* + infinitivo], podem ser explicados pelo fato de o espanhol admitir o emprego de outros verbos associados à partícula *de* para indicar finalidade, como em *buscar de comer*. O uso frequente de *de* associado ao infinitivo para indicar finalidade justifica a preferência pela variante com *de* para a expressão desse significado, assim como a consequente introdução, que se deu de forma acelerada, da perífrase modal [*haber de* + infinitivo] na língua espanhola.

Conforme afirma Olbertz (2018), no século XIII a construção [*haber de* + infinitivo] apresenta significados modais de necessidade e de obrigação, o que indica o alto grau de gramaticalização dessa perífrase, já plenamente consolidada no espanhol antigo. Os exemplos em (26) e (27) são do século XIII e representam o uso incontestavelmente modal da construção [*haber de* + infinitivo]:

- (26) Madre siempre fuistes sabidor que yo **auia de morir** (extraído de Olbertz, 2018, p. 6)
 [“Mãe, você sempre soube que eu tinha que morrer”] (tradução minha).

- (27) Et preguntale de las costunbres & de las leyes que **auemos de auer** en nuestra tierra (extraído de Olbertz, 2018, p. 6)
 [“E pergunte a ele sobre os costumes e as leis que nós temos que ter em nossa terra”] (tradução minha).

O que prova que, já no século XIII, [*haber de* + infinitivo] é uma construção altamente gramaticalizada é o fato de que, conforme afirma Olbertz (2018), nenhum desses exemplos permite que *haber* seja interpretado como um verbo com significado de posse: no caso do exemplo em (26), o verbo *morir* (*morrer*) é intransitivo e não exige objeto direto sobre o qual a noção de posse de *haber* poderia operar, o que implica que uma leitura de *haber* codificando posse associado a uma oração com sentido de finalidade é inviável, nesse caso. No exemplo em (27), por sua vez, a possibilidade de *haber* incidir sobre um verbo de mesma etimologia confirma que esses verbos não são sinônimos e que o primeiro deles perdeu, a partir de um processo de gramaticalização, suas propriedades típicas de verbo pleno, passando a se comportar como um verbo auxiliar indicador de modalidade.

Conclui-se, portanto, que o verbo *haber* na construção [*haber de* + infinitivo] perdeu, já no século XIII, a propriedade de restringir os infinitivos com os quais um verbo originalmente de posse poderia ocorrer caso se associasse a uma oração com sentido de finalidade. Essa perda de restrições originais de significado indica, segundo afirma Olbertz (2018), um alto grau de gramaticalização do verbo *haber* que integra a construção [*haber de* + infinitivo].

Assim como [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo] atua no domínio de expressão da obrigação muito antes de [*tener que* + infinitivo], uma vez que apresenta, desde o século XIII, valores modais de obrigação. No exemplo em (28), a obrigação de reconhecimento dos pais é imposta sobre um homem qualificado como sábio, alvo da avaliação modal.

- (28) Et dicen que el omne entendido **deve** contar a su padre et a su madre por amigos (extraído de Bauman, 2013, p. 112)
 [“Dizem que o homem sábio deve contar como amigos seu pai e sua mãe”] (tradução minha).

No que diz respeito às frequências de [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo] em sincronias passadas, é consensual entre autores dedicados à análise de perífrases modais do espanhol que essas duas construções triunfaram no domínio de expressão da necessidade e da obrigação do século XIII ao século XIX (LÓPEZ IZQUIERDO, 2008; BAUMAN, 2013; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014). Esse predomínio, afirma Bauman (2013), foi sustentado pela origem e desenvolvimento tardios das concorrentes, principalmente de [*tener que* + infinitivo], construção que se tornaria a rival mais poderosa no espanhol moderno.

A concorrente [*haber que* + infinitivo], por sua vez, é similar a [*tener que* + infinitivo] em termos estruturais. Sua origem está em construções nas quais *haber* codifica o significado original de posse e *que* é um pronome relativo que introduz uma oração relativa não-finita. De acordo com Yllera (1980), os casos de *haber* empregado em construções nas quais seu significado é de posse aparecem a partir do século XIII e associados a verbos no infinitivo que admitem objeto direto. No exemplo (29), a construção [*haber* (objeto) *que* + infinitivo], fonte do processo de gramaticalização, é constituída pelo verbo *haber* com sentido de posse e por um infinitivo que compartilham o mesmo objeto (*agua*):

- (29) el castillo[...] çercolo & combatieronlo tanto fasta que los de dentro non **oujeron** agua **que beuer** (extraído de Olbertz, 2018, p. 8)
 [“Cercaram o castelo e lutaram até que os que estavam dentro não tivessem água para beber”]
 (tradução minha).

Embora *haber* ainda seja, nesses casos, um verbo lexical pleno que codifica o significado de posse, os contextos nos quais ele aparece associado com objetos indefinidos (*mucho* e *tanto*, por exemplo) favorecem uma primeira inferência de necessidade ou de obrigação de realização de uma ação. São esses contextos específicos que impulsionam a mudança semântica e a posterior reanálise de *haber* (que é “rebaixado” da categoria de verbo pleno de posse para verbo auxiliar modal e, dentro de uma construção perifrástica, passa a exercer a função gramatical de indicação de modalidade). O exemplo em (30), do século XIII, mostra como a associação com objetos indefinidos possibilita a inferência de necessidade ou obrigação, uma vez que “ter muita coisa para agradecer” tem o sentido muito próximo a “ter que agradecer muita coisa”:

- (30) En aquestol **avemos** mucho **que agradecer** (extraído de Yllera, 1980, p. 110)
 [“A este respeito temos muito para agradecer”] (tradução minha).

Os contextos nos quais *haber* aparece em orações negativas também favorecem a inferência de necessidade ou obrigação, porque, se o objeto sobre o qual recai o sentido de posse de *haber* e a ação do infinitivo não existe (isto é, é negado), uma leitura facilmente plausível é a de que não há necessidade ou obrigação de realização de determinada ação. Os exemplos em (31) e (32) ilustram como, em casos de contextos com negação, uma leitura modal é facilmente inferida (“não ter nada para duvidar com relação à astrologia” tem sentido

muito próximo a “não precisar/não convir/ não dever duvidar de nada com relação à astrologia” e “não ter (nada) para temer” a “não ter que/ precisar temer nada”):

(31) e mandoles vsar / de su astrologia en – que non **avie que dubdar** (extraído de Yllera, 1980, p. 110)
 [“E mandou-lhes usar sua astrologia, sobre a qual não tinha nada para duvidar”] (tradução minha).

(32) non puede ser que yo non vaya a aquella isla, ca non **has que temer** en ir yo a aquel lugar (extraído de Olbertz, 2018, p. 8)
 [“Não pode ser que eu não vá para aquela ilha, já que você não tem nada a temer quando eu vou para aquele lugar”] (tradução minha).

Em resumo, a perífrase [*haber que* + infinitivo] plenamente consolidada e, portanto, indiscutivelmente indicadora de modalidade, surge de uma construção na qual *haber* é um verbo pleno com significado de posse e *que*, um pronome relativo. Seu aparecimento é impulsionado pelos contextos nos quais a inferência de necessidade ou de obrigação podia ser feita com facilidade, como apontado anteriormente.

Sobre os casos perifrásticos, Yllera (1980) e Olbertz (2018) afirmam que, embora pouco comuns no período medieval, os exemplos não-ambíguos da perífrase [*haber que* + infinitivo] surgem já no século XV. É também nesse período que esses casos começam a assumir uma função impessoal, a qual acabará por limitar a frequência de aparecimento da perífrase, sempre de uso bem restrito, e por aumentar, conseqüentemente, os contextos de ocorrência da análoga [*tener que* + infinitivo]. O exemplo em (33), do século XVI, apresenta o emprego dessa construção para expressão de necessidade modal.

(33) en los bienes eternos **hay que saber** cómo se han de pedir (extraído de Olbertz, 2018, p. 11)
 [“No que diz respeito aos bens eternos, é preciso saber como eles têm de ser pedidos”] (tradução minha).

Numa análise do ponto de vista semântico, “cómo se han de pedir” é evidentemente um argumento do verbo *saber*, em vez de um argumento do verbo *haber* com uso existencial. Além disso, a posição do argumento, posposto ao verbo no infinitivo, dificulta muito a sua interpretação como objeto do verbo *haber*. Esse caso é indiscutivelmente um exemplo perifrástico de [*haber que* + infinitivo] em razão do fato de que a única interpretação possível para essa construção é a de expressão impessoal de necessidade.

Bauman (2013), sobre a origem da perífrase, apresenta um posicionamento distinto ao de Yllera (1980) e afirma ser mais prudente dizer que o sentido modal da construção se baseou na junção de *haber* com o advérbio *y (aí)*, combinação esta que deu origem ao uso do verbo para indicação de existência (*hay*). Para o autor, a perífrase modal com *haber que* surge a partir de contextos ambíguos entre uma leitura existencial e uma leitura modal, como no exemplo (34), do século XVIII.

- (34) Bien sabe Dios que no tengo la culpa...Venga usted aquí. No **hay que temer** (extraído de Bauman, 2013, p. 109)
 [“Bem sabe Deus que eu não tenho culpa. Venha aqui. Você não tem nada a temer/ você não precisa ter medo”] (tradução minha).

Embora aponte uma origem distinta para a perífrase, Bauman (2013) afirma que o desenvolvimento modal da construção se dá da maneira como destacou Yllera (1980). Assim, o exemplo (34) pode ser interpretado de duas formas: ou se pretende negar a existência de algo a ser temido ou se pretende negar a necessidade de se temer algo. Como destacado por Yllera (1980), a negação da existência de um objeto sobre o qual recairia a ação do infinitivo facilita a leitura de necessidade: se “você não tem nada a temer”, “você não precisa ter medo”, portanto. O uso frequente da construção em contextos como esse – que permitem fortes implicações de necessidade – serve como gatilho para a perda de conteúdo semântico de *haber* e sua reanálise como verbo auxiliar integrante da construção perifrástica [*haber que* + infinitivo].

No que diz respeito às construções modais com *tener*, Blas de Arroyo e González Martínez (2014) afirmam que, assim como ocorre no português com [*ter de* + infinitivo] e [*ter que* + infinitivo], surgem entre os séculos XIII e XV as perífrases [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] do espanhol, indicadoras dos valores modais de necessidade e de obrigação. Sua aparição se deve à intromissão gradual do verbo *tener*, a partir do século XIII, nos empregos antes reservados a *haber*, o único verbo utilizado, até então, para a expressão do sentido de posse. Segundo afirma Olbertz (2018), o reflexo dessa intromissão é o estado atual da língua em que *tener* é a única forma lexical para expressão da noção de posse e *haber*, que perdeu seu significado original, atua predominantemente como um auxiliar para a expressão de tempos compostos.

Admitindo-se que as perífrases modais [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] se desenvolvem a partir do verbo pleno *tener* com significado de posse associado a uma oração que indica finalidade, não é surpreendente que o aumento da frequência de ocorrência

de *tener* indicando posse em geral tenha, conseqüentemente, refletido no aumento da frequência desse verbo associado a orações relativas de finalidade. O surgimento das perífrases modais [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] é, portanto, impulsionado pela ocorrência do verbo de posse *tener* em construções relativas, as quais possibilitavam uma inferência de necessidade ou obrigação. Assim, como reflexo da intromissão de *tener* no terreno antes reservado exclusivamente a *haber*, as perífrases com *tener* foram, gradualmente, substituindo as perífrases com *haber*, assumindo, inclusive, os mesmos valores modais.

O que se pode afirmar, portanto, é que a invasão de *tener* no domínio semântico de posse serviu como gatilho para o processo de gramaticalização das construções [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo], que passaram a atuar no domínio da modalidade sem, no entanto, implicar o desaparecimento completo da concorrente mais antiga [*haber de* + infinitivo].²³ Segundo afirmam autores voltados para o estudo do desenvolvimento das perífrases modais espanholas (FERNÁNDEZ DE CASTRO, 1999; BAUMAN, 2013; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018), a construção modal com *haber de*, majoritária para a expressão da necessidade e da obrigação durante boa parte da história do espanhol, sobrevive principalmente em dados escritos do espanhol moderno, embora com frequência muito reduzida se comparada à frequência de [*tener que* + infinitivo], construção que, em função de seu avanço no processo de gramaticalização (e sua conseqüente generalização), triunfa, a partir do século XX, sobre as perífrases concorrentes.

Ainda sobre as construções com *tener*, Yllera (1980) aponta que havia outras formas nas quais *tener* significando posse aparecia associado a orações relativas: [*tener a* + infinitivo] e [*tener* + infinitivo]. Os casos de *tener* com sentido de posse associado à preposição *de* aparecem por volta do século XIII e são as primeiras formas com *tener* documentadas; as outras formas, por serem suplantadas por *tener de*, sempre foram de uso muito pouco frequente. Assim, embora tenham se gramaticalizado e desenvolvido sentidos modais, os usos perifrásticos dessas construções minoritárias ocorrem em número quase insignificante no período medieval, até desaparecem no século XVI. De fato, Keniston (1936, *apud* BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014) só encontra, no século XVI, exemplos perifrásticos de *tener de* e de *tener que*, a primeira delas sendo mais frequente nesse período pelo fato de ser mais antiga no domínio de expressão da modalidade.

²³ A construção modal [*haber que* + infinitivo], pelo fato de se tornar restrita ao uso impessoal e atuar, assim, em um nicho muito específico, deixa de ser uma concorrente completa da perífrase [*tener que* + infinitivo] no domínio da modalidade, segundo afirma Olbertz (2018).

No que diz respeito ao desenvolvimento da competidora [*tener de* + infinitivo], essa perífrase teve sua constituição favorecida, assim como a análoga [*haber de* + infinitivo], pelos contextos nos quais as inferências de necessidade ou de obrigação eram plausíveis. O exemplo em (35) ilustra como a proximidade entre uma leitura e outra favoreceu a mudança semântica e a reanálise de *tener*, servindo, conseqüentemente, como um primeiro impulso para o surgimento da perífrase.

- (35) Mucho mas te diria sy podiese aqui estar, / mas **tengo** por el mundo otros muchos **de pagar** (extraído de Yllera, 1980, p. 111)
 [“Eu te diria muito mais se eu pudesse ficar aqui, mas tenho pelo mundo muitos outros para pagar”] (tradução minha).

Como se pode notar, o contexto no qual *tener* ocorre possibilita que o usuário da língua faça uma inferência de necessidade ou de obrigação que serve como primeiro gatilho para a mudança semântica do sentido de posse de *tener* para seu sentido modal, uma vez que “ter muitos para pagar” é muito aproximado, semanticamente, a “ter de pagar muitos”. Além da proximidade semântica entre o sentido de finalidade e o sentido de necessidade ou de obrigação, favoreceu a constituição da perífrase modal [*tener de* + infinitivo], como no caso de [*haber de* + infinitivo], a utilização da partícula *de*, associada ao infinitivo, indicando finalidade.

Segundo Yllera (1980) e Olbertz (2018), a perífrase modal [*tener de* + infinitivo], a mais antiga das variantes com *tener*, surge no espanhol do século XIII e se consolida timidamente na língua no século XIV, período no qual [*haber de* + infinitivo] ainda é a construção preferida para a expressão dos valores modais de necessidade e de obrigação. Embora pouco frequentes, exemplos do século XIV, como em (36), já apresentam a perífrase modal [*tener de* + infinitivo] plenamente consolidada:

- (36) [...] ca **tenía de morir**²⁴ (extraído de Yllera, 1980, p. 113)
 [“Aqui tinha que morrer”] (tradução minha).

²⁴ Embora o adequado fosse o acesso ao contexto mais amplo em que a construção modal [*tener de* + infinitivo] ocorre, Yllera (1980) ilustra a maioria das primeiras ocorrências atestadas de construções modais medievais com exemplos descontextualizados. No caso particular dessa ocorrência, a ausência de contexto não afeta o reconhecimento de que esse é um exemplo de [*tener de* + infinitivo] indiscutivelmente perifrástico, uma vez que a associação de *tener* a um verbo intransitivo impossibilita que se interprete a construção como constituída por *tener* com sentido de posse associado a uma oração com sentido de finalidade.

Nesse caso, não há dúvida de que [*tener de* + infinitivo] é uma construção perifrástica modal, uma vez que a associação de *tener* a um verbo intransitivo impossibilita a leitura de *tener* como verbo pleno indicador de posse (não há, nesse caso, objeto direto sobre o qual o infinitivo pode realizar a ação que indica). Assim, em analogia com *haber de*, a associação de *tener de* a infinitivos que impossibilitam uma leitura de posse comprova que, por volta do século XIV, o verbo *tener*, nesta construção, passou por um processo de gramaticalização que alterou sua categoria (de verbo pleno a auxiliar) e sua semântica (de indicador de posse a indicador de modalidade).

Apesar de reconhecida a consolidação da perífrase no século XIV, algumas ocorrências de [*tener de* + infinitivo] neste século são ambíguas entre uma leitura léxica de *tener* associado a uma oração com sentido de finalidade e uma leitura modal de *tener* indicador de necessidade ou obrigação. A ocorrência em (37), extraída de *El Poema de Alfonso XI*, é representativa da ambiguidade entre a interpretação do enunciado como constituído por duas orações ou como constituído por uma perífrase modal (e, portanto, uma oração).

- (37) El rey Yuçaf, amigo, / pues que yo pasé la mar / yo convusco e vos comigo / mucho **tenemos de fablar** (extraído de Yllera, 1980, p. 112)
 [“O rei Yuçaf, amigo, pois eu passei o mar, eu com você e você comigo, muito temos para falar um ao outro”] (tradução minha).

Diferentemente do exemplo em (36), a ocorrência de *tener* com verbo infinitivo transitivo possibilita que a construção [*tener de* + infinitivo] conserve resquícios de seu valor de origem, isto é, de seu valor final. Em casos como esse, a persistência de significado da forma-fonte permite que as duas leituras, tanto a léxica quanto a modal, sejam feitas. No exemplo em (37), a construção [*tener de* + infinitivo] ainda não mostra sinais evidentes de gramaticalização porque *tener de* se associa a um verbo transitivo que admite objeto direto, o qual pode ser interpretado como objeto de *tener*.

Assim como ocorre com [*haber que* + infinitivo], o contexto em que *tener* aparece associado a indefinidos é indicador do processo de gramaticalização, conforme afirma Olbertz (2018). Nos termos de Heine (2002), é possível identificar um contexto que permite ambas as leituras como um contexto-ponte ou um contexto de transição. Esse é o caso do exemplo (37), apresentado anteriormente: além da leitura léxica de *tener* (“temos muitas coisas para falar um ao outro”), o contexto também permite a leitura em termos de necessidade (“temos que conversar muito”). Considerando que a gramaticalização opera somente em um contexto

muito local (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), a alteração categorial de *tener* pleno a *tener* auxiliar só ocorre no contexto em que o *tener* léxico com sentido de posse aparece associado a uma oração não-finita com sentido de finalidade: isso quer dizer, em outras palavras, que o primeiro impulso para as mudanças categorial e semântica de *tener*, e para a constituição da perífrase, portanto, são as inferências permitidas somente por contextos nos quais uma primeira indicação de leitura modal se faz possível.

Com relação à frequência de ocorrência, a perífrase [*tener de* + infinitivo] indicadora de necessidade ou obrigação experimenta um aumento a partir do fim do século XV, tornando-se bastante usual na época clássica (séculos XVI e XVII). No século XVIII, no entanto, a variante *tener que* se torna mais frequente para expressão de necessidade e obrigação do que *tener de*, que retrocede a partir desse século para sobreviver, na atualidade, somente em alguns usos dialetais. Segundo afirmam Blas de Arroyo e González Martínez (2014), nos usos modernos, *tener de* só não é considerado antiquado quando a perífrase aparece conjugada na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*tengo de*), muito provavelmente em razão da alta frequência de uso e especialização nessa pessoa gramatical.

Sobre a construção com *tener que*, considerando que [*haber que* + infinitivo] se tornou impessoal, a forma alternativa [*tener que* + infinitivo] se distingue das demais construções perifrásticas pessoais no sentido de que se trata da única forma na qual o nexos entre o auxiliar e o verbo principal se realiza por meios não preposicionais (OLBERTZ, 1998; POUNTAIN, 2001). Embora os casos de *tener* significando posse e associado à construção relativa sejam posteriores aos casos de *haber* empregado para a mesma função, o processo de desenvolvimento da perífrase modal [*tener que* + infinitivo] se dá em analogia ao de desenvolvimento de [*haber que* + infinitivo]. Segundo apontam autores que descrevem a constituição das perífrases modais do espanhol (YLLERA, 1980; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018), as primeiras ocorrências de *tener* com sentido de posse associado à construção relativa introduzida por *que* aparecem já no século XIII e são frequentes no século XIV. Os exemplos em (38) e (39), do século XIII, ilustram o uso de *tener* associado à construção relativa com antecedente explícito (cf. (38)) ou implícito (cf. (39)).

(38) nin **tenemos** pan **que comer** nin otra cosa ninguna (extraído de Olbertz, 2018, p. 7)
[“Não temos pão para comer, nem qualquer outra coisa”] (tradução minha).

(39) pidiol mercet quel diesse alguna ayuda. E sant paulino non **touo que dalle** (extraído de Olbertz, 2018, p. 7)

[“Ele pediu gentilmente para que lhe desse alguma ajuda. E São Paulo não tinha (nada) para lhe dar”] (tradução minha).

Em ambos os casos, *tener* é um verbo pleno com sentido de posse e *que* é um pronome relativo que retoma ou o objeto explícito *pan* (cf. (38)) ou o objeto implícito *nada* (cf. (39)). Isso quer dizer que o antecedente (implícito ou explícito) da construção relativa é tanto objeto do verbo *tener* quanto objeto do verbo no infinitivo. Em suma, no emprego original de *tener* associado a uma construção relativa, uma característica da construção [*tener* (objeto) *que* + infinitivo] é a de que o segundo argumento do verbo *tener* com sentido de posse é também o segundo argumento do verbo no infinitivo.

No que diz respeito aos estágios intermediários de desenvolvimento da perífrase [*tener que* + infinitivo], é importante notar que, assim como ocorre no desenvolvimento de [*haber que* + infinitivo], existem contextos específicos que impulsionam os processos de mudança categorial e semântica do verbo *tener* e que, conseqüentemente, favorecem a constituição da construção [*tener que* + infinitivo], indicadora de modalidade. O exemplo em (40) representa um contexto de ambigüidade entre uma leitura de posse e uma leitura modal que, segundo afirmam Bauman (2013) e Olbertz (2018), serve como impulso ao processo de gramaticalização.

- (40) mucho **tengo que** vos **gradescer** por el bien que de vos me viene (extraído de Olbertz, 2018, p. 9)
 [“Tenho muito a agradecer a vocês pelo bem que me fazem”] (tradução minha).

Olbertz (2018) afirma que uma ocorrência como essa difere dos casos de *tener* empregado com sentido de posse numa construção do tipo [*tener* (objeto) *que* + infinitivo] pelo fato de que a associação a objetos indefinidos em posição marcada impulsiona a interpretação da construção em termos modais. Nesses casos, como o objeto é anteposto à construção [*tener que* + infinitivo], a leitura de *tener* como expressando posse se enfraquece e abre caminho a uma leitura de necessidade ou obrigação.

Conforme afirma Yllera (1980), diferentemente da variante [*tener de* + infinitivo] que já apresenta valores modais no século XIII, as primeiras ocorrências perifrásticas de [*tener que* + infinitivo] começam a aparecer somente na segunda metade do século XIV (1350, aproximadamente), sendo pouco frequentes até o século XVI.²⁵ Embora incomuns nesse

²⁵ Embora os autores preocupados com o estudo das construções perifrásticas tenham situado o aumento da frequência de ocorrência de *tener que* perifrástico a partir do século XVII, a análise de nossos dados mostra que a perífrase cresce significativamente em termos de frequência já na passagem do século XV ao XVI.

período, alguns casos do século XV começam a apresentar um uso indiscutivelmente perifrástico de [*tener que* + infinitivo], como ilustrado no exemplo em (41).

(41) Lo que **tiene que ser**, e lo que agora es ya pasó (extraído de Yllera, 1980, p. 117)
 [“O que tem que ser, e o que agora é já passou”] (tradução minha).

Nesse caso, a impossibilidade de que o verbo no infinitivo admita um objeto direto impede a interpretação de *tener* como verbo pleno significando posse. Dessa forma, *tener* só pode ser interpretado como verbo auxiliar integrante de uma construção perifrástica modal. Bauman (2013) e Olbertz (2018) afirmam que casos como esse são excepcionais no estágio inicial de desenvolvimento da perífrase, uma vez que até o século XVIII as ocorrências mais comuns da construção modal [*tener que* + infinitivo] são constituídas por *tener* associado a um verbo transitivo, o que abre a possibilidade de que seja feita uma leitura (ainda que fraca) de *tener* como expressão de posse.

A partir do século XVIII, no entanto, a construção [*tener que* + infinitivo] se estabelece firmemente como perífrase codificadora da noção de necessidade e de obrigação, porque o verbo *tener*, que constitui a construção, perde gradualmente suas restrições de seleção originais e passa a se associar, com uma frequência cada vez maior, a verbos intransitivos e a tipos de sujeito que não mais possibilitam uma leitura de *tener* com sentido de posse. Apesar do aumento da produtividade, a construção [*tener que* + infinitivo] ainda não atinge, neste século, uma frequência alta o suficiente para competir com as formas variantes mais antigas e, naturalmente, mais comumente utilizadas para expressão das noções de necessidade e obrigação.

Bauman (2013) afirma, a partir dos resultados de seu trabalho, que a perífrase [*tener que* + infinitivo] aumenta significativamente em termos de frequência somente no século XIX, período no qual invade definitivamente o domínio modal de expressão da necessidade e da obrigação e começa a concorrer com as formas mais antigas de maneira mais combativa.

De fato, ao verificar a distribuição dessa perífrase ao longo dos séculos, Bauman (2013) confirma, com base na análise de textos escritos do espanhol peninsular do século XII ao XIX, que a construção mais jovem no paradigma de perífrases modais do espanhol, quando vista em comparação com as formas [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo], compõe 22% dos dados do século XIX (em comparação com apenas 8% dos dados no século XVIII).

É natural que esse aumento da frequência de *tener que* tenha sua parcela de influência na diminuição da frequência de *haber de*, construção que triunfou sobre as demais perífrases durante muitos séculos. Segundo afirma Bauman (2013) com base em seus dados, [*haber de* + infinitivo], que representava 60% das ocorrências no século XVIII, passou a representar apenas 29% das ocorrências no século XIX, tornando-se quase tão frequente quanto [*tener que* + infinitivo].

Esse crescimento atestado da frequência de [*tener que* + infinitivo] é reflexo do desenvolvimento de seu processo de gramaticalização, o qual envolve a abstratização (ou perda de conteúdo semântico concreto) de *tener* e a conseqüente generalização da construção constituída por esse verbo. O exemplo em (42), do século XIX, representa a perífrase [*tener que* + infinitivo] plenamente gramaticalizada e, portanto, livre de restrições de significado originais de *tener*.

- (42) Así, para romper la tierra virgen, para arrancar la raíz de las silvestres flores, **tiene que ser** muy profundo el sulco [sic] del arado (extraído de Olbertz, 2018, p. 13)
 [“Portanto, para romper a terra virgem, para extrair as raízes das flores silvestres, o sulco do arado tem que ser muito profundo”] (tradução minha).

A construção em (42), além de constituída pelo verbo cópula *ser*, tem como sujeito uma entidade inanimada [*el sulco del arado*], que não pode ser interpretada como um sujeito possuidor. A impossibilidade de interpretação do conjunto [*tener que* + infinitivo] como significando posse de algo sobre o qual se tem uma intenção leva à conclusão de que o que era antes uma inferência de necessidade ou de obrigação se tornou um significado inerente e convencionalizado da construção. Um exemplo como esse comprova que, no século XIX, [*tener que* + infinitivo] se gramaticalizou a ponto de se estabelecer firmemente como construção perifrástica modal. Em (42), a perda de conteúdo semântico do verbo *tener* na perífrase [*tener que* + infinitivo] impulsionou a generalização e o aumento de produtividade da construção modal, que passou a se associar a infinitivos e a sujeitos aos quais não poderia se associar no início de seu processo de gramaticalização. Entende-se, portanto, que embora os exemplos perifrásticos de [*tener que* + infinitivo] apareçam já no século XIV, o desenvolvimento da gramaticalização dessa perífrase e sua conseqüente generalização a um número cada vez maior de contextos explicam porque essa construção, que já vinha progredindo a partir do século XVI, cresce significativamente em termos de frequência no século XIX para, no século XX, triunfar sobre as concorrentes no domínio funcional da

modalidade, chegando a se tornar a expressão gramatical de necessidade e de obrigação mais popular do espanhol moderno.

Outro fator também relacionado à generalização da perífrase e destacado por Olbertz (2018) como responsável por alavancar o aumento da frequência de [*tener que* + infinitivo] foi a mudança funcional da construção com *haber que*: como [*haber que* + infinitivo] se tornou, a partir do século XV, restrita ao uso impessoal, [*tener que* + infinitivo] passou a ser usada em contextos de necessidade e de obrigação pessoais nos quais a construção *haber que* não poderia mais ser usada.

Na sua análise de dados do século XX, Bauman (2013) confirma o triunfo da perífrase [*tener que* + infinitivo] no domínio de expressão da necessidade e da obrigação. Conforme afirma o autor, em comparação com a distribuição das demais variantes perifrásticas, os casos de [*tener que* + infinitivo] no século XX representam mais da metade dos dados deste século (53% das ocorrências), o que a torna a mais frequente construção perifrástica para expressão de necessidade e de obrigação do espanhol moderno.

Como se pode notar, a destacada popularidade da construção modal [*tener que* + infinitivo] a partir do século XX é uma evidência de que essa perífrase se gramaticalizou plenamente como expressão modal de necessidade e de obrigação, o que a permitiu substituir formas mais antigas que, embora consideradas variantes no domínio modal, se tornaram bastante restritas – como no caso de *haber que* – ou perderam em expressividade em função do desgaste pelo uso. De fato, López Izquierdo (2008), ao realizar uma comparação da frequência das perífrases modais [*haber de* + infinitivo], [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] extraídas do *Corpus del Español* (DAVIES, 2002) dos séculos XIII ao XX, confirma a produção de uma verdadeira renovação na esfera da variação entre as formas concorrentes para expressão modal de necessidade e de obrigação.

Como destacado anteriormente, a construção [*haber de* + infinitivo] é a perífrase mais frequente para a expressão da modalidade no século XIII, e continua, até o século XIX, triunfando sobre as variantes com *tener*, o que é perfeitamente natural se se reconhece que [*haber de* + infinitivo] é a forma perifrástica mais antiga para codificação dos valores de necessidade e de obrigação.

Embora seja fato a proeminência da construção modal [*haber de* + infinitivo] durante vários séculos do espanhol, a construção alternativa [*tener que* + infinitivo] aumenta progressivamente sua frequência de ocorrência a partir do século XVIII para, no século XX, tornar-se muito mais frequente do que as antigas [*haber de* + infinitivo] e [*tener de* + infinitivo], formas que quase desapareceram do espanhol moderno.

Segundo afirma Bauman (2013), embora a trajetória ascendente de [*tener que* + infinitivo] confirme o caráter gradual da mudança em gramaticalização, a revolução operada no sistema de perífrases modais obrigativas do espanhol não se deu de forma constante, uma vez que [*tener que* + infinitivo] só se tornou mais frequente do que a forma [*haber de* + infinitivo] no século XX. De fato, nos dados de Bauman (2013), a perífrase mais antiga [*haber de* + infinitivo] passou de 60% das ocorrências totais no século XVIII para o número quase insignificante de 3% das ocorrências no século XX. A forma inovadora [*tener que* + infinitivo], por sua vez, conquistou definitivamente o terreno das perífrases modais obrigativas do espanhol, passando de 8% dos dados no século XVIII para 53% dos dados no século XX.

Ao analisarem as perífrases [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo], Blas de Arroyo e González Martínez (2014) comparam as frequências dessas construções nos séculos XVI e XVII com as frequências das concorrentes [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo]. Os resultados reforçam as afirmações de López Izquierdo (2008) e confirmam que [*haber de* + infinitivo] ainda é, no período clássico (séculos XVI e XVII), a forma predominante para a expressão dos valores modais de necessidade e de obrigação, seguida por [*deber (de)* + infinitivo] e, em número minoritário, pelas perífrases com *tener*, principalmente [*tener que* + infinitivo] que é ainda menos frequente do que [*tener de* + infinitivo].

Considerando que a variante *tener de* expressa valores modais desde o século XIII, enquanto a variante *tener que* começa a atuar no domínio da modalidade somente a partir do final do século XIV, não é surpreendente que, dentre as duas formas, *tener de* seja a mais frequente nos séculos XVI e XVII. No entanto, nos dados analisados por Blas de Arroyo e González Martínez (2014), ao longo desses dois séculos [*tener que* + infinitivo] aumenta significativamente em termos de frequência e se torna, no século XVIII, mais frequente do que [*tener de* + infinitivo]. Embora o objetivo específico dos autores não seja o de verificar, por meio da comparação da frequência das variantes modais, o avanço da gramaticalização de [*tener que* + infinitivo], a mudança linguística destacada por eles confirma o aumento da frequência de ocorrência de *tener que* a partir do século XVIII e antecipa o quadro a ser encontrado no século XX: *tener que* se gramaticalizou (e se generalizou) a tal ponto que, nos dados do espanhol moderno, tornou-se muito mais frequente do que [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo], perífrases muito recorrentes no espanhol antigo e plenamente gramaticalizadas como formas de expressão de significados modais desde o século XIII.

Baseados em epístolas, textos escritos que se aproximam à oralidade, Blas de Arroyo e González Martínez (2014) realizam uma pesquisa variacionista a fim de analisar a alternância

entre as variantes modais [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] nos séculos XVI e XVII. Conforme destacam os autores, uma pesquisa dessa natureza é impulsionada pelo reconhecimento de que a maioria dos trabalhos sobre as perífrases espanholas, incluindo a minuciosa descrição realizada por Yllera (1980), trata da variação entre as construções modais somente na esfera da modalidade, não considerando a existência de fatores de natureza linguística ou extralinguística que influenciam na escolha de uma ou outra variante.

Reconhecendo que as formas modais *tener de* e *tener que* são, dada a possibilidade de aparecimento nos mesmos contextos, variantes semanticamente equivalentes, Blas de Arroyo e González Martínez (2014) analisam como se dá a variação entre essas perífrases, a qual, longe de ser um caso de variação livre, é condicionada por fatores de ordem linguística, estilística e social.

Os resultados da pesquisa empreendida pelos autores atestam que, ao longo dos séculos XVI e XVII, as perífrases [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] expressam somente valores modais de necessidade e de obrigação. Embora os estudiosos concordem que há uma tendência, na gramaticalização, de desenvolvimento de significados epistêmicos a partir de significados não-epistêmicos (TRAUGOTT, 1989; LANGACKER, 1990; TRAUGOTT; DASHER, 2002), a datação dos usos epistêmicos de [*tener que* + infinitivo] não é consensual entre os autores.

Muito provavelmente em função de pesquisas em *corpora* de naturezas distintas, López Izquierdo (2008) afirma que tais valores começam a se estender a partir do final do século XVIII, Bauman (2013) situa seu aparecimento no século XIX e Olbertz (2018), por sua vez, documenta exemplos somente no século XX. Nos nossos dados, por sua vez, os significados epistêmicos já se mostram presentes a partir do século XV, embora em frequência muito reduzida (1 caso não-ambíguo de epistêmico para 31 casos não-ambíguos de não-epistêmicos).

No que diz respeito aos valores modais expressos pelas variantes com *tener* nos séculos XVI e XVII, Blas de Arroyo e González Martínez (2014) apontam que um dos fatores de natureza linguística que revelam preferências na escolha entre *tener de* e *tener que* são os **matizes modais** abarcados pelos valores mais gerais de necessidade e de obrigação. Não deixando de reconhecer que a tarefa de precisar os matizes modais é complicada e carregada de subjetivismo (YLLERA, 1980; OLBERTZ, 1998; LÓPEZ IZQUIERDO, 2008), Blas de Arroyo e González Martínez (2014) reúnem os valores de necessidade e de obrigação em um

mesmo rótulo (o da modalidade deôntica) e apresentam uma classificação minuciosa dos diferentes matizes modais expressos por [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo].²⁶

Os resultados mostram que as variantes [*tener de* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo], embora apareçam nos mesmos contextos, associam-se preferencialmente a um ou outro dentre dois matizes deônticos específicos. Assim, segundo os autores, as obrigações e necessidades baseadas em convicções e princípios internos do sujeito²⁷ ocorrem com preferência associadas à perífrase [*tener de* + infinitivo] e menos frequentemente associadas à perífrase [*tener que* + infinitivo]. O exemplo em (43) ilustra um caso da variante [*tener de* + infinitivo] associada à expressão desse matiz modal.

- (43) ...y tambien mirad que, avnque este no aya, no **tengo de consentir** cosa mal hecha...
(extraído de Blas de Arroyo e González Martínez, 2014, p. 256)
[“Percebam que eu não tenho de consentir com coisa errada”] (tradução minha).

A construção [*tener que* + infinitivo], por sua vez, é preferida nos contextos nos quais não há imposição de ordem, mas recomendação do que se considera o mais adequado a se fazer em determinada situação. Trata-se, segundo os autores, de um matiz menos imperativo da modalidade deôntica. O exemplo em (44) é representativo desse matiz modal e ilustra um caso em que o marido recomenda à mulher o que convém que ela faça quando embarcar para a América.

- (44) ...no **tiene que procurar** si no es dos barriles de biscocho no **tiene que gastar** otra cosa y el muchacho lo trayga consigo (extraído de Blas de Arroyo e González Martínez, 2014, p. 257)
[“Você não tem que procurar além de dois barris de biscoito, não tem que gastar outra coisa. E o menino, traga ele com você”] (tradução minha).

Segundo afirmam Blas de Arroyo e González Martínez (2014), embora o matiz modal de necessidade menos exigente seja um terreno favorecedor do aumento da ocorrência de [*tener que* + infinitivo], os demais matizes modais apresentados pelos autores continuam favorecendo a ocorrência de [*tener de* + infinitivo] e fazendo com que essa perífrase se mantenha como a mais frequente nos séculos XVI e XVII para a expressão da modalidade.

²⁶ Para uma classificação mais detalhada dos matizes modais deônticos propostos pelos autores, ver Blas de Arroyo e González Martínez (2014).

²⁷ Destacamos que os critérios de classificação da modalidade adotados pelos autores são distintos, pois o matiz modal que expressa deveres ou necessidades baseados em convicções internas do participante, de tal forma que a necessidade de cumprimento da ação tem origem em um impulso interno do sujeito, assemelha-se ao que Olbertz (1998) e Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) classificam como sendo a modalidade inerente orientada para o participante.

Outro fator linguístico que condiciona a preferência por uma ou outra perífrase diz respeito à **categoria semântica do verbo principal** ao qual *tener de* e *tener que* se associam. Segundo destacam Blas de Arroyo e González Martínez (2014), os verbos de língua (ou *dicendi*) favorecem fortemente a seleção de *tener que*, enquanto os verbos de movimento favorecem a seleção de *tener de*. No entanto, *tener de* aparece quase que de forma unânime associada aos verbos estativos, o que mantém, no período clássico, o triunfo dessa construção perifrástica.

O **tempo verbal** de *tener de* e *tener que* é outro fator linguístico que influencia a variação entre essas formas. Conforme afirmam Blas de Arroyo e González Martínez (2014), com exceção do pretérito imperfeito, que equilibra a alternância entre as variantes, *tener que* ocorre associada quase que integralmente a formas de conjugação diferentes do presente do indicativo, tempo este que aparece predominantemente associado a *tener de*. Considerando que o presente do indicativo é o paradigma verbal mais frequente nos dados analisados pelos autores, não é difícil compreender a razão para, nesse período, [*tener de* + infinitivo] dominar sobre [*tener que* + infinitivo], variante esta que ainda tem pouca representatividade no período clássico (séculos XVI e XVII).

No que diz respeito à **pessoa gramatical** do discurso, os autores afirmam que, nos dados analisados, a primeira pessoa do singular associa-se à variante *tener de*, na maioria dos casos, enquanto as demais pessoas aparecem predominantemente associadas a *tener que*. Como muitos textos analisados por Blas de Arroyo e González Martínez (2014) são de caráter autobiográfico, *tener de* aparece com muito mais frequência do que *tener que*.

A **modalidade oracional** aparece, por fim, como o último fator linguístico relevante na seleção de uma das perífrases com *tener*. Os dados analisados pelos autores mostram que os contextos de modalidade oracional negativa favorecem a ocorrência da inovadora *tener que*, enquanto os contextos de modalidade oracional afirmativa a desfavorecem.²⁸ Segundo afirmam Blas de Arroyo e González Martínez (2014), uma vez que os resultados da análise desse fator revelam o predomínio, em termos quantitativos, de frases afirmativas, mais uma vez a conservadora *tener de* triunfa sobre a inovadora *tener que*.

Em resumo, [*tener que* + infinitivo] tem sua ocorrência favorecida, no período clássico, somente em contextos linguísticos muito restritos se comparada à perífrase [*tener de* + infinitivo], variante que, por ser mais generalizada, ainda predomina, nos séculos XVI e XVII, sobre sua concorrente.

²⁸ A respeito da relação entre modalidade e polaridade, ver Neves (2006).

Reconhecendo a importância dos elementos linguísticos contextuais que se associam à perífrase, Blas de Arroyo e González Martínez (2014) afirmam que, embora fatores de natureza social e estilística tenham sido analisados, os parâmetros linguísticos são os mais relevantes para a explicação da variação entre as duas perífrases com *tener* no período clássico. Dessa forma, longe de uma análise voltada somente para a investigação da frequência de uso de cada uma das perífrases ao longo dos séculos XVI e XVII, os autores consideram importante ressaltar que o avanço na frequência de [*tener que* + infinitivo] não se dá livremente, mas relaciona-se a uma série de fatores que condicionam o seu aparecimento.

É por isso que Blas de Arroyo e González Martínez (2014) apresentam resultados que revelam mudanças nos padrões de variabilidade (os inibidores ou favorecedores da ocorrência de *tener que*) na passagem de um século a outro do período clássico: embora [*tener que* + infinitivo] seja menos frequente do que [*tener de* + infinitivo] a essa época, a forma inovadora evolui gradualmente em termos de frequência em quatro dos contextos linguísticos inicialmente inibidores do seu aparecimento (presente do indicativo, orações afirmativas, primeira pessoa gramatical e verbos estativos). É essa generalização gradual de *tener que* a contextos nos quais sua ocorrência era antes inibida que explica porque essa construção, no século XVIII, destrona a variante com *tener*, mais antiga e mais frequente até o período clássico.

De maneira similar a Blas de Arroyo e González Martínez (2014), Bauman (2013) analisa, sob perspectiva variacionista, o impacto exercido por fatores dessa natureza no uso de [*tener que* + infinitivo] nos séculos XIX e XX, período no qual a construção cresce significativamente em termos de frequência.

Assim como Blas de Arroyo e González Martínez (2014), Bauman (2013) destaca que um fator linguístico extremamente influente na escolha de [*tener que* + infinitivo] frente a [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo] é a **modalidade da oração** na qual a perífrase ocorre. Contudo, diferentemente de Blas de Arroyo e González Martínez (2014), Bauman (2013) afirma que os contextos de negação são desfavorecedores do aumento da frequência de uso de [*tener que* + infinitivo].

A hipótese de Bauman (2013) é baseada em trabalhos de autores que, a partir da consideração de que o enunciado negativo é contrário à pressuposição por parte do ouvinte de que a ação é afirmativa (GIVÓN, 1978; HOPPER; THOMPSON, 1980), assumem que os contextos de negação introduzem informações de *fundo*. Pelo fato de que tais contextos introduzem informações menos salientes comunicativamente, não requerem uma mudança diacrônica que lhes dê um impulso expressivo. Seguindo essa lógica, a negação produz um

conservadorismo sintático e desfavorece a ocorrência de [*tener que* + infinitivo], construção inovadora cuja introdução no sistema visa resgatar a expressividade perdida por variantes mais antigas e, portanto, desgastadas pelo uso.

Os resultados da análise empreendida por Bauman (2013) confirmam que, nos seus dados, os contextos de negação favorecem a ocorrência das formas mais antigas no sistema, e desfavorecem, portanto, o aparecimento de [*tener que* + infinitivo]: os casos nos quais [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo] aparecem em enunciados negativos se mostraram mais frequentes do que os casos de [*tener que* + infinitivo] que aparecem nestes contextos. A partir dos resultados da análise para os séculos XIX e XX, Bauman (2013) confirma que os contextos de enunciados afirmativos e interrogativos condicionam o aumento da frequência de uso de [*tener que* + infinitivo], forma perifrástica mais nova e mais expressiva no domínio de expressão da necessidade e da obrigação.

Conforme afirma Bauman (2013), o fator linguístico que envolve as noções de **tempo/aspecto** e **relevo discursivo** também é relevante para o condicionamento da ocorrência de [*tener que* + infinitivo] e, conseqüentemente, para o aumento de sua frequência em comparação às demais construções modais. Considerando que, em várias línguas, a categoria gramatical de aspecto reflete as noções discursivas de *figura* e *fundo*, Hopper e Thompson (1980) afirmam que os eventos em primeiro plano têm afinidade com o aspecto perfectivo e os eventos de *fundo* têm afinidade com o aspecto imperfectivo. Isso quer dizer que o aspecto tem como uma de suas funções a de distinguir o que é mais saliente em termos comunicativos (informações de primeiro plano) do que é menos saliente em termos comunicativos (informações de *fundo*).

A análise da variação entre [*haber de* + infinitivo], [*deber (de)* + infinitivo], [*haber que* + infinitivo] e [*tener que* + infinitivo] nos séculos XIX e XX mostra que os casos da perífrase *tener que* associada ao aspecto perfectivo são muito mais frequentes do que os casos das demais perífrases associadas a esse aspecto. Esse resultado indica que os contextos de primeiro plano, comumente associados a predicados télicos, favorecem, de fato, a escolha de [*tener que* + infinitivo] sobre as variantes mais antigas e impulsionam o aumento de sua frequência em dados do espanhol.

Com relação à **pessoa gramatical** do discurso, outro fator também analisado por Bauman (2013), o autor afirma que a primeira pessoa gramatical do sujeito da perífrase é importante fator favorecedor do aumento da frequência de [*tener que* + infinitivo]. O autor baseia sua hipótese em estudiosos que, assumindo a concepção de que o aumento de subjetividade se relaciona ao avanço do processo de gramaticalização, afirmam que os

significados das construções modais em processo de mudança se tornam cada vez mais focados no mundo interno dos estados de crença e de conhecimento do falante (TRAUGOTT, 1989).

Reconhecendo que [*tener que* + infinitivo] é uma construção que, diferentemente das variantes mais antigas, ainda caminha para se estabelecer consistentemente como forma de expressão de significados mais subjetivos, Bauman (2013), com base em autores que relacionam o aumento da subjetividade à ocorrência da primeira pessoa (AARON; TORRES CACOULLOS, 2005), defende a ideia de que essa é a pessoa gramatical responsável por favorecer o aparecimento de [*tener que* + infinitivo].

Os resultados da análise para este fator revelam que, nos dados de Bauman (2013), [*tener que* + infinitivo] aparece, principalmente no século XX, associada a sujeitos de primeira pessoa em um número bastante elevado se comparado ao número de casos de *haber de* e *deber (de)* associadas a essa mesma pessoa gramatical. Um resultado como esse confirma a hipótese, apresentada por Bauman (2013), de que a primeira pessoa favorece o aumento da frequência da forma mais nova e, conseqüentemente, impulsiona seu desenvolvimento em direção a um grau mais elevado de subjetividade.

Ao comparar dados de língua falada com dados de língua escrita do século XX, Bauman (2013) observa que a **modalidade de língua** é o único fator extralinguístico condicionador do aumento da frequência de [*tener que* + infinitivo] sobre as demais construções perifrásticas. O levantamento das frequências das quatro perífrases analisadas revela que [*tener que* + infinitivo] e [*haber que* + infinitivo] são mais frequentes na modalidade falada, enquanto [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo] aparecem mais comumente associadas a dados da modalidade escrita. Considerando-se que a escrita é mais conservadora e a fala é mais inovadora, não é surpreendente que os dados da modalidade falada favoreçam o emprego de *tener que* e *haber que*, construções mais novas no paradigma das perífrases modais de necessidade e obrigação.

Como se pode notar, o aumento na frequência de ocorrência da perífrase [*tener que* + infinitivo] ao longo dos séculos, assim como seu triunfo sobre as concorrentes no século XX, são tomados como evidências do avanço da gramaticalização da construção e de seu firme estabelecimento no domínio de expressão modal da necessidade e da obrigação. No entanto, isso não quer dizer que, já no século XX, a perífrase tenha completado seu processo de gramaticalização. Na realidade, [*tener que* + infinitivo] continua desenvolvendo novos significados (mais abstratos e subjetivos) e se estabelece, como fizeram as antigas *haber de* e *deber (de)*, como forma de expressão de significados epistêmicos.

Assim, por se reconhecer que a aquisição dos significados de necessidade e de obrigação não representa o estágio mais avançado de gramaticalização de [*tener que* + infinitivo], **o objetivo central do presente trabalho** é o de investigar, a partir da análise de elementos contextuais aos quais a construção se associa ao longo dos séculos, o processo de abstratização da perífrase num *cline* de desenvolvimento de significados modais mais concretos (não-epistêmicos) para significados modais mais abstratos (epistêmicos).

Em resumo, destacamos, ao final deste capítulo, que o avanço da gramaticalização de [*tener que* + infinitivo] no domínio da modalidade é tanto causa quanto consequência do aumento de sua frequência ao longo dos séculos. Ao longo do processo de gramaticalização da construção [*tener que* + infinitivo], o verbo *tener* perdeu conteúdo semântico e deixou de restringir infinitivos e sujeitos aos quais a perífrase poderia se associar. O resultado foi a generalização da construção, que passou a ocorrer em um número cada vez maior de contextos e que teve, conseqüentemente, sua frequência aumentada.

Naturalmente, o crescimento do emprego da perífrase [*tener que* + infinitivo] refletiu na diminuição da ocorrência das variantes que a antecederam: nos dados de Bauman (2013), [*haber de* + infinitivo] e [*deber (de)* + infinitivo] são as construções mais frequentes para a expressão da necessidade e da obrigação dos séculos XIII ao século XIX. No entanto, entre os séculos XVIII e XX, [*tener que* + infinitivo] aumenta rapidamente sua frequência de ocorrência e se torna a construção codificadora dos valores modais de necessidade e de obrigação mais usual no espanhol moderno, substituindo formas mais antigas que já haviam perdido muito em termos de expressividade.

Embora, conforme afirmam Bauman (2013) e Blas de Arroyo e González Martínez (2014), [*tener que* + infinitivo] tenha se consolidado no domínio modal e se tornado significativamente frequente no século XIX, os autores reforçam, a partir de pesquisas de natureza variacionista, a influência de diversos fatores de ordem linguística no condicionamento da ocorrência de *tener que* e, conseqüentemente, no aumento ainda mais intenso da frequência dessa perífrase frente às demais construções modais. Dessa forma, segundo destacam os autores, para que [*tener que* + infinitivo] viesse a ocupar o *status* de perífrase modal de necessidade e de obrigação mais popular a partir do século XX, tiveram papéis essenciais no seu desenvolvimento tanto mecanismos de mudança semântica atuantes na gramaticalização de [*tener que* + infinitivo] quanto fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por favorecer o uso da variante mais nova e mais expressiva.

Os resultados aqui descritos, além de contribuírem com o entendimento da constituição histórica da perífrase [*tener que* + infinitivo], contribuem também com a

elaboração dos procedimentos metodológicos que embasam a presente pesquisa, os quais são descritos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

MATERIAIS E MÉTODOS

Resumo

O funcionalismo é o aparato teórico que sustenta a análise dos valores modais possíveis de serem expressos por [*tener que* + infinitivo]. Numa abordagem funcionalista da linguagem, Dik (1997) conceitua a língua como um instrumento de interação social entre seres humanos, usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas. Dentro do paradigma funcional de análise linguística, a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa, estruturada em torno de regras sociais, normas ou convenções. A relação, dentro dessa perspectiva, entre os diferentes componentes de organização linguística é concebida de modo que a pragmática tem primazia sobre a semântica e esta sobre a sintaxe. Sob tais premissas, a língua deve sempre ser investigada a partir de seu uso efetivo em contextos reais de produção, o que torna obrigatória a análise de qualquer fenômeno linguístico com base nas relações contraídas no discurso.

Coerentes com tais premissas, apresentamos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos empregados para a análise do comportamento da perífrase [*tener que* + infinitivo] no espanhol peninsular. O presente capítulo organiza-se como se segue: a seção 3.1 é dedicada à apresentação de informações e características relacionadas aos *corpora* investigados, a seção 3.2, aos procedimentos utilizados para a coleta dos dados de [*tener que* + infinitivo] e a seção 3.3, à descrição dos parâmetros contextuais que se associam a [*tener que* + infinitivo] e que são impulsionadores/favorecedores de uma leitura modal ou outra.

3.1 A natureza do universo de pesquisa

Considerando a necessidade de que a língua seja analisada em situações efetivas de uso, utilizamos, para o levantamento dos dados nas sincronias dos séculos XX e XXI, um conjunto de amostras de língua falada do espanhol peninsular pertencente ao Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*).²⁹ Esse projeto, que tem como coordenador o professor Francisco Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares (Espanha), foi criado por uma Comissão de Sociolinguística constituída por estudiosos da língua espanhola, tanto da Espanha quanto da América Latina, e tem por objetivo central a elaboração de *corpora* sincrônicos de língua

²⁹ O cópuz PRESEEA encontra-se disponível em <http://www.linguas.net/preseea>.

falada que represente o mundo hispânico em sua variedade geográfica e social e que possibilite, dentre outros fatores, (i) o conhecimento das principais linhas de evolução da língua espanhola em qualquer um de seus níveis; (ii) a análise do desenvolvimento da variação geolinguística e sociolinguística no conjunto do domínio da língua espanhola; (iii) a aplicação de teorias de variação e mudança linguística e (iv) a disseminação de pesquisas e informações a respeito do espanhol. O material proveniente desse projeto, em resumo, atende à diversidade sociolinguística das comunidades dos falantes de espanhol.

No que diz respeito ao modo de organização dos *corpora*, as amostras de fala estão agrupadas segundo três variáveis sociais: *sexo, idade e nível de escolaridade* dos informantes. Com relação à idade, os entrevistados são classificados em três gerações: de 20 a 34 anos; de 35 a 54 anos e de 55 anos em diante. Com relação ao nível de escolaridade, os informantes das diversas cidades espanholas e hispano-americanas são agrupados segundo os níveis de instrução primária, secundária e superior.

Os dados da produção linguística dos entrevistados foram obtidos por meio de conversações semidirigidas que estimulam o aparecimento de diferentes tipos discursivos, como o narrativo, o descritivo, o argumentativo, o expositivo e o dialogal.

Pelo fato de ser um projeto amplo, a organização das amostras do PRESEEA não está concluída para todas as cidades integrantes. Assim, selecionamos, para análise, entrevistas das cidades espanholas de Alcalá de Henares e de Granada, em razão de tais cidades estarem em fase mais avançada de organização dos dados, já transcritos e publicados.

De Alcalá de Henares e de Granada foram selecionadas duas amostras referentes ao nível de escolaridade superior dos entrevistados (*La lengua hablada en Alcalá de Henares - I. Hablantes de Instrucción Superior* (2002) e *El español hablado en Granada - I: Nivel de estudios alto* (2007)),³⁰ composta, cada uma, por 18 entrevistas que têm, em média, entre 45 e 50 minutos de duração, o que compõe um total de 36 entrevistas, equivalentes a, aproximadamente, 30 horas de conversação.³¹

A escolha pela análise de dados provenientes de entrevistas orais é justificada pelo fato de que um *cópus* dessa natureza, por ser constituído de amostras efetivas da língua em

³⁰ A escolha por amostras de nível de escolaridade superior não é motivada nem pela consideração de que o grau de instrução é um fator propiciador da ocorrência da construção modalizadora *tener que*, nem pelo objetivo de se analisarem as produções linguísticas de pessoas que se encaixam nessa categoria. Selecionamos amostras referentes ao nível de escolaridade superior em razão de que tais entrevistas estão já disponíveis para pesquisa, o que não ocorre com todas as entrevistas dos demais níveis.

³¹ Os dados de informantes de nível de escolaridade superior, tanto de Alcalá de Henares quanto de Granada, foram analisados por Nogueira (2015), em pesquisas em nível de Iniciação Científica.

uso, favorece a manifestação dos valores modais possíveis de serem codificados por uma dada expressão linguística.

Para o levantamento de dados diacrônicos, considerando a impossibilidade de se analisar a evolução histórica de uma construção linguística tomando como base *corpora* que reúnam dados de língua falada, recorreremos à utilização de dados de língua escrita retirados do CORDE (*Córpus Diacrónico del Español*), banco de dados de cuja sistematização participaram especialistas de universidades de toda a Espanha. Trata-se de um *córpus* textual eletrônico de sincronias pretéritas da língua espanhola, desde o século XIII até o século XX (1974, mais especificamente). Segundo Sánchez e Cintas Domínguez (2007), o CORDE, buscando ser um *córpus* representativo da língua espanhola ao longo da história do idioma, reúne, atualmente, cerca de 300 milhões de registros correspondentes a textos de diferentes variedades: narrativos, líricos, dramáticos, científicos, históricos, jurídicos, religiosos, etc.

Com o propósito de oferecer ao investigador uma grande versatilidade no que se refere à exploração dos dados, o CORDE é estruturado segundo parâmetros cronológicos, geográficos e de gênero.

Do ponto de vista cronológico, embora o *córpus* tenha como objetivo ser representativo de todas as sincronias pretéritas do espanhol, nem todos os períodos temporais são constituídos pela mesma quantidade de textos: os textos relativos à época contemporânea, por serem de mais fácil acesso, aparecem em maior número (53% dos textos para 30,5% de textos do Século de Ouro e 16,5% de textos da Idade Média).

Do ponto de vista geográfico, o CORDE coleta dados do espanhol de todas as partes do mundo em que o idioma é falado. Dada a sua perspectiva diacrônica, reúne 74% de textos do espanhol peninsular, 25% de textos do espanhol americano e 1% de textos do judeu-espanhol.

Do ponto de vista da organização por gêneros, o *córpus* se divide em dois grandes grupos: (i) ficção, composto por textos em verso e prosa, subdivididos, por sua vez, em lírico, épico e dramático; e (ii) não ficção, composto por prosa didática, prosa científica, prosa de sociedade, prosa religiosa, prosa jurídica, prosa histórica e prosa de publicidade.³²

³² Apesar de reconhecermos o CORDE como um *córpus* representativo da história do espanhol, deparamo-nos, à época do levantamento dos dados, com problemas relacionados à organização do *córpus* em torno do que os seus formuladores chamam de “gêneros”. Considerando que, num primeiro momento, a preocupação central era a de investigar a concepção de gênero textual na qual os organizadores se apoiavam para a composição do CORDE e, entendendo que o contato com tais organizadores seria possível por meio de um endereço eletrônico disponibilizado por eles mesmos, entramos em contato com o departamento de banco de dados da Real Academia Española (RAE) buscando investigar a razão pela qual o *córpus* classifica os dados em gêneros, sendo que, na verdade, eles são subdivididos em diferentes áreas temáticas. Apesar da tentativa de se estabelecer contato, não pudemos esclarecer a dúvida porque não obtivemos resposta.

Quanto aos critérios de seleção dos textos que o constituem, os organizadores do banco de dados voltaram sua atenção para a seleção de textos representativos do espanhol em função (i) de sua difusão, (ii) de sua influência em obras posteriores, e (iii) de sua riqueza de vocabulário. Assim, o CORDE é constituído por textos extraídos de grandes obras da língua espanhola.

3.2 Procedimentos metodológicos de análise

Definidos os *corpora* utilizados para a análise da construção perifrástica [*tener que* + infinitivo], descrevemos os critérios que nos levaram a selecionar determinados tipos de textos em detrimento de outros e o método empregado para a busca, coleta e organização dos dados.

Cientes da dificuldade de se conceber o que os responsáveis pela organização do CORDE entendem por “gênero textual”, selecionamos, dentre as diferentes variedades de textos reunidos no cópuz, os seguintes temas:³³ prosa narrativa, prosa histórica, prosa jurídica, prosa didática, prosa científica, prosa de sociedade, prosa religiosa e prosa dramática.³⁴ O critério para a seleção dos temas foi a verificação de ao menos uma ocorrência de *tener que* com valor perifrástico nesses 8 temas em todos os séculos investigados.

A opção pela prosa deve-se ao fato de que os textos em prosa são mais propensos a conter elementos modalizadores como a construção [*tener que* + infinitivo]. Foram excluídas da seleção todas as amostras em forma de verso, dada a dificuldade de se analisar esse tipo de texto, por conter quebras e empregos de determinadas expressões que priorizam o estilo e a métrica. Também foram excluídos da seleção todos os casos de *tener que* associados a infinitivo que não constituíam perífrase modal, e sim ocorrências de *tener* pleno associado a uma construção relativa.

Como forma de homogeneizar o cópuz, foram selecionados textos escritos representativos de oito séculos, do XIII ao XIX. O levantamento dos dados mostrou que as primeiras ocorrências de *tener que* com valor perifrástico aparecem apenas por volta do ano 1350 (século XIV),³⁵ período em que se concentra, então, a seleção das ocorrências.

³³ Embora os organizadores se refiram, quando tratam da natureza do cópuz, ao critério de busca por áreas temáticas como *gêneros*, a denominação *tema* aparece como opção de busca no CORDE.

³⁴ Tendo em vista que os valores modais de *tener que* tiveram sua ocorrência favorecida, indistintamente, por todos os temas selecionados, uma análise de tipologia textual não se mostrou relevante.

³⁵ Embora o levantamento de dados do século XIII tenha apresentado a ocorrência da sequência [*tener que* + infinitivo], o verbo pleno *tener*, nessa construção, expressa unicamente o significado de posse, não constituindo, portanto, uma perífrase modal.

A tela inicial do CORDE nos apresenta as seguintes opções de detalhamento e restrições de pesquisa:

Figura 1: Tela inicial do CORDE (*Córpus Diacrónico del Español*)

Real Academia Española - Corpus Diacrónico del Español (CORDE)

Consulta:

Criterios de selección:

Autor:

Obras:

Cronológicos:

Medio: (Todos) Libros Periódicos Revistas Miscelánea Orales

Geográficos: (Todos) Argentina Bolivia Chile Colombia Costa Rica

Tema: (Todos) 11.- Lírica 12.- Narrativa 121.- Breve 1211.- Relato breve tradicional 1212.- Relato breve culto

Buscar Limpicar

[Consulta CREA](#) [Nómina de autores y obras](#) [Cómo citar el CORPUS](#) [Ayuda.](#)

ISSN 2340-5651 Corpus diacrónico del español

Fonte: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2019

Como podemos notar, a configuração do CORDE é tal que as pesquisas por [*tener que* + infinitivo] precisaram ser feitas individual e manualmente, para cada pessoa gramatical, a partir da digitação no campo *CONSULTA*. Assim, com o objetivo de efetuar uma análise funcional de [*tener que* + infinitivo] que fosse representativa do comportamento dessa perífrase em dados do espanhol peninsular, realizamos, a partir do século XIV, século em que se registram as primeiras ocorrências perifrásticas, um levantamento por pessoa gramatical, em todos os tempos e nos modos indicativo e subjuntivo, com exceção das formas nominais de infinitivo e gerúndio. A procura pelo particípio foi mantida motivada pela necessidade de levantamento dos casos de *tener que* conjugados nos tempos compostos.

Tendo em vista que as línguas mudam e que, portanto, o espanhol moderno obviamente não apresenta a mesma configuração do espanhol antigo, recorreremos a dicionários etimológicos a fim de realizar uma busca manual por formas variantes das pessoas gramaticais do verbo *tener*. A obra *Enciclopedia del Idioma – Diccionario Histórico y*

Moderno de la Lengua Española (Siglos XII al XX) (1982), de Martín Alonso, explica o significado e a evolução de cada palavra e de cada acepção por séculos. Dentre os dicionários consultados, o de Martín Alonso foi o que mais bem atendeu à necessidade de conhecimento de variações antigas de *tener* e o único que apresentou, de maneira um pouco mais minuciosa, a configuração arcaica desse verbo. Assim, com base na enciclopédia de Alonso (1982), preocupamo-nos em contemplar, durante o levantamento dos dados, as diferentes configurações da sequência *tener que* em estágios antigos do espanhol peninsular.

Como veremos detalhadamente ao longo do capítulo V, no século XIII, as ocorrências de [*tener que* + infinitivo] identificadas não constituem uma construção com *status* de perífrase. Pelo contrário, nesse momento da história do espanhol, a sequência [*tener que* + infinitivo] aparece raramente e somente como forma de expressão da noção de posse associada à oração relativa com valor de finalidade. Esse século, no entanto, apresenta diversas variantes do verbo *tener que*, como esperado no processo de mudança linguística, não desaparecem na passagem de um século a outro, mas, pelo contrário, continuam, ainda que de maneira menos recorrente, a fazer parte do sistema da língua. Dessa forma, considerando-se o século XIII como o período de análise mais antigo e, portanto, com o maior número de formas arcaicas do verbo *tener*, algumas das variantes citadas no quadro, embora tenham sido pesquisadas, não apareceram como resultados de pesquisa durante o processo de levantamento de dados de *tener que* em sincronias mais recentes. De fato, as ocorrências coletadas evidenciam que, a partir do século XVII, as variantes de *tener* se tornam cada vez menos frequentes e o verbo assume, em um maior número de contextos, as formas conjugadas tais como as conhecemos atualmente. O Quadro 1 ilustra as variantes identificadas.

Quadro 1: Variantes do verbo *tener* no espanhol antigo³⁶

INDICATIVO						
Presente	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tengo</i>)	Plural (<i>tenemos</i>)	Singular (<i>tienes</i>)	Plural (<i>tenéis</i>)	Singular (<i>tiene</i>)	Plural (<i>tienen</i>)
	<i>tiengo</i>	<i>tenemo</i>	<i>tenéys</i> * ³⁷ <i>teneys</i> *	<i>tenedes</i> <i>teneis</i> * <i>tenés</i> <i>tenéys</i> <i>tenes</i>	<i>tien</i>	<i>tenen</i>
Pretérito imperfecto	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tenía</i>)	Plural (<i>teníamos</i>)	Singular (<i>tenías</i>)	Plural (<i>teníais</i>)	Singular (<i>tenía</i>)	Plural (<i>tenían</i>)
	<i>tenia</i> <i>teníe</i> <i>tenie</i> <i>tinie</i> <i>tenja</i> <i>tenya</i>	<i>teniamos</i>	<i>tenias</i> <i>tenjas</i> <i>teniedes</i> *	<i>teníades</i>	<i>tenia</i> <i>teníe</i> <i>tenie</i> <i>tinie</i> <i>tenja</i> <i>tenya</i>	<i>tenian</i> <i>teníen</i> <i>tenien</i> <i>tennían</i> <i>tenjan</i> <i>teníen</i> <i>tenyan</i>
Pretérito indefinido	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tuve</i>)	Plural (<i>tuvimos</i>)	Singular (<i>tuviste</i>)	Plural (<i>tuvisteis</i>)	Singular (<i>tuvo</i>)	Plural (<i>tuvieron</i>)
	<i>tube</i> <i>tove</i> <i>toue</i>	<i>toviemos</i> <i>touviemos</i> <i>tovimos</i> <i>tubimos</i> <i>touimos</i>		---	<i>tovo</i> <i>touo</i> <i>tuuo</i> <i>tubo</i> <i>tobo</i>	<i>tubieron</i> <i>tovieron</i> <i>touieron</i> <i>tuuieron</i> <i>tobieron</i>
Futuro simple	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tendré</i>)	Plural (<i>tendremos</i>)	Singular (<i>tendrás</i>)	Plural (<i>tendréis</i>)	Singular (<i>tendrá</i>)	Plural (<i>tendrán</i>)
	<i>terné</i> <i>terne</i>	<i>teneremos</i> <i>ternemos</i>	<i>ternás</i> <i>ternas</i>	<i>tendreis</i> <i>ternéis</i> <i>ternedes</i>	<i>terná</i> <i>terna</i>	<i>ternán</i> <i>ternan</i>

³⁶ O *pretérito indefinido*, o *condicional simple* e o *pretérito pluscuamperfecto del indicativo* são tempos verbais do espanhol que, em português, correspondem ao pretérito perfeito, ao futuro do pretérito e ao pretérito mais-que-perfeito composto. Os tempos verbais não apresentados no quadro são aqueles que ou não podem ser expressos por *tener* em determinado período da história do espanhol ou não apresentam formas variantes desse verbo em sincronias mais recentes.

³⁷ As formas marcadas com asterisco alternam entre a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural, em razão do fato de que, no espanhol antigo, embora o pronome *vos* fizesse, em alguns casos, referência a um sujeito no singular, o verbo que o acompanhava era apresentado com morfologia de segunda pessoa do plural.

Condicional simple	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tendría</i>)	Plural (<i>tendríamos</i>)	Singular (<i>tendrías</i>)	Plural (<i>tendríaís</i>)	Singular (<i>tendría</i>)	Plural (<i>tendrían</i>)
	<i>tendria</i> <i>ternía</i> <i>ternia</i> <i>ternja</i>	<i>ternjamos</i> <i>terníemos</i> <i>tendriamos</i> <i>terniamos</i>	<i>ternías</i> <i>terníades*</i>	<i>tendriaís</i>	<i>tendria</i> <i>ternía</i> <i>ternia</i> <i>ternja</i>	<i>tendrian</i> <i>ternían</i> <i>ternian</i> <i>ternien</i> <i>ternjan</i>
Pretérito perfecto	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>he tenido</i>)	Plural (<i>hemos tenido</i>)	Singular (<i>has tenido</i>)	Plural (<i>hábeis tenido</i>)	Singular (<i>ha tenido</i>)	Plural (<i>han tenido</i>)
	<i>e tenido</i>	<i>avemos</i> <i>tenido</i> <i>auemos</i> <i>tenido</i>	---	<i>avéys</i> <i>tenido</i>	<i>a tenido</i>	---
Pretérito pluscuamperfecto	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>había tenido</i>)	Plural (<i>habías tenido</i>)	Singular (<i>habías tenido</i>)	Plural (<i>habíaís tenido</i>)	Singular (<i>había tenido</i>)	Plural (<i>habían tenido</i>)
	<i>avía</i> <i>tenido</i> <i>avie</i> <i>tenido</i>	---	---	---	<i>avía</i> <i>tenido</i> <i>avie</i> <i>tenido</i>	<i>avían</i> <i>tenido</i>
SUBJUNTIVO						
Presente	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tenga</i>)	Plural (<i>tengamos</i>)	Singular (<i>tengas</i>)	Plural (<i>tengáis</i>)	Singular (<i>tenga</i>)	Plural (<i>tengan</i>)
	<i>tienga</i>	---	---	<i>tengáis</i> <i>tengades*</i> <i>tengáys</i> <i>tengays</i>	<i>tienga</i>	---
Pretérito imperfecto	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>tuviera/ tuviese</i>)	Plural (<i>tuviéramos/ tuviésemos</i>)	Singular (<i>tuvieras/ tuvieses</i>)	Plural (<i>tuvierais/ tuvieseís</i>)	Singular (<i>tuviera/ tuviese</i>)	Plural (<i>tuvieran/ tuviesen</i>)
	<i>toviese</i> <i>touiese</i> <i>toujese</i> <i>toviera</i> <i>touiera</i> <i>tuuiera</i> <i>tubiera</i> <i>touiesse</i> <i>tuviesse</i> <i>tuuiesse</i> <i>tubiese</i> <i>tubiesse</i> <i>tuviésede</i>	<i>tuuiésemos</i> <i>tubiéramos</i>	<i>tuviesses</i>	---	<i>toviese</i> <i>touiese</i> <i>toujese</i> <i>toviera</i> <i>touiera</i> <i>tuuiera</i> <i>tubiera</i> <i>touiesse</i> <i>tuviesse</i> <i>tuuiesse</i> <i>tubiese</i> <i>tubiesse</i> <i>tuviésede</i>	<i>tubiesen</i> <i>touiesen</i> <i>tuviesen</i> <i>toviesen</i> <i>tuviessen</i>
Pretérito perfecto	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Singular (<i>haya tenido</i>)	Plural (<i>hayamos tenido</i>)	Singular (<i>hayas tenido</i>)	Plural (<i>hayáis tenido</i>)	Singular (<i>haya</i> <i>tenido</i>)	Plural (<i>hayan</i> <i>tenido</i>)
	<i>aya</i>	---	---	---	---	---

	<i>tenydo</i>					
	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
Pretérito pluscuamperfecto	Singular (<i>hubiera tenido</i>)	Plural (<i>hubiéramos tenido</i>)	Singular (<i>hubieras tenido</i>)	Plural (<i>hubierais tenido</i>)	Singular (<i>hubiera tenido</i>)	Plural (<i>hubieran tenido</i>)
	<i>uviera tenido</i>	---	---	---	---	---
	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
Futuro simple (em desuso)	Singular (<i>tuviere</i>)	Plural (<i>tuviéremos</i>)	Singular (<i>tuvieres</i>)	Plural (<i>tuviereis</i>)	Singular (<i>tuviere</i>)	Plural (<i>tuvieren</i>)
	<i>toviere</i>	<i>toujere</i>	<i>touieredes</i>	<i>touierdes</i>	<i>toviere</i>	<i>tovieren</i>
	<i>touiere</i>			<i>tuvierdes*</i>	<i>touiere</i>	<i>touieren</i>
	<i>tuiiere</i>			<i>tuviéredes*</i>	<i>tuiiere</i>	<i>tubieren</i>
	<i>tubiere</i>				<i>tubiere</i>	
	<i>toujere</i>				<i>toujere</i>	
	<i>touier</i>				<i>touier</i>	
	<i>tuvier</i>				<i>tuvier</i>	

Fonte: Autoria própria

No campo *MEDIO*, que diz respeito ao suporte no qual as ocorrências aparecem, optamos somente pelo levantamento e seleção dos dados de [*tener que* + infinitivo] presentes em livros, em razão do fato de que a perífrase não se mostrou representativa nos outros suportes em todos os séculos, o que é esperado se consideramos que dados sincrônicos mais antigos parecem ter pouca circulação em textos veiculados em suportes como revistas e jornais (*periódicos*), e dificilmente se apresentam em tipos de textos orais.

Com relação ao campo *GEOGRÁFICO*, como a presente pesquisa se restringe à investigação do comportamento da perífrase modal *tener que* em dados do espanhol peninsular, como forma de garantir maior homogeneidade dos dados, selecionamos a Espanha como país cujas ocorrências do objeto de estudo buscamos analisar.

Por fim, no que diz respeito ao campo *TEMA*, objetivamos, inicialmente, verificar em quais tipos de texto [*tener que* + infinitivo] aparecia e em quais era recorrente em todos os séculos. Como verificamos sua recorrência, do século XIV ao XIX, nos temas prosa narrativa, prosa histórica, prosa jurídica, prosa didática, prosa científica, prosa de sociedade, prosa religiosa e prosa dramática, passamos a fazer a busca de cada pessoa gramatical em cada um desses temas e em cada um dos séculos.

A fim de dar robustez à pesquisa, selecionamos as 50 primeiras ocorrências de [*tener que* + infinitivo] conjugada em cada pessoa gramatical (e em cada tempo e nos modos indicativo e subjuntivo), em cada um dos oito temas analisados e nos séculos que nos propusemos a analisar. Todas essas ocorrências foram inseridas em arquivo *Word* e, para não

enviesar os dados, fomos agrupando, em outro arquivo, o primeiro dado de prosa narrativa seguido do primeiro dado de prosa jurídica, de prosa didática etc.; o segundo dado de prosa narrativa seguido do segundo dado de prosa jurídica, didática etc., até alcançarmos o número total de 50 ocorrências para cada pessoa gramatical. Dessa maneira, conseguimos garantir a representatividade de [*tener que* + infinitivo] em todas as áreas temáticas selecionadas para o levantamento de dados.

Apesar de garantir representatividade, a coleta de [*tener que* + infinitivo] em todas as pessoas gramaticais e tempos e nos modos indicativo e subjuntivo mostrou que a análise se tornaria inviável se não optássemos por um recorte da pesquisa, uma vez que o levantamento de dados resultou em, aproximadamente, 4700 casos da perífrase. Assim, em razão do número bastante grande de ocorrências, selecionamos para análise somente os casos de *tener que* conjugados no presente do indicativo. A escolha por esse tempo verbal justifica-se (i) pela possibilidade de associação de todos os tipos modais ao presente do indicativo, o que nos assegurou que nenhum valor modal seria excluído da análise dos dados considerando-se a opção pelo recorte; (ii) pelo fato de o presente do indicativo, tempo não-marcado, ser o mais frequente nos séculos analisados.

Considerando-se, enfim, o recorte dos dados levantados em perspectiva diacrônica, empreendemos, neste trabalho, a descrição de 233 casos de *tener que* em dados do espanhol falado moderno e de 928 casos da perífrase em dados do século XIV ao século XIX, o que integra o total de 1161 ocorrências analisadas.

3.3 Parâmetros de análise dos dados na diacronia

A análise parcial dos dados de [*tener que* + infinitivo] nas duas últimas sincronias (séculos XX e XXI)³⁸ nos levou ao questionamento de como se deu o processo de gramaticalização da construção na evolução do espanhol. Os resultados derivados da análise de [*tener que* + infinitivo] segundo o critério *domínio semântico da avaliação modal* impulsionaram a pesquisa em perspectiva diacrônica, pois revelaram uma frequência muito maior dos valores não-epistêmicos em comparação à frequência dos valores epistêmicos. Tais resultados nos levaram à consideração de que essa construção, a partir do momento em que se configurou como perífrase, continuou a se gramaticalizar em direção à codificação de

³⁸ Como apontado anteriormente, realizamos, em nível de Iniciação Científica, uma descrição funcional dos valores modais expressos pela perífrase *tener que* nos séculos XX e XXI, verificando quais os contextos favorecedores do aparecimento de um ou outro tipo modal. O capítulo IV é reservado à explanação dos resultados dessa pesquisa inicial, os quais constituem parte da presente pesquisa, voltada, agora, à investigação do comportamento de *tener que* em perspectiva diacrônica.

significados modais epistêmicos, os quais, segundo tendências atestadas na literatura sobre gramaticalização (SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; DALL'AGLIO-HATTNER *et al.*, 2001; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013), desenvolvem-se a partir da abstratização semântica dos valores modais de necessidade e de obrigação, significados estes mais concretos e, portanto, menos subjetivos. Dessa forma, a pesquisa em perspectiva diacrônica, cujo objetivo é o de investigar o processo de abstratização da perífrase [*tener que* + infinitivo] na evolução do espanhol, foi motivada pela busca de comprovação do *cline* de gramaticalidade dos valores semânticos da perífrase (*inerente/deôntico* > *epistêmico*), observado em perspectiva sincrônica atual.

Considerando a importância do contexto para a interpretação modal de uma expressão linguística e alinhando-nos à posição de Silva Corvalán (1995), que sugere que os diferentes valores modais sejam vistos como uma função da interação entre a construção modal e os diversos elementos (linguísticos e extralinguísticos) do contexto discursivo, analisamos quantitativamente e qualitativamente os significados modais expressos pela construção *tener que* e verificamos em que medida os parâmetros contextuais que se associam à perífrase são indicadores/ favorecedores do avanço da expressão modal da construção em direção a estágios mais elevados de gramaticalização (e de abstratização).

Dessa maneira, investigamos os dados de *tener que*, em perspectiva diacrônica, de acordo com os seguintes parâmetros: **domínio semântico da avaliação modal, alvo da avaliação modal** (HENGEVELD, 2004; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e **características morfossintáticas e semânticas do sujeito** (como pessoa gramatical, animacidade e agentividade), à semelhança do que foi feito na análise sincrônica, que serviu para assegurar o desenvolvimento das hipóteses de gramaticalização da construção estudada.

Em comparação com os parâmetros de análise de [*tener que* + infinitivo] em perspectiva sincrônica contemporânea, observamos as seguintes modificações:

- (i) os parâmetros relacionados a tempo e modo verbal não são mais analisáveis em perspectiva diacrônica, em razão da opção pela investigação de *tener que* conjugado somente no presente do indicativo;
- (ii) houve o acréscimo, em perspectiva diacrônica, do parâmetro **classe semântica do verbo** no infinitivo, fator considerado relevante para a investigação da hipótese de abstratização da construção em estudo e que não havia sido empregado na análise em perspectiva sincrônica.

Tendo em vista que, em perspectiva diacrônica, a análise da associação de [*tener que* + infinitivo] aos parâmetros tempo verbal e referência temporal não será empreendida, passemos, a seguir, à explanação das hipóteses que fundamentam a pesquisa.

Com relação ao **domínio semântico da avaliação modal**, primeiro parâmetro de análise, hipotetizamos, com base na classificação das modalidades segundo Hengeveld (2004) e a partir dos trabalhos de Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e de Olbertz (2016), que a perífrase [*tener que* + infinitivo] pode expressar as modalidades inerente, deôntica, epistêmica e volitiva. Com relação à frequência de um ou outro significado modal, hipotetizamos que os valores não-epistêmicos, por serem mais antigos e mais concretos, são mais frequentes do que os epistêmicos.

Quanto ao **alvo da avaliação modal**, hipotetizamos que a perífrase [*tener que* + infinitivo] expressa as modalidades inerente e deôntica, orientadas para o participante e para o evento, e a epistêmica, orientada para o evento, uma vez que os verbos auxiliares comumente não tomam por escopo a proposição, uma unidade de ordem mais alta se se leva em conta a estrutura em camadas proposta pelo funcionalismo holandês, mais especificamente por Hengeveld (1988) e por Dik (1997), dentro dos limites da oração (*clause*), e por Hengeveld e Mackenzie (2008), já no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional.

O terceiro parâmetro de análise refere-se à **pessoa gramatical de *tener que***, ou seja, se a construção [*tener que* + infinitivo] tem relação com a 1ª pessoa (aquela que fala), com a 2ª pessoa (aquela com quem se fala) ou com a 3ª pessoa (aquela de quem se fala). Com base na descrição feita por Neves (2006) sobre auxiliares modais em português, hipotetizamos que a construção [*tener que* + infinitivo] tende a receber um valor deôntico ou um valor inerente quando o sujeito da oração é de primeira pessoa, e um valor epistêmico, quando o sujeito é de terceira pessoa. A hipótese de preferência pela leitura não-epistêmica em casos de associação de *tener que* a sujeitos de primeira pessoa se justifica pela baixa probabilidade de que um sujeito, que também se configura como falante, apresente dúvidas sobre a possibilidade de ocorrência do evento no qual se insere.

Quanto aos **traços semânticos do sujeito** ([animado] e [humano]), consideramos a classificação dos sujeitos a partir das seguintes possibilidades: (i) traço [+humano]; (ii) traços [-humano; +animado]; e (iii) traço [-animado]. Com base em Neves (2006), hipotetizamos que uma oração com a construção modal [*tener que* + infinitivo] e com sujeito não-animado tende a ser interpretada epistemicamente. Já nos casos em que o sujeito é animado, a interpretação da modalidade tende a ser tanto epistêmica quanto deôntica e inerente. Nossa hipótese, apoiada também em Carrascossi (2003), é a de que, se há sujeitos humanos, as

leituras inerentes e deônticas são mais prováveis do que as interpretações epistêmicas³⁹ que, por outro lado, são mais esperadas quando o sujeito da oração é inanimado.

Com relação à **agentividade**, Neves (2006) salienta a importância desse parâmetro para a interpretação das modalidades, uma vez que as leituras de um enunciado são reguladas em função do controle do sujeito sobre o evento codificado na predicação. Dessa forma, hipotetizamos, com base na autora e também em Klinge (1996), o predomínio das modalidades inerente e deôntica para os casos em que a predicação envolve o traço [+controle] e da modalidade epistêmica no caso do traço [-controle]. Com base em Carrascossi (2003), esperamos que as modalidades não-epistêmicas (inerente e deôntica) ocorram associadas a agentes controladores, pois esses são tipos modais que dizem respeito à conduta e a atos injuntivos.

No que diz respeito a um primeiro estágio de mudança categorial e semântica de *tener* (de pleno a perifrástico), Olbertz (2018) afirma, como vimos no capítulo II, que quando a construção [*tener que* + infinitivo] deixa de aceitar objeto direto (como quando passa a se associar a verbos intransitivos ou a verbos de ligação), há o indício de que a forma em questão perdeu a propriedade de restringir os infinitivos com os quais um verbo originalmente de posse poderia ocorrer caso se associasse a uma oração relativa não-finita. Isso significa dizer que o verbo que constitui a construção [*tener que* + infinitivo] perdeu conteúdo semântico (por meio da atuação do processo de *bleaching* semântico e da frequência de ocorrência) e passou a se associar, conseqüentemente, a um número cada vez mais amplo de tipos de verbos principais que não mais possibilitam uma leitura ambígua de *tener* como expressão de posse ou como expressão de valor modal.

Assim, considerando um estágio mais avançado da gramaticalização de [*tener que* + infinitivo], já consolidada como perífrase, sustentamos, com base nos estudos de Bybee (2003) e de Olbertz (2018), a hipótese de que *tener que* perifrástico passa a se associar a um número cada vez maior de tipos de verbos principais que estimulam ou favorecem a leitura modal epistêmica (como os verbos estativos *ser*, *estar* e *existir*, por exemplo, que não envolvem o traço [+controle]). Nesse sentido, entendemos que pode existir um padrão de associação dos tipos modais expressos pela perífrase a verbos de diferentes classes semânticas.

³⁹ Embora os sujeitos inanimados sejam inibidores da preferência pelas leituras não-epistêmicas, as leituras epistêmicas têm seu aparecimento favorecido tanto pelo traço semântico [+humano] quanto pelo traço semântico [-animado].

Para a verificação dos tipos de verbos infinitivos relacionados aos valores modais expressos por *tener que*, empregamos como parâmetro de análise a classificação proposta por Dik (1997) a respeito da tipologia dos Estados de Coisas. Segundo o autor, os Estados de Coisas podem ser divididos em diferentes tipos, com base na função semântica atribuída ao primeiro argumento de um predicado. Assim, um Estado de Coisas do tipo Ação, por exemplo, recebe essa classificação em razão do fato de que seu primeiro argumento é agentivo.

Dentre os parâmetros considerados por Dik (1997)⁴⁰ como relevantes para a tipologia dos Estados de Coisas, estabelecemos como especialmente significativos para a compreensão dos tipos de predicados relacionados aos domínios semânticos da modalidade os traços *dinamicidade* e *controle*. A dinamicidade está relacionada à possibilidade de que a entidade envolvida no evento passe por algum tipo de mudança (interna ou externa). Assim, segundo destaca Rinaldi (2015), um Estado de Coisas [-dinâmico], por não envolver nenhum tipo de mudança, apresenta as entidades como as mesmas desde o início até o final do evento; já um Estado de Coisas do tipo [+dinâmico], por ser entendido como aquele em que necessariamente há algum tipo de dinamismo externo ou interno, insere os participantes em um contexto que pressupõe a existência de uma ou várias mudanças.

O controle, por sua vez, diz respeito à força presente no enunciado que determina a realização ou não do Estado de Coisas. De acordo com Dik (1997), um Estado de Coisas apresenta o traço [+controle] se seu primeiro argumento tem poder ou agentividade para garantir a realização do evento. Dessa forma, um Estado de Coisas terá o traço [-controle] se o primeiro argumento associado à construção *tener que* não for um indivíduo controlador do EsCo em questão; um EsCo com o traço [+controle], por outro lado, será aquele que envolver um indivíduo capaz de se inserir no evento e determinar sua ocorrência.

A partir dessas considerações, tem-se, então, a seguinte tipologia do Estado de Coisas (DIK, 1997): (i) **Ação** [+din; +con]; (ii) **Processo** [+din; -con]; (iii) **Estado** [-din; -con] e (iv) **Posição** [-din; +con].

Considerando, com base em Klinge (1996) e em Neves (2006), que os enunciados tendem a ser lidos como não-epistêmicos ou como epistêmicos em função do controle (ou não) que o sujeito tem sobre o Estado de Coisas codificado na predicação, se o predicado tiver o traço [-controle], isto é, se for do tipo Processo ou Estado, o usuário da língua tende a

⁴⁰ Uma vez que a tipologia dos Estados de Coisas proposta por Dik (1997) não é somente norteadada pelos traços semânticos *dinamicidade* e *controle*, este trabalho não apresenta uma análise refinada dos tipos de Estados de Coisas nos quais a perífrase *tener que* se insere.

concluir que a leitura mais provável da perífrase é a epistêmica. Como o valor epistêmico não envolve a noção de imposição de normas de conduta sobre participantes de um evento, esse é um tipo modal que não pressupõe a presença de um agente controlador do Estado de Coisas. Entretanto, em se tratando da presença do traço [+controle], se assumimos o pressuposto de que não se pode aplicar a imposição de normas sobre participantes não-agentivos, esperamos que as modalidades não-epistêmicas se associem, predominantemente, a sujeitos naturalmente capazes de realizar o evento codificado na predicação.

Em resumo, hipotetizamos que a modalidade epistêmica terá sua ocorrência favorecida pela inserção da perífrase em Estados de Coisas do tipo Processo e Estado, os quais não envolvem controle. As modalidades não-epistêmicas, por outro lado, provavelmente estarão relacionadas a Estados de Coisas do tipo Ação e Posição, os quais são definidos a partir da presença do traço [+controle]. De fato, analisando-se os aspectos caracterizadores das modalidades não-epistêmicas (especialmente da modalidade deôntica), um sujeito não-agentivo, inserido em um EsCo que não pressupõe o traço semântico [+controle], tende a inibir o aparecimento desse tipo modal porque a imposição de uma ordem só pode ter como alvo um participante habilitado a aceitar e realizar uma obrigação.

Com base em tais pressupostos, esperamos que os verbos de Ação, por exemplo, apareçam com mais frequência associados à modalidade não-epistêmica, por serem mais próximos à experiência física e ligados ao traço [+controle], enquanto os verbos estativos e de experiência psicológica (*estar, ser, gostar, amar, sofrer, etc.*) apareçam com mais frequência associados à modalidade epistêmica, por terem bases experienciais mais abstratas e por estarem ligados ao traço [-controle].

Tendo em vista ser uma tendência comprovada em várias línguas o desenvolvimento de significados epistêmicos a partir de significados não-epistêmicos (SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; DALL'AGLIO-HATTNER *et al.*, 2001; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013), e reconhecendo a baixa frequência, em dados do espanhol moderno, de casos de [*tener que* + infinitivo] epistêmico em comparação aos casos não-epistêmicos, nesta pesquisa defendemos a hipótese de que, em estágios iniciais de gramaticalização, [*tener que* + infinitivo] atua somente como forma de expressão de significados inerentes e deônticos e, à medida que avança no processo de mudança linguística, passa a instanciar, também, valores epistêmicos. Assim, sustentamos a ideia de que a perífrase [*tener que* + infinitivo], seguindo um *cline* de abstratização que parte da codificação das noções de necessidade e obrigação projetadas no domínio sociofísico para a codificação da noção de necessidade epistêmica projetada no domínio do raciocínio, expande, ao longo dos séculos, suas possibilidades de

expressão das modalidades por meio de mudança semântica que parte de um sentido [+concreto] para um [+abstrato].

Considerando-se o caráter gradual do processo de gramaticalização, a análise dos casos ambíguos entre uma leitura não-epistêmica e uma leitura epistêmica pode evidenciar um processo de transferência metafórica em curso. Assim, objetivamos verificar se os elementos linguísticos que aparecem nesses contextos ambíguos se identificam com as categorias sintático-semânticas favorecedoras da inferência de interpretação epistêmica.

Se os dados confirmarem a hipótese de que os significados epistêmicos surgem a partir dos significados não-epistêmicos, será possível explicar porque [*tener que* + infinitivo], embora plenamente consolidada no domínio não-epistêmico, manifesta-se timidamente no domínio de expressão da modalidade epistêmica.

Para apurar a frequência do objeto de estudo ao longo dos séculos, utilizamos dois métodos relevantes nos estudos linguísticos: um que conduz à frequência *token* e outro à frequência *type*. Com base em Bybee (2003), Gonçalves (2003) define frequência *token* ou frequência textual como a frequência de ocorrência de uma unidade linguística, independentemente do significado veiculado por ela. Já a frequência *type* refere-se à frequência de um padrão particular de dicionário. Aplicado ao objeto de estudo, o aumento de frequência *token* da construção [*tener que* + infinitivo] pode conduzir ao aumento de *types* apropriados em consequência de sua aplicação a um número maior de contextos.

Para auxiliar no levantamento das ocorrências, utilizamos o programa estatístico GoldVarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Embora não se trate de um fenômeno de natureza variável, essa ferramenta é útil para a apuração da frequência dos valores modais expressos pela construção [*tener que* + infinitivo] ao longo dos séculos. Por meio de análise qualitativa, é possível verificar em que circunstâncias, dentro do contexto discursivo, os valores modais expressos por [*tener que* + infinitivo] ocorrem, levando-se em consideração, como já apontado anteriormente, as características morfossintáticas e semânticas do sujeito (como pessoa gramatical, animacidade, agentividade) e a tipologia do Estado de Coisas no qual a construção se insere.

Considerando-se, então, os critérios que nortearão a análise, apresentamos, no capítulo IV, a análise sincrônica de *tener que* em dados do espanhol moderno e, no capítulo V, a análise diacrônica.

CAPÍTULO IV

VALORES MODAIS DE [*TENER QUE* + INFINITIVO] NO ESPANHOL MODERNO

Resumo

Sabe-se que a construção [*tener que* + infinitivo] se desenvolveu a partir de construções nas quais o verbo *tener* pleno codifica um significado de posse e se associa a uma oração relativa não-finita com ou sem antecedente. Como já se notou, para que esse desenvolvimento ocorresse, *tener* passou por dois processos envolvidos na gramaticalização de uma unidade linguística: o de mudança categorial e o de mudança semântica.

Conforme apresentado anteriormente, atribui-se a denominação *bleaching* semântico (ou abstratização semântica) ao processo de mudança semântica atuante na gramaticalização de um elemento linguístico. Segundo esse processo, *tener* pleno tem seu significado lexical de posse enfraquecido a ponto de se tornar um verbo auxiliar. Isso significa dizer que *tener* também sofre um processo de mudança categorial e “rebaixa” da categoria de verbo pleno para a categoria de verbo auxiliar, perdendo a propriedade de selecionar argumentos e de estabelecer, portanto, relações entre elementos do universo extralinguístico. À diferença de *tener* pleno, *tener* auxiliar desempenha uma função gramatical de indicação de modalidade, tomando como seu único escopo um verbo matriz.

Segundo afirmam Ilari e Basso (2014), reconhecer perífrases implica reconhecer que um dos verbos integrantes da construção passou por ambos os processos de mudança categorial e semântica. Associadas à confirmação do aumento da frequência de [*tener que* + infinitivo] do século XVIII ao século XX, conforme apresentado no capítulo II, considerações como essas confirmam que a construção não só se gramaticalizou para indicação de modalidade, como também se consolidou de maneira triunfal no domínio de expressão dos valores modais de necessidade e de obrigação.

Reconhecendo [*tener que* + infinitivo] como construção perifrástica modal plenamente consolidada no espanhol moderno, foi realizada, em perspectiva sincrônica, uma análise funcional dessa perífrase em dados do espanhol falado peninsular do final do século XX e início do século XXI. A principal contribuição dessa pesquisa sincrônica diz respeito à indicação de que essa construção, embora tenha completado o *cline* de desenvolvimento de

expressão de posse para expressão de valores modais de necessidade e de obrigação, desenvolveu valores modais epistêmicos ainda mais abstratos e subjetivos do que os relacionados à noção de obrigação ou necessidade. Foram os resultados provenientes da pesquisa de [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol moderno que nos levaram à formulação de hipóteses mais claras sobre o processo de gramaticalização da construção em direção à codificação de valores modais epistêmicos, os quais, segundo tendências atestadas na literatura sobre gramaticalização, desenvolvem-se a partir da abstratização semântica dos valores modais de necessidade e de obrigação, significados estes mais concretos e, portanto, menos subjetivos.

Considerando-se a relevância de tais resultados para as formulações das hipóteses que sustentam a razão de ser do presente trabalho, apresenta-se, neste capítulo, a descrição sincrônica dos valores modais expressos pela perífrase [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol falado peninsular moderno.⁴¹

4.1 Os tipos modais codificados por *tener que* em dados do espanhol falado peninsular

Como *cópus* da pesquisa em perspectiva sincrônica, foram utilizados dados pertencentes às cidades espanholas de Alcalá de Henares e de Granada, integrantes do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*). Do *cópus* de Alcalá de Henares e de Granada foram selecionados inquiridos referentes ao nível de escolaridade superior dos entrevistados (*La lengua hablada en Alcalá de Henares - I. Hablantes de Instrucción Superior* (2002) e *El español hablado en Granada - I: Nivel de estudios alto* (2007)). O levantamento dos dados permitiu a identificação de 233 ocorrências de [*tener que* + infinitivo], as quais foram analisadas a partir dos seguintes parâmetros de análise: domínio semântico da avaliação, alvo da avaliação, características sintáticas e semânticas do sujeito da ocorrência com *tener que* (pessoa gramatical, animacidade e agentividade), modo verbal e referência temporal de *tener que*.⁴²

Com relação ao domínio semântico, hipotetizamos, com base na classificação das modalidades segundo Hengeveld (2004), e a partir dos trabalhos de Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e de Olbertz (2016), que a perífrase [*tener que* + infinitivo] poderia expressar as modalidades inerente, deôntica e epistêmica. Embora os significados volitivos tenham sido previstos por Olbertz (2016), não foram identificadas ocorrências de [*tener que* + infinitivo]

⁴¹ Os dados apresentados aqui foram analisados em trabalho em nível de Iniciação Científica financiado pela FAPESP (Processo FAPESP 2014/08093-0).

⁴² Esses mesmos parâmetros de análise, com exceção dos parâmetros *modo verbal* e *referência temporal* de *tener que*, serão aplicados à investigação da perífrase em perspectiva diacrônica.

com valor volitivo em dados do espanhol falado. Vejamos a distribuição inicial dos dados na Tabela 1.

Tabela 1: Valores modais expressos pela construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio semântico		
Modalidade inerente	138	59,3%
Modalidade deôntica	80	34,3%
Modalidade epistêmica	15	6,4%
TOTAL	233	100%

Fonte: Autoria própria

Esse resultado comprova que, de fato, a perífrase *tener que*, embora tenha completado o *cline* de desenvolvimento de posse para necessidade/obrigação, não parou de avançar em seu processo de gramaticalização e de apresentar novos significados modais (BAUMAN, 2013).

Quanto à frequência de ocorrência, a análise quantitativa de [*tener que* + infinitivo] segundo o parâmetro *domínio semântico* mostra que a construção tende a expressar, na maioria dos casos, a modalidade inerente (59,3% das ocorrências), seguida da modalidade deôntica (34,3% das ocorrências) e, por último, a modalidade epistêmica (6,4% das ocorrências). Considerando a existência de pesquisas tipológicas que postulam a tendência de desenvolvimento de significados epistêmicos a partir de significados não-epistêmicos (BYBEE, 1985; SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; CORNILLIE, 2007), a frequência pouco significativa de casos de [*tener que* + infinitivo] expressando a modalidade epistêmica em dados modernos não é um fenômeno surpreendente, dada a origem relativamente recente da perífrase. É justamente o indicador da baixa frequência de *tener que* epistêmico em dados do espanhol falado peninsular dos séculos XX e XXI que motiva a investigação diacrônica de [*tener que* + infinitivo], perífrase *que*, segundo hipóteses iniciais, expressa inicialmente somente valores não-epistêmicos (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013; BAUMAN, 2013; OLBERTZ, 2018).

Com relação ao alvo da avaliação modal, segundo parâmetro de análise, hipotetizamos que a perífrase [*tener que* + infinitivo] seria orientada somente para o participante e para o evento, uma vez que os verbos auxiliares comumente não tomam por escopo a proposição, uma unidade de ordem mais alta se se leva em consideração a estrutura em camadas proposta

pelo funcionalismo holandês, mais especificamente por Hengeveld (1988), Dik (1997) e Hengeveld e Mackenzie (2008). Dessa forma, consideramos que [*tener que* + infinitivo] expressaria as modalidades inerente e deôntica orientadas para o participante e para o evento, e a modalidade epistêmica orientada para o evento.

No que diz respeito à frequência de ocorrência, hipotetizamos que a orientação para o evento, por estabelecer regras gerais que não recaem sobre um participante específico, seria mais frequente nos dados em razão do tipo de *córpus* investigado: em entrevistas orais, o sujeito-enunciador, numa busca pela manutenção da polidez e pela proteção da face, evita impor normas de conduta sobre um alvo específico. Para isso, em muitos casos, projeta como alvo da avaliação modal sujeitos de referência genérica, os quais tendem a aparecer, conforme apontam as análises, associados à modalidade deôntica orientada para o evento, o que é completamente esperado se se considera que esse tipo modal diz respeito à imposição de regras de natureza geral sobre indivíduos não especificados. Com relação a esse parâmetro de análise, os resultados apurados encontram-se expressos na Tabela 2.

Tabela 2: Relação entre domínio semântico e alvo da avaliação da construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio	Alvo				Total	%
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	19	37,3	119	65,4	138	59,2
Modalidade deôntica	32	62,7	48	26,4	80	34,4
Modalidade epistêmica	---	---	15	8,2	15	6,4
Total	51	21,9	182	78,1	233	100

Fonte: Autoria própria

A análise quantitativa de *tener que* segundo o parâmetro *alvo da avaliação* revela um número muito maior de casos de modalidade orientada para o evento (78,1% das ocorrências) do que de modalidade orientada para o participante (21,9% das ocorrências). Esse resultado era esperado em razão do *córpus* analisado: em entrevistas orais espera-se que o alvo de imposição de normas de conduta ou permissões por parte do sujeito-enunciador não seja um indivíduo específico, em função da necessidade de polidez nesse tipo de interação.

O resultado da análise qualitativa de [*tener que* + infinitivo] apontou as seguintes possibilidades de cruzamento entre os parâmetros *domínio semântico* e *alvo da avaliação*:

a) Modalidade inerente orientada para o participante

(45) me voy por la mañanita temprano a misa hago mi oración estoy con el Señor un rato y luego ya voy a las compras a- claro yo **tengo que** comer también (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_M52_16)⁴³

[“Vou de manhãzinha à missa, faço minha oração, fico com o Senhor um momento e depois vou às compras. Claro, eu tenho que comer também”] (tradução minha).

A modalidade inerente orientada para o participante (também *modalidade interna*, nos termos de Olbertz (2016)) é um tipo modal que diz respeito às necessidades internas ao participante inserido no evento e que apresenta fonte e alvo da avaliação modal como idênticos. No caso de (45), no qual o falante (que também é participante do Estado de Coisas) discorre sobre sua vida extremamente agitada, a necessidade de ocorrência do evento [*comer*] é motivada por um impulso físico interno ao participante que, sem alimento, não é capaz de sobreviver.

b) Modalidade inerente orientada para o evento

(46) que aunque es la pena que haya **tenido** yo **que** ir- a Madrid pero- pero ¿qué vas a hacer? ése es- ése es un tributo que se paga en los estudios aunque te advierto que cuando yo hice la carrera había- de Alcalá había pocas- pocas mujeres que- que estudiaran (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_M52_16)

[“Embora seja uma pena que eu tenha tido que ir a Madri, mas, o que que se vai fazer? É um preço que se paga pelos estudos, apesar de que ressalto que quando eu fiz o curso havia poucas mulheres de Alcalá que estudavam”] (tradução minha).

A modalidade inerente orientada para o evento (também chamada *modalidade circunstancial* (NARROG, 2005, 2012)) refere-se a um tipo modal que tem como fonte da avaliação as circunstâncias ou os fatores contextuais que condicionam a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas, independentemente do desejo do participante inserido no evento. Na ocorrência (46), representativa da modalidade inerente orientada para o evento, a necessidade de ocorrência do evento [*ir a Madrid*] é motivada pelas circunstâncias (o fato de a universidade ser em Madri) e não por um desejo interno do participante.

⁴³ As referências às amostras extraídas do corpus obedecem à seguinte sequência: Nome do Projeto (PRESEEA), cidade de onde os dados proveem (Alcalá de Henares ou Granada), sexo do informante (M para mulher ou H para homem), código do informante e número da entrevista.

c) Modalidade deôntica orientada para o participante

- (47) le hice yo la pregunta y cuántos años tienes tú y me dijo veintiuno y le contesté ¡ah! [...] eres de mi eda(d) digo pues mira y mm la verda(d) es que no estoy de acuerdo contigo y tú lo único que **tienes que** hacer es limitarte a tu trabajo (PRESEEA_GRANADA_M31_06)
 [“Eu fiz a pergunta a ele: ‘e quantos anos você tem?’. Ele me disse: ‘vinte e um’. E eu respondi: ‘ah, [...] você é da minha idade. Olha, a verdade é que eu não concordo com você e a única coisa que você tem que fazer é se limitar ao seu trabalho’”] (tradução minha).

Na modalidade deôntica orientada para o participante, a origem (fonte) da avaliação é externa ao objetivo (alvo) da avaliação: nesse caso, a fonte é o falante e o alvo da avaliação é o ouvinte (são, assim, entidades distintas). Esse tipo modal diz respeito ao desejo do sujeito-enunciador de que um ser humano específico inserido em um evento cumpra as obrigações que lhe são determinadas. Na ocorrência (47), o falante (fonte da avaliação), objetivando realizar um desejo, emprega a construção *tener que* para impor uma obrigação [*limitarte a tu trabajo*] a uma segunda pessoa do singular (*tú*), ouvinte e alvo da avaliação modal.

d) Modalidade deôntica orientada para o evento

- (48) a los vecinos les tienes que echar una mano a quien sea es normal te lleves bien te lleves mal cuando se necesita se lo **tienes que** echar la mano (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H33_09)
 [“Você tem que dar uma mão aos vizinhos, seja quem for, é normal, simpatize ou não. Quando é necessário, você tem que dar uma mão”] (tradução minha).

Na modalidade deôntica orientada para o evento, a fonte da avaliação modal repousa em regras gerais (leis, instruções e guias morais) que determinam a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas, sem que o sujeito-enunciador assuma a responsabilidade pela avaliação e sem que as normas recaiam sobre um indivíduo específico. Em (48), embora *tener que* seja marcado pela desinência verbal de segunda pessoa do singular (*tienes que*), a necessidade de cumprimento da obrigação [*echar una mano a los vecinos*] recai não sobre o ouvinte, mas sobre um participante genérico. Isso quer dizer que, nesse caso, a obrigação moral de auxílio aos vizinhos atinge uma segunda pessoa do singular que não tem como referente um sujeito específico, mas toda uma coletividade (um grupo de pessoas que compartilham regras sociais).

e) Modalidade epistêmica orientada para o evento

- (49) Grecia sería pa(ra) ir en abril porque en verano dicen que es caluroso no se puede aguantar el calor y calor húmedo allí **tiene que** ser insoportable entonces sería eso (PRESEEA_GRANADA_H31_01)
 [“Grécia é boa para ir em abril, porque no verão dizem que faz muito calor, que não é possível aguentar o calor, e o calor úmido ali deve ser insuportável, então seria isso”] (tradução minha).⁴⁴

A modalidade epistêmica orientada para o evento caracteriza os eventos em termos de possibilidade ou impossibilidade de sua ocorrência em vista do que o sujeito-enunciador conhece sobre o mundo. Embora os casos sejam raros, foram identificadas ocorrências desse tipo modal nos dados analisados. Em (49), a construção modal [*tener que* + infinitivo] atua como um modalizador epistêmico, uma vez que o enunciador expressa, por meio dela, que o esperado, com base no seu conhecimento sobre o mundo, é que o calor da Grécia seja insuportável no verão.

Embora não tenham motivado diretamente a realização da pesquisa em perspectiva diacrônica, hipotetizamos que os demais parâmetros de análise empregados na descrição de *tener que* seriam importantes indicadores do desenvolvimento da perífrase em direção à expressão de significados cada vez mais abstratos e subjetivos. Reconhecendo que tais fatores tendem a se associar com mais frequência a um ou outro tipo modal, esperamos que eles auxiliem na identificação de um processo de mudança semântica em curso. Com base na consideração de que os resultados da interação de *tener que* com esses elementos contextuais em dados modernos antecipam tendências que possivelmente se repetirão em sincronias pretéritas, julgamos importante apresentar a análise de [*tener que* + infinitivo] segundo os demais parâmetros de investigação.

Assim, no que diz respeito ao terceiro parâmetro de análise, referente à pessoa gramatical do sujeito da ocorrência com *tener que*, hipotetizamos, com base no estudo de Neves (2006) sobre auxiliares modais, que a perífrase *tener que* tenderia a receber um valor inerente ou deôntico quando o sujeito da oração fosse de primeira pessoa, e um valor epistêmico quando o sujeito fosse de terceira pessoa. Como esperado, a modalidade epistêmica apareceu com maior frequência associada à terceira pessoa gramatical do que às demais pessoas gramaticais.

⁴⁴ Dado que a construção [*ter que* + infinitivo], em português, não apresenta valores modais epistêmicos como a equivalente [*tener que* + infinitivo], a tradução das ocorrências epistêmicas apresentadas neste trabalho recorre ao uso de modalizadores do português capazes de expressar esse significado modal (como *dever* e *ser possível*, por exemplo).

A análise quantitativa dos dados mostrou a seguinte frequência de ocorrência da construção *tener que* associada aos casos de primeira, segunda e terceira pessoas gramaticais, além dos casos de sujeito indeterminado e de orações sem sujeito:⁴⁵

Tabela 3: Relação entre domínio semântico da avaliação modal e pessoa gramatical do sujeito da construção *tener que* no espanhol moderno⁴⁶

Domínio	Pessoa gramatical										Total	Total (%)
	1 ^a	%	2 ^a	%	3 ^a	%	Indeterminado	%	OSS	%		
Inerente	70	82,3	28	45,9	24	44,4	6	31,5	2	33,3	130	57,7
Deôntica	13	15,3	32	52,5	21	38,9	12	63,2	2	33,3	80	35,6
Epistêmica	2	2,4	1	1,6	9	16,7	1	5,3	2	33,4	15	6,7
Total	85	37,8	61	27,1	54	24,0	19	8,4	6	2,7	225	100

Fonte: Autoria própria

Quanto aos números, a análise do cruzamento entre *pessoa gramatical do sujeito* e *tipo modal* codificado por *tener que* corrobora parcialmente nossas hipóteses: a perífrase *tener que* com sujeito de primeira pessoa tende a expressar a modalidade inerente (82,3% das ocorrências), mas não parece favorecer a ocorrência da modalidade deôntica, tipo modal que é mais representativo entre sujeitos de segunda pessoa gramatical (52,5% dos dados). Por outro lado, os casos de modalidade epistêmica, pouco representativos entre sujeitos de primeira pessoa (2,4% das ocorrências), têm sua ocorrência favorecida pelo contexto sintático de sujeito de terceira pessoa: quando a perífrase aparece associada a essa pessoa gramatical, os casos de modalidade epistêmica representam 16,7% das ocorrências, número significativo se se considera a frequência muito maior de ocorrências de *tener que* como forma de expressão das modalidades não-epistêmicas.

As ocorrências (50) e (51) exemplificam, respectivamente, a tendência de associação da modalidade inerente à primeira pessoa gramatical e da modalidade epistêmica à terceira pessoa gramatical.

⁴⁵ Encontramos também casos de *tener que* no infinitivo e no gerúndio que, portanto, não têm marcação de pessoa gramatical, o que explica os casos excedentes não registrados no total de casos analisados com relação ao parâmetro de análise *pessoa gramatical*: dos 233 casos de *tener que*, 8 constituem casos de verbo no infinitivo e no gerúndio.

⁴⁶ Empreendemos, tanto para a análise dos séculos XX e XXI quanto para a análise das sincronias pretéritas, uma investigação que diferenciava os casos de sujeito de referência específica dos casos de sujeito de referência genérica. Os resultados apontaram, no entanto, que as modalidades expressas nos dados ocorrem aleatoriamente associadas à *especificidade/ genericidade* do sujeito de *tener que*, indicando que esse é um fator indiferente ao favorecimento da ocorrência do valor mais abstrato da construção. Assim, optamos por não adotar esse fator como um parâmetro de análise.

(50) es un: olor en ciertos momentos que resulta muy muy desagradable porque es un olor a mierda total entonces es un asunto que se tiene que resolver pues porque no se puede seguir así sí se comenta por parte del ayuntamiento que e:l solucionar eso son muchos miles de millones que no merece la pena porque se está pensando ya en hacer una depuradora mayor pero claro en el ínterin ese mientras se hace no se hace pues los vecinos de aquella zona **tenemos que** sufrir las consecuencias y son consecuencias muy desagradables (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31_07)

[“é um cheiro que em certos momentos é muito desagradável, porque é um cheiro de merda, então é um assunto que tem que ser resolvido porque isso não pode continuar assim. Se comenta por parte da prefeitura que para solucionar isso são muitos milhões e que não vale a pena porque se está pensando em fazer um depurador maior, mas claro, nesse ínterin, enquanto não se faz, os moradores daquela área temos que sofrer as consequências e são consequências muito desagradáveis”] (tradução minha).

(51) yo me estaba diciendo digo «pues esta chica **tiene que** ser más bien joven» (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_M16_04)

[“eu estava dizendo para mim mesma: ‘essa menina deve ser jovem’”] (tradução minha).

A ocorrência (50) é representativa da modalidade inerente orientada para o evento e apresenta um sujeito de primeira pessoa do plural (*nosotros*). Nesse caso, o sujeito-enunciador expressa, por meio do emprego da perífrase *tener que*, que elementos circunstanciais (a espera por um depurador maior que pudesse resolver o problema do mal cheiro) impuseram à comunidade a necessidade de sofrer as consequências, isto é, de conviver com o cheiro desagradável que vem da rua. Essa ocorrência ilustra bem uma característica própria da modalidade inerente orientada para o evento: a necessidade de ocorrência de um Estado de Coisas não depende do desejo ou não do falante. Nesse contexto, é evidente que o enunciador não deseja sofrer as consequências, mas tem que sofrê-las, mesmo contra sua vontade, em razão das circunstâncias.

Por fim, na ocorrência (51), representativa da modalidade epistêmica orientada para o evento, o sujeito da oração modalizada é de terceira pessoa (*esta chica (ella)*) e a perífrase *tener que* atua como forma de expressão da dúvida do enunciador quanto ao grau de veracidade do evento [*ser joven*].

Em resumo, a análise dos dados confirma parcialmente as tendências esperadas para o cruzamento da pessoa gramatical do sujeito com o tipo modal expresso pela perífrase [*tener que* + infinitivo]. De fato, nas ocorrências analisadas a construção *tener que* tende a receber uma interpretação inerente quando o sujeito é de primeira pessoa e uma interpretação epistêmica quando o sujeito é de terceira pessoa. Contudo, no que se refere aos casos de modalidade deôntica, observamos que a ocorrência desse tipo modal é mais favorecida por contextos de segunda pessoa do que de primeira pessoa gramatical.

No que diz respeito ao quarto parâmetro de análise, referente à animacidade do sujeito da ocorrência com *tener que*, hipotetizamos, com base em Neves (2006) e em Carrascossi (2003), que sujeitos animados tenderiam a aparecer associados às modalidades inerente, deôntica e epistêmica, enquanto sujeitos inanimados apareceriam predominantemente associados à modalidade epistêmica. Vejamos os resultados na Tabela 4.

Tabela 4: Relação entre domínio semântico da avaliação modal e traços semânticos do sujeito da construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio semântico	[+humano]	%	[-animado]	%	Total	%
Modalidade inerente	123	61,2	5	27,8	128	58,4
Modalidade deôntica	72	35,8	6	33,3	78	35,7
Modalidade epistêmica	6	3,0	7	38,9	13	5,9
Total	201	91,8	18	8,2	219 ⁴⁷	100

Fonte: Autoria própria

Os dados revelam que o tipo de sujeito mais recorrente nos dados é o sujeito com o traço semântico [+humano], que aparece em 91,8% das ocorrências da perífrase. O restante dos casos (8,2% do total) aparece associado a sujeitos com o traço semântico [-animado]. Não foram identificadas ocorrências de [*tener que* + infinitivo] associadas a sujeitos com os traços semânticos [-humano, + animado].

No que diz respeito ao cruzamento do tipo modal com o traço semântico do sujeito, os resultados confirmam a tendência de associação de sujeitos do tipo [+humano] e, portanto, [+animado] a enunciados interpretados tanto como inerentes (61,2% das ocorrências), quanto como deônticos (35,8% das ocorrências) e epistêmicos (3% das ocorrências). A modalidade epistêmica, por sua vez, aparece associada, com mais frequência, a sujeitos do tipo [-animado] (38,9% das ocorrências), embora o número escasso de casos epistêmicos (que representam somente 6,4% do total das ocorrências) não permita conclusões categóricas quanto à relação entre essa modalidade e o parâmetro de análise *animacidade do sujeito*. As ocorrências (52), (53) e (54) representam, respectivamente, a tendência de associação das modalidades inerente e deôntica a sujeitos animados e da modalidade epistêmica a sujeitos inanimados.

⁴⁷ Considerando o total de ocorrências com *tener que* (233 ocorrências), os 14 casos não categorizados no parâmetro de análise *traços semânticos do sujeito* se referem a ocorrências de oração sem sujeito e de construção *tener que* em formas nominais, a saber, infinitivo e gerúndio.

- (52) ¿y coges mucho el coche ahora?
 pues ya casi es por costumbre [...] porque en realidad antes lo cogía pues porque **tenía que** hacer la ruta de los chicos para dejarla en el instituto a A en el colegio a J (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31_07)
 [“E você pega muito o carro agora?
 Bom, agora já é quase por costume [...] antes eu pegava porque tinha que fazer o trajeto para a escola das crianças: deixar A no instituto e J no colégio”] (tradução minha).
- (53) pues **tienes que** llamarme de tú ves aquí- aquí eres tú la que metes la pata (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_M52_16)
 [“Você tem que me chamar de você; você vê, aqui é você que comete uma gafe”] (tradução minha).
- (54) pues porque siempre te ha gustado el- poner un toldo y tomarte ahí tu desayuno y estar a gusto no eso **tiene que** ser el máximo ¿no? (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31_07)
 [“Porque você sempre gostou de pôr um toldo, de tomar ali seu café da manhã e ficar desfrutando. Isso deve ser o máximo, né?”] (tradução minha).

O dado em (52), representativo da modalidade inerente orientada para o evento, apresenta um sujeito de primeira pessoa do singular (*yo*) que necessita, em razão das circunstâncias, locomover-se de carro para levar seus filhos ao colégio. A ocorrência do evento *pegar o carro* (no sentido de dirigir) só é possível se o sujeito associado à perífrase [*tener que* + infinitivo] apresenta o traço [+humano].

A ocorrência (53), por sua vez, é representativa da modalidade deôntica orientada para o participante e apresenta um sujeito de segunda pessoa do singular (*tú*), sobre o qual o enunciador impõe a obrigação de realização do evento [*llamarme de tú*]. No caso da modalidade deôntica orientada para o participante, exige-se que o sujeito da oração seja do tipo [+animado], em razão da impossibilidade de imposição de ordens e concessão de permissões a seres inanimados.

Por fim, a ocorrência (54), que ilustra a modalidade epistêmica orientada para o evento, apresenta um sujeito de terceira pessoa do singular (*eso*), do tipo inanimado. Como a modalidade epistêmica não envolve a noção de imposição de regras sobre participantes do Estado de Coisas, não é surpreendente que ela apareça mais frequentemente associada a sujeitos inanimados. No caso de (54), a perífrase *tener que* atua como forma de expressão da crença do sujeito-enunciador, pautada no seu conhecimento sobre o mundo, de que desfrutar de um café da manhã num terraço, com sombra e tranquilidade, possivelmente seja muito prazeroso [*tiene que ser el máximo*].

Em resumo, os resultados confirmam a hipótese de que as orações com sujeitos inanimados tendem a ser interpretadas como epistêmicas e de que as orações com sujeitos animados tendem a ser interpretadas tanto como epistêmicas quanto como deônticas e inerentes.

O quinto parâmetro de análise empregado na descrição da perífrase [*tener que* + infinitivo] em dados do espanhol moderno refere-se à agentividade do sujeito associado à construção modal. Conforme afirma Neves (2006), as leituras de um enunciado são reguladas em função do controle do sujeito sobre o predicado e, por isso, esse é um parâmetro importante para a interpretação modal das ocorrências.

Considerando que as modalidades inerente e deôntica são ligadas a atos injuntivos e pressupõem, assim, a presença de um sujeito que seja um agente controlador, hipotetizamos, com base em Neves (2006) e em Klinge (1996), o predomínio das modalidades inerente e deôntica em casos de predicacões que envolvessem o traço [+controle], e da modalidade epistêmica em casos de predicacões que envolvessem o traço [-controle]. Dessa forma, afirma Neves (2006), se a predicacão tem como argumento um sujeito controlador, a leitura preferida é a não-epistêmica; por outro lado, se a predicacão tem como argumento um sujeito não-agente, a leitura preferida é a epistêmica.

A análise quantitativa dos dados confirma a tendência de associaão das modalidades inerente e deôntica a predicados que envolvem o traço [+controle] e da modalidade epistêmica a enunciados que envolvem o traço [-controle].

Tabela 5: Relação entre domínio semântico da avaliação modal e agentividade do sujeito da construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio	[+controle]	%	[-controle]	%	Total	Total (%)
Modalidade inerente	120	61,5	8	33,4	128	58,5
Modalidade deôntica	73	37,5	5	20,8	78	35,6
Modalidade epistêmica	2	1,0	11	45,8	13	5,9
Total	195	89,0	24	11	219	100

Fonte: Autoria própria

As ocorrências (55), (56) e (57) exemplificam, respectivamente, a tendência de associaão das modalidades inerente e deôntica ao traço [+controle] e da modalidade epistêmica ao traço [-controle].

- (55) electricidad ya tienen to(d)as las habitaciones luz y he puesto luz fuera que tenía problema de que bueno al salir muchas veces si salía de noche **tenía que** ir casi a oscuras hasta llegar al portón (PRESEEA_GRANADA_M32_10)
 [“Todos os quartos já têm eletricidade e eu pus luz fora, que antes tinha o problema de que, bom, ao sair muitas vezes, se saía à noite tinha que ir quase no escuro até chegar no portão”] (tradução minha).
- (56) cuando haga el bachillerato que sí se lo tome un poquito más en serio porque ahí ya las notas sí que tienen un valo:r mucho más importante y hay que tenerlo ya previsto para bueno no será selectividad será otra prueba que a fin de cuentas será una prueba selectiva dentro de la universidad lo que tenga que hacer y por lo menos que eso sí lo:- se lo tome un poquito más en serio este año como que ya perdonamos un poco ese:- ese trasiego pero que para otros años lo **tiene que** tomar un poquito má:s- más en serio (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31_07)
 [“Quando fizer o ensino médio, tem que levar um pouco mais a sério porque aí as notas têm um valor muito importante. Tem que ter isso previsto, que não será uma prova de vestibular para a universidade, será outra prova. No fim das contas será uma prova de seleção dentro da universidade que terá que fazer. E pelo menos que leve isso um pouquinho mais a sério. Este ano já perdoamos um pouco esse erro, mas nos outros anos tem que levar um pouco mais a sério”] (tradução minha).
- (57) Hay carencia de parte práctica pero la teoría: también te ayuda a conocer a manejarlo un carácter práctico de las cosas ¿no? creo yo ahora así bueno decepción no porque decepción al fin y al cabo **tiene que** estar cualquier universitario en España ¿no? (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H14_02)
 [“Existe muita carência de parte prática, mas a teoria também te ajuda a conhecer, a conduzir um carácter práctico das coisas, né? Bom, decepção não porque no fim das contas decepcionado deve estar qualquer universitário na Espanha, né?”] (tradução minha).

Em (55), a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas [*ir casi a oscuras hasta llegar al portón*] é motivada por fatores contextuais (a falta de luz), o que revela que esse é um caso de modalidade inerente orientada para o evento. Nessa ocorrência, o predicado envolve o traço [+controle] porque o sujeito de primeira pessoa associado a *tener que* é um agente controlador capaz de realizar a ação descrita pelo verbo principal *ir*.

A ocorrência (56), por sua vez, é representativa da modalidade deôntica orientada para o participante e apresenta um predicado que envolve o traço [+controle]. Nesse caso, a obrigação de realização do evento [*tomar (los estudios) un poquito más en serio*] é imposta pelo sujeito-enunciador a sua filha, a qual tem capacidade para cumprir a ordem imposta pelo pai.

Já em (57), dado representativo da modalidade epistêmica orientada para o evento, o predicado não envolve o traço [+controle] porque apresenta um verbo de estado (*estar*), que não exige a presença de um agente controlador.

O modo verbal e a referência temporal da perífrase são também parâmetros de análise que orientam as leituras modais. Mira Mateus *et al.* (1983) e Koch (1993) afirmam que o modo verbal pode expressar a relação subjetiva existente entre o sujeito-enunciador e o conteúdo proposicional enunciado. Segundo os autores, que apontam o valor modalizador do modo verbal, o modo indicativo é aquele que menos expressa a atitude do sujeito-enunciador diante do conteúdo que enuncia, enquanto o modo subjuntivo, em contrapartida, expressa as hesitações do falante quanto ao comprometimento com a verdade do conteúdo enunciado. Por esse motivo, o modo subjuntivo estaria relacionado às crenças do sujeito-enunciador e, também, à possibilidade ou não de realização do evento. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Katny (1993) entende o modo indicativo como não-marcado ou neutro em termos de modalidade. O autor, considerando que nem todos os enunciados são modalizados, afirma que quando a expressão da atitude do falante com relação ao conteúdo enunciado se dá por qualquer outro meio formal que não o indicativo, isso pode ser referido como modalidade.

Com base na consideração de que o indicativo é neutro do ponto de vista da atitude do sujeito-enunciador frente ao seu enunciado, hipotetizamos que esse modo verbal poderia ocorrer com qualquer tipo modal. O modo subjuntivo, por sua vez, por expressar as hesitações do falante quanto à possibilidade ou não de realização do evento, tenderia a ocorrer associado à modalidade epistêmica. Seguem os resultados na Tabela 6.

Tabela 6: Relação entre domínio semântico da avaliação modal e modo verbal da construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio	Indicativo	%	Subjuntivo	%	Total	Total (%)
Modalidade inerente	118	56,2	12	80	130	57,7
Modalidade deôntica	77	36,7	3	20	80	35,6
Modalidade epistêmica	15	7,1	---	---	15	6,7
Total	210	93,3	15	6,7	225	100

Fonte: Autoria própria

Os dados de *tener que* do final do século XX e início do XXI revelam que o modo indicativo, por indicar um maior grau de neutralidade quanto à posição subjetiva do sujeito-enunciador frente ao conteúdo enunciado, aparece associado à modalidade inerente (56,2% das ocorrências), à modalidade deôntica (36,7% das ocorrências) e à modalidade epistêmica (7,1% das ocorrências), isto é, aos três tipos modais expressos pela perífrase *tener que*. Esse resultado confirma a hipótese de que o modo indicativo se associa comumente aos três tipos

modais expressos pela perífrase: do total de ocorrências de *tener que*, 93,3% apareceram associadas ao modo indicativo.

Com relação ao subjuntivo, não há, no *córpus* analisado, nem ao menos um caso de modalidade epistêmica relacionada a esse modo: em sentido oposto, todas as ocorrências de *tener que* expressando a modalidade epistêmica apareceram vinculadas ao modo indicativo, o que refuta a hipótese inicial. Não devemos, no entanto, desconsiderar o fato de que alguns tempos verbais do modo indicativo indicam incerteza do falante perante o conteúdo enunciado (como o futuro do pretérito, por exemplo).

Em suma, no que diz respeito à associação entre o modo verbal da perífrase *tener que* e o significado modal por ela expresso, as hipóteses são parcialmente confirmadas. Embora o indicativo, de fato, seja menos marcado do ponto de vista da expressão da atitude do falante perante seu enunciado, uma vez que ocorre associado a todos os tipos modais encontrados e representa 93,3% de todas as ocorrências analisadas, o modo subjuntivo não tem representação alguma nos casos de *tener que* epistêmico. As ocorrências (58), (59) e (60) ilustram, respectivamente, a tendência de associação das modalidades inerente, deôntica e epistêmica ao modo indicativo, altamente frequente nos dados analisados.

(58) salimos por allí a Stradford a ver el sitio de el nacimiento de Shakespeare y luego: también fuimos a Oxford que aquella era la espinita que yo me **tenía que** quitar porque si no voy a Oxford como si no hubiera ido a Inglaterra me decepcionó un poco porque: no es como te lo imaginas lo ves en las películas (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_M17_05)

[“Fomos por lá, a Stradford, para ver o lugar de nascimento de Shakespeare e depois fomos também a Oxford, que aquele era o tormento que eu tinha que tirar de mim porque se eu não fosse a Oxford é como se eu não tivesse ido à Inglaterra. Me decepcionou um pouco porque não é como você imagina ou vê nos filmes”] (tradução minha).

(59) hoy cuando he llega(d)o al mediodía bueno a to(do) esto que llegas cansa(d)o del trabajo del coche del calor de to(do) y siempre igual la comida las lentejas que las tiene congela(da)s ya le he dicho un montón de veces (m)amá no guises tanto... porque ella guisa pa(ra) congelar pa(ra) no sé cuántos que luego que luego cuando lo sacas siempre dices que nos lo **tenemos que** acabar pues la frase ¿habréis termina(d)o las lentejas? siempre igual (PRESEEA_GRANADA_M32_10)

[“Hoje quando cheguei ao meio-dia, bom, você chega cansado do trabalho, do trânsito, do calor, de tudo e é sempre a mesma coisa, a comida, as lentilhas que ela já tem congeladas... eu já disse para ela um montão de vezes: ‘mãe, não cozinhe tanto...’, porque ela cozinha para congelar, para não sei quantos, para que tenha comida sempre e, quando ela cozinha, sempre diz que temos que comer tudo. A frase ‘vocês acabaram com as lentilhas?’ é sempre a mesma”] (tradução minha).

- (60) ¿tú crees ahora que: que hay mucho problema de: delincuencia y cosas de estas aquí en en Alcalá? ¿has oído- has oído a alguien...? yo creo que yo creo que **tiene que** haber como en todas las ciudades (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H33_09)
 [“Você acredita agora que existe muito problema de delinquência e coisas desse tipo aqui em Alcalá? Você ouviu alguém...? eu acredito que deva existir como em todas as cidades”]
 (tradução minha).

A ocorrência (58) é representativa da modalidade inerente orientada para o participante, tipo modal que diz respeito às necessidades internas ao participante inserido no evento. Nesse caso, o participante do Estado de Coisas avalia a necessidade de inserção no evento [*quitar la espinita*] como extremamente importante porque regulada por fortes impulsos internos.

O dado em (59), por sua vez, representa a modalidade deôntica orientada para o participante porque descreve a imposição de uma obrigação [*acabar las lentejas*] sobre um participante específico no plural (*nosotros*).

Por fim, na ocorrência (60), a construção perifrástica *tener que* serve como expressão da modalidade epistêmica orientada para o evento, tipo modal que caracteriza um evento como possível ou não com base no que o enunciador sabe sobre o mundo. No caso de *tener que*, que expressa noções de necessidade, um conjunto de conhecimentos de mundo leva o falante a concluir sobre a necessidade de que o evento descrito [*existir problema de delincuencia en todas las ciudades*] seja verdadeiro.

Como se nota, nas três ocorrências as modalidades inerente, deôntica e epistêmica aparecem associadas ao indicativo, modo verbal que, por ser não-marcado, pode aparecer com qualquer tipo modal.

Quanto à associação entre referência temporal de *tener que* e tipos modais expressos pela perífrase, hipotetizamos, com base em Klinge (1996) e em Neves (2006), que a interpretação deôntica seria esperada para as sentenças com referência no futuro pelo fato de a modalização deôntica dizer respeito a ordens, proibições e permissões projetadas para a futuridade, pois como afirma Neves (2006, p. 188), “a ninguém pode ser conferida uma permissão ou ser imposta uma obrigação para que tenha feito algo no passado”. Nesse sentido, a leitura epistêmica seria mais aceitável para as sentenças que representam uma situação referencial de tempo passado ou de tempo presente, embora as leituras epistêmicas associadas às sentenças com referência no futuro não possam ser de todo excluídas, conforme afirma Klinge (1996).

Reconhecendo que as sentenças com referência no futuro tendem a receber leituras inerente e deôntica por possibilitarem o controle do agente, hipotetizamos a associação da

modalidade epistêmica ao presente e ao passado e das modalidades inerente e deôntica a sentenças com referência no futuro. A análise quantitativa dos dados revela a esmagadora frequência de associação das modalidades inerente e deôntica a eventos no tempo presente (93% das ocorrências), como mostra a Tabela 7.

Tabela 7: Relação entre domínio semântico da avaliação modal e referência temporal da construção *tener que* no espanhol moderno

Domínio	Presente	%	Passado	%	Futuro	%	Total	Total (%)
Inerente	73	51,0	41	80,4	16	51,6	130	57,7
Deôntica	60	42,0	8	15,7	12	38,7	80	35,6
Epistêmica	10	7,0	2	3,9	3	9,7	15	6,7
Total	143	63,6	51	22,7	31	13,8	225	100

Fonte: Autoria própria

Esse resultado é justificável se consideramos que o presente é o tempo verbal não-marcado e que os enunciados no presente podem apresentar referência de futuro. Já no que diz respeito à tendência de associação da modalidade epistêmica a eventos com referência no passado e no presente, embora a diferença não seja significativa, os casos de modalidade epistêmica associada ao presente e ao passado são mais frequentes do que os casos desse mesmo tipo modal associado ao futuro.

As ocorrências (61), (62) e (63) ilustram, respectivamente, os casos de modalidade inerente e deôntica associadas a enunciados relativos a eventos futuros e da modalidade epistêmica associada a um evento localizado no passado.

(61) no apetece para nada que como padres nos tengamos que poner en esa situación porque es bastante desagradable para todos pero me imagino que tendrá que ser así claro si pasa al instituto tiene que tener un seguimiento **tendré que** estar hablando también cada cierto tiempo con los profesores y tal para que de alguna forma sí en su caso pues haya un cierto control porque si no pues va a tener muchas más horas de: ocio que- que de trabajo (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31_07)

[“E não temos vontade nenhuma de que como pais tenhamos que nos colocar nessa situação, porque é bastante desagradável para todos, mas eu imagino que terá que ser assim. Claro, se passa pelo instituto tem que ter um seguimento. Terei que falar com certa regularidade com os professores para que haja, de alguma forma, em seu caso, um certo controle, porque se não vai ter muitas horas a mais de ócio do que de trabalho”] (tradução minha).

(62) entonces yo me imagino que sí se tomarán el asunto en serio y alguna salida le- le **tendrán que** dar porque no puede continuar así (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H31-07)

[“Então eu imagino que levarão o assunto a sério e alguma saída terão que dar porque assim não pode continuar”] (tradução minha).

- (63) estaban en una especie de sitio de recreo entre medias de las dos ciudades y a mi madre como le dío la historia estaba más cerca V y nací en un hospital porque en la S no había hospital pero vamos fue de casualidad ¿sabes? nací de casualidad **tenía que** haber nacido en la S (PRESEEA_ALCALÁ DE HENARES_H14_02)
 [“Estavam em uma espécie de lugar de recreio entre as duas cidades e minha mãe estava mais perto de V e eu nasci em um hospital porque em S não havia hospital, mas foi por acaso, sabe? Eu nasci por acaso, tinha que ter nascido em S”] (tradução minha).

Em (61), *tener que* aparece conjugado na primeira pessoa do singular do tempo futuro (*tendré que*) e atua como forma de expressão da modalidade inerente orientada para o evento. Nesse caso, a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas [*hablar con los profesores*] é motivada por fatores circunstanciais (a indisciplina do filho do sujeito-enunciador) e se projeta para um momento posterior ao momento da enunciação.

Em (62), por sua vez, a construção *tener que* aparece conjugada na terceira pessoa do plural do tempo futuro (*tendrán que*) e atua como forma de expressão da modalidade deôntica orientada para o evento. Nesse caso, a obrigatoriedade de realização do Estado de Coisas [*dar una salida*] é aberta à futuridade e não recai sobre nenhum participante específico.

Já em (63), a perífrase *tener que* aparece conjugada na primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito (*tenía que*) e atua como forma de expressão da modalidade epistêmica orientada para o evento. Nesse caso, o sujeito-enunciador avalia, com base no que conhece sobre o mundo, a possibilidade de que algo [*nacer en la S*] tivesse ocorrido em um momento anterior ao momento de enunciação. Um exemplo como esse ilustra bem a impossibilidade de controle do sujeito-enunciador sobre a ocorrência de um evento com referência no passado.

Sobre a modalidade deôntica, embora o esperado fosse que esse tipo modal não aparecesse associado a eventos com referência no passado, foram encontrados casos de *tener que* deôntico com morfologia de passado, porém com valor semântico de futuro. Em razão de comumente haver neutralização, em espanhol, do pretérito imperfeito do indicativo e do futuro do pretérito, é possível que, em alguns contextos, o pretérito imperfeito do indicativo assumo o valor do futuro do pretérito e vice-versa. É o que ocorre em (64).

- (64) Al final es una concentración ahí de borrachos [...] Lo ves en to(dos) los sitios va la policía local los echan y al rato vuelven y yo no veo solución yo creo que **tenían que** hacer una zona que no esté habitada (PRESEEA_GRANADA_H31-01)
 [“No fim das contas é uma concentração de bêbados [...] Você vê isso em todos os lugares, a polícia local vai até o lugar, expulsa-os e logo depois eles voltam. Eu não vejo solução, acredito que tinham que fazer uma área que não esteja habitada”] (tradução minha).

Nessa ocorrência, embora a marcação morfológica da perífrase *tener que* seja a de passado (*tenían que*), o valor semântico dessa construção é de futuro e, nesse caso, *tenían que* no pretérito imperfeito assume o valor do futuro do pretérito *tendrían que*, o que explica a possibilidade de que a perífrase atue, nesse caso, como forma de expressão da modalidade deôntica, tipo modal que diz respeito à imposição de regras projetadas para a futuridade.

Em resumo, no que se refere aos resultados encontrados a partir da análise das 233 ocorrências de *tener que* no espanhol moderno, notamos, com relação ao *domínio semântico da avaliação modal*, que a construção perifrástica expressa, preferencialmente, as modalidades não-epistêmicas, muito provavelmente em razão de uma rota de gramaticalização que parte da expressão de significados mais concretos para a expressão de significados mais abstratos.

Quanto ao *alvo da avaliação modal*, confirmamos a hipótese de que a construção *tener que* tende a expressar, na maioria dos casos, a modalidade orientada para o evento, em razão do tipo de cópula analisado. Nas entrevistas orais, nas quais há a tentativa de proteção de face, espera-se que a imposição de regras recaia sobre participantes genéricos.

No que diz respeito à *persona gramatical do sujeito*, observamos que os casos de modalidade epistêmica são favorecidos pela associação de *tener que* a sujeitos de terceira pessoa, antecipando o que parece ser um contexto sintático favorecedor da preferência por esse tipo modal.

Com relação à *animacidade do sujeito* da ocorrência com *tener que*, os dados modernos da perífrase revelam que, por um lado, as orações com sujeitos inanimados inibem o aparecimento da modalidade não-epistêmica e, por outro, favorecem a preferência pela leitura epistêmica.

Quanto à *agentividade do sujeito* associado à construção modal, confirmamos, nos dados modernos, a hipótese de tendência de associação das modalidades não-epistêmicas a predicados com o traço [+controle] e da modalidade epistêmica a predicados com o traço [-controle], o que mostra um possível padrão de associação entre sujeitos não-agentivos e significado epistêmico.

No que se refere ao *modo verbal de tener que*, embora o indicativo se associe a todos os tipos modais, conforme esperado, o modo subjuntivo não aparece associado à modalidade epistêmica, o que refuta, parcialmente, nossas hipóteses.

Com relação à *referência temporal* da perífrase, embora o esperado fosse que as modalidades não-epistêmicas se associassem a sentenças com referência no futuro, os

resultados revelam que eventos no tempo presente favorecem a ocorrência dos três tipos modais encontrados em dados modernos.

Em suma, a apresentação dos resultados da análise de *tener que* em dados do espanhol moderno (séculos XX e XXI) leva ao questionamento de como se deu o processo de gramaticalização da construção na evolução do espanhol. Como destacado anteriormente, o que verdadeiramente impulsionou a realização da pesquisa em perspectiva diacrônica foram os resultados derivados da análise de *tener que* segundo o critério *domínio semântico*, os quais revelaram uma frequência muito maior dos valores não-epistêmicos em comparação aos valores epistêmicos.

Assim, a fim de comprovar o *cline* de gramaticalidade dos valores semânticos da perífrase (*inerente/deôntico* > *epistêmico*), já observado em perspectiva sincrônica, será analisado, a partir de dados históricos do espanhol peninsular, como se dá o processo de abstratização de [*tener que* + infinitivo] e em que medida os parâmetros contextuais (pessoa gramatical do sujeito, animacidade, agentividade e tipologia do EsCo)⁴⁸ são indicadores do avanço da expressão modal da perífrase em direção a estágios mais elevados de gramaticalização (e de abstratização).

⁴⁸ O posicionamento metodológico adotado descarta a análise, em perspectiva diacrônica, dos parâmetros modo verbal e referência temporal da construção *tener que*, mas inclui a investigação da tipologia do EsCo segundo Dik (1997).

CAPÍTULO V

A PERÍFRASE [*TENER QUE* + INFINITIVO] EM DIFERENTES SINCRONIAS DO ESPANHOL PENINSULAR

Resumo

Considerando a hipótese de que [*tener que* + infinitivo] sofreu um processo de abstratização do significado de obrigação e necessidade para o significado epistêmico, configurando-se, assim, como construção perifrástica modal codificadora de diferentes valores modais (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013; OLBERTZ, 2016; OLBERTZ, 2018), descrevemos, neste capítulo, os valores modais da construção perifrástica em diferentes sincronias do espanhol peninsular.

Tendo em vista a necessidade de recurso ao contexto para o estabelecimento do significado (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; SILVA CORVALÁN, 1995) e reconhecendo que os elementos modais não podem ser definidos, *a priori*, como expressando um único valor modal, uma vez que a interpretação não se faz unicamente no léxico, mas, antes, deve vir como resultado da contextualização da construção em estudo, investigamos não somente os valores modais codificados por [*tener que* + infinitivo] com base na classificação de Hengeveld (2004), mas também verificamos em que medida os fatores contextuais associados à construção são motivadores da instanciação de um ou outro valor modal. Como os fatores sintático-semânticos têm influência direta na interpretação modal de um elemento linguístico, esperamos comprovar o processo de abstratização de [*tener que* + infinitivo] com base na verificação de que a perífrase passa, a partir de determinado período da história do espanhol, a se associar a elementos que, por um lado, desfavorecem o aparecimento das modalidades não-epistêmicas, e, por outro, impulsionam a preferência pela leitura modal epistêmica (o que, conseqüentemente, aumenta de maneira gradativa a frequência desse tipo modal).

Coerentes com tais premissas, descrevemos, na seção 5.1, os significados modais codificados pela construção *tener que* em dados do espanhol peninsular escrito do século XIII ao século XIX, analisando os elementos sintático-semânticos – pessoa gramatical, animacidade e agentividade do sujeito associado a [*tener que* + infinitivo], assim como tipologia do Estado de Coisas no qual a construção se instancia – que se apresentam como impulsionadores do aparecimento de um ou outro *type* (valor modal) manifestado pela perífrase.

No processo de mudança semântica que ocorre na gramaticalização, a transferência conceptual de um sentido de um domínio de conceptualização para outro promove o deslizamento de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato (GONÇALVES *et al.*, 2007). Conforme afirmam Heine *et al.* (1991), essa movimentação normalmente é intermediada por uma ambiguidade semântica, que representaria o “elo perdido” da ressemantização, e que é responsável por caracterizar a gramaticalização como um processo de caráter gradual. Nessa mesma trajetória, Traugott (2003) afirma, sobre a natureza gradual da mudança linguística, que os fenômenos de gramaticalização são essencialmente gradientes e variáveis, pois prosseguem por meio de passos mínimos (e não por saltos abruptos).

Bauman (2013), analisando o processo de gramaticalização de *tener* pleno codificador da noção de posse a *tener que* auxiliar codificador das noções modais de obrigação/necessidade, afirma que, quando a reinterpretação do significado de uma forma está disponível em um contexto particular, a construção ocupa o que foi descrito como um “contexto de transição” (ou contexto-ponte) (cf. EVANS; WILKINS, 1998; HEINE, 2002). Com base nessa perspectiva, entendemos que o uso de *tener que* em um contexto específico pode desencadear uma inferência por parte do ouvinte de que, além do significado de origem, há outra interpretação possível.

Traugott (2003), estendendo o domínio da gramaticalização, reconhece a importância de se tomar como foco, na teoria, não o item lexical isolado que passa pelo processo de mudança, mas todo o contexto morfossintático (e pragmático) em que o elemento se gramaticaliza. Assim, a autora redefine a gramaticalização como um processo segundo o qual

a um material lexical em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente restritos é atribuída uma função gramatical, e, uma vez gramatical, a esse material (item ou construção) é atribuída uma função cada vez mais gramatical (TRAUGOTT, 2003, p. 645, tradução minha)⁴⁹

Nesse sentido, o que sofre gramaticalização não é o verbo *tener* isolado, mas *tener que* inserido em um contexto sintagmático específico.

Considerando, enfim, ser comum à maioria das definições de gramaticalização a sua concepção como um processo que, pela própria conceituação, nunca ocorre abruptamente, apresentamos, na seção 5.2, uma discussão acerca dos contextos ambíguos nos quais [*tener que* + infinitivo] instancia, num ambiente que propicia reinterpretações modais, tanto valores

⁴⁹ No original: [*Grammaticalization*] is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts is assigned grammatical function, and once grammatical, is assigned increasingly grammatical, operator-like function.

deônticos e inerentes (considerados mais antigos e concretos) quanto valores epistêmicos (desenvolvidos a partir dos primeiros e mais abstratos). A análise dos contextos de surgimento de novas inferências modais é relevante para a presente pesquisa na medida em que permite pensar a perífrase em estudo como uma construção que, de fato, sofre abstratização semântica.

5.1 A perífrase [*tener que* + infinitivo] em diferentes sincronias do espanhol peninsular

Nesta seção, procederemos à análise das 928 ocorrências perifrásticas⁵⁰ de [*tener que* + infinitivo] encontradas no levantamento de dados dos séculos XIV ao XIX a partir do CORDE, cópula diacrônica utilizado para a investigação da hipótese de abstratização dessa construção. Considerando que a gramaticalização prevê um processo de abstratização, esperávamos encontrar, quanto mais pretéritas as sincronias, significados modais mais próximos daqueles que qualificamos como não-epistêmicos. Assim, analisamos a frequência de uso de [*tener que* + infinitivo] relacionada a cada parâmetro de análise, a fim de verificar a existência de possíveis padrões de associação entre tipos modais e fatores contextuais que comprovassem (ou refutassem) o processo de mudança semântica que, segundo hipotetizado, segue um cline de *inerente/deôntico* > *epistêmico*.

Os dados analisados nesta pesquisa ratificam o que afirmam autores voltados à investigação do surgimento e da origem das perífrases espanholas (YLLERA, 1980; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018), isto é, que a construção [*tener que* + infinitivo] com valor perifrástico se instancia na língua somente no século XIV, embora a literatura situe a existência de *tener* pleno contíguo a *que* e associado à oração relativa não-finita desde o século XIII.

Nos nossos dados, os 928 *tokens* da perífrase [*tener que* + infinitivo] se distribuem, do século XIV ao XIX, nas seguintes proporções:

⁵⁰ Os *tokens* de *tener que* perifrástico que somam o total de 928 ocorrências são contabilizados somente a partir dos quatro tipos modais encontrados nos dados (modalidade inerente, deôntica, epistêmica e volitiva) que possibilitam interpretações modais preferidas. Na seção 5.2 será apresentada uma discussão acerca das ocorrências que possibilitam leituras modais ambíguas e que, por essa razão, caracterizam-se como contextos de transição no processo de mudança linguística.

- o Século XIV: 2 ocorrências;
- o Século XV: 32 ocorrências;
- o Século XVI: 228 ocorrências;
- o Século XVII: 225 ocorrências;
- o Século XVIII: 161 ocorrências;
- o Século XIX: 280 ocorrências.

Ao tratarem da frequência como um mecanismo de mudança linguística, Bybee e Pagliuca (1985) afirmam que, em razão do fato de que se generalizam a um amplo número de contextos, os itens linguísticos crescem em termos de frequência quando passam pelo processo de gramaticalização. Em texto posterior, Bybee (2003) reafirma que, uma vez que os *grams*⁵¹ comumente se desenvolvem de morfemas lexicais durante o processo de gramaticalização, uma característica marcante desse processo é o aumento da frequência. Esse aumento acontece como resultado do aumento do número e tipos de contextos em que a ocorrência da unidade linguística se torna apropriada. Diante dessas considerações, é razoável dizer que a construção com sentido modal sofreu um aumento na frequência ao longo dos séculos em nossos dados, de maneira semelhante ao que ocorre nos resultados de Bauman (2013) e de Olbertz (2018), muito provavelmente em razão da perda de restrições impostas pelo significado original de *tener*.

Segundo destacam autores preocupados com a descrição da forma como ocorre o processo de gramaticalização (MEILLET, 1912; LEHMANN; 1982; BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), um dos mais antigos mecanismos de mudança semântica em gramaticalização é o de *bleaching* semântico, processo por meio do qual traços de significado de natureza mais concreta são perdidos. Esse mecanismo exerce influência direta na generalização da construção, pois é fator responsável pelo aumento dos contextos nos quais ela pode ser apropriadamente usada.

Conforme discriminado no capítulo II, a construção *tener que*, na sua trajetória de mudança de pleno a auxiliar, “perde” conteúdo semântico original a partir do processo de *bleaching*, e passa a se associar a tipos de sujeitos e verbos principais (verbos intransitivos e cópula) que impedem a interpretação de *tener* como verbo pleno significando posse.⁵²

⁵¹ A autora utiliza a denominação *grams* para se referir a qualquer unidade linguística gramatical.

⁵² Como o processo de gramaticalização pressupõe que a mudança se dê de forma gradual, não é surpreendente que os dados de [*tener que* + infinitivo] provenientes de sincronias mais pretéritas do espanhol tenham se apresentado, em nossas ocorrências, em contextos que permitem tanto a leitura léxica quanto a leitura modal de *tener*.

Em termos gerais, Bybee (2003), reconhecendo o papel crucial da repetição na mudança linguística, apresenta uma nova definição do fenômeno da gramaticalização e o caracteriza como “o processo por meio do qual uma sequência de palavras ou morfemas usada com frequência se torna automatizada como uma unidade única de processamento” (BYBEE, 2003, tradução minha).⁵³

Essa definição de fato se aplica ao desenvolvimento de *tener* de verbo pleno (lexical) a verbo auxiliar (gramatical). Sabe-se que a sequência [*tener* + *que* (pronome relativo) + oração relativa não-finita] favorece uma primeira inferência modal em razão da proximidade semântica existente entre [*tener que* + infinitivo] com valor modal e [*tener que* + infinitivo] constituída por *tener* codificador de noção de posse associado à oração com sentido de finalidade. No caso da sequência [*tener que* + infinitivo], como a possibilidade de uma primeira inferência modal de obrigação/ necessidade ocorre em alta frequência na língua, o componente semântico de indicação de modalidade se convencionaliza e é efetivamente adicionado ao conteúdo semântico inerente da forma, a qual se consolida e se estende a um número cada vez maior de contextos.

Conforme afirma Bybee (2003), a repetição leva à “automatização” de uma sequência de unidades e à reanálise da sequência como uma única unidade de processamento, constituída por unidades antigas e independentes que vão perdendo seu significado individual. Diante de uma forma que frequentemente possibilita uma inferência modal, o usuário da língua, a partir de uma reinterpretação induzida pelo contexto, reanalisa o conjunto [*tener que* + infinitivo] como uma construção perifrástica codificadora de valores modais.

Tais pressupostos levam à conclusão de que o aumento gradativo do número de *tokens* de *tener que* é um indicativo de que a construção passa por um processo de generalização de significado e se consolida plenamente no domínio de expressão da modalidade, codificando tanto valores inerentes/ deônticos quanto valores epistêmicos. No entanto, conforme verificaremos nas seções seguintes, embora *tener que* tenha se tornado mais frequente para a expressão de valores modais em termos gerais, nos nossos dados o número de casos de [*tener que* + infinitivo] instanciadores da modalidade epistêmica, em comparação ao número de casos instanciadores de modalidades não-epistêmicas, é pouco frequente até mesmo no momento atual da história da língua espanhola (século XXI).

Embora a explanação do processo de constituição de *tener que* seja relevante para a validação de seu *status* de perífrase modal, nosso compromisso neste trabalho não é focar a

⁵³ No original: [*Grammaticization is*] the process by which a frequently used sequence of words or morphemes becomes automated as a single processing unit.

mudança categorial de *tener que* pleno com sentido de posse para *tener que* com sentido perifrástico, mas sim o processo de abstratização da construção perifrástica já consolidada. Reconhecemos que a investigação da trajetória de *tener que* segundo o *cline inerente/deôntico* > *epistêmico* também permite a identificação de um contexto de ambiguidade em que são possíveis tanto uma leitura modal quanto outra. Na seção 5.2, verificaremos se existem, nos dados ambíguos encontrados, contextos padrões que justifiquem a possibilidade de atuação de processos de inferência que adicionam um significado mais abstrato à construção em análise.

5.1.1 Século XIII

Tendo em vista que a extração de dados no CORDE foi realizada por meio da procura por *tener* contíguo a *que*, o corpus exibiu, como resultado da pesquisa, casos em que [*tener* + *que*] aparecia seguido de qualquer elemento linguístico. Embora tenha sido identificada desde o século XIII, a sequência [*tener que* + infinitivo] com valor de posse aparece, em nossos dados, em número muito escasso se comparado ao montante de ocorrências levantadas neste século. Das 361 ocorrências selecionadas, somente 2 (2/361=0,8%) apresentam [*tener* + *que*] associada a infinitivo.

A ocorrência (65) ilustra o uso de *tener* com sentido de posse associado à construção relativa não-finita.

- (65) [...] En aquellos días, estando muchas yentes con Ihesu, non auiendo que comer, llamo sos diciplos e dixo les: Duelo me destas yentes, que tres días ha que son comigo, e non **tienen que comer** [...] E recudieron le sos diciplos: ¿Dond podrie ombre fartar a tantos ombres en este logar yermo? El pregunto les: ¿Quantos panes auedes? Ellos dixieron que siete. E mando assentar las yentes..., e tomo los siete panes, e bendixo los, e quebranto los, e dio los a sos diciplos, que los diessen a la yent, e dieron les a comer [...] (1260, *Prosa Religiosa (El Nuevo Testamento según el manuscrito escurialense I-j-6)*, Anônimo)
- [[...] Naqueles dias, estando muita gente com Jesus, não havendo o que comer, chamou seus discípulos e disse-lhes: eu me compadeço destas pessoas que estão comigo há três dias e não têm o que comer [...]] (tradução minha).⁵⁴

Nesse caso, *tener* é um verbo pleno com sentido de posse e *que* é um pronome relativo introdutor de uma oração relativa sem cabeça. Essa ocorrência apresenta uma configuração sintática tal que o sujeito tem um referente humano possuidor de *tener* e também agente do

⁵⁴ Optamos por oferecer uma tradução aproximada dos exemplos em espanhol, para facilitar a compreensão do contexto de emprego da construção modalizadora.

verbo no infinitivo, e o objeto de posse (possuído) também é paciente de *comer*. Isso significa dizer que, no emprego original de *tener* associado a uma construção relativa não-finita, uma característica da construção [*tener que* + infinitivo] é a de que o segundo argumento do verbo *tener* com sentido de posse (o objeto implícito *nada*) é, também, o segundo argumento do verbo no infinitivo. Curiosamente, como afirma Olbertz (2018), grande parte dos primeiros usos dessa construção é negativa e apresenta *nada* como objeto de *tener*. Dessa forma, embora a ausência de objeto explícito favoreça, em alguns casos, uma primeira inferência de modalidade (BAUMAN, 2013), casos como esse, que não podem ser considerados representativos de ocorrências gramaticalizadas, são interpretados como construções intencionais indicadoras de posse (ou, no caso, falta de posse) de algo que serve a algum propósito (*nada para comer*).

Embora, ainda que em número bem reduzido, os casos de *tener* com sentido de posse associado à oração relativa não-finita tenham aparecido em nossos dados do século XIII, a grande maioria dos casos não perifrásticos que integra o conjunto das 361 ocorrências deste século (359/361=99,4%) representa o padrão em que a sequência [*tener* + *que*] se associa a verbos conjugados (cf. (66), (67) e (68)).

- (66) [...] Conviene al sesudo que escoja a los omes por el su bien fazer, como escojen las buenas tierras para senbrar en ellas.
 Non desprecies el poco yerro, maguer que sea con muchas obras derechas, que tal es como la mala humor: Maguer sea vencida de los otros humores contrallos, si non la echaren del cuerpo, teme-se ome que se apoderará de los otros humores por alguna razón.
 Quando sirvieres algunt señor, non quieras seer su igual, si non en la fe e en el seso e en la sufrenca, e non en otra cosa [...]
 Non se sirve de ti el señor por que **tiene que** sabes tú más que él; mas él tiene-te como tenazas para tomar una brasa, la que él non puede tomar con sus dedos. E quanto tú sabes más que él en aquellas cosas que le sirves, tanto le sey tú omildoso. (1250, *Prosa Narrativa (Bocados de oro)*, Anônimo)
 [“Convém ao sensato que ele escolha os homens pelo bem que eles fazem, como as pessoas escolhem as boas terras para semeá-las.
 Não menospreze o erro pequeno, ainda que ele apareça em meio a muitas obras honestas, porque isso é como o mau humor: Ainda que o mau humor seja vencido pelos outros humores, se não o descartam do corpo, o homem teme que ele se apoderará dos outros humores por alguma razão.
 Quando você servir a algum senhor, não queira ser seu igual, a não ser na fé, no juízo e no sofrimento, e não em outra coisa [...]
 O senhor não se serve de ti porque acredita que você sabe mais do que ele; antes, ele te considera uma pinça para pegar uma brasa que ele não pode pegar com seus dedos [...]”]
 (tradução minha).

(67) - Mas, señora -dixo el caballero-, yo veo que bevimos aquí a gran desonra de nos y con gran pobreza y, si por bien lo toviéssedes, creo que sería bien en nos ir para otro reino do no nos conociessen & quizá mudaríamos ventura, ca dize el proverbio que quien se muda, Dios le ayuda & aquellos que bien no les va, assí como nos por nuestra desventura, ca el que bien le va no ha por qué se mude, ca en mudándose, a menudo, pierde lo que ha, & por ende dizen que piedra movediza no la cubre moho. & pues a nos no nos va bien, ¡mal pecado!, ni a nuestra honra ni provecho el provérbio no es por nos, **tengo que** mejor sería mudarnos que no que bivamos aquí tan pobres [...] (1300-1305, *Prosa Narrativa (Libro del cavallero Cifar)*, Anônimo)

[“Mas, senhora, disse o cavaleiro, vejo que vivemos aqui com grande desonra e com grande pobreza e, se a senhora tivesse por bem, acredito que seria bom que fôssemos para outro reino onde não nos conhecessem e talvez mudaríamos o destino, como diz o provérbio que quem se muda, Deus lhe ajuda, e a aqueles que não vão bem, como nós em nosso infortúnio. [...] Tenho para mim que melhor seria mudarmos do que vivermos aqui tão pobres [...]”] (tradução minha).

(68) Dixo Arside: La lengua puede jurar mentira e el seso non, pues pugna que se acuerde la tu lengua con el tu seso.

E dixo: Non demandes a Dios lo que es tuyo, que cada uno ha lo que le abonda; mas demanda-le que te faga abondar de lo que as.

E dixo: Por que los pueblos cuidan que Dios es en los altares sola mente, tienen por eso, que pertenesce al ome de guisar las sus voluntades contra Dios en los altares solamente; mas los sabios, por que saben que Dios es en todo lugar, aguisan sus voluntades escontra dios en cada lugar, como los omes fazen a los altares.

Dixo Pitagoras: Pues que la lengua es estrumente para demostrar lo que pasa por el alma, conviene que non la use, si non en lo que pasa por el alma.

E dixo: El que **tiene que** non ay otra vida, si non la vida natural sola mente, es el mal aventurado, e semeja a la sombra que se tira aina, e a la planta que se seca luego, e faze vida bestial. Mas el que sabe que ay otra vida spiritual, e que non es mortal e que es fincable por sienpre, guía-se con las sus obras por las obras de Dios, e non faze si non los buenos fechos [...] (1250, *Prosa Narrativa (Bocados de oro)*, Anônimo)

[“Aquele que acredita que não existe outra vida, além da vida natural, é o mal-aventurado. Ele se assemelha à sombra que se evade facilmente e à planta que se seca rapidamente, fazendo com que sua vida seja bestial [...]”] (tradução minha).

As ocorrências (65), (66), (67) e (68) apresentam *tener que* como uma construção que ainda não atingiu o *status* de perífrase codificadora de noções modais. Enquanto *tienen que comer*, em (65), representa a construção da qual *tener que* perifrástico efetivamente se origina, em razão da proximidade semântica existente entre [*tener que* + infinitivo] com valor modal e [*tener que* + infinitivo] constituída por *tener* em seu valor original de posse, as ocorrências em (66), (67) e (68) representam o padrão geral dos dados de *tener* associado a *que* encontrados no século XIII. Nesses casos, a sequência [*tener* + *que*] se assemelha, em termos semânticos, aos verbos plenos *achar*, *acreditar* e *crer*.

Bauman (2013) e Blas de Arroyo e González Martínez (2014) reconhecem que [*deber* (*de*) + infinitivo] atua no domínio de expressão da modalidade muito antes de [*tener que* + infinitivo], uma vez que se apresenta, desde o século XIII, como forma de expressão de

significados modais. A ocorrência (69) representa um contexto relativamente frequente nos dados do século XIII, em que a sequência [*tener + que*], semanticamente semelhante ao verbo pleno *acreditar*, aparece anteposta à construção modal [*deber + infinitivo*]. Esse é mais um contexto de ocorrência de [*tener + que*] que confirma o caráter não perifrástico da construção no século XIII.

- (69) [...] E dotra parte mando a otros sos priuados en grand poridat que al mudar de los sacos dun nauio en otro que de guisa los diessen a los omnes del rey porque no los pudiessen tener e ouiesen a caer en la mar. Y ellos fizieronlo assi com ella mando. de guisa que aquellos sacos todos fueron perdudos en la mar. Quand este mandado llego a dido maguer ella sabie com era el fecho dio grandes bozes e començo a llorar llamando mucho a acerua so marido e diciendo Euaste aqui las riquezas y ell auer que dexaras pora tos fijos reciblo por sacrificio con que se alimpien los peccados de la tu alma. pues que por ello recibiste la muerte. Des que dido ouo dicho muchas uezes estas palauras e fecho grand duelo tornosse contra los omnes de so hermano e dixo. Mio marido acerua es muerto. e yo tengo que es con dios. mas los que a mio hermano el rey fizieron perder esta riqueza tan grand. bien **tengo que non deuen escapar** sin recibir grandes penas e grandes tormentas en sos cuerpos. Los del rey quando aquello oyeron ouieron muy grand miedo porque sabien que de sos manos cayeran aquellos sacos en la mar [...] (1270, *Prosa Histórica (Estoria de Espanna que fizo el muy noble rey don Alfonsso, fijo del rey don Fernando et de la reyna...), Alfonso X*)
 [“[...] [Dido] se voltou contra os homens de seu irmão e disse: ‘meu marido Acerua está morto, e eu acredito que está com Deus. Mas os que a meu irmão, o rei, fizeram perder esta riqueza tão grande, acredito que não devem escapar sem receber grandes penas e grandes tormentos em seus corpos’ [...]”] (tradução minha).

Em (69), Dido impõe a obrigação de realização do evento [*escapar sem receber grandes penas e grandes tormentos em seus corpos*] sobre os homens – alvo da avaliação modal – que fizeram com que seu irmão perdesse uma grande riqueza. Em concordância ao que afirmam os autores, essa ocorrência nos mostra que, em nossos dados, a construção [*deber (de) + infinitivo*] se apresenta, de fato, como forma gramaticalizada para expressão de modalidade já no século XIII.

Conforme apontado no capítulo II, diferentes autores voltados à descrição do processo de constituição das perífrases modais do espanhol (YLLERA, 1980; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018) situam, no século XIII, as primeiras ocorrências de *tener* com sentido de posse associado a uma construção relativa não-finita introduzida por *que*. No que diz respeito ao aparecimento de *tener que* como construção que possibilita⁵⁵ leituras modais, as primeiras ocorrências da expressão com esse novo

⁵⁵ A partir do século XIV, período em que aparecem os primeiros casos perifrásticos, nossos dados de *tener que* instanciadores de valores modais revelam que a construção possibilita, mesmo que fracamente, uma leitura de

comportamento surgem, segundo Yllera (1980), somente na segunda metade do século XIV (1350, aproximadamente), sendo pouco frequentes até o século XVI.

Os dados que constituem nosso universo de pesquisa ratificam o que afirmam os autores sobre a datação, no sistema da língua espanhola, de casos de *tener* pleno associado a verbo no infinitivo desde o século XIII. De fato, nesse momento da história do espanhol peninsular, [*tener que* + infinitivo] aparece somente como forma de expressão da noção de posse associada à oração relativa com valor de finalidade, mas não como construção codificadora da noção modal, com *tener* recategorizado como verbo auxiliar.

5.1.2 Século XIV

Segundo afirmam Hopper e Traugott (2003), os pesquisadores preocupados com questões relacionadas ao fenômeno da gramaticalização observaram, desde muito cedo, que esse processo envolve perda de conteúdo semântico. Conforme ressaltam Heine *et al.* (1991, p. 21), desde a década de 1970, prevaleceu uma visão segundo a qual a gramaticalização forma um tipo de dispositivo de filtragem, levando ao que tem sido tratado como *bleaching* semântico (GIVÓN, 1975; LORD, 1976), *depleção semântica* (LEHMANN, 1982), ou *enfraquecimento do conteúdo semântico* (BYBEE; PAGLIUCA, 1985) dos itens lexicais. Essa visão também é compartilhada por Sweetser (1988), que observa que, de fato, há um desenvolvimento em direção à “abstração” de aspectos centrais do significado e que, nesse processo, o único componente que permanece inalterado é o esquema imagético das entidades envolvidas.

Embora não haja dúvida de que, ao longo do tempo, os significados tendem a se tornar enfraquecidos, Hopper e Traugott (2003) apontam que o processo de gramaticalização envolve não só perdas, mas também ganhos. Dessa forma, a gramaticalização tem como resultado a abstratização de significado, o que significa dizer que, na mudança semântica que ocorre no processo, à simples perda de um conteúdo semântico concreto (lexical) contrapõe-se o ganho de um conteúdo pragmático mais abstrato (gramatical) (TRAUGOTT, 1982).

De fato, seguindo uma mesma trajetória, Sweetser (1988) afirma que a perda de conteúdo semântico compõe somente uma parte do processo de gramaticalização, pois, na transferência da estrutura esquemática de um domínio-fonte para algum domínio-alvo particular, o significado do último domínio sobrepõe-se ao significado da entidade transferida.

posse do verbo *tener* associado à oração relativa com valor de finalidade, o que indica que a construção guarda resquícios, pelo menos em sincronias mais pretéritas, de seu significado original.

Em resumo, podemos concluir, segundo os autores, que o processo de gramaticalização implica, na verdade, alteração da natureza do conteúdo semântico do elemento linguístico em mudança, o qual segue, necessariamente, o *cline* de mais lexical (e concreto) para mais gramatical (e abstrato) por meio da atuação dos mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia.

Aplicados à mudança linguística de [*tener* + *que* + infinitivo], tais pressupostos teóricos fundamentam a comprovação de que, em um contexto específico e propiciador da mudança, o de associação à sequência *que* + *infinitivo*, *tener* pleno perde conteúdo semântico concreto (o significado lexical de posse que relaciona dois argumentos) e ganha conteúdo semântico abstrato (o significado gramatical de necessidade/ obrigatoriedade projetadas para o futuro). Nessa trajetória de mudança, o *bleaching* atua como mecanismo que propicia, também, o ganho de funcionalidade,⁵⁶ uma vez que a forma em processo de gramaticalização se generaliza a contextos nos quais ela atua como marcador de funções gramaticais, aumentando, conseqüentemente, sua produtividade.

A sequência em (70) representa a trajetória de gramaticalização de *tener* pleno a *tener* auxiliar observada em nossos dados.

(70) [*Mucho tengo*] *que agradecer* > *Mucho [tengo que agradecer]*

Segundo afirmam Hopper e Traugott (2003), um princípio geral que se aplica ao processo de gramaticalização é o de que os significados serão sempre deriváveis a partir de um significado lexical original por meio de inferência metafórica ou metonímica conceptual. Isso significa atestar que as mudanças semânticas que ocorrem na gramaticalização não são arbitrárias, e, portanto, não ocorrem sem sistematização. Antes, há processos cognitivos universais motivadores da mudança que situam a gramaticalização como um processo específico de mudança linguística, com a unidirecionalidade da trajetória de léxico à gramática como princípio diretor.

Na mudança semântica e conseqüente reanálise de *tener* pleno com sentido de posse para *tener que* auxiliar com sentido modal, ambos os processos de inferência metafórica e metonímica atuam na derivação do novo significado (o significado modal). Um contexto de ambigüidade como o demonstrado em (70) convida o usuário da língua a fazer novas

⁵⁶ Coerente com a concepção de que o processo de gramaticalização pressupõe mudança e não perda semântica, Traugott (1982) afirma que, em gramaticalização, os traços semânticos nunca são perdidos, mas, antes, são substituídos por traços pragmáticos.

inferências do que deve significar a forma em mudança, induzindo, assim, a uma reinterpretação ou ressignificação da construção. Nessa trajetória de mudança, os seguintes processos cognitivos são atuantes na gramaticalização de [*tener + que + infinitivo*]:

- o o verbo pleno *tener* envolve a noção de *ter sob o domínio, sob o poder*. Por inferenciação metafórica, o usuário da língua infere que, se o participante do Estado de Coisas tem domínio sobre algo ao qual se aplica uma finalidade ou um propósito, a necessidade/ obrigação de realização do evento está sob sua responsabilidade;
- o por inferenciação metonímica o raciocínio é o de que, se o participante do Estado de Coisas tem algo para realizar no futuro, essa é uma pendência que deve ser cumprida no futuro. Com o aumento da frequência da construção em contextos ambíguos (cf. (70)), o que ocorre é a semanticização da inferência de obrigação/ necessidade projetada para o futuro, derivada da noção de compromisso ou pendência para o futuro expressa pela oração relativa.

Outro princípio geral aplicado ao processo de mudança por gramaticalização é o de que, uma vez que a fase inicial da gramaticalização envolve uma ressignificação, e não um esvaziamento de significado, é improvável que qualquer instância de gramaticalização envolverá uma perda súbita ou repentina de significado. Dessa forma, quando um elemento linguístico sofre gramaticalização, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir à forma gramaticalizada, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições sobre sua distribuição gramatical. Esse é um fenômeno que tem sido chamado de *persistência* (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Olbertz (2018), ao tratar da origem da construção perifrástica *tener que*, declara que os casos de aparecimento dessa expressão, muito pouco frequentes no século XIV, possibilitam, além da leitura modal, uma leitura em que *tener* é avaliado como verbo de posse associado à oração relativa não-finita. Segundo a autora, a ambiguidade entre uma leitura original e uma leitura modal de *tener* persiste, na história do espanhol peninsular, até o momento em que o verbo, inserido na construção [*tener + que + infinitivo*], continua se associando a infinitivos transitivos. De fato, reitera a autora, a perda das restrições de significado originais de *tener* é evidenciada somente a partir do século XVIII, período no qual o verbo se associa, com mais frequência, a infinitivos intransitivos e cópula (os quais não admitem a presença de um objeto de posse). Ratificando os resultados encontrados por Olbertz (2018), nossos dados mostram

que, até o século XVI, as leituras de *tener que* são frequentemente ambíguas entre uma leitura-fonte e uma leitura-alvo justamente em razão do fenômeno de persistência.

Sobre o *status* da construção no século XIV, corroboramos o que declaram Yllera (1980) e Olbertz (2018) acerca da datação dos casos de [*tener que* + infinitivo] empregados para a expressão de valores modais. Nos nossos dados, as primeiras ocorrências perifrásticas aparecem, de fato, na segunda metade do século XIV (por volta de 1350), embora em número muito pouco significativo.

A análise dos dados nos permite afirmar que os dois casos perifrásticos encontrados neste século possibilitam a codificação da modalidade inerente orientada para o participante, e apresentam, ambos, sujeitos de primeira pessoa com o traço [+humano] e [+controle]. Além disso, a construção *tener que* se insere num Estado de Coisas do tipo Ação, o que é completamente natural se se considera que, em estágios iniciais de gramaticalização, os itens linguísticos em processo de mudança ainda se associam a uma base conceptual mais concreta e mais próxima à experiência humana. Como veremos nas seções a seguir, *tener que* passa a se associar, gradativamente, a sujeitos inanimados, não-agentivos e a tipos de Estados de Coisas menos concretos, os quais inibem o aparecimento de valores modais mais concretos da construção e impulsionam a abstratização semântica.

A ocorrência (71) é representativa do único tipo modal encontrado neste momento da história do espanhol peninsular.

- (71) Mas quando los topo el ouo grant plazer
 E fizo tan grant rreçebimjento
 ala rreyna que vna grant cosa seria
 de dezjr deziendole rreyna sabet
 que yo ho tan grant plazer con vos commo
 sy mj hermana vsiona fuese
 & fago cuenta que en vos tengo a ella
 & esa mesma onrra & ese mesmo
 mandado vos sera guardado que a ella
 seria sy aqui fuese [...] E Jurovos yo que cosa
 vos non podades pedjr que yo non cunpla
 quando la rreyna elena vio que
 tanta onrra le catauan començoçe a
 conortar & dixo al rey señor
 pues los dioses son plazenteros
 que yo oviese a ser presa mucho
 les **tengo que gradeçer** por me echar
 en vuestro poder que se que sodes el mas
 noble delos rreys & bien se yo que
 entre mas noble gente ellos a mj

non me podieran echar E por ende
alegrarme he yo tanto commo la
fortuna me dexare alegrar E de
dios ayades vos sennor las gracias
por tanta mjsericordia & piadat que
ala gente cativa queredes mostrar [...]

(1350, *Prosa Histórica (Sumas de la historia troyana de Leomarte)*, Anônimo)

[“Mas quando ele os encontrou, sentiu um grande prazer e recebeu a rainha dizendo-lhe: ‘saiba que eu tenho consideração pela senhora, como se a senhora fosse minha irmã. Considero que a tenho na senhora e essa mesma honra e essa mesma ordem serão assegurados à senhora como seriam a ela [...] E juro que nada que a senhora me peça eu não cumprirei’. Quando a rainha Elena recebeu tanta lisonja, começou a se confortar e disse ao rei: ‘senhor, os deuses são bons. Se eu viesse a ser presa, muito tenho que agradecer a eles por me deixarem em seu poder, pois sei que o senhor é o mais nobre dos reis e que os deuses não poderiam me deixar entre gente mais nobre. Portanto, me alegro tanto quanto a fortuna me deixar. E que o senhor receba graças do Senhor pela misericórdia e piedade que quer mostrar à gente cativa”] (tradução minha).

Em (71), o participante do Estado de Coisas (que também é fonte da avaliação modal) avalia a necessidade de ocorrência do evento [*ter que agradecer aos deuses*]. Nesse caso, não é uma força externa que motiva a realização do Estado de Coisas, mas sim um impulso gerado internamente pelo próprio participante. Além disso, considerando que a passagem de *tener* pleno a *tener que* auxiliar não se dá de maneira abrupta, esse é um dado representativo da gradualidade da mudança: apesar de o objeto *mucho* aparecer em posição marcada, o que facilita a interpretação de *tener que* como perífrase, a leitura de *tener* com sentido de posse ainda é possível em razão da adesão de significados antigos à forma em processo de gramaticalização.

Embora a transitividade do infinitivo ao qual *tener que* se associa seja um indício de que a construção se estabilizou como perífrase, a animacidade do sujeito de *tener que* também determina o grau de gramaticalização da expressão. Olbertz (2018) afirma que *tener que* sofre um processo de abstratização, na trajetória de *tener* pleno a *tener que* auxiliar, quando a construção tem como sujeito uma entidade inanimada que não pode ser interpretada como um sujeito possuidor. Nesse sentido, ainda que a baixa ocorrência de dados perifrásticos no século XIV não nos permita chegar a conclusões categóricas acerca do comportamento da construção *tener que* nos estágios iniciais de gramaticalização, o princípio da *persistência*, subjacente à emergência das formas gramaticais, pode explicar a razão pela qual a perífrase se associa, inicialmente, somente a sujeitos com traço semântico [+humano], os quais possibilitam uma leitura – ainda que fraca – de *tener* como expressão de posse.

Também não se pode perder de vista que a gramaticalização envolve um processo de abstratização segundo o qual os elementos em mudança “perdem” em termos de referenciação

a algo concreto e passam a ser usados em contextos de referenciação mais abstrata. Os autores que se inserem no ramo de pesquisa conhecido como *Semântica Cognitiva* concebem a metáfora como um processo cognitivo que permite o mapeamento de esquemas, apreendidos pelo nosso corpo, em domínios mais abstratos, cuja experimentação é indireta. Em outras palavras, considerando-se que os significados mais concretos são de mais fácil conceituação, entende-se que há, nas sentenças metafóricas, o mapeamento de um domínio de experiência mais abstrato em termos de um domínio de experiência mais concreto.

Para Talmy (1987), entre os esquemas imagéticos básicos à cognição humana estaria o *esquema de causa como imposição de força e como suspensão de barreiras*, que configura a Hipótese da Dinâmica de Forças. Assumindo a Hipótese da Dinâmica de Forças e postulando o esquema proposto por Talmy (1987) como a noção geratriz da modalidade, Sweetser (1990), ao analisar a polissemia dos verbos modais *poder* e *dever* do inglês, afirma que, enquanto os modais deônticos são aqueles relacionados à remoção de barreira ou imposição de força no mundo sociofísico, os modais epistêmicos descrevem a remoção de barreira ou imposição de força metaforicamente, no nível do raciocínio.

Miranda (2005), em concordância com Sweetser (1990), destaca que, enquanto no domínio da modalidade deôntica o que ocorre é a imposição de forças no domínio da ação (mundo social, real), no domínio da modalidade epistêmica as forças que se impõem ou as barreiras que se suspendem advêm de um corpo de premissas que compele o raciocínio do falante/interlocutor em determinada direção, ou rumo a uma conclusão. Configura-se, portanto, na categoria funcional da modalidade, uma relação de contraparte interdomínios: uma transferência conceptual do domínio da força física (em que a imposição se dá no mundo real) para o domínio da força lógica (em que a imposição é entendida como necessidade/possibilidade de que algo, no nível do raciocínio, seja verdadeiro) (MIRANDA, 2005, p. 186). É esse processo cognitivo metafórico que justifica, segundo Sweetser (1990), a abstratização dos valores modais.

Assim, concebendo que as bases experienciais do domínio de forças físicas e sociais são mais concretas do que as bases experienciais do domínio de forças lógicas, podemos explicar porque, em estágios iniciais de gramaticalização, *tener que* serve, preferencialmente, à expressão das modalidades não-epistêmicas (inerentes e deônticas).

Em resumo, dois fatores parecem explicar a origem da perífrase como expressão das modalidades não-epistêmicas:

- o em razão da facilidade de conceptualização de significados modais mais concretos, a construção *tener que* serve, inicialmente, à expressão de bases experienciais mais próximas à experiência humana;
- o graças às restrições de significado da construção original, *tener que* ocorre, em seu estágio inicial de gramaticalização, associado a sujeitos que têm como referentes entidades mais concretas e, portanto, mais próximas à experiência humana. Considerando que o aparecimento das modalidades inerente e deôntica é impulsionado pela associação da construção modal a sujeitos animados, justifica-se a razão pela qual, no início do processo de abstratização, *tener que* expressa somente significados não-epistêmicos.

O século XIV sugere, enfim, que determinadas categorias sintático-semânticas estão associadas à mudança semântica de [+concreto] para [+abstrato] sofrida por *tener que*. Nas seções a seguir veremos que, na medida em que a abstratização avança, [*tener que* + infinitivo] se generaliza a um número mais amplo de contextos, passando a se associar a elementos contextuais que favorecem/ impulsionam a preferência por leituras modais mais abstratas da perífrase.

5.1.3 Século XV

Observamos, com base na análise dos dados a partir do século XV, que a perífrase *tener que* se torna cada vez mais frequente ao longo dos séculos, expandindo, conseqüentemente, suas possibilidades de expressão das modalidades. Olbertz (2018) afirma que, à semelhança do que ocorre no século XIV, as ocorrências da construção perifrástica *tener que* no século XV ainda são muito pouco recorrentes. No entanto, em comparação à sincronia anterior (século XIV), nossos dados do século XV mostram um aumento considerável de casos que possibilitam a leitura modal (32 ocorrências). A Tabela 8, que ilustra a frequência de ocorrência de perífrases para as quais se cruzam o domínio semântico e o alvo da avaliação modal, confirma a baixa incidência, neste século, de casos de *tener que* codificadores de valores epistêmicos em comparação aos casos codificadores de valores não-epistêmicos.

Tabela 8: Frequência de uso da construção [*tener que* + infinitivo] no século XV e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal

Domínio Semântico	Alvo da Avaliação				Total	% (Total)
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	10	41,7	2	25	12	37,5
Modalidade deôntica	14	58,3	5	62,5	19	59,4
Modalidade epistêmica	---	---	1	12,5	1	3,1
Total	24	75	8	25	32	100

Fonte: Autoria própria

Com relação ao parâmetro de análise *domínio semântico*, notamos que a construção perifrástica tende a expressar, em número mais elevado, a modalidade deôntica (19/32=59,4%), seguida da modalidade inerente (12/32=37,5%) e, por último, da modalidade epistêmica (1/32=3,1%).⁵⁷ O aumento do número de casos perifrásticos na passagem do século XIV para o século XV demonstra que, de fato, a construção passou a ocupar o domínio da modalidade de maneira mais significativa neste século, em razão do aparecimento de novos *types* modais possíveis de serem expressos pela perífrase. Além disso, o maior número de casos de modalidade não-epistêmica (31/32=96,9%) em comparação à modalidade epistêmica (1/32=3,1%) sinaliza que essa construção, de origem relativamente recente, tende a ser usada, em sincronias pretéritas, para expressar valores inerentes e deônticos em razão da tendência universal de significados epistêmicos desenvolverem-se a partir de significados não-epistêmicos (BYBEE *et al.*, 1994), como apontamos na seção anterior. Se comparada com a frequência de usos epistêmicos dos séculos XX e XXI (15/233=6,4%), a frequência de usos epistêmicos apresentados na Tabela 8 (1/32=3,1%) parece indicar que a construção *tener que* inicia, já no século XV, um processo de abstratização por meio de mudança semântica que parte de um sentido [+concreto] para um [+abstrato].

No que diz respeito ao parâmetro *alvo de avaliação*, tendo em vista que os verbos auxiliares modais comumente não podem tomar por escopo uma proposição, hipotetizamos que a perífrase *tener que* poderia ser orientada para o participante ou para o evento. As ocorrências do século XV mostram que *tener que* codifica, predominantemente, as modalidades orientadas para o participante (24/32=75%).

⁵⁷ Estudos mais recentes (OLBERTZ, 2016) apontam que a construção *tener que* pode servir, também, à expressão da modalidade volitiva. Esse tipo modal foi encontrado em nossos dados somente no século XIX e em frequência pouco significativa (2/280=0,7%).

Os dados de *tener que* apontam a possibilidade de realização de cinco diferentes tipos modais decorrentes do cruzamento de domínio semântico e alvo de avaliação, o que confirma um aumento de *types* (valores modais) da perífrase se comparado o século XV com o século XIV. A seguir, analisamos e exemplificamos esses cinco diferentes *types*.

a) Modalidade inerente orientada para o participante

(72)

"Soy contento," dyxo el duque.

Preguntó a un portero, dyziendo: "Los myos están ay fuera: mandadlos entrar."

Todos entraron: todos pensaron que los querya cargar de joyas y dyneros. Entrados, dyxoles: "Esperá." Tornó a dar otra buelta por la torre y vyo una halabarda dorada y byen guarneçyda y de genty l hechura que podya valer X ducados. Tomóla y fuese al duque dyziendo:

"Señor, vamos: que yo he tomado lo que quiero y cunplydo lo que vuestra merced me mandó, y con ésta en las manos no dudaré de salyr desta torre."

El duque dyxo: "Tomó, cavallero, que eso no es tomar."

"Señor," rrespondyó, "ya he tomado lo que **tengo que llevar**, que otra cosa no quiero por agora; que quando será tienpo yo tornaré y pedyré lo que avré menester."

Asy se salyó de la torre, el duque y todos tras él muy maravyllados de su cortesya y poca codycya; llegando a unos corredores se tornó a despedyr. El duque, aunque contra su voluntá, le dyo lycencya: algo enojado porque no avya tomado algunas cosas de precyo (1492, *Prosa Narrativa (La corónica de Adramón)*, Anónimo)

[“[...] Deu uma volta pela torre e viu um machado dourado [...] que podia valer X ducados. Pegou-o e disse ao duque: ‘Senhor, vamos, já peguei o que quero e já cumpri o que vossa mercê me mandou, e com este machado nas mãos não hesitarei em sair desta torre’. O duque disse: ‘Cavaleiro, isso não é pegar’. ‘Senhor’, respondeu, ‘já peguei o que tenho que levar, eu não quero outra coisa no momento: quando for o tempo, voltarei e pedirei o que for necessário para mim’. Assim, saiu da torre. O duque e todos os demais ficaram maravilhados pela sua cortesia e pouca cobiça [...]”] (tradução minha).

Na ocorrência (72), representativa da modalidade inerente orientada para o participante, a construção *tener que* expressa que a necessidade de realização do Estado de Coisas [*tener que llevar*] é imposta pelo participante a si próprio. Nesse caso, motivado por um impulso interno, o falante qualifica e julga o que é necessário a si mesmo.

b) Modalidade inerente orientada para o evento

(73)

Allí estuvo Oriana con algunos dolores fasta la noche, y con ellos recibiendo algún tanto de fatiga; mas de allí adelante la afincaron mucho más en cantidad [...] y a la media noche plugo al muy alto Señor, remediador de todos, que fue parida de un fijo, muy apuesta criatura, quedando ella libre, el cual fue luego embuelto en muy ricos paños. [...] La Donzella de Denamarcha dixo a Mabilia:

- ¿Vistes lo que este niño tiene en el cuerpo?

- No -dixo ella-, que estoy ocupada, y tanto **tengo que hazer** en socorrer a él, y a su madre para que lo pariesse, que no miré a otra parte.

- Pues, ciertamente -dixo la Donzella-, algo tiene en los pechos que las otras criaturas no han. Estonces encendieron una vela, y desembolviéndolo vieron que tenía debaxo de la teta derecha unas letras tan blancas como la nieve, y so la teta izquierda siete letras tan coloradas como brasas vivas. (1482-1492, *Prosa Narrativa (Amadís de Gaula, libros I y II)*, Garci Rodríguez de Montalvo)

[“[...] A Donzela de Denamarcha disse a Mabilia: ‘Você viu o que este menino tem no corpo?’. ‘Não, disse ela, porque estou ocupada, e muito tenho que fazer em socorrer a ele e a sua mãe para que o parisse. Assim, não prestei atenção em nada mais.’. ‘Ele tem algo no peito que as outras criaturas não têm’, disse a donzela [...]”] (tradução minha).

A modalidade inerente orientada para o evento diz respeito a um tipo modal que tem como fonte da avaliação as circunstâncias que condicionam a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas. Olbertz (2016) aponta que a diferença entre essa modalidade e a modalidade inerente orientada para o participante repousa no fato de que a primeira tem como origem da modalização uma entidade externa ao participante, enquanto a segunda tem como fonte da avaliação modal um elemento interno ao participante. Em outras palavras, enquanto a modalidade inerente orientada para o participante tem como origem da avaliação de necessidade um impulso interno do próprio participante do Estado de Coisas, a modalidade inerente orientada para o evento tem como origem da avaliação de necessidade as circunstâncias ou os elementos contextuais.

Em (73), são as circunstâncias (a complicação do parto de Oriana) que forçaram Mabilia (sua amiga) a ter que estar muito atenta a essa situação e não a outros elementos do contexto. A necessidade de ocorrência do Estado de Coisas [*tanto tengo que hazer en socorrer a él y a su madre*] não é, portanto, condicionada por uma necessidade interna do participante, mas por elementos circunstanciais do evento como um todo.

c) Modalidade deôntica orientada para o participante

(74) [...] aunque mi padre me engendró y me dió la vida, el rey me guardó y conservó en ella [...] Cuando voy por un monte espeso y no hallo en el camino quién me haga mal, ¿quién lo hace esto? El rey. Y por eso, cuando paso por tales pasos [...] y veo que voy seguro, luego hago oración a Dios por el rey o por el príncipe o señor de la tierra; por

cuanto por su diligencia tuvo seguro aquel paso que no me matasen, y así le debo la vida, la cual no debo a mi padre carnal, sino una vez. Al rey la debo mil veces; antes se la debo toda mi vida. Por lo cual el amor del rey es sobre todo parentesco o linaje. Donde si hay aquí dos batallas, y en la una está mi padre y en la otra el rey diz que **tengo que dejar** la batalla de mi padre e irme a la del rey, y poner lanza en ristre contra el padre por defensión de su rey. Esto entended cuando el rey es aquel que debe, y no cae en cosa por que se deba hacer el contrario. Pues como decimos que el rey es padre, por esta misma razón decimos que la reina es madre, ca ella con el rey velan para nos guardar en nuestra vida y seguridad; y como yo sea obligado a amar más al rey y a la reina que a mi padre o a mi madre, por la razón dicha, así ellos son más obligados a mí en caso de justicia que a sus hijos [...] (1468, *Prosa Científica (Jardín de nobles doncellas)*, Fray Martín de Córdoba)

[“[...] ainda que meu pai tenha me gerado, o rei conservou a minha vida. Quando ando por caminhos densos e não encontro quem me faça mal, quem me preserva? O rei. E, por isso, quando passo por tais caminhos e vejo que vou seguro, logo faço uma oração a Deus pelo rei ou pelo príncipe e senhor da terra [...] Graças a seu cuidado manteve seguro aquela passagem para que não me matassem, e assim lhe devo a vida, a qual não devo ao meu pai carnal a não ser uma vez. Ao rei a devo mil vezes; antes a devo toda a minha vida. Assim, o amor do rei está acima de qualquer parentesco ou linhagem. Se existem aqui duas batalhas, e em uma está meu pai e na outra o rei, o que se diz é que tenho que deixar a batalha de meu pai, ir à do rei e pôr a lança em ristre contra o pai para a defesa do rei [...]”] (tradução minha).

A modalidade deontica orientada para o participante, tipo modal mais frequente nos dados do século XV (14/32=43,7%), descreve a existência de um participante que é obrigado a se engajar no evento designado pelo predicado. Em (74), a origem (fonte) da obrigação é externa ao objetivo (alvo) da avaliação. Embora o referente do sujeito seja de primeira pessoa, fonte e falante não são correferenciais, nesse caso: a fonte da avaliação modal é a sociedade que impõe uma obrigação moral ao referente de primeira pessoa. Em outras palavras, o participante de primeira pessoa do singular é obrigado, por forças impostas moral e socialmente, a realizar o Estado de Coisas [*dejar la batalla de mi padre*]. A expressão evidencial *diz que* confirma, nesse caso, que a fonte da avaliação é externa ao sujeito da construção *tener que* (alvo da avaliação modal). Outro caso de modalidade deontica orientada para o participante é apresentado em (75).

- (75) [...] Querría yo saber de vosotros si por ventura tornó agora de nuevo aquella señora doña Juana a ser fija del rey don Enrrique, porque no se confirmó la villa de Arévalo al duque don Álvaro. Andad -dixo-, engañados; andad, & tornad a vuestro entendimiento, & dexáos destas opiniones dañadas: ca nunca opinión vençió a la verdad, e la verdad al fin siempre vençió a la opinión. E ni porque se confirme Arévalo al duque, no confirméis vosotros tan grande mácula a vuestras personas e a vuestros descendientes; ni sufráys la vida tan mala que tenéis, ni la muerte tan cruda que esperáis, con fundamento tan ynjusto. E dexáos destas esperanças vanas de socorro de françeses, porque cansados llegarían por çierto los de París a socorrer a los de Burgos; ni menos de los portugueses que llamáys, porque asaz **tiene que facer** el rey de Portugal en socorrer a sí e a las extremas neçesidades en que está puesto, las quales son tan grandes, que le facen estimar

muy pequeña ésta que vosotros tenéys por grande. Ni esperéys ménos que el Rey, que ha estado tanto tiempo en el çerco deste castillo, & lo tiene en tal estado, que lo dexé por otra ninguna neçesidad, por grande que sea; porque ninguno dexa el trabajo de la cosa, teniendo el fin tan cerca [...] (1480-1484, *Prosa Histórica (Crónica de los Reyes Católicos)*, *Hernando del Pulgar*)

[“[...] E larguem as vãs esperanças de socorros de franceses, porque os de Paris chegarão cansados para socorrer aos de Burgos [...] Também não esperem nada dos portugueses que vocês chamam, porque muito tem que fazer o rei de Portugal em socorrer a si e às extremas necessidades em que está posto, as quais são tão grandes que fazem com que ele avalie em pequena esta que vocês têm por grande [...]”] (tradução minha).

Na ocorrência (75), também representativa da modalidade deôntica orientada para o participante, a fonte da avaliação (a sociedade) é externa ao alvo da avaliação, um participante de terceira pessoa do singular (*Rey de Portogal*). Similar ao que ocorre em (74), que tem como fonte da avaliação uma entidade social externa ao sujeito, em (75) a sociedade obriga o rei a realizar as funções que sua posição exige.

d) Modalidade deôntica orientada para o evento

(76) En este estado de pobreza [de Jesus Cristo] fueron los apóstoles [...] & otros muchos que assi desanpararon el mundo & escogieron pobreza, ca los unos se apartaron de las fazendas del mundo por se dar mas libres a Dios & a la oraçion & por se allegar a Dios mas libres & la oraçion & por se allegar mas a Dios por conoçimiento & por amor, e los otros se dexaron de las obras del cuerpo por se mas libres para la pedricaçion & para la oraçion, ca quien la palabra de Dios a de pedricar asaz **tiene que fazer** si cuidado a de las almas salvar [...] (1500, *Prosa Religiosa (Libro de las confesiones)*, *Martin Pérez*)

[“Neste estado de pobreza [de Jesus Cristo] foram os apóstolos [...] e outros muitos que abandonaram o mundo e escolheram a pobreza: alguns se afastaram das propriedades do mundo para serem mais livres a Deus e à oraçãõ e para se aproximarem mais de Deus sendo mais livres e por conhecimento e amor; outros se afastaram das obras do corpo para serem mais livres à pregaçãõ e à oraçãõ, porque quem prega a palavra de Deus muito tem que fazer se precisa salvar as almas [...]”] (tradução minha).

Em (76), a fonte da avaliação modal é externa ao participante em questão e consiste em uma regra geral, imposta dentro do contexto religioso, que não recai sobre um participante específico, mas sobre qualquer pessoa que queira assumir a função de pregar a palavra de Deus. As ocorrências (77) e (78) também são representativas da modalidade deôntica orientada para o evento.

(77) [...] ¡Oh cuán peligroso es seguir justa causa delante injusto juez! [...] Pero ¿qué digo? ¿Con quién hablo? ¿Estoy en mi seso? ¿Qué es esto, Calisto? ¿Soñabas, duermes o velas? [...] ¿No vees que el ofendedor no está presente? ¿Con quién lo has? Torna en ti

[...] ¿No ves que por ejecutar justicia no había de mirar amistad ni deudo ni crianza? ¿No miras que la ley **tiene que ser** igual a todos? Mira que Rómulo, el primero cimentador de Roma, mató a su propio hermano porque la ordenada ley traspasó [...] Otros muchos hicieron lo mismo [...] (1499-1502, *Prosa Dramática (La Celestina - Tragicomedia de Calisto y Melibea)*, Fernando de Rojas)

[“[...] Oh quão perigoso é seguir causa justa diante de juiz injusto! [...] Mas, o que digo? Com quem falo? Estou em meu perfeito juízo? O que é isto, Calisto? Você sonhava, dorme ou vigia? [...] Não vê que o agressor não está presente? Com quem você mantém contato? Volte a ti [...] Não vê que para executar a justiça não tinha que olhar para amizades, nem para parentes, nem para a criação? Você não percebe que a lei tem que ser igual a todos? Veja que Rômulo, o primeiro a consolidar Roma, matou seu próprio irmão porque transgrediu a lei ordenada [...] Outros muitos fizeram o mesmo [...]”] (tradução minha).

- (78) [...] Otorgaron todos una petición a sus Altezas para que prorrogue el termino del licenciado Pedro Bermudez para la execucion del Real porque ha çinco meses questa en ello e no ha fecho el terçio, de manera que parece que seran menester ocho meses e que mande dar liçençia para derramar e repartir universalmente por Villa y tierra lo que para ello sus Altezas pueden mandar ver que sera menester etc. petición larga y bastante conforme a esto del Real e para otros pleitos y neçesidades que * la Villa **tiene que cumplir** e cartas para el secretario e Alonso del Marmol que determine e que los libre acá, e cartas para los regidores. (1498 – 1501, *Prosa Jurídica (Libro de Acuerdos del Concejo Madrileño, 1498-1501)*, Anônimo)

[“[...] Promulgaram todos uma petição às Altezas para que se prorogue a finalização do licenciado Pedro Bermudez para a execução do Real, porque já faz cinco meses que ele está nisso e não fez o terço, de maneira que parece que serão necessários oito meses. Também se promulga às Altezas que mande dar licença para derramar e repartir universalmente pela Vila o que suas Altezas vejam que será necessário para a realização de atividades que a Vila tem que cumprir [...]”] (tradução minha).

Em (77), considerando que o sujeito (*la ley*) é inanimado e que, portanto, não é possível que ele seja o alvo da imposição de regras (porque a fonte da avaliação não é capaz de impor a um sujeito inanimado a realização de uma obrigação), a avaliação modal recai sobre o Estado de Coisas e não sobre um participante em específico. Em outras palavras, dado o fato de que sujeitos inanimados não são agentes capazes de aceitar a imposição de normas e prescrições, os casos de modalidade deôntica associada a esse tipo de sujeito são sempre orientados para o evento porque expressam a necessidade de ocorrência de todo o Estado de Coisas.

Por sua vez, a ocorrência (78), embora apresente um sujeito estruturalmente classificável como inanimado, tem como referentes entidades humanas se consideramos que uma vila ou comunidade é coordenada por indivíduos. Como nesse caso os indivíduos sobre os quais recai a avaliação modal são genéricos, *tener que* é usado para a expressão da modalidade deôntica orientada para o evento.

e) Modalidade epistêmica orientada para o evento

- (79) Considera aqui o anima christiana que dolor fue aquel tan grande que ovieron los sus muy amados discipulos quando convinio que se partiesen del su maestro dulcissimo O quan tristes O quan desanparados.
 O con quan grande lloro & amargura o quales bozes & clamores & sospiros yban dando asi como huérfanos.
 O padre dulce O señor benigno como somos apartados de ti. Como padre sanctissimo fuyen los tus hijos de ti. Do yremos señor sin ti.
 O que escuro partimiento & angustiado es este bien puede dolerse con razon el alma que se parte de dios & bien **tiene que llorar** quando vee que lo ha llagado con sus ofensiones [...] (1493, *Prosa Religiosa (Livro chamado Infancia Salvatoris)*, Anônimo) [“Considera, ó alma cristã, quão grande foi a dor que os seus amados discípulos sentiram quando conveio que se separassem de seu dulcíssimo mestre. Ó quão tristes e desamparados! Ó que grande choro e amargura ou quais vozes, clamores e suspiros iam dando como órfãos. Ó doce pai, ó senhor benevolente, como estamos separados de você. Como, pai santíssimo, seus filhos fogem de você. Aonde iremos, senhor, sem ti? [...] Pode sofrer, com razão, a alma que se parte de Deus e é bem possível que chore quando vê que o feriu com suas ofensas [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (79) apresenta a perífrase *tener que* como codificadora da modalidade epistêmica orientada para o evento, tipo modal por meio do qual o falante expressa que o esperado, segundo o que é conhecido sobre o mundo, é que uma pessoa chore por estar distante de Deus e por tê-lo ferido com ofensas. Nesse caso, considerando que o verbo *llorar* (*chorar*) muito dificilmente possibilite o controle do participante sobre a realização do Estado de Coisas, as leituras não-epistêmicas são menos aceitáveis do que a leitura epistêmica.

Como se pode notar, as ocorrências (73), (75) e (76) apresentam-se em contextos que, na seção anterior, identificamos como contextos de ambiguidade entre uma leitura de posse e uma leitura modal de *tener*. Dessa forma, os dados provenientes do século XV corroboram as considerações de Olbertz (2018) sobre a possibilidade de uma leitura original da construção [*tener que* + infinitivo] no estágio inicial de gramaticalização da perífrase.

Com relação aos parâmetros *pessoa gramatical* e *animacidade do sujeito*, a Tabela 9 ilustra a distribuição de frequência das ocorrências de *tener que* associada a cada um dos fatores de análise.

Tabela 9: Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de *tener que* no século XV

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Pessoa gramatical	1 ^a	12/12=100%	9/19=47,4%	0	21/32=65,6%
	2 ^a	0	2/19=10,5%	0	2/32=6,3%
	3 ^a	0	8/19=42,1%	1/1=100%	9/32=28,1%
	Subtotal	12/32=37,5%	19/32=59,4%	1/32=3,1%	32/32=100%
Animacidade	[+humano]	12/12=100%	17/19=89,5%	1/1=100%	30/32=93,8%
	[-animado]	0	2/19=10,5%	0	2/32=6,2%
	[+animado]	0	0	0	0
	Subtotal	12/32=37,5%	19/32=59,4%	1/32=3,1%	32/32=100%

Fonte: Autoria própria

No que diz respeito à *pessoa gramatical do sujeito*, observamos, conforme dados da Tabela 9, que, enquanto a modalidade inerente aparece exclusivamente associada à primeira pessoa gramatical (12/12=100%), conforme esperado, a modalidade deôntica se associa às três pessoas gramaticais identificadas nos dados e se divide quase que igualmente entre a primeira (9/19=47,4%) e a terceira pessoas gramaticais (8/19=42,1%). O único caso de modalidade epistêmica aparece associado, por sua vez, à terceira pessoa gramatical.

Os resultados para o cruzamento do parâmetro *pessoa gramatical do sujeito e tipo modal* expresso por *tener que* corroboram parcialmente nossas hipóteses iniciais: a construção *tener que* com sujeito de primeira pessoa tende a expressar a modalidade inerente (12/12=100%), mas apresenta um equilíbrio na frequência de expressão dos casos deônticos associados à primeira (9/19=47,4%) e à terceira pessoas gramaticais (8/19=42,1%).

Pelo fato de a modalidade deôntica ocorrer, de forma equilibrada, entre a primeira e a terceira pessoa gramaticais, o fator de análise *pessoa gramatical do sujeito* não parece ser determinante para que *tener que* codifique esse valor modal. Por outro lado, embora o baixo número de ocorrências de *tener que* epistêmico não nos permita chegar a conclusões decisivas, a associação da modalidade epistêmica a um sujeito de terceira pessoa gramatical sinaliza que esse pode ser um contexto sintático impulsionador da mudança semântica e, portanto, favorecedor da expressão do valor modal mais abstrato da perífrase.

Considerando que os elementos contextuais com os quais a construção *tener que* se associa favorecem uma ou outra interpretação modal, se resultados futuros mostrarem que a

modalidade epistêmica tende a aparecer, ao longo da evolução de *tener que*, associada a um número crescente de sujeitos de terceira pessoa, poderemos afirmar que o parâmetro *pessoa gramatical* é um fator motivador do aparecimento desse tipo modal e, conseqüentemente, um elemento sintático que contribui para a abstratização semântica da perífrase.

A ocorrência (80) exemplifica a tendência de associação, no século XV, da primeira pessoa gramatical à modalidade inerente. Quanto à tendência de associação da modalidade epistêmica à terceira pessoa gramatical, já apresentamos a única ocorrência de *tener que* que, no século XV, codifica esse valor modal (cf. (79), acima).

(80)

Que no querer morir ni matar no es cobardía, sino buen natural. Estos escuderos de Pleberio son locos: no desean tanto comer ni dormir como cuestiones y ruidos. Pues más locura sería esperar pelea con enemigo que no ama tanto la victoria [...] como la [...] guerra y contienda. ¡Oh si me vieses, hermano, cómo estoy, placer habrías! [...]

SEMPRONIO. Mejor estoy yo, que tengo liado el broquel y el espada con las correas, por que no se me caigan al correr, y el caxquete en la capilla.

PÁRMENO. ¿Y las piedras que traías en ella?

SEMPRONIO. Todas las vertí por ir más liviano, que harto **tengo que llevar** en estas corazas que me heciste vestir por tu importunidad, que bien las rehusaba de traer, porque me parecían para huir muy pesadas. ¡Escucha, escucha! [...] ¡Muertos somos! [...]

PÁRMENO. ¡Huye, huye, que corres poco! [...] (1499-1502, *Prosa Dramática (La Celestina - Tragicomedia de Calisto y Melibea)*, Fernando de Rojas) [“[...] E as pedras que você trazia nela?” ‘Me desfiz delas para que pudesse andar mais leve, porque muito tenho que levar nessas armaduras que você me fez vestir em função da sua importunidad. Eu me esquivava de trazer as pedras, porque me pareciam muito pesadas para a fuga. Escute, escute! Estamos mortos’ ‘Fuja, fuja, você corre pouco! [...]’”] (tradução minha).

A ocorrência (80) representa a modalidade inerente orientada para o evento, com sujeito de primeira pessoa do singular (*yo*). Nesse caso, o sujeito-enunciador expressa, por meio da construção modalizadora *tener que*, que elementos circunstanciais (o fato de Pármeno ser intempestivo e inconveniente e de eles precisarem fugir em razão disso) são a fonte de necessidade de ocorrência do Estado de Coisas [*harto llevar en estas corazas*].

Enfim, no que diz respeito ao parâmetro *pessoa gramatical do sujeito*, embora a baixa frequência do tipo modal epistêmico não nos permita chegar a conclusões categóricas, podemos notar, com base na investigação do século XV, que os dados apontam para um padrão similar de associação das modalidades às pessoas gramaticais do sujeito de *tener que* observado em perspectiva sincrônica. O cenário de comportamento da perífrase neste século, que se assemelha ao cenário dos séculos XX e XXI, evidencia o seguinte contexto:

- o se consideramos que a modalidade epistêmica dificilmente aparece associada à primeira pessoa gramatical, não é surpreendente que os dados do século XV sinalizem a influência da terceira pessoa gramatical no processo de abstratização da perífrase em direção ao significado epistêmico;
- o tendo em vista que o esperado é que as modalidades não-epistêmicas se associem a sujeitos de primeira pessoa, embora a hipótese tenha se comprovado para a modalidade inerente, a modalidade deôntica apresentou-se associada à primeira e à terceira pessoas de forma equilibrada. Ainda que os resultados da relação entre o parâmetro *pessoa gramatical* e modalidade deôntica sugiram que o aparecimento ou não desse tipo modal é indiferente à pessoa gramatical (pelo menos no século XV), tais dados podem ser relevantes para o apontamento de uma diferenciação semântica e funcional entre as modalidades denominadas não-epistêmicas (inerentes e deônticas).⁵⁸ Nos dados modernos (séculos XX e XXI), *tener que* deôntico aparece distribuído nas três pessoas gramaticais assinaladas – assim como ocorre no século XV – porém com predomínio da segunda pessoa. O resultado para os dados dos séculos XX e XXI parece se justificar pela natureza do PRESEEA: o tipo de cópula investigado em dados modernos (entrevistas orais), que possibilita a interação face-a-face, muito provavelmente influencia a associação da modalidade deôntica à segunda pessoa gramatical (ainda que o referente do sujeito seja genérico).

Admitindo-se que o que efetivamente importa para a pesquisa é a observação dos fatores contextuais favorecedores do aparecimento da modalidade epistêmica, os resultados parciais relacionados ao cruzamento dos parâmetros *domínio semântico* e *pessoa gramatical do sujeito* sinalizam que esse contexto morfossintático de *tener que* pode ser mesmo um impulsionador da abstratização semântica.

No que diz respeito aos traços semânticos do sujeito relacionado à construção *tener que*, os dados revelam que, no século XV, assim como ocorre nos séculos XX e XXI, o tipo de sujeito mais recorrente nas ocorrências é o sujeito com o traço semântico [+humano] (30/32=93,8%), seguido dos sujeitos com o traço semântico [-animado] (2/32=6,2%). A

⁵⁸ Considerando que a proposta da presente pesquisa é a de evidenciar os contextos nos quais a modalidade epistêmica tem sua ocorrência favorecida, uma diferenciação pormenorizada dos matizes modais não-epistêmicos não se faz relevante para que os objetivos deste trabalho sejam alcançados. É por essa razão que empregamos a denominação *não-epistêmica* para fazer referência tanto aos casos de modalidade inerente quanto aos casos de modalidade deôntica.

associação de sujeitos com o traço semântico [-humano,+animado] à construção *tener que* não foi identificada nos dados deste século.

Com relação à comparação entre a frequência de casos de sujeitos [+humano] e de casos de sujeitos [-animado], os dados apresentados mostram que, por ser mais próximo à experiência humana e à própria constituição do indivíduo, o traço semântico [+humano], considerado mais concreto, aparece em número maior na história de gramaticalização da perífrase *tener que* se comparado ao traço semântico [-animado], considerado, por sua vez, mais abstrato.

No que diz respeito ao cruzamento entre os parâmetros *tipo modal* e *animacidade do sujeito*, os resultados confirmam que sujeitos do tipo [+humano] e, portanto, [+animado], podem se associar a enunciados interpretados tanto como inerentes (12/12=100%) quanto como deônticos (17/19=89,5%) e epistêmicos (1/1=100%). Corroborando nossas hipóteses, os dados da presente pesquisa comprovam que os casos de modalidade inerente e deôntica tendem a aparecer, com mais frequência, associados a sujeitos do tipo [+humano] e têm pouca representatividade entre sujeitos do tipo [-animado].

Quanto à modalidade epistêmica, embora seja plenamente justificável a associação da única ocorrência epistêmica encontrada a um sujeito do tipo [+humano], considerando o caráter mais concreto da perífrase nesta fase de seu desenvolvimento, a inexpressividade desse valor modal neste século não nos permite chegar a conclusões seguras quanto à relação entre esse tipo de modalidade e o parâmetro em questão. As ocorrências (81) e (82) ilustram, respectivamente, a associação das modalidades inerente e deôntica⁵⁹ a sujeitos do tipo [+humano], traço semântico mais frequente nos dados analisados.

(81) - ¡O, Mabilia, mi señora, y vos buena Donzella de Denamarcha!, ¿dónde * tardó tanto la vuestra ayuda y socorro que así me dexastes matar? [...] agora veo yo bien, pues me vos desamparastes, que todo el mundo es contra mí [...] Y callóse, [...] dando muy grandes gemidos; y Gandalín y Durín, que lo oían, * fazían muy gran duelo, mas no osavan ante él parescer.

Pues ellos assí estando, passava por un camino que cerca dellos era, un cavallero cantando, y quando cerca de donde estava Amadís llegó, començo a decir:

- Amor, mucho **tengo que vos gradescer** por el bien que de vos me viene y por la grande alteza en que me avéis puesto sobre todos los otros caballeros [...] y agora, por me poner en muy mayor bienaventurança, me hezistes amar la fija del mejor rey del mundo, y ésta es aquella hermosa Oriana, que en el mundo par no tiene; amor, ésta me

⁵⁹ A ocorrência da modalidade epistêmica associada a sujeito [+humano] e, portanto, [+animado], é apresentada em (79), único dado representativo da modalidade epistêmica no século XV. Nesse caso em específico, o sujeito *alma*, embora não faça referência a um indivíduo tipicamente humano, diz respeito a uma propriedade que se associa somente a sujeitos com esse traço semântico. Por isso, optamos por classificar essa ocorrência como expressando o cruzamento da modalidade epistêmica associada a sujeito [+humano].

fezistes vos amar, y dádesme esfuerço para la servir [...] (1482-1492, *Prosa Narrativa (Amadís de Gaula, libros I y II)*, Garci Rodríguez de Montalvo)

[“[...] e Gandalín e Durín, que o ouviam, se doíam muito, mas não ousavam demonstrar seu sentimento diante dele. Um cavaleiro passava perto deles cantando e, quando chegou próximo a onde estava Amadís, começou a dizer: ‘Amor, amor, muito tenho que agradecer-lhe pelo bem que me fez e pela alta posição que me pôs sobre todos os outros cavaleiros [...] e agora, por me pôr em bem-aventurança muito maior, me fez amar a filha do melhor rei do mundo, e esta é aquela bonita Oriana, que no mundo não tem igual; amor, o senhor me fez amar a essa mulher, e me dá esfuerço para servi-la [...]”] (tradução minha).

(82) Madrid, 16 de febrero de 1495

Este dia estando ayuntados en el dicho Ayuntamiento con el dicho señor pesquisidor e con Juan de Luxan e Diego de Vargas e Antonio d'Alcoçer.

De cavalleros e escuderos Juan de Caçeres e Juan de Cordova e Luis de Galvez, procurador de la Villa, e el comendador Amoroso e Soler [...]

Requirio el dicho Diego de Vargas a Soler, fiel, que porque los obligados al azeite **tienen que dar** una tienda en el barrio del Pilar y non la dan, que les apremie, si no que protesta que todo aquel barrio se torne a el y le pedir que va contra su juramento.

[...] Testigos: Alonso Fernandez, de Caravanchel, e Alonso de Ponte, de Villaverde, e Pedro Fernandez, de Caravanchel. (1493-1497, *Prosa Jurídica (Libro de Acuerdos del Concejo Madrileño)*, Anônimo)

[“Madri, 16 de fevereiro de 1495 [...] O tal Diego de Vargas solicitou a Soler que, como os obrigados ao azeite têm que dar uma loja na vizinhança do Pilar e não a dão, que lhes exija. Caso contrário, que todo aquele bairro se volte a ele para lhe pedir que vá contra seu juramento. Testemunhas: Alonso Fernandez, de Caravanchel, Alonso de Ponte, de Villaverde, e Pedro Fernandez, de Caravanchel”] (tradução minha).

A ocorrência (81), representativa da modalidade inerente orientada para o participante, apresenta um sujeito de primeira pessoa do singular (*yo*), com o traço semântico [+humano]. Nesse caso, o evento [*mucho tengo que vos gradescer*] só pode ser realizado por um ser humano, único organismo capaz de mobilizar a linguagem para fazer um agradecimento. A ocorrência (82), por sua vez, é representativa da modalidade deôntica orientada para o participante e apresenta um sujeito com o traço [+humano]. Nesse caso, o sujeito-enunciador impõe a uma terceira pessoa do plural (*ellos*) a obrigação de realização do evento [*dar una tienda en el barrio del Pilar*].

A *agentividade do sujeito* e a *tipologia do Estado de Coisas* também são parâmetros que explicam o aparecimento da modalidade epistêmica e indicam a perda de conteúdo semântico [+concreto] da perífrase e de traços de significado que possibilitariam a preferência por uma leitura modal mais concreta. Na Tabela 10, apresentamos o cruzamento entre tipos modais e os parâmetros agentividade e natureza do Estado de Coisas.

Tabela 10: Parâmetros semânticos e valores modais de *tener que* no século XV

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Agentividade	[+controle]	12/12=100%	17/19=89,5	0	29/32=90,6%
	[-controle]	0	2/19=10,5%	1/1=100%	3/32=9,4%
	Subtotal	12/32=37,5%	19/32=59,4%	1/32=3,1%	32/32=100%
Tipologia do EsCo	Ação [+din; +con]	11/12=91,7%	17/19=89,4%	0	28/32=87,5%
	Processo [+din; -con]	0	1/19=5,3%	1/1=100%	2/32=6,3%
	Estado [-din;-con]	0	1/19=5,3%	0	1/32=3,1%
	Posição [-din; +con]	1/12=8,3%	0	0	1/32=3,1%
	Subtotal	12/32=37,5%	19/32=59,4%	1/32=3,1%	32/32=100%

Fonte: Autoria própria

Como aponta a Tabela 10, comprovamos, neste século, a tendência de associação das modalidades inerente (12/12=100%) e deôntica (17/19=89,5%) a sujeitos com o traço [+controle]. Em razão do fato de que esses são domínios semânticos que geralmente pressupõem a presença de um sujeito capaz de determinar se o Estado de Coisas se realizará ou não, o predomínio da associação entre esses tipos modais e sujeitos controladores é completamente esperado. Aliada à baixa representatividade dos casos não-epistêmicos com sujeitos não-agentivos – 0% para os casos de modalidade inerente e 10,5% para os casos de modalidade deôntica – a associação, neste século, do único caso de modalidade epistêmica a um sujeito não-agentivo (1/1=100%) é um primeiro indício de que esse é um elemento contextual que favorece o processo de abstratização da construção.

No que diz respeito à *tipologia do Estado de Coisas*, parâmetro que envolve, para sua caracterização, o traço semântico *controle*, os dados confirmam que, enquanto a perífrase *tener que* com sentido não-epistêmico se associa, preferencialmente, a Estados de Coisas do tipo Ação, a única construção com sentido epistêmico se associa a um Estado de Coisas do tipo Processo. Para que se possa entender como opera o processo de mudança semântica, é necessário considerar os aspectos expostos a seguir.

De acordo com Klinge (1996) e Neves (2006), os casos de *tener que* associados a sujeitos não-agentivos tendem a ser lidos como epistêmicos em razão do fato de que esse é um tipo modal que não descreve a imposição de normas e não pressupõe a presença de um sujeito agente capaz de cumprir uma obrigação. Em direção oposta, as modalidades não-

epistêmicas, por normalmente exigirem que um participante tenha agentividade para aceitar e cumprir uma obrigação, tendem a se instanciar em contextos de associação a sujeitos com [+controle]. De fato, nossos dados mostram que o traço semântico [-controle] inibe a ocorrência da leitura modal não-epistêmica e, aparentemente, favorece a preferência pela instanciação do valor modal mais abstrato da perífrase (cf. Tabela 10). Esse resultado indica que o cruzamento de *tener que* com a categoria [-controle] leva o usuário da língua a inferir que a leitura epistêmica é mais aceitável quando a construção ocorre nesse ambiente linguístico.

Com relação à tipologia do EsCo, tendo em vista que os Estados de Coisas do tipo Processo, além de envolverem o traço [-controle], são menos concretos do ponto de vista experiencial do que os Estados de Coisas do tipo Ação, não nos surpreende que esse seja um contexto impulsionador do aparecimento do significado epistêmico de *tener que* (1/1=100%), neste século.

Em resumo, os dados do século XV apresentam a seguinte configuração para os traços *agentividade e tipo de EsCo*:

- o a baixa representatividade de *tokens* não-epistêmicos associados a sujeitos e Estados de Coisas que não pressupõem [+controle] indica que esses são contextos inibidores da ocorrência desses tipos modais. Entretanto, embora o baixo número do *type* epistêmico não nos permita chegar a conclusões decisivas sobre um padrão de associação entre modalidade epistêmica, agentividade do sujeito e tipo de Estado de Coisas, a associação do único caso representativo desse tipo modal a um sujeito não-agentivo e a um EsCo do tipo Processo (1/1=100%) sinaliza que esse é um contexto favorecedor da preferência pela leitura epistêmica e, portanto, impulsionador da abstratização semântica. Além disso, se consideramos que Estados de Coisas do tipo Processo frequentemente descrevem experiências psicológicas, a correlação entre um valor modal mais abstrato da perífrase e um verbo de classe semântica menos concreta é completamente esperada.

A ocorrência (83) ilustra a tendência de associação da modalidade deôntica a sujeitos com traço [+controle] e a Estados de Coisas do tipo Ação.

- (83) Los reyes terrenales tienen poder sobre el cuerpo y sobre los vivos; Dios tiene poder sobre el cuerpo y sobre el ánima. La otra, porque ve todas las cosas y las sabe antes que sean; así que no le podemos negar nada de lo que en nosotros hay, ni darle a entender lo que no es. Y aunque todos seamos a esto obligados, es a saber, el temor de Dios; pero en especial las personas grandes, poderosas y princesas, por tres razones: la primera porque no conocen superior sino a Dios; donde David, que era rey, decía: "A Ti sólo pequé." Como si dijese: "De mi pecado a Ti sólo **tengo que dar cuenta.**" No así los otros bajos, que de sus males han de dar cuenta al rey y a sus mayores (1468, *Prosa Científica (Jardín de nobles doncellas)*, Fray Martín de Córdoba)
- [“[...] E ainda que todos sejamos obrigados a temer Deus, isso se aplica especialmente às pessoas grandes, poderosas e princesas [...] Davi, que era rei, dizia: “Pequei somente com o senhor”, como se dissesse: “Do meu pecado eu só tenho que prestar contas ao senhor” [...]”] (tradução minha).

O caso (83) é representativo da modalidade deôntica orientada para o participante, com sujeito agentivo. Nesse contexto, uma fonte de natureza religiosa impõe ao participante (que também é o sujeito-enunciador), a obrigação de que ele preste contas a Deus, uma entidade de poder sobre condutas. Uma ocorrência como essa recebe uma leitura preferencialmente deôntica porque *tener que* ocorre com o seguinte grupo de fatores:

- o sujeito humano e agente, capaz de aceitar e realizar a obrigação imposta;
- o sujeito de primeira pessoa, que não costuma favorecer a leitura epistêmica;
- o Estado de Coisas do tipo Ação, que estimula o aparecimento dos domínios semânticos [+concretos] por ser mais próximo à experiência física e ligado ao traço [+controle].

A ocorrência (84), por sua vez, codifica a modalidade epistêmica orientada para o evento, já apresentada anteriormente (cf. 79).

- (84) Considera aqui o anima christiana que dolor fue aquel tan grande que ovieron los sus muy amados discipulos quando convinio que se partiesen del su maestro dulcissimo O quan tristes O quan desanparados.
O con quan grande lloro & amargura o quales bozes & clamores & sospiros yban dando asi como huérfanos.
O padre dulce O señor benigno como somos apartados de ti. Como padre sanctissimo fuyen los tus fijos de ti. Do yremos señor sin ti.
O que escuro partimiento & angustiado es este bien puede dolerse con razon el alma que se parte de dios & bien **tiene que llorar** quando vee que lo ha llagado con sus ofensiones [...] (1493, *Prosa Religiosa (Livro chamado Infancia Salvatoris)*, Anônimo)
- [“[...] Ó doce pai, ó senhor benevolente, como estamos separados de você. Como, pai santíssimo, seus filhos fogem de você. Aonde iremos, senhor, sem ti? [...] Pode sofrer, com razão, a alma

que se parte de Deus e é bem possível que chore quando vê que o feriu com suas ofensas [...]” (tradução minha).

Nesse caso, a perífrase *tener que* expressa o ponto de vista do sujeito-enunciador sobre a necessidade epistêmica de que o conteúdo expresso seja verdadeiro. Com base em forças lógicas (crenças e concepções religiosas), o falante avalia ser muito provável que alguém chore por estar afastado de Deus e por tê-lo machucado. Em uma ocorrência como essa, a inferência de modalidade epistêmica é favorecida, essencialmente, por três aspectos: (i) a construção modalizadora se associa a um sujeito de terceira pessoa; (ii) *tener que* se associa a um sujeito não-agentivo e, portanto, incapaz de determinar a realização do evento; (iii) a perífrase se insere em um Estado de Coisas do tipo Processo [+din; -con], constituído por um verbo principal que descreve uma experiência psicológica. Considerando ser pouco provável que alguém possa impor a um sujeito a obrigação de ser afetado por um processo interno (o de chorar), o usuário da língua infere que, nesse contexto, a leitura mais adequada para a construção é a epistêmica.

Enfim, no que diz respeito aos dados da perífrase *tener que* no século XV, o que podemos afirmar é que, no cópuz analisado, a perífrase ainda aparece timidamente no domínio da modalidade se comparamos sua frequência de uso neste século com sua frequência de uso no espanhol contemporâneo (séculos XX e XXI).

Quanto aos *types* de domínio semântico, a análise empreendida no século XV revela que a construção serve, especialmente, à expressão das modalidades não-epistêmicas (inerente e deôntica) e, em última instância, à expressão da modalidade epistêmica. Neste século, o aparecimento de somente um caso epistêmico da perífrase associado a sujeito de terceira pessoa com o traço semântico [+humano] não nos permite chegar a conclusões categóricas no que diz respeito ao estabelecimento de um padrão de interação entre esse tipo modal e características sintático-semânticas favorecedoras de sua ocorrência (e, conseqüentemente, do processo de abstratização da construção). Contudo, enquanto, por um lado, não podemos explicar, com base no comportamento da perífrase nesta sincronia, em que medida os elementos linguísticos aos quais *tener que* se associa motivam a mudança semântica⁶⁰, os resultados deste século nos permitem afirmar que, em estágios iniciais de gramaticalização, *tener que* atua, preferencialmente, como forma de expressão de significados inerentes e deônticos.

⁶⁰ Apesar de o baixo número de casos não permitir uma correlação entre os parâmetros de análise, o aparecimento, neste século, da modalidade epistêmica associada a alguns elementos inibidores de leituras não-epistêmicas representa um primeiro passo da perífrase na trajetória de abstratização de significado.

Ao longo das seções a seguir, veremos como as categorias sintático-semânticas predominantemente associadas ao *type* epistêmico são responsáveis por fortalecer a inferência de leitura epistêmica e, conseqüentemente, por aumentar, de maneira gradativa, a frequência *token* desse valor modal.

5.1.4 Século XVI

Olbertz (2018) afirma que é somente no período pós-medieval, mais especificamente após 1492, que *tener que* se torna mais frequente na história do espanhol. De fato, nossos dados revelam que a construção tem a frequência de uso aumentada se se compara os *tokens* (228=100%) deste século aos *tokens* do século XV (32=100%). Sobre a frequência de usos epistêmicos, embora esse tipo modal tenha aparecido, em termos absolutos, em número mais considerável se comparado à sua frequência no século XV, observa-se, em termos relativos, que os *tokens* epistêmicos mantêm certa estabilidade na passagem do XV (1/32=3,1%) ao XVI (8/228=3,5%).⁶¹ A Tabela 11 ilustra o cruzamento entre os parâmetros domínio semântico e alvo da avaliação modal.

Tabela 11: Frequência de uso da construção [*tener que* + infinitivo] no século XVI e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal

Domínio Semântico	Alvo da Avaliação				Total	% (Total)
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	37	33,6	67	56,8	104	45,6
Modalidade deôntica	73	66,4	43	36,4	116	50,9
Modalidade epistêmica	---	---	8	6,8	8	3,5
Total	110	48,2	118	51,8	228	100

Fonte: Autoria própria

Quanto ao parâmetro de análise *domínio semântico*, à semelhança do que ocorre no século XV, *tener que* expressa, em número mais elevado, a modalidade deôntica (116/228=50,9%), seguida da modalidade inerente (104/228=45,6%) e, por fim, da

⁶¹ Comparando-se os *tokens* epistêmicos do século XV com os *tokens* epistêmicos do século XVI, embora a perífrase *tener que* tenha experimentado um aumento da frequência para esse *type* modal (de 3,1% dos dados do século XV para 3,5% dos dados do século XVI), a diferença de *tokens* epistêmicos de um século a outro é estatisticamente pouco significativa. Assim, preferimos afirmar que *tener que* epistêmico mantém, do século XV ao XVI, uma frequência de uso estável.

modalidade epistêmica (8/228=3,5%). Embora não possamos afirmar, com base em Bybee (2003), que o aumento da frequência *type* de *tener que* reflete no aumento da frequência *token* da perífrase, dado que, proporcionalmente, o número de casos epistêmicos sofre um aumento pouco significativo na passagem do século XV ao XVI (de 3,1% para 3,5%), a associação de ocorrências de *tener que*, no século XVI, a sujeitos com o traço semântico [-animado] favorece as leituras epistêmicas e dificulta as leituras inerente e deôntica da perífrase.

Considerando-se que os elementos contextuais aos quais a construção se associa favorecem uma ou outra leitura modal, entendemos que a combinação a fatores que dificultam as leituras mais concretas – inerente e deôntica – de *tener que* sinaliza que tais elementos têm influência direta e fundamental no processo de abstratização semântica do modalizador. Em resumo, a conjugação de *tener que* a elementos linguísticos que motivam o aparecimento do tipo modal epistêmico comprova que a construção perdeu conteúdo semântico [+concreto] e restrições de significado que possibilitariam a preferência pelas leituras inerente e deôntica, generalizando-se, conseqüentemente, a novos contextos (mais especificamente a contextos que inibem leituras não-epistêmicas).

Quanto ao parâmetro *alvo de avaliação*, os dados da Tabela 11 ilustram que *tener que* expressa as modalidades inerente e deôntica orientadas para o participante e para o evento e a modalidade epistêmica orientada somente para o evento. Diferentemente do que ocorre no século XV, que apresenta a modalidade orientada para o participante como a mais frequente nos dados, as frequências do século XVI mostram que os casos de modalidade orientada para o evento se sobrepõem levemente aos casos de modalidade orientada para o participante. Considerando-se que a modalidade epistêmica só pode se associar à orientação para o evento, o aumento de *tokens* epistêmicos exerce influência direta no aumento da frequência de ocorrência dessa orientação.

A ocorrência (85) representa a modalidade deôntica orientada para o participante, cruzamento entre domínio e alvo mais frequente nos dados (73/228=32%), a ocorrência (86) representa a modalidade inerente orientada para o evento e a ocorrência (87) é representativa da modalidade epistêmica orientada para o evento.

(85) Otro mancebo fué dado por discípulo en el mismo monesterio de Asia á un monje manso y benigno. Pues como viesse el discípulo que el viejo lo honraba y trataba mansamente [...], rogó al viejo le diese licencia para irse, lo cual fácilmente alcanzó: porque el viejo tenía otro discípulo. Partióse pues dél con una carta de favor y crédito á un monasterio que estaba en la región de Ponto. Y la primera noche que entró en el monasterio, vió en visión ciertas personas que le pedían cuenta de su vida. Y después de aquel terrible y temeroso examen diéronle á entender que debía cien libras de oro. Y despertando él, y

entendiendo la visión, dijo: Pobre Antioco (porque así se llamaba él), grande deuda tienes á cuentas y mucho **tienes que pagar**. Desta manera estuve (dijo él) tres años en el monesterio, obedesciendo á todos sin diferencia [...] Pasados tres años torné otra vez á ver en sueños una persona: la cual me dijo que diez libras de toda aquella suma estaban ya pagadas. En despertando entendí la visión y dije: ¿No he pagado hasta ahora más que diez libras? ¿pues cuándo acabaré de pagar lo que queda? Entonces dije yo á mí mismo: pobre Antioco, necesidad tienes de sufrir más trabajos y ignominias. Entonces comencé á fingirme bobo y tonto, sin dejar por eso de cumplir alguna cosa del cargo que tenía [...] (1562, *Prosa Religiosa (Traducción de la Escala Espiritual de S. Juan Clímaco)*, Fray Luis de Granada)

[“[...] Então, o jovem partiu do monastério com uma carta de favor e crédito a um monastério que estava na região de Ponto. E a primeira noite que entrou no monastério, viu em alucinações certas pessoas que pediam a ele que prestasse conta da sua vida. Depois daquela terrível investigação, deram-lhe a entender que ele devia cem libras de ouro. E despertando, e entendendo a visão, disse: Pobre Antioco (porque assim ele se chamava), uma grande dívida você tem nas costas e muito tem que pagar [...]”] (tradução minha).

- (86) [...] Se dé a los maitinantes dos reales cada noche por enero y febrero. A petición de los capellanes que van a Maitines se manda que desde el primer día de enero hasta fin de febrero se repartan cada noche 2 reales más entre los que fueren a Maitines como se hizo el año antecedente.

Villancicos. El dicho día que el Sr. Capellán mayor vea las letras que se han de cantar en la Natividad de Nuestro Señor y si **tienen que reformar** lo haga.

Licencia a Juan Muñoz para entrar en el coro. Este día a petición de Juan Muñoz, ministril sacabuche, el Cabildo tuvo por bien de darle licencia para que pueda entrar en el coro de esta Sta. Iglesia para ejercitarse solamente pareciendo al maestro de capilla y a Juan de la Fuente, ministril de esta Sta. Iglesia, que es a propósito y no hará disonancia.

Comisión para concertar el tiple de Valdemoro. Este día se refirió que había venido un muchacho de Valdemoro, capón y de buena voz y muy a propósito para la capilla y el Cabildo, habiendo oído, fue de acuerdo de que conviene recibirle y para ello dio comisión a los señores Matías de Arteaga y doctor Molina, canónigos, para que concierten en lo que se le haya de dar y de dónde se haya de tomar la cantidad necesaria para este (1600, *Prosa de Sociedad (Documentos sobre música en la catedral de Sigüenza)*, Anónimo)

[“[...] O dito dia que o Senhor Capelão veja as letras que vão ser cantadas no dia de nascimento de Nosso Senhor e se têm que reformá-las, verifique isso [...]”] (tradução minha).

- (87) Esta gente es de la misma calidad y costumbres de los otros hallados, sin ninguna secta que yo cognozca [sic] Estas son sus palabras. Dice también * que [...] **tiene que ser** aquella tierra firme * y que estaba ante Zaitón y Quisay, * ciertas ciudades o provincias de la tierra firme * [...] Con esta opinión que tenía de que aquella era tierra firme [...] (1527-1561, *Prosa Histórica (Historia de las Indias)*, Fray Bartolomé de las Casas)

[“Esta gente é da mesma qualidade e dos mesmos costumes dos outros [povos] descobertos, sem nenhuma seita que eu conheça [sic] Estas são as suas palavras. Diz também que [...] aquela terra tem que ser firme e que estava diante de Zaitón e Quisay, certas cidades ou províncias da terra firme [...] Com esta opinião que tinha de que aquela era terra firme [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (85) é representativa da modalidade deôntica orientada para o participante e descreve a obrigatoriedade de que um participante de segunda pessoa do

singular (*tú*) realize o Estado de Coisas [*mucho tienes que pagar*]. Nesse caso, embora falante e alvo da avaliação sejam correferenciais (porque o falante se refere a si mesmo na segunda pessoa do singular), a fonte da avaliação modal são pessoas que, em sonho, exigem um pagamento e despertam a consciência do sujeito para o fato de que ele é obrigado a realizar essa ação. Conclui-se, dessa forma, que a necessidade de se pagar não é interna, mas, antes, motivada por agentes externos, o que caracteriza a modalidade deôntica.

Em (86), a perífrase *tener que* codifica a modalidade inerente orientada para o evento, uma vez que, nesse caso, é a circunstância (a possibilidade de as letras a serem cantadas no Natal estarem ruins) que condiciona a necessidade de que elas sejam consertadas.

Em (87), ocorrência representativa da modalidade epistêmica orientada para o evento, o falante expressa que o esperado, com base em inferências sobre como são as “Índias”, é que o novo território conquistado seja de terra firme. Nesse caso em específico, a leitura epistêmica é reforçada pelo próprio cotexto ([...] *com esta opinião que tinha de que aquela era terra firme* [...]).

O que se pode notar, em um caso como (87), é a associação de *tener que* a um sujeito de terceira pessoa, inanimado e não-agente, e a inserção da perífrase em um Estado de Coisas do tipo Estado, o qual não pressupõe, portanto, os traços [+dinâmico] e [+controle]. Toda essa configuração leva o usuário da língua a conceber a construção não como um modalizador deôntico ou inerente, mas, antes, como um modalizador epistêmico.

Com base em Neves (2006) e Carrascossi (2003), as modalidades inerente e deôntica tendem a se associar a sujeitos animados, em razão da impossibilidade de imposição de ordens e regras de conduta a participantes com o traço semântico [-animado]. É claro que, como falamos em tendência de associação, não é surpreendente que tenhamos encontrado, nos dados analisados desde XV a XX/XXI, casos de *tener que* não-epistêmico associados a sujeitos inanimados. No entanto, conforme postulam Olbertz e Gasparini-Bastos (2013) e Olbertz (2016), pelo fato de se associarem a sujeitos que, por sua natureza, são incapazes de cumprirem obrigações, ocorrências como essas descrevem a noção de imposição de normas com um alvo de avaliação que não é mais o participante, mas sim o evento como um todo.⁶²

Assim, tomando como base a classificação das modalidades proposta por Hengeveld (2004), admitimos que as modalidades inerente e deôntica não podem ser orientadas para o

⁶² Os casos de modalidade orientada para o evento com sujeitos inanimados se diferem dos casos de modalidade orientada para o evento com sujeitos humanos e genéricos pelo fato de que estes últimos, embora apareçam diluídos na coletividade, não deixam de ser capazes de aceitar e realizar uma obrigação.

participante quando associadas a sujeitos inanimados em função dos seguintes aspectos: (i) no caso da modalidade inerente, sujeitos desse tipo não são capazes de nutrir e reconhecer a necessidade interna de inserção em um Estado de Coisas; (ii) no caso da modalidade deôntica, sujeitos inanimados são, em razão de sua constituição, impossibilitados de aceitar a imposição de obrigações.

Como veremos ao longo da análise, casos de sujeitos inanimados associados às modalidades inerente e deôntica são pouco frequentes se consideramos que esses são tipos modais que geralmente pressupõem a presença de um sujeito que aceita a imposição de regras de conduta e que é capaz de realizá-las. Assim, postulamos a tendência de associação de sujeitos inanimados à modalidade epistêmica, visto que tal tipo modal não envolve a noção de imposição de regras sobre participantes do Estado de Coisas.

Sobre a agentividade, as modalidades epistêmicas, que descrevem a inferência do sujeito-enunciador de que uma proposição seja verdadeira, não requerem, portanto, a presença de um agente controlador capaz de determinar se o evento ocorrerá ou não. Dessa forma, esse é um tipo modal que tende a se associar a Estados de Coisas do tipo Estado ou Processo, os quais não envolvem controle.

Isso significa dizer que a conjugação de *tener que* às categorias [-animado], [-controle] e Estado de Coisas do tipo Estado ou Processo é um fator impulsionador da mudança semântica de um significado mais concreto da perífrase a um significado mais abstrato, dado que dificulta as interpretações não-epistêmicas e facilita a preferência pelas interpretações epistêmicas.

Bybee e Pagliuca (1985), ao tratarem dos processos cognitivos atuantes na gramaticalização, afirmam que o significado de obrigação de *have to* do inglês predica certas condições sobre um agente intencional e disposto a realizar uma ação: nesse sentido, o esquema conceptual é descrito em $[X \text{ é obrigado a } Y]$. O significado epistêmico, por sua vez, nada mais é que uma extensão metafórica da obrigação aplicada à verdade de uma proposição (isto é, extensão metafórica da obrigação de que uma proposição seja verdadeira): dessa forma, X (uma proposição) é obrigada a ser verdadeira. Em outras palavras, o que ocorre no processo de mudança semântica de *tener que* não-epistêmico para *tener que* epistêmico é o mapeamento, por extensão metafórica, de um domínio mais abstrato (mental) em termos de um domínio mais concreto (o domínio real de imposição de forças sobre entidades concretas).

Esse raciocínio é facilmente aplicável à explicação do processo de abstratização da perífrase *tener que*: uma ocorrência como a apresentada em (87) é mais propensa a ser inferida pelo usuário da língua como possibilitando a leitura epistêmica em razão da

associação da perífrase a elementos contextuais que favorecem o aparecimento desse valor modal (sujeito na terceira pessoa gramatical, inanimado, não-agentivo e natureza do Estado de Coisas do tipo Estado).

Quanto aos parâmetros *pessoa gramatical* e *animacidade do sujeito*, a Tabela 12 ilustra a distribuição de frequência de *tener que* associada a cada um dos fatores de análise.

Tabela 12: Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de *tener que* no século XVI

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Pessoa gramatical	1 ^a	48/104=46,1%	44/116=38%	0	92/228=40,4%
	2 ^a	21/104=20,2%	23/116=19,8%	0	44/228=19,2%
	3 ^a	35/104=33,7%	49/116=42,2%	8/8=100%	92/228=40,4%
	Subtotal	104/228=45,6%	116/228=50,9%	8/228=3,5%	228/228=100%
Animacidade	[+humano]	101/104=97,2%	109/116=94%	4/8=50%	214/228=93,8%
	[-animado]	2/104=1,9%	6/116=5,1%	4/8=50%	12/228=5,3%
	[+animado]	1/104=0,9%	1/116=0,9%	0	2/228=0,9%
	Subtotal	104/228=45,6%	116/228=50,9%	8/228=3,5%	228/228=100%

Fonte: Autoria própria

Como apontam os dados da Tabela 12, observamos, no que concerne à *pessoa gramatical do sujeito*, que, embora a modalidade inerente apareça, diferentemente do que verificamos no século XV, associada às três pessoas gramaticais identificadas nos dados, esse tipo modal ocorre, mais frequentemente, combinado com a primeira pessoa gramatical (48/104=46,1%), conforme esperado. Os *tokens* de modalidade deôntica associada à primeira pessoa (44/116=38%) são quase tão frequentes quanto os *tokens* desse mesmo tipo modal associado à terceira pessoa (49/116=42,2%). Por sua vez, os *tokens* de modalidade epistêmica aparecem exclusivamente associados à terceira pessoa gramatical (8/8=100%).

De maneira semelhante ao que ocorre no século XV, os resultados para o cruzamento do parâmetro *pessoa gramatical do sujeito* e *tipo modal* codificado por *tener que* corroboram parcialmente as hipóteses inicialmente elaboradas. Considerando, com base em Neves (2006), que a perífrase *tener que* tende a receber um valor não-epistêmico quando o sujeito da oração

é de primeira pessoa e um valor epistêmico quando o sujeito é de terceira pessoa, o cenário do comportamento de *tener que* no século XVI é analisado da seguinte forma:

- o a construção *tener que* com sujeito de primeira pessoa tende a expressar a modalidade inerente (48/104=46,1%), como também revelam os dados do século XV e do período moderno (séculos XX e XXI), mas não é um fator determinante para o favorecimento de ocorrência da modalidade deôntica, tipo modal que aparece, no século XVI, associado às terceiras (49/116=42,2%) e às primeiras pessoas gramaticais (44/116=38%) de maneira equilibrada.
- o a associação, por unanimidade, da modalidade epistêmica a sujeitos de terceira pessoa (8/8=100%) mostra que esse é, de fato, um contexto sintático motivador do aparecimento desse tipo modal e, conseqüentemente, um fator que contribui para a abstratização semântica da perífrase.

A ocorrência (88) ilustra a tendência de associação, no século XVI, da primeira pessoa gramatical à modalidade inerente. A ocorrência (89), por sua vez, representa a modalidade epistêmica associada à terceira pessoa gramatical, isto é, a um elemento morfossintático impulsionador da expressão do valor mais abstrato de *tener que*.

- (88) [...] Todos estos pensamientos han de ser lançados fuera del corazón porque no se diga de nosotros aquello de Ysaías: "Los pensamientos dellos son pensamientos ynútiles". Si nos burláramos de algún hombre y lo terníamos por vano viéndolo fazer hornillos y panecillos de lodo, como niño, porque de allí no se sigue utilidad alguna, cuánto más se deven burlar los ángeles del que vieren ocupado en pensamientos ynútiles y sin provecho. Déstos tales dize el Profeta, quasi burlándose dellos: "Telas de araña texeron". No ay cosa al servicio humano, según el parecer, más ynútil que las telas de las arañas, que ensuzian la casa y **tenemos que alimpiar** las paredes dellas; y quanto más estendidas son estas tales tanto son de menos provecho y son ocasión que en ellas caygan las moxcas. Désta manera son los pensamientos ynútiles, que ensuzian las potencias de nuestra ánima, y dévense limpiar con el silencio interior del corazón, que es la escoba con que el Profeta barría su espíritu. Deves, también, parar mientes que estas telas de ynútiles pensamientos no sean lazos para las moxcas, que son las torpes y más suzias ymaginaciones, porque el demonio, por muy pocas cosas, suele començar para venir a mayores y más dañosas. Estos pensamientos ynútiles y de que ningún provecho se puede seguir pienso, sin duda, que son pecado venial, según adelante diré; y esto por la negligencia que la voluntad tiene en los desechar, y por el tiempo que infrutuosamente se pierde, y por el peligro de mayor mal a que el hombre se pone, y por otras causas semejantes [...] (1530, *Prosa Religiosa (Segunda parte del Abecedario Espiritual)*, Francisco de Osuna)

[“[...] Todos estes pensamentos têm de ser lançados fora do coração para que não se diga de nós aquilo que disseram de Isaías: ‘Os pensamentos dele são pensamentos inúteis’. Se nós mesmos

zombamos de um homem e o consideraríamos inútil vendo-o fazer forminhos e pãezinhos de barro, como uma criança, porque dali não resulta utilidade alguma, mais devem zombar os anjos daquele que virem ocupado em pensamentos inúteis. De homens desse tipo, diz o Profeta, quase os ridicularizando: ‘Teceram teias de aranha’. Parece que não existe coisa ao serviço humano mais inútil do que as teias de aranha, que sujam a casa e fazem com que tenhamos que limpar suas paredes [...]” (tradução minha).

- (89) El comer mucho [...] se debe regular según el estómago de cada uno [...] no por mayor hacienda, ni por tener oficio más honrado, o ser rey, o príncipe, o prelado. Consideradme hoy que paso muy bien con una libreta de carnero, y, si mañana fuese obispo, no se me habría ensanchado el estómago [...], luego también me bastaría mañana otra libreta [...]. Aquí se pierden los juicios de los más entendidos, viendo obispos, de cuyas mesas y glotonías cortes y cortijos **tienen que blasfemar**, que de puro tragones y ociosos tengan callos en las gargantas y sabañones en los pies; y prelados de religiosos que gastan ellos más que una docena de sus súbditos [...] (1589, *Prosa Religiosa (Diálogos familiares de la agricultura cristiana)*, Juan de Pineda) [“O comer muito se deve regular segundo o estômago de cada um [...] não por propriedade, nem por ter ofício mais honrado, ou ser rei, ou príncipe ou sacerdote [...] Aqui os juízos dos mais entendidos se perdem, vendo bispos, de cujas mesas, cortes e propriedades abundantes é possível que falem mal; que de comilões tenham calos na garganta [...]; e sacerdotes que gastam mais do que uma dezena de súditos [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (88) ilustra um caso de modalidade inerente orientada para o evento, com sujeito de primeira pessoa do plural (*nosotros*). Nessa ocorrência, é um elemento circunstancial (a sujeira causada pelas teias de aranha) que motiva a necessidade de realização do Estado de Coisas [*tenemos que alimpiar las paredes*].

A ocorrência (89), por sua vez, representa a modalidade epistêmica orientada para o evento, com sujeito de terceira pessoa do plural (*ellos, los obispos*). Nesse caso, o sujeito-enunciador expressa ser possível que os bispos falem mal da abundância de comida que possuem. Em uma ocorrência como essa, embora o sujeito (*ellos*) tenha agentividade para realizar o Estado de Coisas, o que favorece a interpretação epistêmica para esse caso é a impossibilidade de que a fonte da avaliação imponha a alguém a obrigação de cometer uma injúria. Assim, *tener que serve*, nesse caso em específico, à expressão da crença do sujeito-enunciador de que o conteúdo expresso em seu enunciado é verdadeiro.

Embora não tenhamos confirmado, para o século XVI, a tendência de associação da modalidade deôntica à primeira pessoa gramatical, a diferença de frequência desse tipo modal associado à primeira ou à terceira pessoa não é muito significativa. A ocorrência em (90) é representativa do cruzamento desses dois parâmetros de análise.

- (90) CAPÍTULO VIII Y ÚLTIMO DE LA DIVINA MISERICORDIA Y CÓMO EN NUESTRAS TRIBULACIONES HABEMOS DE ACORRER A DIOS

Haciendo el amigo aquí pausa dijo el preso: estaba ahora cuando aquí llegué tan lleno de malenconía que no había lugar en mi corazón en que pudiese caber nuevo dolor, porque todo estaba lleno de tristes angustias, ni me acordaba que había paciencia en el mundo, antes me quejaba de ella sin consideración alguna de sufrimiento, por ver que me levantó en prosperidad para derribarme de ella y hacer de mí rara ejemplo de tristes. Mas ahora, loado a Dios, estoy aliviado y parece que tiene hecha mi voluntad liga con la razón que le está mostrando el bien de la paciencia y cuanto **tengo que hacer** para cumplir con la obligación de quien soy.

(1571, *Prosa Religiosa (Traducción de la Imagen de la vida cristiana de Fray Héctor Pinto)*, Anônimo)

[“[...] Eu nem me lembrava de que havia paciência no mundo, antes eu me queixava dela [...], porque ela me levantou à prosperidade para me derrubar dela [...] Mas agora, louvado seja Deus, estou aliviado, e parece que a minha vontade se uniu à razão, a qual lhe está mostrando o bem da paciência e o quanto tenho que fazer para cumprir com a obrigação de quem sou”] (tradução minha).

A ocorrência (90) ilustra um caso de modalidade deôntica orientada para o participante, com sujeito de primeira pessoa do singular (*yo*). Nessa ocorrência, embora falante e alvo da avaliação sejam correferenciais, a fonte da avaliação modal é um conjunto de crenças religiosas – que o sujeito-enunciador julga que o guiam – motivadoras da obrigação de realização do Estado de Coisas [*mucho tengo que hacer*].

Enfim, no que concerne ao parâmetro *pessoa gramatical do sujeito*, os *tokens* de *tener que* epistêmico do século XVI revelam um mesmo padrão – observado em dados do século XX e XXI – de cruzamento desse tipo modal a sujeitos de terceira pessoa gramatical. Dessa forma, os resultados provenientes da associação desses dois parâmetros confirmam que o contexto morfossintático em que *tener que* aparece com sujeito de terceira pessoa impulsiona o processo de abstratização semântica da perífrase, visto que favorece a ocorrência da modalidade epistêmica.

No que diz respeito ao parâmetro *animacidade do sujeito* relacionado à construção *tener que*, os dados revelam que, no século XVI, assim como ocorre nas sincronias analisadas até o momento, os sujeitos com o traço semântico [+humano] são, em uma frequência acentuada, mais recorrentes nos dados (214/228=93,8%), seguidos dos sujeitos com o traço semântico [-animado] (12/228=5,3%) e, por fim, dos sujeitos com o traço semântico [+animado] (2/228=0,9%).

Com relação à associação entre os parâmetros *domínio semântico* e *animacidade do sujeito*, os resultados da análise de *tener que* no século XVI comprovam a tendência de associação de sujeitos do tipo [+humano] a enunciados interpretados tanto como inerentes (101/104=97,2%), quanto como deônticos (109/116=94%) e epistêmicos (4/8=50%). Confirmamos, assim como fizemos para os dados do século XV, que a modalidade não-

epistêmica também tende a aparecer, no século XVI, associada a sujeitos do tipo [+humano], tendo pouca representatividade entre sujeitos do tipo [-animado]. A análise do cruzamento entre os parâmetros *tipo modal* e *animacidade do sujeito* nos leva a formular as seguintes considerações:

- o a baixa frequência de *tokens* não-epistêmicos associados a sujeitos inanimados, em contraposição à frequência proporcionalmente alta de casos epistêmicos associados a sujeitos com esse mesmo traço semântico (4/8=50%), indica que os casos de *tener que* relacionados a sujeitos inanimados são favorecedores do aparecimento da modalidade epistêmica e, portanto, do processo de abstratização semântica da perífrase. Assim, se consideramos o traço semântico [-animado] como mais abstrato, os dados epistêmicos do século XVI comprovam o avanço do processo de mudança semântica de *tener que*, construção que perde restrições de significado e se associa a tipos de sujeito que inibem a leitura não-epistêmica (e favorecem a leitura epistêmica). Embora a frequência de epistêmicos associados a [+humano] e a [-animado] seja equivalente, a modalidade epistêmica expressa por *tener que* tem, proporcionalmente, muito mais representatividade entre sujeitos do tipo [-animado] (4/8=50%) do que as modalidades inerentes (2/104=1,9%) e deônticas (6/116=5,1%), o que confirma que sujeitos do tipo inanimado são favorecedores do aparecimento da modalidade epistêmica e, portanto, impulsionadores do processo de *bleaching* semântico sofrido por *tener que*. Como podemos observar a partir da Tabela 12, as modalidades que agrupamos dentro do rótulo de *modalidades não-epistêmicas* tendem a se associar, com frequência muito mais alta, a sujeitos do tipo [+humano] (97,2% dos casos de modalidade inerente e 94% dos casos de modalidade deôntica).

Enfim, no que diz respeito à influência do parâmetro *animacidade do sujeito* na abstratização semântica de *tener que*, os resultados da análise do século XVI comprovam que, à semelhança do que ocorre em dados do século XV, a construção segue um padrão de associação das modalidades inerente, deôntica e epistêmica a sujeitos do tipo [+humano], o que corrobora a possibilidade de associação desses três tipos modais ao traço semântico [+humano]. Por outro lado, se consideramos o traço semântico [-animado] como mais abstrato, os dados do século XVI apontam para o avanço do processo de desbotamento (ou

perda de conteúdo semântico) de *tener que*, que passa a apresentar o cruzamento entre a modalidade epistêmica e o traço semântico [-animado] do sujeito.

Neste ponto é importante frisar que, para que o processo de abstratização seja confirmado, *tener que* epistêmico não precisa se associar, obrigatoriamente, a um número cada vez mais amplo de elementos favorecedores de sua ocorrência. Na verdade, para a verificação do processo de abstratização semântica, o importante é mostrar que, a partir de dado momento da história do espanhol, o valor epistêmico de *tener que* se associa a elementos que favorecem essa leitura e revelam um padrão de interação entre esse tipo modal e características sintático-semânticas do contexto no qual a perífrase se insere.

Como veremos nas seções seguintes, as frequências do valor epistêmico de *tener que* associado aos fatores contextuais que estimulam seu aparecimento sofrem oscilações na passagem de um século a outro. Dessa forma, no que diz respeito ao parâmetro *animacidae do sujeto*, relevante para a identificação do processo de mudança semântica da perífrase é verificar que, a partir do século XVI, *tener que* com valor epistêmico passou a se associar a sujeitos do tipo inanimado, isto é, a sujeitos menos concretos e impulsionadores da ocorrência de um valor modal mais abstrato da perífrase.

A ocorrência (91) ilustra a tendência de associação da modalidade deôntica a sujeitos com o traço semântico [+humano]. A ocorrência (92), por sua vez, representa a modalidade epistêmica associada ao traço semântico [-animado], impulsionador de sua ocorrência.

- (91) Lucano parece decir que usaron de las letras jeroglíficas antes de haberse inventado la escritura por palabras, tejidas de diversas letras, como nosotros las escribimos; y así dice Plotino, que por instinto natural se movieron a ello, y lleva gran razón; y pasó semejante manera de escribir en las gentes bárbaras hasta nuestras Indias [...]
Veis aquí lo tocante a vuestras letras jeroglíficas. Ahora no resta sino que acuda el señor Licenciado a dar otro trato de cuerdo y sabio a la materia de los sentidos del hombre, pues pide razón que concluyamos ya con ella.
Filótimo.- De mí no **tenéis que esperar** más que de un ciego para ver y mudo para hablar, porque ya sabéis que ha de ir la doctrina por la vía de Aristóteles [...] (1589, *Prosa Religiosa (Diálogos familiares de la agricultura Cristiana)*, Juan de Pineda)
[“[...] De mim vocês não devem esperar mais do que devem esperar de um cego para ver e de um mudo para falar [...]”] (tradução minha).
- (92) Lo que subcediere [...] se porná en el discurso de la historia, en aumentación deste libro XXVII; y no tenga Pedro de Heredia ni otro alguno pensamiento que [...] me excusarán de hablar en estas materias con la libertad que suelo hacerlo, así porque yo traigo las manos limpias [...] Solamente consejo a los que gobiernan a otros, que no tengan en poco el sonido de mis renglones: que más **tiene que hacer** el tiempo, mucho, en matar o consumir la buena o mala fama, que la gula en los mortales [...]. (1535-1557, *Prosa Científica (Historia general y natural de las Indias)*, Gonzalo Fernández de Oviedo)

[“Eu só aconselho aos que governam que não duvidem do som dos meus comentários, porque é possível que o tempo tenha mais influência sobre a morte da boa ou má fama, do que a gula tenha influência sobre os mortais [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (91), representativa da modalidade deôntica orientada para o participante, apresenta um sujeito específico de segunda pessoa do plural (*vosotros*), com o traço semântico [+humano]. Nesse caso, o evento [*tenéis que esperar*] só pode ser realizado por seres humanos (ou animados), únicos organismos capazes de aceitar uma regra imposta. A ocorrência (92), por outro lado, representa a modalidade epistêmica orientada para o evento, com sujeito de terceira pessoa do singular (*él, tiempo*) e traço semântico [-animado]. Nesse caso, o falante expressa acreditar que o tempo é um mecanismo ativo para a preservação da boa ou má fama de alguém.

Sobre a *agentividade do sujeito* e a *natureza do Estado de Coisas*, apresentamos, na Tabela 13, o cruzamento entre tipos modais e tais parâmetros.

Tabela 13: Parâmetros semânticos e valores modais de *tener que* no século XVI

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Agentividade	[+controle]	81/104= 77,9%	107/116= 92,2%	1/8=12,5%	189/228= 82,9%
	[-controle]	23/104= 22,1%	9/116= 7,8%	7/8=87,5%	39/228= 17,1%
	Subtotal	104/228= 45,6%	116/228= 50,9%	8/228=3,5%	228/228= 100%
Tipologia do EsCo	Ação [+din; +con]	78/104= 75%	99/116= 85,3%	1/8=12,5%	178/228= 14%
	Processo [+din; -con]	19/104= 18,3%	7/116= 6,1%	6/8= 75%	32/228= 14%
	Estado [-din;-con]	4/104= 3,8%	2/116= 1,7%	1/8= 12,5%	7/228= 3,1%
	Posição [-din; +con]	3/104= 2,9%	8/116= 6,9%	0	11/228= 4,8%
	Subtotal	104/228= 45,6%	116/228= 50,9%	8/228=3,5%	228/228= 100%

Fonte: Autoria própria

Mais uma vez, comprovamos, neste século, que as modalidades inerente (81/104=77,9%) e deôntica (107/116=92,2%) têm muita representatividade entre sujeitos agentivos, em razão do fato de que esses são tipos modais que geralmente requerem a presença de um sujeito participante capaz de se engajar no evento. Os casos de modalidade

epistêmica, por sua vez, aparecem predominantemente associados a sujeitos não-agentivos (7/8=87,5%). A baixa representatividade de sujeitos não-agentivos associados às modalidades não-epistêmicas – especialmente à modalidade deôntica (9/116=7,8%) – em contraposição à frequência proporcionalmente alta de associação desses mesmos tipos à modalidade epistêmica indica que os *tokens* de *tener que* associados a sujeitos [-controle] impulsionam efetivamente o aparecimento do valor mais abstrato da construção.

Sobre a relação entre os valores modais e a tipologia do Estado de Coisas, o século XVI revela um mesmo padrão de associação observado no século XV: *tener que* não-epistêmico se associa, predominantemente, a Estados de Coisas do tipo Ação, enquanto *tener que* epistêmico se associa a Estados de Coisas do tipo Processo (6/8=75%). Destacamos que a possibilidade de leitura modal mais abstrata em contextos que não envolvem controle (como nos Estados de Coisas do tipo Processo) fortalece a inferência de que a leitura epistêmica pode ser feita em contextos ainda mais abstratos (a saber, nos contextos em que *tener que* aparece em Estados de Coisas do tipo Estado). Isso significa que o aumento de contextos apropriados para o aparecimento da modalidade epistêmica estimula o aumento da frequência *token* desse tipo modal e sua generalização.

A ocorrência (93) ilustra a tendência de associação da modalidade deôntica a sujeitos agentivos e a Estados de Coisas do tipo Ação:

- (93) Y si, por caso, todo lo que tienes estudiado es sobre el principio del evangelio historial, porque no se quede lo demás del evangelio para la postre diciendo poco o nada sobre él, y así acabes friamente (y el fin, como está dicho, ha de ser ferviente), podrías en tal caso, al principio, decir todo el evangelio, diciendo algunas cosillas que acompañen la letra, porque no te enfríes; y después, con alguna razón buena o autoridad, eslabonar y juntar el fin con el principio artificiosamente, sin que lo sepan ni entiendan sino los muy agudos, y entonces decir lo que al principio **tienes que predicar** (1570-1573, *Prosa Religiosa (Modo de predicar y modus concionandi)*, Fray Diego de Estella)
 [“[...] Você poderia, ao princípio, dizer todo o evangelho, para você não esfriar; depois, com um pouco de autoridade, você poderia fazer um elo e juntar o fim com o princípio artificiosamente, sem que entendam a não ser os muito sábios, e então dizer o que ao princípio você tem que pregar [...]”] (tradução minha).

O caso (93) é representativo da modalidade deôntica orientada para o evento e apresenta um sujeito agentivo. Em um contexto como esse, a fonte da avaliação modal é um conjunto de regras impositivas sobre o modo de se fazer uma pregação e o alvo da avaliação é qualquer sujeito que se encaixe na condição de pregador. Uma ocorrência como essa é preferencialmente lida como deôntica em função de dois aspectos: (i) associação de *tener que* a um sujeito humano e agentivo e, portanto, capaz de aceitar e realizar uma obrigação; (ii)

inserção da perífrase em um Estado de Coisas do tipo Ação, que envolve o traço [+controle]. De fato, o aparecimento da modalidade deôntica aliada a EsCo de Ação é esperado se consideramos que predicados [+din; +con] são de natureza semântica mais concreta e descrevem, com mais frequência, eventos que ocorrem no mundo sociofísico.

A ocorrência (94), por sua vez, expressa o valor modal epistêmico.

(94) Y así no es cordura especialmente en la hera de agora donde ay poca amistad y fidelidad y en las mugeres más libertad y menos honestidad y bondad llevar los hombres a sus casas a otros aunque sean muy amigos porque dan ocasión a que las mugeres so aquella color usen de sus ruynes mañas. Y entonces de ellos mismos se deben quejar por aver llevado a su casa con qué llorasen confiando sus mugeres de sus amigos porque la muger y la espada puédesse mostrar mas no confiar como más largamente escribe don Antonio de Guevara en la primera parte de sus Epístolas familiares en la letra para mossén Puche Valençiano, en el capítulo y § que dize que los maridos no deben de llevar a sus casas personas sospechosas, a las fojas çiento.

Puédesse también este proverbio entender en el hombre que por andar picando aquí y allí topa con quien le pega las búas o otro mal que lleva a su casa con que **tiene que llorar** toda su vida (1570-1579, *Prosa Didáctica (Libro de los proverbios)*, Sebastián de Horozco)

[“[...] O homem também pode entender com este provérbio que, por andar saltando de um lado a outro, tromba com quem lhe faz algum mal, com o que devem chorar toda a sua vida [...]”] (tradução minha).

Um caso como esse, representativo da modalidade epistêmica orientada para o evento, expressa a dúvida do sujeito-enunciador sobre a probabilidade de ocorrência do evento. Como a modalidade epistêmica é resultado da transferência conceptual do domínio de forças físicas para o domínio de forças mentais, na mesma medida em que existem forças sociais que impelem à realização de uma ação no mundo, há forças lógicas que levam o sujeito a julgar a legitimidade do conteúdo expresso. Em (94), as forças lógicas que levam o sujeito-enunciador a avaliar a probabilidade de ocorrência de [*tiene que llorar toda su vida*] são seus conhecimentos de mundo: é muito provável que as pessoas infieis, por passarem por situações ruins, chorem pelas consequências de seus atos.

No que diz respeito à influência dos parâmetros *agentividade do sujeito* e *tipo de EsCo* sobre uma ou outra leitura modal, a modalidade epistêmica é preferida, nesse contexto, em função da integração de *tener que* com um sujeito não-agentivo e com um EsCo do tipo Processo. Em resumo, o ambiente linguístico no qual *tener que* se insere favorece a leitura epistêmica em razão dos seguintes fatores: (i) esse é um tipo modal que não requer a presença de um agente; (ii) o Estado de Coisas [*tiene que llorar*] descreve, nesse caso, uma experiência que se dá a nível mental. Como é pouco provável que uma fonte possa impor a obrigação de

que alguém passe por uma experiência íntima e interna, essa ocorrência é lida como epistêmica.

A esse ponto, uma ressalva se faz relevante. Ao tratar do parâmetro *controle* para a tipologia semântica do Estado de Coisas, Dik (1997) afirma que um Estado de Coisas é [+controle] se seu primeiro argumento tem o poder de determinar se o Estado de Coisas se realizará ou não. Se a entidade na posição de primeiro argumento tem agentividade para se inserir no evento, então ela é sujeito-controlador do Estado de Coisas. Rinaldi (2015), seguindo Dik (1997), destaca que:

o controle se refere à força presente no enunciado que determina a realização ou não do EsCo. Comumente essa força está relacionada ao primeiro argumento da construção, que, nesse caso, passa a ser o controlador para a realização do EsCo. Dessa maneira, um EsCo terá o traço [-controle] se não houver um indivíduo controlador do EsCo em questão; já um EsCo com o traço [+controle] será aquele que envolver um indivíduo controlador da realização do EsCo [...] (RINALDI, 2015, p. 56).

Embora a presença do traço [+controle] ou [-controle] seja comumente determinada pela possibilidade de que o primeiro argumento da construção seja agente ou não-agente, Neves (2006) afirma que a interpretação de uma predicação como [+controle] ou [-controle] não se faz no léxico, isto é, não se liga somente à semântica do verbo em si. Assim, por exemplo, a seguinte predicação deve ser analisada segundo o contexto mais amplo de ocorrência do verbo modal:

(95) *Deve morrer pelo povo, pela liberdade* (exemplo extraído de Neves, 2006, p. 191)

Nesse caso, ainda que, isoladamente, *morrer* seja um predicado que não exige o traço [-controle], o contexto de ocorrência como um todo obriga a uma reinterpretação do traço semântico associado à predicação. Isso significa dizer que, embora *morrer* seja um verbo que não exige a presença de um primeiro argumento controlador, a existência de uma fonte externa de poder, hierarquicamente superior ao sujeito da construção, impulsiona a necessidade de reinterpretação da predicação. Dessa forma, destaca Neves (2006), *morrer*, em princípio um verbo que sugere [-controle], tem de ser reanalisado como [+controle] graças ao contexto global em que ocorre.⁶³ O mesmo raciocínio parece se aplicar a algumas ocorrências

⁶³ Quando tratamos de valores modais expressos por *tener que*, falamos em tendência de associação das modalidades deônticas ao traço [+controle] em razão do fato de esse tipo modal se referir à imposição de normas que só podem ser realizadas por sujeitos capazes de se inserir no Estado de Coisas. Como se trata de uma tendência de associação, obviamente não existe uma relação categórica entre tipo modal e traço controle. Isso se

como a descrita em (89): ainda que esse caso apresente um sujeito agente (isto é, capaz de realizar a ação determinada no Estado de Coisas), a leitura epistêmica é favorecida pelo contexto mais amplo de ocorrência de *tener que*: apesar de a predicação ser constituída por um verbo que, em princípio, sugere a presença de um agente controlador, o contexto de aparecimento do modal faz com que o Estado de Coisas [*tienen que blasfemar*] seja reinterpretado como pressupondo [-controle].

Em resumo, alguns casos epistêmicos encontrados nos dados revelam a presença de um falante que não pode obrigar à realização do EsCo pelo sujeito. Nesses casos, embora uma análise estrita da semântica do verbo nos leve à classificação do evento como pressupondo o traço [+controle], o contexto integral de inserção do modal permite uma leitura como [-controle].

Embora pouco frequentes em todos os séculos analisados, os casos deônticos associados a sujeitos humanos e não-agentivos têm sua ocorrência justificada pela presença de uma fonte de poder com total autoridade sobre o sujeito inserido no evento. Vejamos o caso (96), do século XVII.

(96) Hizo el Señor a quien siruen todas sus criaturas en todo lo que les manda, que el rayo del Sol hiziesse aquel reflexo y rebuelta, para que viniessse a tocar la sombra del astil en la primera hora del dia; el mysterio desto es para otra coyuntura. La pintura de nuestra libreria no muestra muy al propio esta fabrica del relox, porque los pintores no saben tanto desto; lo demas esta harto bien expresso, y se entiende bien el caso.

Muestrase en estas dos historias de la Astrologia, que el criador de los cielos, y el que solo sabe los nombres de todas las estrellas (nombre quiere dezir virtud y esencia) haze dellas y con ellas lo que quiere y como quiere, y que (como el nos lo manda) no tenemos que temer de sus influxos ni constelaciones, sino servirle **y amarle, y temer sus diuinos preceptos**, pues por sola la voz de vn hombre, y por las lagrimas de otro, y por la oracion de otro, transtornarà el cielo, detendrá el Sol, torçerá sus rayos, cerrará y abrirá sus influencias, y hara que siendo nosotros los que deuemos y sruiendole, nos siruan y nos obedezcan, aun quando su curso natural pide otra cosa (1605, *Prosa Religiosa (Tercera parte de la Historia de la orden de San Jerónimo)*, Fray José Sigüenza)

[“[...] Mostra-se nessas histórias da Astrologia, que o criador dos céus, o que sabe o nome de todas as estrelas, faz delas e com elas o que quer e que, como ele manda que façamos, não precisamos temer suas reações, mas, antes, temos que servi-lo e amá-lo e temer seus preceitos divinos [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (96) aparece em um contexto que, normalmente, inibe a leitura deôntica: *tener que* se associa a um sujeito não-agentivo e, portanto, considerado incapaz de controlar a

revela na análise da perífrase *tener que*, perífrase que codifica alguns casos de modalidade deôntica associada a eventos que não pressupõem o traço [+controle].

realização dos eventos [*tenemos que amarle*] e [*tenemos que temer sus divinos preceptos*]⁶⁴; a perífrase se insere em Estados de Coisas do tipo Processo, os quais descrevem experiências psicológicas. Associações como essa, que configuram um contrassenso na literatura sobre modalidade, têm sua ocorrência justificada em função da reinterpretação do traço controle. Na ocorrência em (96), a fonte de imposição de normas (*Deus*)⁶⁵ é uma entidade hierarquicamente superior a todos e, portanto, com controle absoluto para determinar o engajamento do sujeito no evento. Assim, embora *amar* e *temer* sejam verbos que, isoladamente, não exigem a presença de um argumento controlador, a existência de uma fonte superior de poder leva à reinterpretação do traço semântico e justifica os casos de modalidade deôntica associada a sujeitos humanos e não-agentivos.

Enfim, mais um apontamento sobre os dados se faz relevante. No século XVI, como pudemos notar, ainda encontramos ocorrências de *tener que* (cf. (85) e (90), por exemplo) que guardam resquícios do valor de posse de *tener*. A possibilidade de aparecimento desses casos não é surpreendente se consideramos como princípio aplicado à gramaticalização o fato de que esse processo se dá de forma gradual, não envolvendo, portanto, perda súbita de significado. Assim, quando um item lexical sofre alteração categorial e ressignificação, alguns traços de seu significado-fonte permanecem associados à forma gramaticalizada. Esse fenômeno, chamado de *persistência* (HOPPER, 1991), explica porque, até o século XVI,⁶⁶ nossos dados possibilitam – além de uma leitura perifrástica – uma leitura léxica de *tener*.

5.1.5 Século XVII

A partir da comparação do século XVII com o século XVI, podemos dizer que o aumento da frequência do *type* epistêmico na passagem de um século a outro é reflexo do processo de generalização de *tener que*. Ressaltando-se mais uma vez o papel da frequência na gramaticalização de um item linguístico, o aumento, no século XVI, do número de casos que, em contextos específicos, possibilitam a preferência pela leitura epistêmica reforça ao usuário da língua que uma reinterpretação da perífrase como forma de expressão de um

⁶⁴ Os casos lidos, neste capítulo, como preferencialmente epistêmicos são analisados dessa forma em razão do fato de que tais ocorrências, além de se associarem a elementos favorecedores de uma leitura modal epistêmica, não apresentam uma fonte superior de poder que justifique sua categorização no rol de casos ambíguos (os quais serão descritos na seção 5.2).

⁶⁵ Nesse caso, a fonte da avaliação modal e o sujeito não são correferenciais.

⁶⁶ Olbertz (2018) afirma que a ambiguidade entre uma leitura léxica e uma leitura modal de *tener* persiste até o momento em que a construção [*tener que* + infinitivo] se associa a verbos transitivos. Embora nos dados analisados pela autora a perda de restrições de significado originais se evidencie somente a partir do século XVIII, nossos dados apontam que, a partir do século XVI, *tener que* passa a se associar com mais frequência a tipos de verbos que impossibilitam a leitura léxica de *tener* (como mostram as ocorrências apresentadas em 5.1.5).

significado mais abstrato é, de fato, plenamente aceitável. Dessa forma, embora ainda apareçam em baixa frequência se comparados ao número de casos instanciadores de modalidades não-epistêmicas, não é surpreendente que os *tokens* de modalidade epistêmica expressos por *tener que* se tornem mais frequentes na transição do século XVI (8/228=3,5%) ao XVII (21/225=9,3%), como mostra a Tabela 14, ilustrativa do cruzamento entre os parâmetros domínio semântico e alvo da avaliação modal.

Tabela 14: Frequência de uso da construção [*tener que* + infinitivo] no século XVII e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal

Domínio Semântico	Alvo da Avaliação				Total	% (Total)
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	19	21,3	70	51,5	89	39,6
Modalidade deôntica	70	78,7	45	33,1	115	51,1
Modalidade epistêmica	---	---	21	15,4	21	9,3
Total	89	39,6	136	60,4	225	100

Fonte: Autoria própria

No que concerne ao parâmetro de análise *domínio semântico*, à semelhança do que ocorre nos séculos XV e XVI, *tener que* expressa, em uma frequência de uso mais elevada, a modalidade deôntica (115/225=51,1%), seguida da modalidade inerente (89/225=39,6%) e, por fim, da modalidade epistêmica (21/225=9,3%). Como podemos notar, embora o número de casos epistêmicos seja menos frequente do que o número de casos não-epistêmicos – o que é esperado dado o percurso de desenvolvimento do [+concreto] para o [+abstrato] percorrido pelas construções em processo de gramaticalização – o aumento da frequência *token* de *tener que* codificador de significados epistêmicos confirma a abstratização, isto é, a perda de conteúdo semântico [+concreto] da perífrase. Considerando, no entanto, que a comprovação do aumento da frequência de dados epistêmicos, por si só, não se coaduna com uma análise linguística de natureza funcionalista, reafirmamos a importância de se verificar em que medida os elementos contextuais aos quais se associam as ocorrências de *tener que* são impulsionadores da expressão de significados mais abstratos da perífrase. Assim, apresentaremos, ao longo desta seção, evidências quantitativas e qualitativas do processo de abstratização semântica sofrido por *tener que*.

Quanto ao parâmetro *alvo de avaliação*, à semelhança do que ocorre no século XVI, as frequências de uso discriminadas na Tabela 14 mostram que os dados de modalidade orientada para o evento se sobrepõem aos casos de modalidade orientada para o participante. Como apontamos na análise do século XVI, tendo em vista que a modalidade epistêmica não pode ser orientada para o participante nem para a proposição, o aumento de *tokens* epistêmicos de um século a outro impulsiona diretamente o aumento da frequência de *tener que* orientada para o evento.

No que concerne ao cruzamento entre os parâmetros *domínio semântico* e *alvo de avaliação*, observamos que, diferentemente do que descrevem as análises dos séculos XV e XVI, períodos nos quais a modalidade deôntica orientada para o participante triunfa como o tipo modal mais frequente nos dados, a análise do século XVII mostra que, em termos de frequência *token*, a modalidade inerente orientada para o evento passa a ser tão recorrente quanto a modalidade deôntica orientada para o participante, cruzamentos tais que se configuram como os mais frequentes nos dados do século XVII.

A seguir, analisamos os diferentes *types* expressos por *tener que* no século XVII:

a) Modalidade inerente orientada para o participante

(97) con los mismos vestidos que salió de su casa y se le habían quedado en el palacio del emperador, y la llevó muy distante de allí, poniéndola entre unas peñas muy encubiertas, a la boca de una cueva, que junto a ella había una cristalina y pequeña fuentecilla, y de otro lado una verde y fructuosa palma cargada de los racimos de su sabroso fruto. Y como llegó allí, le dixo la hermosa señora:

- Entra, Beatriz, dentro de esa cueva, que ésta ha de ser tu morada hasta que sea tiempo. En ella hallarás lo que has menester, que quiere Dios que por ahora no comuniqués con más gentes que con las voladoras aves y simples conejuelos y sueltos gamos, donde te hallarás mejor que con los hombres. Vive en paz, ama la virtud y encomiéndate a Dios, y acuérdate de mí, que soy la que te he sacado del aprieto en que te has visto.

- ¡Ay, señora -dixo Beatriz, arrodillándose a sus pies-, no os vais sin decirme quién sois, para que sepa a quién **tengo que agradecer** tantas mercedes, que olvidarme de vos es imposible!

- Aún no es tiempo que lo sepas.

Y diciendo esto, se fué con notable ligereza, dexando a Beatriz absorta, siguiendo con los ojos sus pasos, y con el sentimiento que todas las veces que se apartaba de ella quedaba; que como la perdió de vista, se levantó y entró en la cueva, la cual no tenía de hueco más de algunos veinte pasos, y toda era labrada en la misma peña. A un lado de ella estaba una cruz grande, labrada de dos maderos con mucho primor y curiosidad, y del clavo de los pies que tenía en los brazos, y los dichos sus tres clavos, estaba colgado un rosario y unas disciplinas, y al pie un pequeño lío, en que estaba un hábito de jerga, con su cuerda, y una toca de lino crudo, y sobre el lío unas Horas de Nuestra Señora,

otras de oraciones en romance, un libro grande de vidas de santos, y en frente de esto, unas pajas, donde podía caber su cuerpo, que a lo que la santa (1647-1649, *Prosa Narrativa (Desengaños amorosos. Parte segunda del Sarao y Entretenimiento honesto), María de Zayas y Sotomayor*)

[“[...] ‘Entre, Beatriz, dentro dessa caverna, porque esta vai ser sua morada até que seja tempo. Nela você encontrará o que você precisa, porque Deus quer que por agora você não se comunique com mais ninguém além das aves, coelhos e cervos soltos, onde você estará melhor do que com os homens. Viva em paz, ame a virtude, confie sua proteção a Deus e se lembre de mim, porque eu sou quem te tirou do problema em que você estava’. ‘Ai, senhora – disse Beatriz, ajoelhando-se a seus pés – não vá sem me dizer quem a senhora é, para que eu saiba a quem tenho que agradecer por tantos auxílios, porque me esquecer da senhora é impossível!’. ‘Ainda não é tempo para que você saiba’ [...]”] (tradução minha).

- (98) [...] De que se vio concluido, díxome que le diesse limosna si quisiesse, i no le argumentasse. De forma, Señor mío, que libertad inútil o dañosa o afrentosa, mala i necia, sujeción con honor i utilidad, buena i discreta. I assí si nuestra lengua tiene en la Latina todo quanto bueno tiene i puede tener, ¿para qué quieren los noveleros * libertarla o eximirla de su reconocimiento, o qué provecho le vendrá de essa libertad? ¿No ha de buscar forçosamente con qué irse (conforme a su intención dellos) enriqueciendo? Claro está que sí, pues si ha de ir a pedir i mirar a la cara a otras lenguas que no sabe lo que le darán o si se lo darán, ¿no vale más sujetarse a su madre o a su hija, que le ha dado i le dará siempre todo lo mejor de sus averes?

D. Iuan. Si a todos convencen sus razones de V. M. tanto como a mí, acabada está la disputa, porque ya no sé qué responder a esso, solo **tengo que preguntar** cómo si nuestro lenguaje está tan sujeto al uso, como dize Horacio, se piden tantas leyes i requisitos para él.

Licenciado. Pues qué, ¿piensa V. M. que se entiende esse uso destes que agora vemos, con que ya se descubren los braços a imitación de los Japones, * ya se traen los sonbreros como torres, ya como caçuelas, ya estofos, con que los altos parecen gigantes i los baxos padres de gigantes, i melenas peinadas i luzientes, desmintiéndose en un mismo rostro el cabello i la barba? No Señor, no se entiende de esos usos, sino de los que se introduzen con razón i acuerdo i particulares consideraciones por personas que saben las materias. I assí dize Quintiliano * en su libro 1º capítulo 6, que el lenguaje se gobierna por quatro cosas: por razón (ques por la etimología i origen de los vocablos, o por la Analogía o semejança, con que se forman unos por otros) (1631, *Prosa Científica (Lingüística) (El culto sevillano), Juan de Robles*)

[“[...] ‘Se a todos convencem as suas razões tanto como a mim convencem, acabada está a disputa, porque eu já não sei o que responder a isso. Eu só tenho que perguntar como, se nossa linguagem está tão sujeita ao uso, como diz Horácio, se pedem tantas leis e requisitos para ela’ [...]”] (tradução minha).

- (99) ella, conmovida de la gran cantidad y viendo que, ya no me bastaba el lienzo que llevaba, me arrojó el suyo, que estaba mojado, no sé si era lágrimas o qué. Echóme tres camisas muy buenas con sus valonas cosidas en ella y cuatro sueltas, muy buenas, con cuatro pares de puños y cuatro lienzos, demás del suyo. Yo, que iba desproveído, no tuve que ofrecella más de la voluntad de que siempre; pero ya ella tenía algunas cosillas mías que había dado, y yo había antes recibido della también cosas, de enamorados de reja, como efectivamente lo éramos [...]

No por eso comíamos pan a secas, que aunque no de calidad ni retirada tanto, ni doncella, había donde ejecutar ira que allá se causaba. Unía buena moza, aunque

cortesana, chamada Damante, que no era de interés. Sólo de esto **tengo que estar contento**, que jamás gasté ni me costó cosa que fue de consideración, así por junto como por menudo, ninguna mujer, antes he recibido que dado; sólo trabajo y fastidio, puedo decir que pocos han recibido tan malos ratos, días y noches, como yo, por este maldito animal.

Así me fuí de Brindisi a Chelino, aunque sentido de la nueva ausencia, con el consuelo de las camisas y cuellos y lienzo, mitigué y enjugué algo las lágrimas, y el cuidado y el ausencia lo curó todo. Estuvimos en Chelino el capitán y alférez con media compañía y la otra media en Tuterano, un casal de riegos, todos harto pobres y miserables. En Chelino se huyeron los más de los vecinos, y eran todos y la universidad tan pobres, que no podían sustentar la compañía si no es con grandísimo trabajo y dificultad. Lo que habían de dar en dinero, los doce granos, no lo podían dar ni aun un grano, y lo daban en pan, carne y vino que buscaban de los vecinos de dicha (1612, *Prosa Histórica (Autobiografía) (Vida de Miguel de Castro)*, Miguel de Castro)

[“Ela [...], vendo que já não me bastava o lenço que eu levava, me lançou o seu, que estava molhado, não sei se de lágrimas [...] Unia boa moça, ainda que cortesã, chamada Damante, que não era de interesse. Somente disso eu tenho que estar contente, porque jamais gastei ou me custou coisa que foi de consideração [...]”] (tradução minha).

A modalidade inerente orientada para o participante (também denominada *modalidade interna* (OLBERTZ, 2016)) é um tipo modal que diz respeito às necessidades internas a algum participante específico inserido no evento e que apresenta correferencialidade de origem (fonte) e objetivo (alvo) da avaliação modal. Na ocorrência (97), no qual o participante do Estado de Coisas e a fonte da avaliação modal são correferentes, a necessidade de ocorrência do evento [*agradecer tantas mercedes*] é motivada por um impulso gerado internamente, que tem origem na própria vontade do sujeito. Em outras palavras, o contexto global de aparecimento da perífrase *tener que*, nesse caso em específico, nos leva a concluir que a necessidade de agradecer pela ajuda é estimulada por uma força interna ao sujeito, a qual o impele a realizar o Estado de Coisas.⁶⁷

A ocorrência (98) assemelha-se ao dado em (97), uma vez que, também nesse caso, fonte e alvo são correferenciais, isto é, o enunciador (fonte) e o participante do Estado de Coisas (alvo) são a mesma entidade: o *eu* que fala é o *eu* que deve cumprir a necessidade de realização do evento [*preguntar (algo)*]. Nesse caso, a avaliação modal parte do próprio falante em direção a si mesmo, considerando-se ser pouco aceitável que uma fonte externa obrigue alguém a realizar uma pergunta.

⁶⁷ As ocorrências representativas da modalidade inerente orientada para o participante revelam como característica diferenciadora desse tipo modal e da modalidade deôntica o fato de que, enquanto a modalidade deôntica tem agentes externos como fonte da imposição de regras e normas, a modalidade inerente orientada para o participante tem um agente interno, isto é, o próprio participante do Estado de Coisas, como origem da avaliação modal.

O caso em (99), por fim, se distingue dos casos anteriores no que concerne à agentividade do sujeito associado à construção modal. Partindo da tipologia semântica do Estado de Coisas proposta por Dik (1997), podemos afirmar que, diferentemente do que ocorre em (97) e (98), na ocorrência em (99) o falante (fonte e alvo da avaliação modal) não é agente controlador do evento no qual se insere porque não tem o poder de determinar se o Estado de Coisas ocorrerá ou não. Embora divergentes no que diz respeito à agentividade do sujeito, conclui-se, enfim, que nas ocorrências (97), (98) e (99) a construção *tener que* atua como expressão da modalidade inerente orientada para o participante, tipo modal responsável por codificar uma necessidade interna do participante do evento.

b) Modalidade inerente orientada para o evento

(100) porque ya es común sentencia de filósofos que las condiciones buenas o malas del Rey luego se usan y se apegan por todo su reino. Dígote todo esto, afligido Rey, como nuncio de los dioses, los cuales mandan que dejes tus reinos y estados, ceptro y corona desde esté punto, y vayas incógnitamente por el mundo padeciendo persecuciones y trabajos en busca de tu hija Serafina y de tu hijo único y heredero Feliseno, el cual vive sano y bueno, que el riguroso león que te han dicho tus caballeros que le ha muerto y despedazado lo dejó en la arenosa playa de la marina, forzado de las voces y amenazas de unos marineros que corrieron a quitárselo, y así lo llevan en su ligera nave a lejas y remotas tierras. Y yo te prometo por la Estigia laguna que los hallarás sanos y buenos y juntos, aunque será a tiempo que se quieran dar la muerte el uno al otro, y tú serás parte para estorbarlo, y, si pones por obstáculo que tus reinos por tu ausencia se han de levantar con civiles guerras, **no tienes que recelarte** de eso, porque yo, que con arte mágica detengo el veloz curso celeste y transformo los hombres en plantas, haré y pondré un hombre por Rey en tu lugar que tenga cuerpo, rostro, barba y cabello como el tuyo, con el mismo proceder y trato, aunque no en condición tan cruel, de tal suerte que todos entiendan y se engañen que es su propio rey y señor. Y después que los dioses permitan que halles a tus amados hijos, yo iré adonde estuvieres, y de parte dellos te diré los futuros sucesos".

A todo esto estuvo el afligido Rey muy atento, notando las discretas y profundas razones del viejo nigromántico, y, aplacado de su continua cólera, se desnudó de sus reales ropas y, despidiéndose del mágico, fue con presuroso paso a cumplir el precepto de los dioses, guiando siempre su camino al Oriente sin volver por tierra que suya fuese [...] (1609, *Prosa Narrativa (Noches de invierno)*, Antonio de Eslava)

[“[...] ‘E eu te prometo, pela lagoa Estige, que você achará [seus filhos] saudáveis e juntos, ainda que seja no momento em que eles queiram matar um ao outro, e você será responsável por refrear esse impulso. E se você põe como um obstáculo que seus reinos, graças à sua ausência, sofrerão com guerras civis, você não tem que ter receio disso, porque eu, que com a arte mágica detenho o curso celeste veloz e transformo os homens em plantas, farei e colocarei um homem que tenha corpo, rosto, barba e cabelo como o seu, em seu lugar [...] de tal modo que todos acreditem que ele é rei e senhor’ [...]”] (tradução minha).

(101) [...] Fueron subiendo por unas gradas de pórpidos (ya pérfidos, que al baxar serían ágatas) a la esfera del sol en lo brillante y de la luna en lo vario. Registraron muchas quadras, muy desenfadadas todas, tan artesonados los techos, que remedando cielos, hizieron a tantos ver a su despecho las estrellas. Avía viviendas para todos tiempos, sino para el passado, y todas eran muy buenas pieças, repitiendo ella:

- Todo es tan vuestro como mío.

Mientras duró la dulçíssima merienda le cantaron Gracias y le encantaron Circes.

- En todo caso avéis de quedar aquí -dixo la prima-, aunque tan a costa de vuestro gusto. Dispóngase luego el traeros la ropa, que aunque aquí no os hará falta, pero basta ser vuestra. No **tenéis que salir** para ello, que mis criados, con una señal, la cobrarán y pagarán lo que se deviere [...] (1651, *Prosa Didáctica (El Criticón. Primera parte. En la primavera de la niñez, y en el estio de la ivventvd)*, Baltasar Gracián)

[“[...] ‘Você não tem que sair para isso [buscar a roupa], porque meus criados a cobrarão e pagarão o que for necessário’ [...]”] (tradução minha).

Como apontamos na descrição da perífrase *tener que* em sincronias pretéritas, a modalidade inerente orientada para o evento consiste em um tipo modal que tem como fonte (origem) da avaliação elementos circunstanciais condicionadores da necessidade de ocorrência do Estado de Coisas.

Em (100), a oração com *tener que* codifica esse valor modal na medida em que apresenta a seguinte configuração: um velho praticante da nigromancia – uma espécie de mágico – aconselha o rei a procurar Serafina, sua filha, e Feliseno, seu herdeiro. Nessa ocasião, o vidente diz ao rei que não é necessário que ele tenha receio da situação na qual seus reinos se encontrarão durante sua ausência, porque, com seus poderes mágicos, o substituirá por meio da transformação de um homem em um indivíduo idêntico a ele. Assim, a circunstância (a garantia dada pelo mágico de que os reinos estarão protegidos em caso de guerras civis) isenta o rei da necessidade de se preocupar com as possíveis consequências de sua partida. Em resumo, o impulso para a ocorrência do Estado de Coisas [*no tienes que recelarte de eso*] é condicionado por uma fonte externa ao participante, que o exime da necessidade de temer.

Nesse ponto, uma ressalva se faz relevante. Embora a associação da modalidade deôntica associada a predicados que sugerem o traço [-controle] seja frequentemente considerada um contrassenso na literatura sobre modalidade, uma vez que esse tipo modal diz respeito à imposição de obrigações que, como tais, só podem ser realizadas por indivíduos com agentividade para se engajar no Estado de Coisas, identificamos, nos dados analisados, dados de *tener que* deôntico associados a sujeitos sem agentividade para determinar se o

Estado de Coisas ocorrerá ou não.⁶⁸ Por outro lado, no que tange à modalidade inerente, observamos que, pelo fato de esse ser um tipo modal com matiz menos obrigativo (porque mais relacionado à noção de necessidade motivada internamente ou externamente), os casos de cruzamento desse valor modal com sujeitos não-agentivos são mais aceitáveis. A ocorrência (100), por exemplo, representa um contexto de isenção de necessidade (o sujeito não precisa ter receio porque é assegurado).

No caso em (101), por fim, o contexto do evento como um todo nos leva a descrever esse caso como um dado segundo o qual a fonte da avaliação modal repousa nas circunstâncias que impulsionam a necessidade de que o Estado de Coisas aconteça. Nessa ocorrência, a existência de criados que podem buscar a roupa do participante do evento o isenta da necessidade de que ele faça isso por conta própria.

c) Modalidade deôntica orientada para o participante

(102) como una tarde estuviese merendando con sus criadas en el estrado, antojóselas que la pintada suegra la estaba mirando, á quien con una desenfadada cólera la dijo razones semejantes: Cauteloso testigo, enfadoso huésped, espía ordinaria, amigo fingido, ¿qué me quieres? Si como, me miras; si lloro, no te apartas de mí; y sin ser Dios te tengo presente; pero pues la venganza está en mi mano, yo la tomaré de tus agravios. Y diciendo esto, con el cuchillo que en la mano tenía, la dió una gran cuchillada por la cara, de modo que rompió media vara de lienzo. A esta refriega acertó á entrar el discreto marido, y viendo semejante pleito y tan sin ocasion, riéndose de su loca mujer, la dijo: Bien te lo decia yo, que no era bien traer contigo á mi madre, por conocer tu condicion y término, y ser todas vosotras, poco más ó ménos, de un mismo natural y término: mal sufriera el vivo original quien no pudo sufrir el traslado; no **tienes que pedirme** otra vez que te traiga á tu señora, pues, aun pintada no la tengo de dejar en tu compañía.

Vicario. No me parece mal el cuentecillo, y el consuelo que la daba a su toledana.

Alonso. Tambien la dije: Cuando uno no quiere, dos no barajan. Ello es cierto que si dos coléricos andan juntos, ha de haber poca paz en su compañía, principalmente si no hay en ellos prudencia y amor. Para un desabrido y mal acondicionado, necesario ha de ser pacífico, cuerdo, sufrido y prudente que sobrelleve las impertinencias que se ofrecieren, no que las regule, ejecutándolas por mal término, adelgazando las cosas que han de ser de enojo y pesadumbre [...] (1624, *Prosa Narrativa (El donado hablador Alonso, mozo de muchos amos. Primera parte)*, Jerónimo de Alcalá Yáñez y Ribera)

[“[...] ‘Cautelosa testemunha, hóspede desagradável, espiã ordinária, amigo falso, o que você quer de mim? Se eu como, você me observa; se eu choro, você não se afasta de mim; e sem ser Deus eu te tenho presente; mas a vingança está em minhas mãos, eu a tomarei das suas queixas’. E dizendo isso, com a faca que tinha na mão, deu-lhe uma grande facada na cara [...] Quando da briga, entrou o discreto marido, e vendo uma discussão tão sem razão, rindo de sua mulher,

⁶⁸ Na seção 5.1.4, mais especificamente quando analisamos o cruzamento entre tipos modais e agentividade dos sujeitos de *tener que*, descrevemos em quais casos a modalidade deôntica se conjuga a sujeitos sem controle para a realização do Estado de Coisas e de que maneira essas ocorrências não prototípicas podem ser explicadas a partir de uma análise mais ampla do contexto de ocorrência da perífrase *tener que*.

disse-lhe: ‘Eu bem que te dizia, que não era bom trazer com você à minha mãe, por conhecer sua condição [...] Você não tem que me pedir outra vez que eu a traga, pois ainda pintada eu não devo deixá-la em sua companhia’ [...]” (tradução minha).

A modalidade deontica orientada para o participante, tipo modal no qual a fonte da avaliação é externa ao alvo da avaliação, descreve a permissão ou a obrigação de que alguém se insira em algum Estado de Coisas: na ocorrência em (102), o falante, fonte da avaliação modal, determina que a obrigação de não realizar um pedido deve ser cumprida pelo ouvinte (uma segunda pessoa do singular, participante do Estado de Coisas).

d) Modalidade deontica orientada para o evento

(103) para ir camino, si no es sacerdote, debe confesar y comulgar y tomar su patente, sin la cual no es lícito salir dos leguas del convento, y en ella scrito dónde va, cuándo sale, los días que ha de gastar en el camino y cuándo ha de tornar. El ministro o prelado de donde sale debe ayudarle, según la posibilidad de la casa y según las fuerzas que tiene el dicho religioso. Que, según ahora nuestras casas están pobres, teniendo fuerzas bien es que vaya a pie y pida limosna. Si no las tuviere, el ministro o prelado se anime a darle un pollinillo y algún dinero.

Nunca enviamos un religioso solo, dásele compañero donado o corista, según el que camina y a la casa donde va. Si es verano, procuren caminar de noche; si invierno, de día, que a religiosos desnudos el frío y el calor les hace daño. Por el camino jamás se junten con seculares, ni les den pie ni lo tomen para hablar. Si porfiare a que se vayan juntos, díganle cómo ellos **tienen que rezar**. A todos los que encontraren, salúdenlos con voz alta, diciendo: "Loado sea Jesucristo; sea Dios glorificado; sea Dios bendito", u otra palabra semejante. Si el caminante les dijere si quieren limosna o la han menester, respondan con mucha humildad: "Sea por amor de Dios, religiosos pobres somos", y tomen de buena gana lo que les dieren.

Para rezar las horas del día, si algunas les faltaren, a su tiempo apártense del camino y siéntense en algún lugar apacible que los convide a más y mejor alabar a Dios, y allí recen las Horas, que así dicen lo hacía el glorioso san Francisco cuando caminaba. Tornen a tomar su camino y ándenlo con diligencia. Si fueren dos a pie o en pollinos, procuren no ir juntos, sino un poquito apartado el uno del otro, porque mejor puedan tener presencia de Dios y porque el trabajo del camino trai alguna melancolía (1607, *Prosa Religiosa (De los oficios más comunes)*, *San Juan Bautista de la Concepción (Juan García Gómez)*)

[“[...] Se é verão, procurem caminhar à noite; se é inverno, de dia, porque o frio e o calor ferem os religiosos despidos. Ao longo do caminho, jamais se juntem aos seculares, não os deem pretexto para que façam qualquer coisa, nem conversem com eles. Se insistirem para que andem juntos, digam-lhes como eles têm que rezar. A todos os que encontrarem, cumprimentem com voz alta, dizendo: ‘Louvado seja Jesus Cristo; seja Deus glorificado; seja Deus bendito’ [...]”] (tradução minha).

A modalidade deontica orientada para o evento, tipo modal que expressa a permissão ou a obrigatoriedade de ocorrência do Estado de Coisas (OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS,

2013), é um valor modal caracterizado por ter como origem da avaliação modal regras e prescrições gerais que não recaem sobre um participante específico. Na ocorrência (103), a fonte da avaliação modal são normas religiosas impostas por uma instituição (provavelmente a Igreja Católica) e o alvo é qualquer indivíduo denominado “secular”, isto é, afastado das doutrinas religiosas. Como se pode notar, a modalidade deôntica orientada para o evento se diferencia da modalidade deôntica orientada para o participante nos seguintes aspectos: na modalidade deôntica orientada para o evento, (i) é comum que o falante se distancie do papel de enunciador impositor, apresentando a obrigação como tendo origem em regras gerais (morais, sociais ou religiosas); (ii) a imposição de normas normalmente recai sobre sujeitos genéricos (qualquer indivíduo que se encaixe na categoria do que se denomina “secular”). Na modalidade deôntica orientada para o participante, por sua vez, a imposição de obrigação recai sobre um sujeito específico e bem determinado. Isso nos leva a concluir que a modalidade deôntica orientada para o evento comumente tem sujeitos genéricos como alvo da avaliação modal, enquanto a modalidade deôntica orientada para o participante descreve a obrigatoriedade de que sujeitos específicos se engajem no Estado de Coisas.

e) Modalidade epistêmica orientada para o evento

(104) francesas, con manteles alemanes y viandas españolas, muchas y muy regaladas, sin que se viesse ni supiesse de dónde salían ni cómo venían; sólo se veían de quando en quando unas blancas y hermosas manos, con sus dedos coronados de anillos, con macetas de diamantes, muchos finos, los más falsos, que por el ayre de su donayre servían a las mesas los regalados platos. Ibanse sentando a las mesas los combidados o los comedores; descogían los paños de mesa, mas no desplegavan sus labios, comían y callavan, ya el capón, ya la perdiz, el pavo y el faisán, a costa de su fénix, sin costarles un maravedí, y quando más una blanca, sin meterse en averiguar de dónde salía el regalo, ni quién lo embiava.

- ¿Quién son estos-preguntó Critilo-que comen como unos lobos y callan como unos borregos?

- Estos-le respondió Zahorí-son los que de nada tienen asco, los que sufren mucho.

- Pues, ¡moscas en la delicada honra!, ¿que **tienen que sufrir** los que están tan regalados?

- Y aun por esso.

- ¿De dónde sale tanta abundancia, Zahorí mío?

- De la copia de Amaltea. Pero déxalos, que todo esto es un encanto de mediterráneas sirenas.

Passaron a otra mesa y allí vieron comer a otros muy buenos bocados, lo mejor que llegava a la plaça o a las despensas, la caça reciente, el pescado fresco y exquisito; y esto sin tener rentas ni juros, aunque sí votos.

- Este sí que es raro encanto-dezía Critilo-, que coman éstos como unos príncipes, siendo unos desdichados, y lo que es más, sin tener hazienda, sin censos, sin conocerseles cosa sobre que llueva Dios, sin trabajar ni cansarse, antes holgándose y

pasaeando todos los días. ¿De dónde sale esto, señor Zahorí?, vos que lo veis todo. (1657, *Prosa Didáctica (El Criticón, tercera parte. En el invierno de la vejez)*, Baltasar Gracián)

[“[...] – Quem são esses – perguntou Critilo – que comem como uns lobos e se calam como uns cordeiros?

– Esses – respondeu Zahorí – são os que não têm nojo de nada, os que sofrem muito.

– Mas [...] o que é possível que sofram os que são tão presenteados? [...]”] (tradução minha).

Como vimos anteriormente, a modalidade epistêmica orientada para o evento é um tipo modal que caracteriza os eventos em termos da possibilidade ou impossibilidade de sua ocorrência em vista do que é conhecido sobre o mundo (HENGEVELD, 2004). A partir dos estudos de Sweetser (1990) sobre os verbos modais *poder* e *dever* do inglês, Miranda (2005), ao trabalhar com o português, afirma que o sentido epistêmico dos modais trata da remoção de barreira (no caso de *poder*) ou da imposição de força (no caso de *dever*) aplicadas metaforicamente ao nível do raciocínio. Considerando que, em espanhol, os valores modais expressos por *tener que* só podem ser avaliados em termos de imposição de forças – porque o sentido de permissão (ou suspensão de barreiras) não pode ser codificado por essa construção modalizadora – a perífrase *tener que* em (104) evidencia o processo metafórico de mapeamento de um domínio mais abstrato (epistêmico) em termos de um domínio mais concreto (não-epistêmico). Em outras palavras, o conjunto de inferências destacadas no contexto em (104) – o luxo do qual as pessoas ali presentes gozam – leva o falante a questionar a probabilidade/ necessidade lógica de que o evento [*sufrir los que están tan regalados*] seja verdadeiro, dada a posição privilegiada ocupada pelas pessoas às quais o sujeito-enunciador se refere.

Enfim, podemos notar que a construção *tener que* em (104) se insere em um Estado de Coisas do tipo Processo [+din;-con] e se associa a um sujeito de terceira pessoa do plural (*ellos*), com traço semântico [+humano] e sem agentividade sobre o evento. Como ressaltamos anteriormente a partir dos resultados da análise de *tener que* para o século XVI, embora os sujeitos inanimados sejam inibidores da ocorrência do *type* não-epistêmico e impulsionadores do aparecimento do *type* epistêmico (e, conseqüentemente, da abstratização semântica da perífrase) (cf. Tabela 12), os casos de *tener que* com sujeito [+humano] tendem a ser lidos tanto como inerentes e deônticos quanto como epistêmicos. Assim, não é surpreendente que, nos séculos XV e XVI,⁶⁹ séculos nos quais aparecem os primeiros casos

⁶⁹ No século XVII, como veremos ao longo desta seção, o traço semântico [+humano] continua a aparecer, em frequência significativa, associado à modalidade epistêmica, o que comprova que sujeitos desse tipo não inibem o aparecimento do valor modal mais abstrato da perífrase.

epistêmicos, o cruzamento entre esse tipo modal e o sujeito do tipo [+humano] apareça em frequência significativa.

Em resumo, a ocorrência (104) é mais propensa a ser inferida como epistêmica em razão da associação de *tener que* a categorias sintáticas e semânticas que facilitam a instanciação desse valor modal.

Com relação aos parâmetros *pessoa gramatical* e *animacidade do sujeito*, a Tabela 15 ilustra a distribuição de frequência de *tener que* associada a cada um dos fatores de análise.

Tabela 15: Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de *tener que* no século XVII

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Pessoa gramatical	1 ^a	31/89=34,9%	46/115=40%	0	77/225=34,2%
	2 ^a	32/89=35,9%	23/115=20%	3/21=14,3%	58/225=25,8%
	3 ^a	26/89=29,2%	46/115=40%	18/21=85,7%	90/225=40%
	Subtotal	89/225=39,6%	115/225=51,1%	21/225=9,3%	225/225=100%
Animacidade	[+humano]	86/89=96,6%	111/115=96,6%	11/21=52,4%	208/225=92,4%
	[-animado]	1/89=1,1%	2/115=1,7%	9/21=42,9%	12/225=5,4%
	[+animado]	2/89=2,3%	2/115=1,7%	1/21=4,7%	5/225=2,2%
	Subtotal	89/225=39,6%	115/225=51,1%	21/225=9,3%	225/225=100%

Fonte: Autoria própria

Com base nas frequências apresentadas na Tabela 15, notamos que, à semelhança do que ocorre nos séculos XV e XVI, os resultados para o cruzamento do parâmetro *pessoa gramatical do sujeito e tipo modal* expresso por *tener que* corroboram parcialmente nossas hipóteses iniciais. O comportamento da perífrase no século XVII apresenta a seguinte configuração:

- o refutando nossa hipótese, baseada em Neves (2006), de que as modalidades não-epistêmicas tendem a aparecer predominantemente associadas à primeira pessoa gramatical, a modalidade inerente aparece, de maneira equilibrada, associada à primeira (31/89=34,9%) e à segunda pessoas gramaticais (32/89=35,9%). O mesmo ocorre com a modalidade deôntica, que apresenta exatamente a mesma

frequência de cruzamento para a primeira e a terceira pessoas gramaticais ($46/115=40\%$). Por sua vez, os *tokens* de modalidade epistêmica aparecem predominantemente associados à terceira pessoa gramatical ($18/21=85,7\%$).

- o contrariando nossa suposição de que o parâmetro *pessoa gramatical do sujeito* pudesse ser um fator propiciador do aparecimento ou da modalidade deôntica ou da modalidade inerente (e da diferenciação entre elas), a oscilação que se verifica, desde o século XV, nos dados de cruzamento entre esses tipos modais e as três pessoas gramaticais assinaladas parece indicar que esse possivelmente não é nem mesmo um fator que influencia ou impulsiona o aparecimento de um ou outro tipo de modalidade não-epistêmica.

Embora o fator de análise *pessoa gramatical do sujeito* não seja determinante para a codificação dos valores não-epistêmicos de *tener que*, a associação de *tener que* epistêmico a um número mais alto de sujeitos de terceira pessoa ($18/21=85,7\%$) em comparação a sujeitos de segunda pessoa ($3/21=14,3\%$) comprova, mais uma vez, que esse é um contexto sintático motivador do processo de abstratização de *tener que* justamente porque favorece ou impulsiona a ocorrência do valor mais abstrato da perífrase (a saber, de seu valor epistêmico).

Em resumo, à semelhança do que ocorre em dados dos séculos XV e XVI, os resultados para o cruzamento do parâmetro *pessoa gramatical do sujeito* e *tipo modal* codificado por *tener que* corroboram parcialmente as hipóteses inicialmente elaboradas: embora o fator de análise *pessoa gramatical* não pareça determinante para que *tener que* codifique os valores modais de necessidade e obrigação impostas a nível sociofísico (valores não-epistêmicos), dentre os casos de modalidade epistêmica codificados por *tener que* neste século, a frequência mais significativa é a de cruzamento desse tipo modal a sujeitos de terceira pessoa ($18/21=85,7\%$).

Dessa forma, comparando-se a proporção de casos de modalidade epistêmica aliada a sujeitos de terceira pessoa ($18/21=85,7\%$) e de casos de modalidade inerente ($26/89=29,2\%$) e deôntica ($46/115=40\%$) aliadas a essa mesma pessoa gramatical, observamos que a associação de *tener que* epistêmico a um número significativamente alto de sujeitos de terceira pessoa gramatical comprova que esse é um elemento contextual de ocorrência de *tener que* que impulsiona a abstratização/ perda de conteúdo semântico da perífrase porque favorece, justamente, o aparecimento de um valor modal epistêmico.

Especificamente no que concerne aos valores não-epistêmicos da perífrase, as modalidades inerente e deôntica apresentam comportamento oscilante ao longo dos séculos e

parecem, dessa forma, indiferentes ao parâmetro *pessoa gramatical do sujeito*. Isso significa afirmar que esses tipos modais não evidenciam uma tendência de associação a sujeitos de primeira pessoa, conforme inicialmente hipotetizado. Por outro lado, a ocorrência (105) ilustra a tendência de associação, no século XVII, da modalidade epistêmica à terceira pessoa gramatical, isto é, a um elemento propiciador do processo de abstratização semântica da perífrase.

(105) Son los hombres tan niños que así los llama san Pablo: O insensati galatae, quis vos fascinavit non obedire veritati? Niños ahogados y hechizados que se van tras quien los encantó, no habiendo de por medio sino un enbeleco y enredo de un demonio y de algún hombre; o, por mejor decir, son como los muchachos en las fiestas del Corpus: que se andan bandadas de ellos tras un tanboril o tras una tarasca compuesta de cuatro palos y dos paramentos y a la noche vienen molidos y cansados. ¿Sabido con qué? ¡Con que han visto la tarasca! O, si no, digamos que parecen bandadas de tordos: que, porque uno se levantó a volar, sin saber dónde va, se levantan todos, aunque sean millares; o como las ovejas: que por donde salta una, por allí van todas.

Si les preguntásemos a estos que van por el camino de la perdición qué les mueve a echar por allí, yo creo que sólo **tienen que responder** que por allí van los demás. Y esos que son los primeros pregúntales dónde van: dirán que no saben [...] (1613, *Prosa Religiosa (Algunas penas del justo en el camino de la perfección)*, San Juan Bautista de la Concepción (Juan García López))

[“[...] Se perguntássemos a esses que andam pelo caminho da perdição o que é que os move, eu acho que eles só devem responder que por ali vão os demais. E a esses que são os primeiros, pergunte aonde vão: dirão que não sabem [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (105) é representativa da modalidade epistêmica orientada para o evento, com sujeito de terceira pessoa do plural (*ellos (los que van por el camino de la perdición)*). Para que esse caso seja lido como preferencialmente epistêmico, é necessário considerar todo o contexto de inserção da perífrase e a baixa probabilidade de que um sujeito-enunciador, que não é nenhuma fonte hierarquicamente superior de imposição de normas, obrigue alguém a falar sobre um conteúdo que é analisado, por ele mesmo, como de existência incerta. Pelo contrário, em (105) o sujeito-enunciador expressa, com base em um conjunto de conhecimentos sobre como são as pessoas que “vagam pelo caminho da perdição”, a necessidade epistêmica de que o conteúdo [*deven responder que por ali vão os demais*] seja verdadeiro. Assim, aliado a um elemento contextual que fortalece a inferência de dúvida (o verbo pleno *creo*), *tener que* expressa a crença do falante de que é possível que o evento ocorra.

Em suma, com relação ao parâmetro *pessoa gramatical do sujeito*, os *tokens* epistêmicos de *tener que* em dados do século XVII apontam para um mesmo padrão de

associação desse tipo modal a sujeitos de terceira pessoa, conforme observado em todas as sincronias analisadas até o momento:

- o nos séculos XV e XVI, todos os casos de modalidade epistêmica aparecem associados a sujeitos de terceira pessoa. Ainda que o baixo número de casos epistêmicos no século XV não possa nos levar a conclusões categóricas, a conjugação, nesse século, do único *token* epistêmico a um sujeito de terceira pessoa já aponta para uma possível influência desse contexto morfossintático na perda de conteúdo semântico da perífrase;
- o embora, no século XVII, os dados do cruzamento entre o *type* epistêmico e a terceira pessoa gramatical tenham se tornado menos recorrentes do que nas sincronias pretéritas (85,7%),⁷⁰ a frequência significativamente alta dessa associação ainda indica que a terceira pessoa é motivadora da ocorrência da modalidade epistêmica;
- o nos dados do espanhol moderno (séculos XX e XXI), os *tokens* de modalidade epistêmica aparecem, com menos recorrência, associados à sujeitos de terceira pessoa (9/15=60%), embora ainda em proporção mais alta se comparados aos *tokens* de modalidade inerente (24/130=18,5%) e deôntica (21/80=26,2%) associados ao mesmo tipo de sujeito.

Quanto ao parâmetro *animacidade do sujeito* relacionado a *tener que*, as ocorrências do século XVII revelam, de maneira semelhante ao que ocorre em sincronias pretéritas, que os sujeitos com o traço semântico [+humano] são, de longe, os mais recorrentes nos dados (208/225=92,4%), seguidos dos sujeitos com o traço semântico [-animado] (12/225=5,4%) e, por último, dos sujeitos do tipo [+animado] (5/225=2,2%). Como veremos ao longo do capítulo, os casos de sujeito [+humano] serão sempre mais frequentes do que os casos de sujeito [-animado], até mesmo em sincronias atuais do espanhol, muito provavelmente em função dos seguintes aspectos: (i) o traço semântico [+humano] é mais básico e mais próximo à experiência humana, de mais fácil conceptualização, mais concreto e, conseqüentemente, mais antigo do que o traço semântico [-animado]; (ii) as modalidades não-epistêmicas se

⁷⁰ Para se dizer que houve abstratização, a construção *tener que* não precisa se associar a um número cada vez maior de contextos considerados favorecedores da leitura epistêmica. Antes, para mostrar que houve mudança semântica em direção à expressão de valores mais abstratos, basta verificar quais os contextos que, dadas as diferentes proporções, tendem a favorecer a ocorrência da modalidade epistêmica em detrimento das modalidades não-epistêmicas.

associam preferencialmente a sujeitos humanos e as modalidades epistêmicas tendem a se associar tanto a sujeitos humanos quanto a sujeitos inanimados. Isso significa dizer que uma boa parcela dos valores mais abstratos da perífrase ainda se associará, mesmo em sincronias mais recentes, a sujeitos do tipo [+humano].

No que concerne à relação entre os parâmetros *domínio semântico* e *animacidade do sujeito*, a análise da perífrase *tener que* no século XVII confirma que, à semelhança dos cenários que se apresentam nas sincronias pretéritas, os sujeitos do tipo [+humano] podem se associar aos três tipos modais identificados: modalidade inerente (86/89=96,6%), modalidade deôntica (111/115=96,6%) e modalidade epistêmica (11/21=52,4%). De maneira a comprovar nossas hipóteses, as modalidades não-epistêmicas têm pouca representatividade entre os sujeitos do tipo [-animado], ocorrendo fundamentalmente com sujeitos do tipo [+humano]. O cenário do século XVII configura-se da forma como se segue:

- o a perífrase *tener que* segue um mesmo padrão de cruzamento *tipo modal* e *animacidade do sujeito* observado no século XVI. A baixa frequência de sujeitos inanimados associados às modalidades inerente (1/89=1,1%) e deôntica (2/115=1,7%), em contraste com a frequência proporcionalmente alta de associação dos mesmos tipos de sujeito à modalidade epistêmica (9/21=42,9%) comprova que a ocorrência de *tener que* associada a sujeitos com traço [-animado] configura um contexto propiciador da preferência pela leitura mais abstrata da construção modalizadora.
- o como os sujeitos animados e humanos tendem a aparecer associados aos três tipos modais identificados até a presente sincronia, a integração de *tener que* à categoria de sujeito humano, que não deixa de abrir a possibilidade de leitura epistêmica, não se apresenta como um contexto inibidor da ocorrência desse tipo modal (11/21=52,4%).

A ocorrência (106) representa a modalidade inerente associada a um sujeito [+humano]. A ocorrência (107), por sua vez, ilustra o cruzamento entre a modalidade epistêmica e um sujeito [-animado].

- (106) miró por ver que en el pequeño retrete había gran claridad, no de hachas ni bujías, sino una luz que sólo alumbraba en la parte de adentro, sin que tocase a la de afuera. Y más admirado que antes, miró a ver de qué salía la luz, y vió al resplandor de ella a la hermosa dama tendida en el estrado, mal compuesta, bañada en sangre, que con estar

muerta desde mediodía, corría entonces de las heridas, como si se las acabaran de dar, y junto a ella un lago de sangriento humo.

A vista tan lastimosa, quedó con Enrique casi sin pulsos; que a su parecer juzgó que ya el alma se le apartaba del cuerpo [...] porque todo el cuerpo le temblaba [...] Y más fué cuando oyó que de donde estaba el sangriento cadáver salía una voz muy débil y delicada, que le dixo:

- Ya, esposo, no **tiene** que **buscarme** en este mundo, porque ha más de nueve horas que estoy fuera de él, porque aquí no está más de este triste cuerpo, sin alma, de la suerte que le miras. Por tu causa me han muerto; mas no quiero que tú mueras por la mía, que quiero me debas esta fineza. Y así, te aviso que te pongas en salvo y mires por tu vida, que estás en muy grande peligro, y quédate a Dios para siempre [...] (1647-1649, *Prosa Narrativa (Desengaños amorosos. Parte segunda del Sarao y Entretenimiento honesto)*, *María de Zayas y Sotomayor*)

[“[...] Olhou para o banheiro e viu que havia grande claridade, não de tochas ou candelabros, mas uma luz que iluminava somente a parte de dentro [...] Viu a dama banhada em sangue [...]

- Você, esposo, já não tem que procurar por mim neste mundo, porque há mais de nove horas estou fora dele. Aqui não está mais do que este triste corpo, sem alma. Por tua causa me mataram, mas não quero que você morra por minha culpa [...] Ponha-se a salvo e cuide de sua vida, porque você corre perigo [...]”] (tradução minha).

(107)

- Estraño es vuesa merced -dijo Sancho-. Presupongamos que esta liebre es Dulcinea del Toboso y estos galgos que la persiguen son los malandrines encantadores que la transformaron en labradora; ella huye, yo la cojo y la pongo en poder de vuesa merced, que la tiene en sus brazos y la regala: ¿qué mala señal es esta, ni qué mal agüero se puede tomar de aquí?

Los dos mochachos de la pendencia se llegaron a ver la liebre, y al uno dellos preguntó Sancho que por qué reñían; y fuele respondido por el que había dicho "no la verás más en toda tu vida" que él había tomado al otro mochacho una jaula de grillos, la cual no pensaba volvérsela en toda su vida. Sacó Sancho cuatro cuartos de la faltriquera, y dióselos al mochacho por la jaula, y púsose en las manos a don Quijote, diciendo:

- He aquí, señor, rompidos y desbaratados estos agüeros, que no **tienen** que **ver** más con nuestros sucesos, según que yo imagino, aunque tonto, que con las nubes de antaño. Y, si no me acuerdo mal, he oído decir al cura de nuestro pueblo que no es de personas cristianas ni discretas mirar en estas niñerías, y aun vuesa merced mismo me lo dijo los días pasados, dándome a entender que eran tontos todos aquellos cristianos que miraban en agüeros. Y no es menester hacer hincapié en esto, sino pasemos adelante y entremos en nuestra aldea (1615, *Prosa Narrativa (Segunda parte del ingenioso caballero don Quijote de la Mancha)*, *Miguel de Cervantes Saavedra*)

[“[...] O senhor tem, agora, esses presságios rompidos, os quais não devem mais se relacionar com os acontecimentos de nossa vida, conforme eu imagino, do que com as nuvens de antigamente [...]”] (tradução minha).

Em (106), *tener que* expressa a modalidade inerente orientada para o evento, com sujeito [+humano]. Nesse caso, a circunstância – a morte da esposa – isenta o sujeito de segunda pessoa (*tú*) da necessidade de que ele procure por ela no mundo dos vivos. O que

precisa ser destacado, nessa ocorrência, é que como a modalidade não-epistêmica normalmente requer a presença de um sujeito capaz de aceitar um evento como necessário ou obrigatório, a associação de *tener que* a um sujeito do tipo [+humano] possibilita, facilmente, uma interpretação inerente.

A ocorrência (107), no entanto, por apresentar um sujeito do tipo [-inanimado], dificulta a interpretação modal em termos de imposição de forças no mundo real/social porque um sujeito com esse traço semântico não é capaz de aceitar uma norma. Assim, um caso como esse tende a ser lido como epistêmico.

Com relação à *agentividade do sujeito* e à *tipologia do EsCo*, a Tabela 16 apresenta o cruzamento entre tais parâmetros e os valores modais expressos por *tener que*.

Tabela 16: Parâmetros semânticos e valores modais de *tener que* no século XVII

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Agentividade	[+controle]	61/89=68,5%	109/115=94,8%	7/21=33,3%	177/225=78,7%
	[-controle]	28/89=31,5%	6/115=5,2%	14/21=66,7%	48/225=21,3%
	Subtotal	89/225=39,6%	115/225=51,1%	21/225=9,3%	225/225=100%
Tipologia do EsCo	Ação [+din; +con]	56/89=63%	102/115=88,7%	7/21=33,3%	165/225=73,3%
	Processo [+din; -con]	26/89=29,2%	6/115=5,2%	14/21=66,7%	46/225=20,5%
	Estado [-din; -con]	2/89=2,2%	0	0	2/225=0,9%
	Posição [-din; +con]	5/89=5,6%	7/115=6,1%	0	12/225=5,3%
	Subtotal	89/225=39,6%	115/225=51,1%	21/225=9,3%	225/225=100%

Fonte: Autoria própria

No século XVII, assim como ocorre nas sincronias pretéritas, as modalidades inerente (61/89=68,5%) e deôntica (109/115=94,8%) tendem a se associar a sujeitos agentivos. Comparativamente, os dados epistêmicos são mais representativos com sujeitos não-agentivos (14/21=66,7%) do que os casos não-epistêmicos associados a essa mesma categoria (28/89=31,5% para modalidade inerente e 6/115=5,2% para modalidade deôntica). Isso comprova que a categoria de sujeito não-agentivo tende a favorecer o aparecimento da modalidade epistêmica e a inibir a ocorrência das modalidades não-epistêmicas.

Como vimos nesta seção, a associação da modalidade deôntica a sujeitos não-agentivos, embora ocorra nos dados, é considerada não-prototípica em razão das características definidoras desse tipo modal. As modalidades inerentes, no entanto, que parecem ter um matiz menos obrigativo, são, com mais frequência, favorecidas por predicados que não envolvem controle. Os resultados do século XVII – e isso geralmente se aplica às demais sincronias – mostram que, de fato, os casos de modalidade inerente associados a sujeitos não-agentivos (28/89=31,5%) e, conseqüentemente, a Estados de Coisas dos tipos Processo (26/89=29,2%) e Estado (2/89=2,2%) são mais frequentes do que os casos de modalidade deôntica associados a sujeitos (6/115=5,2%) e Estados de Coisas de mesma natureza (6/115=5,2% para Estados de Coisas do tipo Processo e 0% para Estados de Coisas do tipo Estado).

Quanto à tipologia do Estado de Coisas, os resultados para este século se assemelham aos encontrados em sincronias pretéritas, uma vez que mostram o favorecimento das modalidades epistêmicas nos casos de *tener que* associados a Estados de Coisas do tipo Processo (14/21=66,7%). Proporcionalmente, o baixo número de casos de *tener que* inerente (26/89=29,2%) e *tener que* deôntico (6/115=5,2%) associados ao mesmo tipo de EsCo revela que eventos sem traço controle continuam a impulsionar o crescimento dos *tokens* de modalidade epistêmica.

A ocorrência (108) ilustra um caso lido como preferencialmente epistêmico, em função da associação da construção a um sujeito não-agentivo e a um Estado de Coisas do tipo Processo.

(108) Y si cada uno de los que esto leyeren u oyeran quisieren meter la mano en su pecho, bien hallaran dentro de su casa y de su propia alma, por principio de las cosas mayores que les han sucedido en materia de desgracias, las cosas menores que la imaginación apenas las pudo alcanzar. ¡Qué de doncellas **tienen que llorar** su desdicha y perdición! (1610-1612, *Prosa Religiosa (Exhortaciones a la perseverancia)*, San Juan Bautista de la Concepción (Juan García Gómez))

[“[...] E se cada um dos que leem ou ouvem quiserem meter a mão no peito, acharão dentro de sua casa e de sua própria alma [...] as coisas menores que a imaginação quase não pode alcançar. Quantas donzelas não devem chorar sua infelicidade e perdição [...]”] (tradução minha).

Nesse caso, *tener que* expressa a dúvida do falante quanto ao grau de veracidade do evento [*tienen que llorar su desdicha y perdición*]. Nessa ocorrência, a modalidade epistêmica é preferida em razão da integração de *tener que* com os seguintes fatores: (i) sujeito de terceira pessoa e não-agentivo (ninguém tem controle sobre o ato de chorar); (ii) a perífrase

constitui um Estado de Coisas do tipo Processo [+din; -con], com associação a um verbo principal que descreve uma experiência a nível mental. Em contextos tais, a leitura não-epistêmica é muito menos acessível ao usuário da língua, considerando-se que os domínios inerente e deôntico expressam necessidades e obrigações projetadas em um nível experiencial físico.

5.1.6 Século XVIII

No século XVIII, a perífrase *tener que* apresenta um comportamento distinto do observado em sincronias pretéritas. Como se sabe, no processo de gramaticalização e abstratização, o esperado é que a forma em mudança sofra generalização de seu significado mais abstrato, em razão da convencionalização de inferências dentro de um contexto específico. Até o século XVII, a construção *tener que* sofre um aumento gradativo em sua expressão do *type* epistêmico, considerado um valor modal mais abstrato em razão do fato de que não diz respeito à imposição de normas e regras no mundo sociofísico (como o *type* não-epistêmico), mas sim à necessidade lógica de que um evento ocorra com base no que se conhece sobre o mundo. Assim, a mudança semântica de *tener que* é vista como resultado da atuação de processos cognitivos metafóricos e metonímicos que induzem à reinterpretção do valor modal da perífrase em direção a um domínio experiencial mais abstrato, a saber, o domínio epistêmico.

No que diz respeito à frequência de ocorrência da perífrase do século XIV a XVII, destacamos a influência de dois aspectos para o aumento no número de *tokens* de *tener que*: (i) a convencionalização do *status* de perífrase de [*tener que* + infinitivo], construção que, gradativamente, perde as restrições impostas pelo significado original de posse de *tener* e passa a se associar a verbos principais intransitivos e a verbos de ligação que, por sua natureza, possibilitam somente uma leitura perifrástica da construção (YLLERA, 1980; BAUMAN, 2013; BLAS DE ARROYO; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2014; OLBERTZ, 2018); (ii) o aumento da frequência do *type* epistêmico de *tener que*, que reflete consequentemente no aumento da frequência *token* da construção.

Assim, dos séculos XIV ao XVII, *tener que* experimentou, gradativamente, um crescimento em termos de frequência *token* de ocorrência, o que indica um avanço no processo de abstratização de significado. O aumento gradual da frequência do *type* epistêmico – de 3,1% no XV para 9,3% no XVII – além de mostrar que a construção vinha perdendo conteúdo semântico ao longo dos séculos, impulsiona ainda mais a convencionalização e a generalização do significado modal mais abstrato da perífrase.

Muito embora os resultados para os séculos XV, XVI e XVII revelem que categorias sintático-semânticas específicas favorecem o aumento da frequência do *type* epistêmico de *tener que* (e, obviamente, o processo de abstratização da construção), os dados do século XVIII mostram que a perífrase apresenta, nesse período, um comportamento distinto. Isso porque, diferentemente do que ocorre nas sincronias pretéritas, a frequência *token* da perífrase sofre um decréscimo, muito provavelmente em razão de particularidades do CORDE, *córpus* eletrônico utilizado para a coleta de ocorrências em estágios antigos do espanhol. Assim, em comparação com os *tokens* dos séculos XVI (228=100%) e XVII (225=100%), não é surpreendente que a diminuição na quantidade de dados disponíveis no século XVIII (161=100%) tenha refletido na diminuição não só no número de *tokens* não-epistêmicos, como também na frequência de *tokens* epistêmicos.

Observamos que o decréscimo na frequência do valor epistêmico no século XVIII não desqualifica a comprovação de que a perífrase sofreu um processo de abstratização semântica, conforme apontado nas seções anteriores. Na verdade, a diminuição dos *tokens* não-epistêmicos e epistêmicos muito provavelmente se relaciona a alguma particularidade do CORDE, *córpus* que apresentou um número mais baixo de dados da construção nesse século se comparados aos dados do XVI e do XVII. A probabilidade de que os números do século XVIII estejam relacionados a uma idiosincrasia do banco de dados é reforçada pelo fato de que, como veremos na próxima seção, os *tokens* epistêmicos de *tener que* ocorrem, no século XIX, em uma frequência ainda mais alta do que os *tokens* do mesmo tipo modal no século XVII.

Como vimos no capítulo anterior, nas ocorrências dos séculos XX e XXI os *tokens* epistêmicos representam 15 dos 233 casos analisados ($15/233=6,4\%$) (cf. capítulo IV). Observamos que, embora a perífrase tenha passado, no século XVIII e na sincronia atual (séculos XX/XXI), por uma redução em termos da frequência de seu valor modal mais abstrato, mais relevante para a comprovação do processo de *bleaching* semântico é verificar quais os fatores que estimulam a preferência por uma leitura epistêmica, possibilitando sua existência no sistema da língua. Dessa forma, ainda que o crescimento da frequência do *type* epistêmico, na passagem de um século a outro, indique um processo de mudança linguística em curso, são os elementos contextuais de ocorrência da perífrase que nos permitem chegar a um resultado qualitativamente fundamentado.

A Tabela 17 ilustra o cruzamento dos parâmetros *domínio semântico* e *alvo da avaliação modal*.

Tabela 17: Frequência de uso da construção [*tener que* + infinitivo] no século XVIII e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal

Domínio Semântico	Alvo da Avaliação				Total	% (Total)
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	19	26	63	71,6	82	51
Modalidade deôntica	54	74	23	26,1	77	47,8
Modalidade epistêmica	---	---	2	2,3	2	1,2
Total	73	45,3	88	54,7	161	100

Fonte: Autoria própria

Quanto ao fator de análise *domínio semântico da avaliação*, notamos que nos séculos XV, XVI e XVII, *tener que* serve, preferencialmente, à expressão de valores modais deônticos, seguidos de valores inerentes. No século XVIII, no entanto, a perífrase passa a codificar, com mais recorrência, a modalidade inerente (82/161=51%), seguida da modalidade deôntica (77/161=47,8%)⁷¹ e, por fim, da modalidade epistêmica (2/161=1,2%). Como se pode verificar, os *tokens* epistêmicos do século XV ao século XVIII (e também do século XIX), como veremos na próxima seção, são sempre menos frequentes do que os *tokens* não-epistêmicos. Ainda assim podemos comprovar o processo de abstratização da perífrase se consideramos, com base nos dados analisados até o momento, que *tener que* epistêmico tem sua ocorrência favorecida por categorias sintático-semânticas frequentemente responsáveis por dar ao usuário da língua a indicação de que uma leitura modal epistêmica é mais adequada do que uma não-epistêmica.

No que concerne ao *alvo de avaliação*, os números discriminados na Tabela 17 apresentam a modalidade orientada para o evento como mais frequente do que a modalidade orientada para o participante. Para que o evento tenha se tornado o alvo de avaliação mais recorrente desde o século XVI, dois aspectos parecem ter influenciado nesse resultado: (i) o aumento de *tokens* epistêmicos de um século a outro impulsionou diretamente o aumento da frequência de *tener que* orientada para o evento, como descrevemos anteriormente; (ii) o

⁷¹ Lembramos que este trabalho não se compromete com a análise de fatores que diferenciam as modalidades inerentes e deônticas. Isso justifica a escolha metodológica por tratar desses dois matizes modais de necessidade e obrigação dentro do rótulo mais amplo de *modalidade não-epistêmica*.

aumento do número de sujeitos genéricos associados à modalidade deôntica, tipo modal que, quando aliado a esse tipo de sujeito, só pode receber orientação para o evento.⁷²

Quanto ao cruzamento entre *domínio semântico* e *alvo de avaliação*, o século XVIII apresenta a seguinte configuração: a modalidade inerente orientada para o evento é mais recorrente do que a modalidade deôntica orientada para o participante, embora a diferença seja pouco significativa (cf. Tabela 17). As ocorrências (109) e (110) ilustram casos de modalidade inerente orientada para o evento, cruzamento entre domínio e alvo mais frequente nos dados (63/88=71,6%).

(109) Buen camino hasta Xerez, la Isla, Puerto Real y Puerto de Santa María; buenos pueblos que no se hallan tales en las cercanías de ninguna otra ciudad de España. Xerez, pueblo con tres o cuatro calles espaciosas y alegres y en algunas pocas casas modernas se ve ya algún principio de elegancia y buen gusto, pero en la Iglesia Mayor, obra de piedra, costosa y magnífica, no hay regularidad ni juicio. Es una mezcla confusa de gótico y griego con muchas garmbainas y ringorranos extravagantes. Lo mismo puede decirse de la Capilla del Sagrario en la Parroquia de San Miguel.

Hasta Xerez fuimos [...] pero al llegar aquí ya no hallamos carruage en que pasar adelante. El Rey les obliga a tener uno y de aquí resulta que al que por desgracia le toca ir detrás de otro **tiene que quedarse a pie**. Tampoco tienen obligación de tener más de ocho caballos; pasan los correos, se los llevan y el pasajero tiene que esperarse un día u dos hasta que todo se arregle. Ya empiezo a conocer que estoy en España (1793-1797, *Prosa Histórica (Viaje a Italia)*, *Leandro Fernández de Moratín*)

[“[...] Até Jerez fomos, mas ao chegar aqui não achamos uma carruagem na qual seguir. O Rei lhes obriga a ter uma e disso resulta que, àquele que desgraçadamente precisa ir atrás de outro, tem que ficar a pé. Também não têm obrigação de ter mais de oito cavalos; passam as transportadoras, os levam e o passageiro tem que esperar um dia ou dois até que tudo se ajeite. Eu já começo a perceber que estou na Espanha.”] (tradução minha).

(110) Se han de tener nociones justas de la Historia universal y particular, de la Geografía moderna y su correspondencia con la antigua, del Derecho Civil y Canónico, de los tratados, leyes y prácticas de Comercio, de las voces técnicas de las artes y sus operaciones mecánicas, puesto que apenas habrá ciencia o facultad alguna de la qual no ocurra despachar en el curso del año papeles e instrumentos que exigen de parte del traductor toda la inteligencia necesaria de la materia que se trata en ellos.

Es menester, igualmente, una práctica y conocimiento singular en la Paleografía, para leer los pergaminos, Bulas y diplomas antiguos, o extrangeros, o escritos en caracteres tan difíciles, que muchas veces es mayor el trabajo de leerlos que el de interpretarlos.

Todo esto (y no pondero nada) necesitan saber los Oficiales de la Secretaría de la Interpretación.

Pues ¿quál premio le parece a V. E. que tienen estos hombres? Nada más que la tercera parte de los derechos que en ella se cobran y a proporción de lo que trabajan, cuya suma total no pasará de catorze mil reales al año; que repartida entre todos ellos, no iguala su

⁷² Ainda que tenhamos nos preocupado em analisar se os sujeitos associados à construção *tener que* eram de referência específica ou genérica, esse parâmetro de análise se mostrou pouco significativo para a investigação do processo de mudança semântica da perífrase e, por esse motivo, optamos por desconsiderá-lo.

suerte con la del trabajador más infeliz. Así es que, no pudiendo ser Oficiales en ella sino sugetos de buena educación, de una instrucción nada vulgar y que hayan seguido a costa de dispendios y estudio una carrera literaria, si abrazan este destino es por necesidad, no por elección; duran en él mientras su mala fortuna les obliga a ello, no se aplican como debieran, porque no piensan en permanecer, y disgustados, con razón, del excaso e incierto premio que se les da, y de la vejez dolorosa y triste que les aguarda, luego que hallan proporción de asegurarse en otra parte el sustento, se van, y el Secretario **tiene que buscar** otros (y es difícil hallarlos), tiene que instruirlos de nuevo, logra tal vez hazerlos útiles, y en el momento en que ya empiezan a servirle de algo, se van también. Esta es la historia de la Secretaría de mi cargo, y tal es el estado en que hoy se halla. (1797, *Prosa Histórica (Cartas de 1797 [Epistolario])*, Leandro Fernández de Moratín)

[“[...] Não podendo ser Oficiais da Interpretação a não ser sujeitos de boa educação, de uma instrução nada vulgar e que tenham seguido, com custo e estudo, uma carreira literária, se aceitam esse destino é por necessidade, não por escolha; ficam na função enquanto a sua má sorte lhes obriga a isso, não se aplicam como deveriam porque não pensam em permanecer, e descontentes com o escasso e incerto salário que lhes é dado, e com a velhice dolorosa e triste que os aguarda, assim que veem oportunidade de assegurar seu sustento em outro lugar, vão embora, e o Secretario tem que buscar outros oficiais (e é difícil achá-los), tem que instruí-los novamente, consegue talvez fazer com que eles se tornem úteis, e no momento em que esses funcionários começam a servir-lhe de algo, também se vão [...]”] (tradução minha).

As ocorrências (109) e (110) representam a modalidade inerente orientada para o evento. Como é característico desse tipo modal, a fonte da avaliação repousa em elementos circunstanciais (isto é, externos ao participante), que motivam a necessidade de ocorrência do Estado de Coisas. Em (109), a existência de somente uma carruagem faz com que o participante necessite ficar a pé. Em (110), por outro lado, os oficiais da Secretaria da Interpretação, por se sentirem desmotivados e pouco reconhecidos em sua função, deixam o cargo quando lhes surge uma oportunidade mais vantajosa. Assim, o Secretário é forçado a buscar outras pessoas para exercerem o trabalho daqueles que optaram por abandoná-lo. Nessas duas ocorrências, são os elementos circunstanciais – a falta de um número maior de carruagens e a ausência de profissionais atuantes em uma determinada ocupação – que condicionam a necessidade de ocorrência dos Estados de Coisas [*tiene que quedarse a pie*] (cf. (109)) e [*tiene que buscar*] (cf. (110)).

A ocorrência (111), por sua vez, ilustra um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento.

(111) EXAMEN DEL SYSTEMA Cartesiano. Verdaderamente en este systema descubro varios capítulos dignos de reparo. El primer tropiezo está en la primera basa sobre que Descartes quiere erigir toda su filosofía. Pretende este filósofo que para entrar a filosofar rectamente niegue primero o suspenda el entendimiento todo assenso a quantas verdades tenía admitidas, que dude de todo, hasta de la existencia de Dios y del

mundo, y hecho esto empieza la planta de la nueva filosofía por aquella demostración de la existencia propia: Yo pienso, luego **tengo que ser**: Ego cogito, ergo sum. Esta duda previa, que pide Descartes (si nos la pide seriamente), es imposible sin saltar al precepto negativo de la fe, que nos prohíbe todo acto de duda, aun por breve momento, en las verdades reveladas; y es imposible dudar de la existencia de Dios y del mundo, sin dudar de todos los misterios [...] (1728, *Prosa Didáctica (Theatro crítico universal, o discursos varios en todo género de materias, para desengaño de errores...)*, Benito Jerónimo Feijoo)

[“[...] Exame do sistema cartesiano. Neste sistema descubro vários capítulos dignos de concerto. O primeiro tropeço já se dá na primeira base sobre a qual Descartes quer construir sua filosofia. Esse filósofo requer, para que se comece a filosofar corretamente, que o entendimento negue ou suspenda todo assentimento às verdades consideradas admitidas, que duvide de tudo, até da existência de Deus e do mundo, e feito isso começa o plano da nova filosofia a partir da demonstração da existência própria: Eu penso, logo tenho que ser: Ego cogito, ergo sum. Essa dúvida prévia, que requer Descartes, não se coaduna com os preceitos da fé, que nos proíbe todo ato de dúvida, ainda que por breve momento [...]”] (tradução minha).

Em (111), o falante expõe o que Descartes considerava “filosofar corretamente”: duvidar de todas as verdades consideradas inquestionáveis, inclusive da existência de si mesmo. Embora essa ocorrência se associe a um sujeito de primeira pessoa – que não tende a favorecer a inferência de modalidade epistêmica – todos os demais elementos contextuais possibilitam a preferência pela leitura mais abstrata da perífrase, impulsionando ainda mais a abstratização semântica. Assim, a associação de *tener que* a um sujeito humano⁷³ e não-agentivo e a um Estado de Coisas do tipo Estado [-din; -con], ao mesmo tempo em que dificulta a leitura de modalidade não-epistêmica se consideramos ser muito pouco provável a imposição da obrigação de que alguém exista no mundo sociofísico, facilita a leitura epistêmica se consideramos que a imposição de necessidade se dá ao nível do raciocínio. Em resumo, a ocorrência (111) é preferencialmente lida como epistêmica em função dos seguintes aspectos: (i) *tener que* ocorre em um contexto que propõe a dúvida como o raciocínio filosófico mais adequado; (ii) a impossibilidade de que alguém tenha agentividade para realizar a obrigação de existir leva o falante a avaliar – com base na constatação de que ele é um ser pensante – a probabilidade de que o conteúdo seja verdadeiro.

No que diz respeito aos parâmetros *pessoa gramatical* e *animacidade do sujeito*, a Tabela 18 apresenta as frequências de *tener que* associadas a cada um dos fatores de análise.

⁷³ Vimos que, embora a modalidade não-epistêmica tenha sua ocorrência inibida pela associação a sujeitos inanimados (que não têm capacidade para aceitar a imposição de normas), os sujeitos humanos favorecem o aparecimento tanto das modalidades não-epistêmicas quanto das modalidades epistêmicas.

Tabela 18: Parâmetros sintático-semânticos e valores modais de *tener que* no século XVIII

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Pessoa gramatical	1 ^a	31/82=37,8%	31/77=40,2%	1/2=50%	63/161=39,1%
	2 ^a	9/82=11%	19/77=24,7%	0	28/161=17,4%
	3 ^a	42/82=51,2%	27/77=35,1%	1/2=50%	70/161=43,5%
	Subtotal	82/161=51%	77/161=47,8%	2/161=1,2%	161/161=100%
Animacidade	[+humano]	73/82=89,1%	73/77=94,8%	2/2=100%	148/161=91,9%
	[-animado]	7/82=8,5%	4/77=5,2%	0	11/161=6,9%
	[+animado]	2/82=2,4%	0	0	2/161=1,2%
	Subtotal	82/161=51%	77/161=47,8%	2/161=1,2%	161/161=100%

Fonte: Autoria própria

Quanto à *pessoa gramatical do sujeito*, a Tabela 18 indica que nossas constatações sobre a associação entre os parâmetros *tipo modal* e *pessoa gramatical* se confirmam. Isso porque, no século XVIII, a modalidade inerente aparece predominantemente associada à terceira pessoa gramatical (42/82=51,2%), comprovando o comportamento oscilante do cruzamento entre esse tipo modal e o parâmetro em questão. A modalidade deôntica, por sua vez, apresenta um equilíbrio no cruzamento com a primeira (31/77=40,2%) e a terceira pessoas gramaticais (27/77=35,1%), exatamente como ocorre em todas as sincronias pretéritas. No entanto, são os valores relacionados à modalidade epistêmica que nos fazem perceber o comportamento atípico da perífrase *tener que* neste século.

Diferentemente do padrão de associação, encontrado em séculos pretéritos, entre o valor epistêmico e a terceira pessoa gramatical, os dados do XVIII ilustram um equilíbrio entre as frequências de cruzamento desse *type* à primeira (1/2=50%) e à terceira pessoa gramatical (1/2=50%). Embora esse resultado pudesse refutar a hipótese de que o fator *pessoa gramatical* é um aspecto impulsionador da abstratização semântica da perífrase, o número pouco significativo de *tokens* epistêmicos (2/161=1,2%) dificulta a análise e não nos permite, portanto, chegar a conclusões decisivas ou categóricas. Em resumo, os dados do século XVIII nos levam a concluir que as modalidades inerente e deôntica são mesmo indiferentes à pessoa gramatical do sujeito de *tener que*, o que refuta nossa hipótese de que esses tipos modais teriam sua ocorrência favorecida por sujeitos de primeira pessoa gramatical. Sobre a provável

tendência de associação da modalidade epistêmica a sujeitos de terceira pessoa gramatical, o número escasso de *tokens* epistêmicos faz com que os dados desse século não sejam realmente relevantes para a comprovação ou refutação da hipótese de mudança semântica. O único caso de modalidade epistêmica associada a sujeito de terceira pessoa, encontrado no XVIII, é representado em (112).

(112) Llamarle a uno don Juan, don Pedro, don Diego a secas, es tratarle de criado; es preciso llamarle señor don, que quiere decir dos veces don. Si el señor don llega también a multiplicarse en el siglo que viene como el don en el nuestro, ya no bastará el señor don para llamar a un hombre de forma sin agraviarle, y será preciso decir don señor don; y temiéndose igual inconveniente en lo futuro, irá creciendo el número de los dones y señores en el de los siglos, de modo que dentro de algunos se pondrán las gentes en el pie de no llamarse las unas a las otras, por el tiempo que se ha de perder miserablemente en repetir el señor don tantas y tan inútiles veces. Las gentes de corte, que sin duda son las que menos tiempo **tienen que perder**, ya han conocido este daño y para ponerle competente remedio, si tratan a uno con alguna familiaridad, le llaman por el apellido a secas; y si no se hallan todavía en este pie*, le añaden el señor de su apellido sin el nombre de bautismo [...] (1773-1774, *Prosa Histórica (Cartas marruecas)*, José Cadalso)

[“[...] As pessoas da corte, que sem dúvida são as que devem perder menos tempo, já compreenderam esse problema. Para resolvê-lo, se tratam a alguém com familiaridade, chamam-lhe pelo apelido; se não se encontram nessa situação, adicionam “senhor” ao apelido sem o nome de batismo [...]”] (tradução minha).

A ocorrência (112) apresenta um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento, com sujeito de terceira pessoa do plural (*ellos, las gentes de corte*). Em um caso como esse, o sujeito-enunciador expressa, com base no que conhece sobre a vida de pessoas social e economicamente privilegiadas, que acredita na probabilidade de que o enunciado [*tienen que perder menos tiempo*] seja verdadeiro.

No que concerne ao parâmetro *animacidae do sujeito*, os *tokens* de *tener que* no século XVIII revelam que a categoria [-animado] é, de fato, inibidora do aparecimento das modalidades não-epistêmicas (e, conseqüentemente, favorecedora da preferência pela leitura epistêmica). Isso porque, conforme apontam os números apresentados na Tabela 18, os *tokens* da perífrase com sujeitos inanimados dificilmente estimulam o aparecimento das modalidades inerente ($7/82=8,5\%$) e deôntica ($4/77=5,2\%$).

Com relação à *agentividade do sujeito* e à *tipologia do EsCo*, a Tabela 19 apresenta o cruzamento entre tais parâmetros e os valores modais expressos por *tener que*.

Tabela 19: Parâmetros semânticos e valores modais de *tener que* no século XVIII

Domínio semântico		Modalidade inerente	Modalidade deôntica	Modalidade epistêmica	Total
Agentividade	[+controle]	57/82=69,5%	72/77=93,5%	0	129/161=80,1%
	[-controle]	25/82=30,5%	5/77=6,5%	2/2=100%	32/161=19,9%
	Subtotal	82/161=51%	77/161=47,8%	2/161=1,2%	161/161=100%
Tipologia do EsCo	Ação [+din; +con]	55/82=67,1%	68/77=88,3%	0	123/161=76,4%
	Processo [+din; -con]	21/82=25,6%	4/77=5,2%	1/2=50%	26/161=16,2%
	Estado [-din; -con]	4/82=4,9%	1/77=1,3%	1/2=50%	6/161=3,7%
	Posição [-din; +con]	2/82=2,4%	4/77=5,2%	0	6/161=3,7%
	Subtotal	82/161=51%	77/161=47,8%	2/161=1,2%	161/161=100%

Fonte: Autoria própria

No século XVIII, assim como ocorre nas sincronias pretéritas, as modalidades inerente (57/82=69,5%) e deôntica (72/77=93,5%) continuam se associando, preferencialmente, a sujeitos agentivos. Por sua vez, os dados epistêmicos aparecem associados a sujeitos com traço semântico [-controle] em 100% dos *tokens* que expressam esse tipo modal. Mais uma vez, os dados revelam a existência de um contexto de sujeito não-agentivo motivador da preferência por leituras epistêmicas.

No que concerne à tipologia do Estado de Coisas, embora o baixo número de casos não nos permita chegar a conclusões decisivas, os resultados para o século XVIII parecem reforçar o avanço no processo de abstratização semântica da perífrase, porque os casos de modalidade inerente e deôntica são predominantemente favorecidos por eventos do tipo Ação, o que é esperado se se considera o caráter mais concreto desses tipos modais. As modalidades epistêmicas, por sua vez, se associam somente a Estados de Coisas que não envolvem controle. Proporcionalmente, o baixo número de *tokens* não-epistêmicos associados a eventos que não pressupõem o traço [+controle] mostra que os Estados de Coisas do tipo Processo e Estado estimulam a leitura epistêmica. A ocorrência apresentada em (112) representa a tendência de associação da modalidade epistêmica a sujeitos não-agentivos e a EsCo do tipo Processo.

5.1.7 Século XIX

No século XIX, os *tokens* de *tener que* voltam a ocorrer de maneira mais recorrente (280=100%) em função do crescimento no número do *type* epistêmico e, em certa medida, em razão da generalização da construção à possibilidade de expressão do *type* de modalidade volitiva. Impulsionado pelos contextos sintático-semânticos de aparecimento do valor epistêmico, o aumento da preferência por essa leitura modal – de 3,1% no século XV para 10% no século XIX – estimula a convencionalização do valor modal mais abstrato de *tener que* e comprova que a construção passou por um processo gradual de abstratização de significado. Ratificando as afirmativas de Bauman (2013) sobre o crescimento da frequência da perífrase *tener que* no século XIX, nossos dados para esta sincronia mostram como a perífrase, que se instanciava timidamente na língua espanhola no final do século XIV, sofreu um crescimento significativo no domínio de expressão dos valores modais.

Observemos que, para que *tener que* ganhasse cada vez mais espaço no terreno da modalidade, dois aspectos tiveram papel fundamental no processo de generalização da construção: (i) a inserção da perífrase em ambientes de associação a objetos indefinidos em posição não-prototípica, os quais, ao fortalecerem a inferência de leitura perifrástica (cf. capítulo II), propiciaram a atuação do processo de *bleaching* semântico e, conseqüentemente, a associação de [*tener que* + infinitivo] a um número mais amplo e diverso de contextos; (ii) a associação da perífrase a elementos favorecedores de sua abstratização, isto é, a elementos impulsionadores do aparecimento e do aumento gradativo do número de *tokens* de modalidade epistêmica.

A Tabela 20 ilustra a distribuição da frequência da construção e o aumento do número de *tokens* epistêmicos ao longo da evolução do espanhol.

Tabela 20: Frequência de uso da construção [*tener que* + infinitivo] no século XIX e relação entre domínio semântico e alvo da avaliação modal

Domínio Semântico	Alvo da Avaliação				Total	% (Total)
	Participante	%	Evento	%		
Modalidade inerente	27	20,1	78	53,4	105	37,5
Modalidade deôntica	105	78,4	40	27,4	145	51,8
Modalidade epistêmica	---	---	28	19,2	28	10
Modalidade volitiva	2	1,5	0	0	2	0,7
Total	134	47,9	146	52,1	280	100

Fonte: Autoria própria

O parâmetro *domínio semântico* revela que, no século XIX, *tener que* expressa com mais frequência, como ocorre em quase todas as sincronias pretéritas⁷⁴, a modalidade deôntica (145/280=51,8%), seguida da modalidade inerente (105/280=37,5%), da modalidade epistêmica (28/280=10%) e, por fim, da modalidade volitiva (2/280=0,7%). Se comparado a estágios antigos do espanhol, um diferenciador do século XIX é a expressão da modalidade volitiva, tipo modal que aparece, neste século, como resultado da perda de restrições originais de significado e generalização da perífrase. Quanto ao *type* epistêmico, observamos que, embora ele tenha, gradativamente, ganhado terreno dentro do domínio da modalidade (28/280=10%), esse é um valor modal que, na história do espanhol, ainda é menos frequente do que os *types* não-epistêmicos, o que é esperado se assumimos que os valores epistêmicos são desenvolvidos a partir dos não-epistêmicos e, portanto, mais recentes na língua. Quanto ao *alvo de avaliação*, os dados do XIX apresentam a modalidade orientada para o evento como mais frequente nos dados, o que ocorre desde o século XVI.

A Tabela 21 apresenta a relação entre domínio semântico e demais parâmetros de análise.

⁷⁴ Com exceção dos séculos XIV e XVIII, como vimos nas seções anteriores. A verificação das motivações para o comportamento oscilante da expressão de um ou outro valor não-epistêmico não configura um objetivo sobre o qual a presente pesquisa se debruça.

Tabela 21: Relação entre domínio semântico e parâmetros sintático-semânticos de *tener que* no século XIX

Domínio semântico		Inerente	Deôntica	Epistêmica	Volitiva	Total
Pessoa gramatical	1 ^a	36/105= 34,3%	57/145= 39,3%	4/28= 14,3%	0	97/280= 34,6%
	2 ^a	32/105= 30,5%	45/145= 31,1%	7/28=25%	2/2= 100%	86/280= 30,8%
	3 ^a	37/105= 35,2%	43/145= 29,6%	17/28= 60,7%	0	97/280= 34,6%
	Subtotal	105/280= 37,5%	145/280= 51,8%	28/280= 10%	2/280= 0,7%	280/280= 100%
Animacidade	[+hum]	94/105= 89,5%	136/145= 93,8%	16/28= 57,1%	2/2= 100%	248/280= 88,6%
	[-anim]	7/105= 6,7%	9/145= 6,2%	12/28= 42,9%	0	28/280= 10%
	[+anim]	4/105= 3,8%	0	0	0	4/280= 1,4%
	Subtotal	105/280= 37,5%	145/280= 51,8%	28/280= 10%	2/280= 0,7%	280/280= 100%
Agentividade	[+cont]	85/105= 80,9%	135/145= 93,1%	5/28= 17,8%	0	225/280= 80,4%
	[-cont]	20/105= 19,1%	10/145= 6,9%	23/28= 82,2%	2/2= 100%	55/280= 19,6%
	Subtotal	105/280= 37,5%	145/280= 51,8%	28/280= 10%	2/280= 0,7%	280/280= 100%
Tipologia do EsCo	Ação	82/105= 78,1%	129/145= 88,9%	5/28= 17,9%	0	216/280= 77,2%
	Processo	15/105= 14,3%	5/145= 3,5%	17/28= 60,7%	2/2= 100%	39/280= 13,9%
	Estado	5/105= 4,8%	5/145= 3,5%	6/28= 21,4%	0	16/280= 5,7%
	Posição	3/105= 2,8%	6/145= 4,1%	0	0	9/280= 3,2%
	Subtotal	105/280= 37,5%	145/280= 51,8%	28/280= 10%	2/280= 0,7%	280/280= 100%

Fonte: Autoria própria

Quanto à *pessoa gramatical do sujeito*, a Tabela 21 confirma nossas hipóteses sobre a associação entre *tipo modal* e *pessoa gramatical*: as modalidades inerente e deôntica aparecem equilibradamente distribuídas entre as três pessoas gramaticais, indicando que esse não é um fator sintático determinante para o aparecimento de um ou outro tipo modal não-epistêmico. A modalidade epistêmica, por sua vez, tem sua ocorrência favorecida pela associação de *tener que* a sujeitos de terceira pessoa gramatical (17/28=60,7%).

No que concerne ao parâmetro *animacidade do sujeito*, os *tokens* de *tener que* no século XIX confirmam que a modalidade epistêmica tem muito mais representatividade entre sujeitos do tipo inanimado (12/28=42,9%) do que as modalidades não-epistêmicas.

Concluimos, definitivamente, que a categoria de sujeito [-animado] é favorecedora da instanciación do valor epistêmico da perífrase.

No que se refere à *agentividade do sujeito*, no século XIX, à semelhança do cenário observado nas sincronias pretéritas, as modalidades inerente (85/105=80,9%) e deôntica (135/145=93,1%) continuam revelando uma tendência de associação a sujeitos agentivos. A modalidade epistêmica, por outro lado, aparece predominantemente associada a sujeitos não-agentivos (23/28=82,2%).

Com relação à *tipologia do Estado de Coisas*, os *tokens* de modalidade inerente (82/105=78,1%) e deôntica (129/145=88,9%) são, como esperado, predominantemente favorecidos por Estados de Coisas do tipo Ação. Os *tokens* epistêmicos, por sua vez, associam-se mais frequentemente a Estados de Coisas do tipo Processo (17/28=60,7%), porém o cruzamento desse *type* a Estados de Coisas do tipo Estado deve ser considerado como significativo (6/28=21,4%), em razão da generalização do significado modal mais abstrato.

A ocorrência (113) representa a modalidade deôntica orientada para o participante, cruzamento mais frequente nos dados deste século (105/280=37,5%). Em (114), por sua vez, é apresentado um caso de modalidade epistêmica orientada para o evento.

(113) Y el Terrible, impulsado por la violencia del afecto que sentía, y no pudiendo explicarlo con la palabra, tendió los brazos hacia el objeto de su pasión y cayó de rodillas.

La desposada retrocedió lanzando un grito de espanto.

- ¡Elvira! ¡Elvira mía! -prosiguió el ricohombre levantándose-. ¿Por qué huyes de mí? Eres mía, si te llamo **tienes que venir** a mi voz;- ¡A las ocho en punto estoy allí! - exclamó Garduña. (1849, *Prosa Narrativa (Doña Urraca de Castilla)*, Francisco Navarro Villoslada)

[“[...] Elvira, Elvira minha! – prosseguiu o fidalgo – Por que você foge de mim? Você é minha, se eu te chamo, você tem que vir até mim [...]”] (tradução minha).

(114)

El suicidio es la desesperación.

El martirio es la esperanza.

Mientras haya en el mundo un resto de civilización verdadera, será el mártir objeto de la veneración humana.

Mientras quede un destello de sentido sobre la tierra, será el suicidio objeto de horror entre los hombres.

¿Qué es el martirio?... El valor de la muerte.

¿Qué es el suicidio? Miedo á la vida.

El primero es el espíritu esforzado que se adelanta á los peligros y desafía los tormentos.

El segundo es el corazón cobarde que huye de las tribulaciones de la vida.

Ahora bien: si el martirio es el valor supremo, el suicidio **tiene que ser** la suprema cobardía. [...] (1879, *Prosa Didáctica (Hechos y dichos)*, José Selgas y Carrasco)
 [“[...] Agora veja: se o martírio é o valor supremo, o suicídio deve ser a suprema covardia [...]”]
 (tradução minha).

A ocorrência (113) é representativa da modalidade deôntica orientada para o participante pelo fato de que descreve a existência de um participante obrigado a se engajar no evento [*venir a mi voz*].

A ocorrência (114), por outro lado, aparece associada a todos os elementos considerados favorecedores da preferência por uma interpretação epistêmica (sujeito de terceira pessoa, inanimado, não-agentivo e Estado de Coisas do tipo Estado). Um caso como esse representa o estágio mais avançado de abstratização de *tener que*, se consideramos que os elementos com os quais a construção se associa são de natureza menos concreta, porque mais distantes das experiências humanas básicas. Além disso, a integração com uma oração subordinada adverbial condicional ([*si el martirio es el valor supremo*]) ainda é um elemento do contexto que reforça a hesitação do sujeito-enunciador acerca do conteúdo apresentado, levando o usuário da língua a interpretar a construção *tener que* como forma de expressão da modalidade epistêmica.

Por fim, a Tabela 22 explicita a rota de gramaticalização de *tener que*, isto é, apresenta um esquema geral do comportamento da perífrase no domínio da modalidade.

Tabela 22: Distribuição de frequência das ocorrências de *tener que* dos séculos XIV ao espanhol moderno (séculos XX/XXI)

Domínio semântico	Séculos							Total
	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI	
Modalidade inerente	2	12	104	89	82	105	138	532
Modalidade deôntica	0	19	116	115	77	145	80	552
Modalidade epistêmica	0	1	8	21	2	28	15	75
Modalidade volitiva	0	0	0	0	0	2	0	2
TOTAL	2	32	228	225	161	280	233	1161

Fonte: Autoria própria

A Tabela 22 comprova que a perífrase *tener que* sofreu, gradativamente, um aumento das frequências *token* e *type*. No que se refere ao aumento de frequência *token* da perífrase como um todo, podemos apontar a influência de dois fenômenos: (i) o fortalecimento da

inferência de leitura epistêmica, o que impulsiona a generalização desse significado modal e, conseqüentemente, o aumento de sua frequência *token*; (ii) a convencionalização do valor perifrástico de *tener que*, construção que perde conteúdo semântico [+concreto] e sofre expansão de contextos adequados de uso (os quais não mais possibilitam a leitura de *tener* como forma de expressão de posse).

A partir dos números apresentados, podemos destacar, ainda, um aspecto de fundamental importância para a comprovação da abstratização da perífrase: em comparação aos valores não-epistêmicos, o valor epistêmico de *tener que* se desenvolve mais tardiamente no sistema da língua, sendo sempre pouco frequente, até mesmo em dados de sincronias mais recentes.

5.2 Contextos críticos da mudança

A gramaticalização (e abstratização) de um elemento linguístico ocorre por meio da atuação de processos cognitivos de natureza metafórica e metonímica. Tais processos promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato, por meio de transferência conceptual de um domínio-fonte de conceptualização (com bases experienciais mais básicas e concretas) para um domínio-alvo de conceptualização (com bases experienciais mais abstratas). Segundo afirmam Heine *et al.* (1991), essa movimentação é normalmente intermediada por uma ambigüidade semântica, que é responsável por caracterizar a gramaticalização como um processo de caráter gradual.

Assim como Bauman (2013), que, ao analisar a gramaticalização de *tener* pleno a *tener que* auxiliar, observou que a forma em processo de mudança ocupa um “contexto de transição” (EVANS; WILKINS, 1998; HEINE, 2002), a análise dos dados de *tener que* perifrástico confirmou o que já se esperava: a construção ocorre em contextos ambíguos desencadeadores da inferência de *que*, além do significado mais concreto da perífrase (o significado não-epistêmico), há a possibilidade de que a forma em mudança codifique um novo significado modal (o significado epistêmico).

Nesse sentido, apresentamos, nesta seção, uma discussão acerca dos contextos ambíguos nos quais a construção *tener que* instancia, num ambiente específico propiciador de reinterpretções modais, tanto valores não-epistêmicos (considerados mais antigos e concretos), quanto valores epistêmicos (considerados mais abstratos porque desenvolvidos com base em domínios experienciais de mais fácil conceptualização). Como apontamos no início do capítulo, a análise dos contextos que abrem a possibilidade de leituras epistêmicas ocupa um terreno fundamental na presente pesquisa na medida em que nos permite verificar

dois importantes aspectos: (i) se os elementos contextuais que se associam a *tener que* nos ambientes em que existe a possibilidade de reinterpretções modais são categorias sintático-semânticas que, como vimos na seção 5.1, favorecem a preferência pela leitura epistêmica; (ii) se tais elementos são recorrentes, isto é, se estabelecem um cenário-padrão fortalecedor da inferência de que uma nova interpretação modal de *tener que* é viável. Em resumo, tendo em vista que a investigação dos ambientes de surgimento de novas inferências modais viabiliza pensar a perífrase em estudo como uma construção que, de fato, sofre abstratização semântica, apresentamos, nesta seção, uma descrição dos resultados encontrados.

Como apontamos em 5.1, os casos de *tener que* analisados em sincronias pretéritas revelam um mesmo padrão de interação entre tipos modais e elementos contextuais aos quais a perífrase se associa. Observamos que os significados não-epistêmicos são, de fato, mais antigos do que os significados epistêmicos e que categorias sintático-semânticas específicas são não somente indicadoras do processo de mudança semântica da perífrase, como também favorecedoras do avanço de sua abstratização – em razão do fortalecimento gradativo da inferência de leitura epistêmica (tipo modal que, como vimos, vai ganhando cada vez mais espaço dentro do domínio da modalidade). A ocorrência apresentada a seguir se situa em um ambiente linguístico que confirma o papel desempenhado pelos parâmetros sintático-semânticos na evolução da perífrase modal *tener que* segundo o *cline* de *inerente/deôntico* > *epistêmico*. Sua descrição é importante na medida em que ilustra os seguintes aspectos:

- *tener que* é uma construção que perde conteúdo semântico e restrições de significado que possibilitariam a preferência pela leitura não-epistêmica no século XV, século no qual identificamos a primeira ocorrência da perífrase que possibilita uma leitura epistêmica. A partir de então, a construção interpretada como epistêmica passa a se associar a elementos contextuais com pouca representatividade entre tipos modais não-epistêmicos (sujeitos inanimados, não-agentivos e Estados de Coisas do tipo Processo e Estado, que não envolvem o traço [+controle]). A associação proporcionalmente alta da modalidade epistêmica a tais categorias – em comparação ao baixo número de casos não-epistêmicos associados aos mesmos elementos – se revela em todos os séculos e fortalece o ganho de terreno do valor modal mais abstrato de *tener que*, significado que se torna, com o passar do tempo, cada vez mais consolidado e acessível ao usuário da língua.

- a investigação dos contextos ambíguos legitima nossas hipóteses de que as categorias favorecedoras da preferência pela leitura epistêmica nas sincronias analisadas são efetivamente impulsionadoras da abstratização semântica. Isso porque, como veremos nesta seção, os elementos linguísticos com os quais a construção *tener que* se associa em contextos de ambiguidade entre uma leitura modal e outra são, em sua maioria, as mesmas categorias sintático-semânticas favorecedoras da instanciação do valor epistêmico nas sincronias investigadas em 5.1.

Diante do exposto, passemos à discussão dos contextos críticos de mudança.

No processo de análise, encontramos 41 casos analisáveis como ambíguos. Tais ocorrências servem como impulso ao processo de abstratização da construção e comprovam que os significados epistêmicos, por serem mais abstratos, desenvolvem-se a partir dos não-epistêmicos. Observemos o contexto em (115).

(115)

Pues, ¿qué provecho ha el que esto faze de lo que trabaxa? Bi que aquesta razón que Dios dio a los fijos del omne (e) quebrántalos en ello; todas las cosas fizo esmeradas a su tienpo. Tanbién dio en su voluntad afuera que non pueda alcançar el omne la obra que fizo Dios des'del conmienço al fin. Entiendo que non ay mejor a él sino que tome plazer e que faga bien en su vida. Tanbién todo omne que come e beve e da plazer a su alma de todo el su trabaxo donación es de Dios que le da. Conosca que todo [que] * fizo el Señor, que ello es para sienpre e sobre ello no ay qué añader e d'ello non ay qué menguar. El Señor fizo que temiesen delante d'Él. Lo que ya fue aquello es, lo que **tiene que ser** e lo que agora es ya pasó e Dios es Aquel que busca por lo perseguido. He visto más fondón del sol: en logar del derecho allí es la maldad; en el logar de la justícia bi estar la malícia. Dixe yo en mi coraçón:

- Al justo e al malo juzga el Señor, ca ora ay a todo talante e sobre toda obra es allí. (1471-1476, *Prosa Histórica (Istoria de las bienandanzas e fortunas)*, Lope García de Salazar)

[“[...] Saiba que tudo o que o Senhor fez é para sempre e que sobre isso você não deve acrescentar nada nem diminuir nada. O senhor fez com que temessem diante Dele. O que já foi, aquilo é. O que deve ser e o que agora é já passou e Deus é Aquele que busca pelo perseguido [...]”] (tradução minha).

Em (115), todos os elementos contextuais associados a *tener que* são impulsionadores do aparecimento da modalidade epistêmica (terceira pessoa gramatical, sujeito inanimado e

não-agentivo e Estado de Coisas do tipo Estado). No entanto, esse é um caso que abre possibilidade às seguintes leituras:⁷⁵

- o A perífrase *tener que* pode ser interpretada como construção que codifica a modalidade deôntica orientada para o evento. Como vimos ao longo do trabalho, as ocorrências desse tipo modal associadas a sujeito inanimado têm orientação para o evento em razão do fato de que tal tipo de sujeito não pode ser participante de um Estado de Coisas. Nesse caso, a fonte da avaliação repousa em normas religiosas pautadas em um ser hierarquicamente superior (*Deus*), que tem o poder de controlar e regular como todas as coisas devem ser.
- o Por outro lado, um contexto como esse – que normalmente inibe o aparecimento de valores modais mais concretos – possibilita a inferência de uma nova leitura modal graças à associação de *tener que* a elementos sintático-semânticos que favorecem a leitura epistêmica.

Um caso como o apresentado em (115) é considerado o ponto de partida do processo de abstratização semântica. Isso porque o ambiente linguístico no qual *tener que* ocorre insere o usuário da língua em um estágio intermediário entre uma interpretação não-epistêmica e uma interpretação epistêmica. Ao longo da evolução da construção, o que se observa é que, na medida em que a perífrase vai se tornando recorrente em um contexto que convida o usuário da língua a reinterpretá-la como forma de codificação de valores modais abstratos, a construção perde conteúdo semântico e passa a expressar, em sincronias mais recentes, valores epistêmicos mais bem delineados.

Aliada aos elementos linguísticos aos quais *tener que* se associa, a metáfora exerce papel fundamental na reinterpretação da perífrase, uma vez que opera uma transferência conceptual do domínio da força física para o domínio da força lógica. Assim, o que ocorre no processo de mudança semântica de não-epistêmico para epistêmico é o mapeamento de um domínio experiencial mais abstrato (o epistêmico) em termos de um domínio de experiência mais concreto (o não-epistêmico).

A modalidade não-epistêmica, por ser mais concreta e mais acessível à cognição e à experiência humanas, é mobilizada, então, para a conceptualização da modalidade epistêmica

⁷⁵ Esse caso é lido como ambíguo (e não como epistêmico) pelo fato de que o usuário da língua pode depreender que a fonte da avaliação modal é Deus e não o falante. Se não existisse nenhuma fonte de poder hierarquicamente superior que justificasse a possibilidade de leitura deôntica, uma ocorrência como essa seria categorizada como preferencialmente epistêmica.

(de natureza mais abstrata porque ligada ao domínio do raciocínio). Diante dessas considerações, não nos surpreende que os valores não-epistêmicos tenham se mostrado, em nossos dados, como mais antigos e mais frequentes até o período moderno do espanhol peninsular.

Em resumo, um contexto de ambiguidade como o apresentado em (115) convida o usuário da língua a fazer novas inferências do que deve significar a forma em mudança, induzindo a uma ressignificação da perífrase. Nessa trajetória de mudança, os processos cognitivos metafóricos e metonímicos atuam da seguinte forma na abstratização de *tener que*:

- o por metáfora, o usuário da língua infere que um novo significado disponível para a construção é o que descreve a dúvida de um sujeito-enunciador sobre o porvir (*o que é possível que seja*). Nesse caso, a imposição da obrigação de que as coisas sejam como são no mundo sociofísico é base para a conceptualização da necessidade epistêmica de que algo seja verdadeiro no mundo mental.
- o por metonímia, o usuário é levado a analisar a construção como possibilitando a leitura epistêmica em razão da associação de *tener que* a elementos que, no geral, são inibidores de uma leitura não-epistêmica.

Embora ocorrências como (115) ocorram nos nossos dados, os casos ambíguos de *tener que* aliados aos seguintes elementos contextuais configuram um padrão geral recorrente na maior parte dos dados:⁷⁶ (i) sujeitos de terceira pessoa (27/41=65,8%); (ii) sujeitos de natureza humana (37/41=90,2%) e não-agentiva (35/41=85,3%) e (iii) inserção da perífrase em Estados de Coisas que não envolvem controle (em especial em Estados de Coisas do tipo Processo (33/41=80,5%)). Como, de maneira geral, essas categorias sintático-semânticas foram identificadas, na seção 5.1, como favorecedoras da leitura epistêmica, a associação dos casos ambíguos a elementos de mesma natureza indica que, de fato, esses são tipos de sujeito e de Estados de Coisas que exercem papel fundamental na abstratização semântica de *tener que*.

⁷⁶ Embora ocorrências ambíguas entre leituras deônticas e epistêmicas tenham aparecido com mais frequência, dados de ambiguidade entre leituras inerentes e epistêmicas também foram identificados em nossas análises. Nesses casos, por sua vez, o usuário da língua infere que, além da leitura de necessidade determinada por uma circunstância, uma leitura de necessidade lógica também é aceitável.

CONCLUSÕES

Tendo em vista que o objetivo do presente trabalho foi o de investigar como se deu o processo de perda de conteúdo semântico de *tener que* ao longo da evolução do espanhol, buscamos comprovar, em dados diacrônicos, se os parâmetros sintático-semânticos empregados para a análise da perífrase em perspectiva sincrônica atual no espanhol peninsular têm influência na preferência, pelo usuário da língua, de uma leitura modal ou outra. Hipotetizamos, a partir de resultados de uma pesquisa em dados do século XX e XXI, que, dada a existência de um padrão de interação dos tipos modais expressos por *tener que* a determinados elementos contextuais em amostras de espanhol contemporâneo, as categorias sintático-semânticas de pessoa gramatical, animacidade, agentividade do sujeito e tipo de Estado de Coisas com o qual a construção se associa poderiam ser fatores relevantes para a explicação da trajetória de desenvolvimento dos significados epistêmicos a partir dos significados não-epistêmicos.

Considerando que os parâmetros de análise empregados na análise em perspectiva sincrônica atual mostraram uma tendência de associação de *tener que* epistêmico a categorias sintático-semânticas específicas, recorreremos à investigação do comportamento da perífrase em perspectiva diacrônica a fim de verificar se os elementos favorecedores da leitura epistêmica em dados do espanhol peninsular contemporâneo poderiam explicar o processo de mudança semântica sofrido pela construção modalizadora e, conseqüentemente, a razão pela qual os significados não-epistêmicos continuam, no período contemporâneo, sendo mais frequentes do que os valores epistêmicos. Nossa pesquisa em sincronias pretéritas da história do espanhol trouxe contribuições efetivas para a investigação da configuração de *tener que* dentro do quadro da gramaticalização, na medida em que nos conduziu a importantes considerações sobre o processo de abstratização da construção.

Para a descrição do comportamento da perífrase do século XIII ao XIX, selecionamos o CORDE, um corpus eletrônico que reúne dados de estágios mais antigos do espanhol. Tendo em vista que a natureza do CORDE impõe desafios ao pesquisador porque dificulta o controle dos dados, tivemos que fazer uma busca manual e exaustiva de todas as conjugações de *tener que* nos modos indicativo e subjuntivo (com exceção das formas nominais de infinitivo e gerúndio). Apesar das dificuldades estabelecidas por sua própria configuração, o banco de dados utilizado garantiu acesso a uma quantidade e variedade significativa de ocorrências.

Os resultados da análise de *tener que* em sincronias mais antigas revelaram que os elementos contextuais apontados por Klinge (1996), Carrascossi (2003) e Neves (2006) como predominantemente associados a um ou outro valor modal são, de fato, impulsionadores da abstratização semântica de um elemento modalizador. Isso significa dizer que um mesmo padrão geral de associação das modalidades às categorias sintático-semânticas observado em sincronias atuais se reproduz em sincronias pretéritas, comprovando, portanto, que tais parâmetros são essencialmente motivadores da instanciação, a partir do século XV, do valor modal epistêmico da perífrase. Dessa forma, os parâmetros selecionados exercem influência fundamental na mudança semântica da construção segundo o *cline* de *inerente/deôntico* > *epistêmico*, conforme apresentamos na seção 5.1.

No que se refere à *pessoa gramatical do sujeito* da construção, hipotetizamos que [*tener que* + infinitivo], quando associada à primeira pessoa gramatical, tenderia a receber um valor não-epistêmico, e, quando associada à terceira pessoa gramatical, tenderia a receber um valor epistêmico. A esse respeito, em razão da baixa probabilidade de que um sujeito, que também se configura como falante, apresente dúvidas sobre a possibilidade de ocorrência do evento no qual se insere, defendemos a hipótese de preferência pela leitura não-epistêmica em casos de associação da perífrase a sujeitos de primeira pessoa. A investigação dos dados segundo uma perspectiva histórica mostrou que (i) a ocorrência das modalidades não-epistêmicas é indiferente a esse parâmetro de análise, uma vez que o cruzamento entre tipos modais inerentes e deônticos e pessoas gramaticais do sujeito apresenta comportamento oscilante ao longo dos séculos; (ii) em quase todos os séculos analisados,⁷⁷ *tener que* epistêmico associa-se, predominantemente, à terceira pessoa gramatical, o que indica que essa categoria é motivadora da instanciação do valor modal mais abstrato da perífrase.

Quanto ao parâmetro *animacidade do sujeito*, hipotetizamos que os sujeitos com traço semântico [+humano] favoreceriam a preferência por leituras inerentes, deônticas e epistêmicas. Assumindo o pressuposto de que as modalidades inerente e deôntica são tipos modais que geralmente requerem a presença de um sujeito possibilitado de aceitar a imposição de regras de conduta, sujeitos do tipo inanimado impulsionariam a preferência pela leitura epistêmica em razão do fato de que tal tipo modal não envolve a noção de imposição de regras sobre participantes do evento. A análise dos dados confirmou o cenário esperado: (i) os casos de sujeito humano abrem a possibilidade tanto de leituras não-epistêmicas quanto de leituras epistêmicas; (ii) os casos de modalidade não-epistêmica ocorrem predominantemente

⁷⁷ Com exceção do século XVIII, sincronia que apresenta um baixo número de *tokens* epistêmicos e que, portanto, não nos permite chegar a conclusões categóricas.

associados a sujeitos humanos, tendo pouca representatividade, em toda a evolução do espanhol, entre sujeitos inanimados; (iii) de maneira geral, a baixa frequência de *tokens* não-epistêmicos associados a sujeitos inanimados – em contraposição à frequência proporcionalmente alta de casos epistêmicos associados a sujeitos com esse mesmo traço semântico – indica que os casos de *tener que* relacionados a sujeitos inanimados são favorecedores da preferência pela modalidade epistêmica e, portanto, impulsionadores da abstratização semântica da perífrase.

Com relação ao parâmetro *agentividade do sujeito*, hipotetizamos que sujeitos agentivos tenderiam a favorecer a ocorrência das modalidades inerente e deôntica, em razão do fato de que tais tipos modais descrevem condutas e atos injuntivos. Os sujeitos não-agentivos, por sua vez, impulsionariam a preferência pela leitura epistêmica, pelo fato de esse ser um valor modal que não exige a presença de um participante capaz de determinar se um evento ocorrerá ou não. A análise das sincronias revelou que os sujeitos com traço [-controle] são pouco representativos entre casos de modalidade não-epistêmica, especialmente entre as ocorrências de modalidade deôntica, que têm um caráter obrigativo mais acentuado do que as modalidades inerentes. A modalidade epistêmica, por outro lado, tem seu aparecimento estimulado, em todos os séculos, tanto por sujeitos com traço [+controle] quanto por sujeitos com traço [-controle], embora os casos de sujeitos não-agentivos associados a esse *type* modal sejam sempre mais recorrentes. Em resumo, o que mostra a evolução da perífrase na trajetória de abstratização semântica é a tendência de associação ilustrada nas análises sincrônicas: *tener que* associada a sujeitos não-agentivos inibem a ocorrência de valores modais não-epistêmicos e fortalecem a inferência de que a leitura epistêmica é a mais aceitável.

Por fim, quanto à *tipologia do Estado de Coisas*, hipotetizamos que eventos com verbos principais que não envolvem controle e que descrevem experiências mais abstratas tenderiam a favorecer a preferência por leituras epistêmicas, em razão do fato de que esse é um domínio semântico de imposição de forças ao nível do raciocínio. De fato, nossos dados mostram que Estados de Coisas do tipo Processo impulsionam interpretações epistêmicas. Sobre o Estado de Coisas do tipo Estado, embora sua associação aos valores epistêmicos não tenha sido altamente frequente nos dados, esse é um tipo de cruzamento que revela o avanço da generalização do significado mais abstrato da perífrase.⁷⁸

⁷⁸ No período de investigação do comportamento da perífrase em dados modernos, não havíamos adotado a tipologia do Estado de Coisas como parâmetro de análise. Por isso, voltamos a esses dados e observamos que os casos epistêmicos passaram a se associar, com uma frequência ainda maior que em dados do século XIX, a Estados de Coisas do tipo Estado (7/15=46,7%).

Como se observou no capítulo V, a perífrase modal *tener que* surge no século XIV ainda em frequência muito reduzida e somente como forma de expressão de significados não-epistêmicos. A partir do século XV, no entanto, a construção passa a se associar a sujeitos de terceira pessoa e não-agentivos e a Estados de Coisas do tipo Processo. Tais elementos facultam a leitura epistêmica e comprovam que a construção perdeu, já neste século, conteúdo semântico e restrições de significado que possibilitariam a preferência pelas leituras mais concretas da perífrase (as inerentes e as deônticas). Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que, na passagem do século XV ao XVI, a construção, que já vinha perdendo conteúdo semântico [+concreto], se generaliza a um número mais amplo de tipos de elementos favorecedores da interpretação epistêmica (sujeitos inanimados, por exemplo). Em uma perspectiva ainda mais ampla, tomando como base a análise de todos os séculos, afirmamos que, embora a perífrase *tener que* já tenha dado indícios de perda de conteúdo semântico no século XV, ela avança ainda mais no processo de abstratização justamente em razão do fortalecimento gradativo da inferência de modalidade epistêmica, possibilitada pelos ambientes sintático-semânticos descritos acima.

O que observamos, do século XIV ao XIX, é que *tener que* sofre um aumento tanto em frequência *token* quanto em frequência *type*. O fortalecimento da inferência de que a leitura epistêmica é plenamente aceitável em determinados contextos sintático-semânticos impulsiona a generalização desse significado modal e, conseqüentemente, o aumento de sua frequência *token*. Em termos de aumento de frequência *token* da perífrase como um todo, podemos apontar o reflexo de dois fatores: (i) aumento de *tokens* epistêmicos (de 3,1% no século XV para 10% no século XIX); (ii) convencionalização, gradual, do valor perifrástico de *tener que*, construção que se associa a contextos que não mais possibilitam leitura de posse. Quanto aos *types* expressos pela perífrase, concluímos que o aparecimento do *type* epistêmico já no século XV aponta para a existência (cf. seção 5.2) de casos que, situados num ambiente polissêmico, abrem a possibilidade de reinterpretação da construção como forma de expressão do valor modal epistêmico. Assim como acontece com os *tokens* epistêmicos, a ocorrência do *type* volitivo se dá como reflexo da associação da perífrase a elementos contextuais com os quais ela não aparecia no início de seu processo de abstratização.

A partir de uma análise sincrônica do espanhol contemporâneo, os quais revelaram uma frequência muito maior de valores inerentes (138/233=59,3%) e deônticos (80/233=34,3%) em comparação à frequência de valores epistêmicos (15/233=6,4%), hipotetizamos, com base na tendência de desenvolvimento dos significados epistêmicos a

partir dos valores modais de necessidade e obrigação aplicadas ao mundo bio-psíquico-social (SWEETSER, 1990; BYBEE *et al.*, 1994; DALL'AGLIO-HATTNER *et al.*, 2001; OLBERTZ; GASPARINI-BASTOS, 2013), que, em sincronias iniciais, *tener que* expressaria somente tipos modais não-epistêmicos. Nossos dados apontam a existência de fatores que comprovam a abstratização da perífrase:

- o Quando, no século XIV, os primeiros casos perifrásticos de *tener que* surgem, eles servem somente à expressão de valores modais não-epistêmicos;
- o Diferentemente dos resultados de López Izquierdo (2008), Bauman (2013) e Olbertz (2018), autores que situam os valores modais epistêmicos somente a partir do século XVIII, nos nossos dados *tener que* expressa o *type* epistêmico a partir do século XV, sem, no entanto, deixar de ser pouco frequente para a expressão desse valor modal até o estágio atual do espanhol. Considerando que os tipos modais não-epistêmicos são concretos, de fácil conceptualização, antigos e convencionalizados, não é surpreendente que eles sejam mais frequentes, ainda em dados modernos, do que os casos não-epistêmicos (de base experiencial mais abstrata, mais novos e que ainda parecem estar se convencionalizando no domínio de expressão da modalidade).

Sobre a gradualidade do processo, a literatura em gramaticalização destaca, veementemente, que a mudança linguística nunca se dá repentinamente, isto é, a partir de saltos abruptos de uma forma-fonte a uma forma-alvo. Pelo contrário, o deslizamento de *tener que* de um sentido modal a outro é intermediado por contextos de ambiguidade semântica entre um valor não-epistêmico – mais concreto, ligado à imposição de normas a nível da experiência física e, portanto, de mais fácil conceptualização – e um valor epistêmico – mais abstrato, ligado à imposição de forças lógicas a nível mental e, portanto, de mais difícil conceptualização. A análise dos casos ambíguos de *tener que* mostra que, de fato, concorrem para a abstratização da perífrase as categorias sintático-semânticas que tendem a se associar aos casos epistêmicos encontrados nos dados.

Finalizada a análise proposta para a construção perifrástica *tener que*, esperamos que a pesquisa realizada represente uma contribuição para os estudos sobre gramaticalização em espanhol, ainda pouco desenvolvidos, e para os estudos sobre modalidade dentro do arcabouço teórico funcionalista.

Como possíveis propostas de investigação futura, citamos alguns aspectos que não puderam ser tratados de maneira detalhada neste trabalho e que poderiam completar a análise aqui empreendida, tais como a investigação cuidadosa da influência do traço *dinamicidade* (DIK, 1997) na abstratização dos valores modais, o estudo pormenorizado do processo de mudança categorial de *tener* pleno a *tener que* codificador de significados modais e a verificação da variação de *tener que* com demais perífrases que precederam a sua formação e que com ela concorreram.

REFERÊNCIAS

- AARON, J. E.; TORRES CACOULLOS, R. Quantitative Measures of Subjectification: a Variationist Study of Spanish “salir(se)”. *Cognitive Linguistics*, v. 16, n. 4, p. 607-633, 2005.
- ALMEIDA, J. A categoria da modalidade. *Uniletras*. v. 10, p. 10-24, 1988.
- ALONSO, M. *Enciclopedia del Idioma – Diccionario Histórico y Moderno de la Lengua Española (Siglos XII al XX)*. Madrid: Aguilar, 1982.
- BAUMAN, J. *From Possession to Obligation: Modal Grammaticalization and Variation*, 2013. 221f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pennsylvania State University, 2013.
- BLAS DE ARROYO, J.; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, J. ¿Qué tengo que/ de hacer?: variación y cambio lingüístico en el seno de las perífrasis de infinitivo de textos escritos de imprenta oral en el español clásico. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, Amsterdam, v.7, n. 2, p. 241-274, 2014.
- BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 1, p. 60-70, 2011.
- BYBEE, J. Morphology: a Study of the Relation between Meaning and Form. *Typological Studies in Language* 9. Amsterdam: Benjamins, 1985.
- BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (org.). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). *Frequency and Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIÁK, J. (ed.). *Historical Semantics and Historical Word Formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1985. p. 59-83.
- BYBEE, J. *et al.* *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1994.
- CARRASCOSSI, C. N. de S. *Interpretação dos verbos modais poder e dever na língua portuguesa*. 2003. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

COATES, J. *The Semantics of the Modal Auxiliaries*. London: Croom Helm, 1983.

CORACINI, M. J. R. F. E a questão da modalidade? *In: CORACINI, M. J. R. F. Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991. p. 112-132.

CORNILLIE, B. *Evidentiality and Epistemic Modality in Spanish (Semi-)Auxiliaries: a Cognitive-Functional Approach*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2007.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. *Gragoatá (UFF)*, v. 25, p. 155-168, 2009.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. *In: NEVES, M. H. M. (org.). Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p. 103-143.

DAVIES, M. *Corpus del Español*, 2002. Disponível em: <http://www.corpusdelespanol.org>.

DIEWALD, G. A Model for Relevant Types of Contexts in Grammaticalization. *In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIK, S. *The Theory of Functional Grammar*. HENGEVELD, K. (Ed.). New York: Mouton de Gruyter, 1997.

EVANS, N.; WILKINS, D. The Knowing Ear: an Australian Test of Universal Claims about the Semantic Structure of Sensory Verbs and Their Extension into the Domain of Cognition. *Arbeitspapier*, n. 32, p. 1-63, 1998.

FERNÁNDEZ DE CASTRO, F. *Las perífrasis verbales en el español actual*. Madrid: Gredos, 1999.

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 9.ed. Barcelona: Bibliograf, 1970.

GIVÓN, T. Serial verbs and syntactic change: Niger-Congo. *In: LI, C. N. (ed.). Word Order and Word Order Change*. Austin/London: University of Texas Press, 1975. p. 47-112.

GIVÓN, T. Negation in Language: Pragmatics, Function, Ontology. *In: COLE, P. (ed.). Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1978. p. 69-112.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- HEINE, B. On the Role of Context in Grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). *New Reflections on Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 83-101.
- HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 577-601.
- HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B., KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a Reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. *Journal of Semantics*, [S.l], v. 6, n. 1, p. 227-269, 1988.
- HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.) *Morphology: an International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.
- HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Four Types of Evidentiality in the Native Languages of Brazil. *Linguistics: an Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*, v. 53, n. 1, p. 479-524, 2015.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HOPPER, P. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistics Society*, n. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-36.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R. (org.). *Palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-134.
- KATNY, A. Lexical and Grammatical Exponents of Modality in Polish and German. In: DITTMAR, N.; REICH, A. (ed.). *Modality in Language Acquisition*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 41-58.
- KENISTON, H. Verbal Aspect in Spanish. *Hispania*, v. 19, n. 2, p. 163-176, 1936.
- KLINGE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 19, p. 35-34, 1996.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LANGACKER, R. Subjectification. *Cognitive Linguistics 1*, p. 5-38, 1990.

LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA (originalmente publicado como Thought on grammaticalization: a programatic sketch. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects, v.1.), 1995 [1982].

LÓPEZ IZQUIERDO, M. Las perífrasis modales de necesidad: emergencia y renovación. In: COMPANY, C.; MORENO DE ALBA, J. G. (coord.). *Actas del VII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*. Madrid: Arco Libros, 2008.

LORD, C. Evidence for syntactic reanalysis: From verb to complementizer in Kwa. In: STEEVER *et al.* (ed.). *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 179-191.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Edouard Champion, 1958 [1912].

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da interação. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005. p. 171-195.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. *La lengua hablada en Alcalá de Henares*. I: Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2002.

MOYA CORRAL, J. A. (coord.). *El español hablado en Granada*. Corpus oral para su estudio sociolingüístico. I: Nivel de estudios alto. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2007.

NARROG, H. Modality, mood, and change of modal meanings – a new perspective. *Cognitive Linguistics*, v. 16, p. 677-731, 2005.

NARROG, H. *Modality in Japanese: the Layered Structure of the Clause and Hierarchies of Functional Categories*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

NARROG, H. *Modality, Subjectivity and Semantic Change: a Crosslinguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 163-200.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 152-221.

NOGUEIRA, A. L. F. Uma investigação funcional da construção *tener que* no espanhol falado peninsular. Relatório de Estágio de Iniciação Científica apresentado à FAPESP (Processo 2014/08093-0). 2015. 51 p.

OLBERTZ, H. *Verbal Periphrases in a Functional Grammar of Spanish*. New York: Mouton de Gruyter, 1998.

OLBERTZ, H. Periphrastic Expressions of Non-epistemic Modal Necessity in Spanish – a Semantic Description. In: GARACHANA, M.; MONTSERRAT, S.; PUSCH, C. (ed.). *From Composite Predicates to Verbal Periphrases in Romance languages* (IVITRA Research in Linguistics and Literature). Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 1-25.

OLBERTZ, H. The Diachrony of *Tener que* and Other Possession-based Modal Periphrases in Spanish. In: ROCHA, N. A.; RODRIGUES, A. T. C.; CAVALARI, S. M. S. (ed.). *Novas práticas em pesquisa sobre a linguagem: rompendo fronteiras*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2018. p.13-36. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n30---e-book.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

OLBERTZ, H.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Objective and Subjective Deontic Modal Necessity in FDG – Evidence from Spanish Auxiliary Expressions. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.). *Casebook in Functional Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 277-300.

POTTIER, B. *Lingüística moderna y Filología hispánica*. Madrid: Gredos, 1968.

POUNTAIN, C. J. *A History of the Spanish Language Through Texts*. New York: Routledge, 2001.

QUIRK, R. *et al.* *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de datos (CORDE) [en línea]. *Corpus diacrónico del español*. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 03 nov. 2015.

RINALDI, N. *Um estudo sobre os diferentes valores modais do verbo poder em entrevistas jornalísticas do espanhol*. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.

SAINT-PIERRE, M. *La modalisation en français parlé: une analyse informatisée*. Canadá: Université du Québec à Montréal, 1992. Mimeo.

SÁNCHEZ, M.; CINTAS DOMÍNGUEZ, C. El banco de datos de la Real Academia Española: CREA y CORDE. *Per Abbat*, n. 2, p. 137-146, 2007.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005.

SILVA CORVALÁN, C. Contextual Conditions for the Interpretation of ‘poder’ and ‘deber’ in Spanish. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 67-105.

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In: AXMAKER *et al.* (ed.). *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1988. p. 389-405.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. *Force Dynamics in Language and Cognition*. Berkeley: University of California/Institute of Cognitive Studies, 1987.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C. From Propositional to Textual and Expressive Meanings: Some Semantic-Pragmatic Aspects of Grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*, p. 245-271, 1982.

TRAUGOTT, E. C. On the Rise of Epistemic Meanings in English: An example of Subjectification in Semantic Change. *Language*, v. 65, n. 1, p. 31-55, 1989.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (ed.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

YLLERA, A. *Sintaxis histórica del verbo español: Las perífrasis medievales*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1980.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 22/02/2019

Assinatura do autor